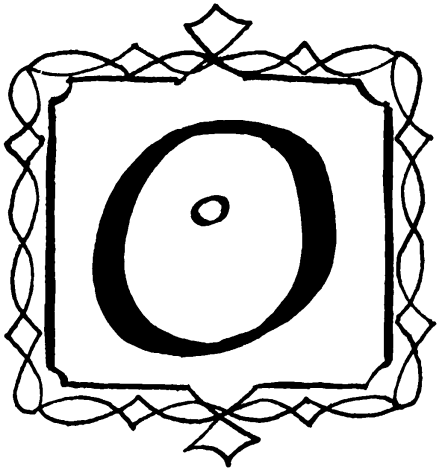


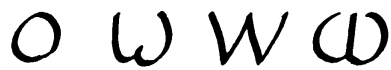
1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.





2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

O O o o O O o o O O o o O o

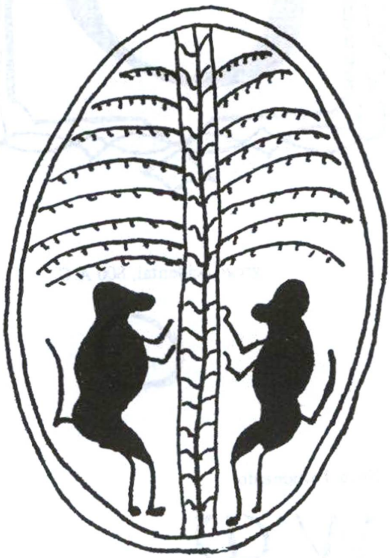
4. História

O é a décima quinta letra do alfabeto português (ou décima quarta, se deixarmos de lado o K). Historicamente, deriva-se da letra semítica *'ayin*, «olho». Sua forma mais antiga se parecia com um olho humano, mas isso acabou simplificado como «o». Originalmente era uma consoante de som gutural e aspirado; mas os gregos deram-lhe um valor de *o* breve, preservando o som de *o* longo para a sua letra ômega. Os gregos chamavam esta letra de *ómikron*. O latim teve seu som de «o», de onde passou para muitos idiomas modernos.

5. Usos e Símbolos

O é uma abreviação para «organização». Nos nomes próprios irlandeses é usada com o sentido de «descendente de», como em O'Reilly, por exemplo. Em inglês pode significar «de», na expressão «o'clock», (of the clock), referindo-se às *horas diversas*. Também pode significar «zero» ou «nada». *O* e usado como símbolo do *Codex Sinopenses*, descrito no artigo separado *O*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Arte egípcia — babuínos e a palmeira de tâmaras

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

O

Essa é a letra usada para designar o Códex Sinopensis, um manuscrito que contem parte do evangelho de Mateus. Existem apenas quarenta e três folhas do mesmo, cobrindo principalmente os caps. 13—24 desse livro.

Esse manuscrito foi adquirido em Sinope, na Ásia Menor, por um oficial francês, em 1899. O local onde foi adquirido explica o nome desse manuscrito, o qual acabou ficando na Bibliothèque Nationale, em Paris, França. Tal manuscrito é um representante deficiente do texto tipo Cesareano. Mas, o que mais distingue esse manuscrito *O* é a sua produção artística. Foi escrito em velum púrpura com letras douradas, e somente na parte restante há cinco miniaturas. Data do século VI D.C.

OADE

No hebraico, «unidade». Ele era filho de Simeão, um dos doze patriarcas de Israel (Gên. 46:10). Veio a ser o cabeça de um dos clãs de Israel. Seu nome não se acha nas listas paralelas de Núm. 26:12-14 e I Crô. 4:24,25. Viveu em torno de 1700 A.C. Também há quem interprete seu nome com o sentido de «poderoso».

OBADIAS (LIVRO)

Esboço:

I. Pano de Fundo e Caracterização Geral
II. Autoria e Data
III. Problema de Unidade
IV. Propósito do Livro
V. Relação com o Livro de Jeremias
VI. Teologia
VII. Esboço do Conteúdo

I. Pano de Fundo e Caracterização Geral

Obadias é o mais curto livro do Antigo Testamento, pois consiste em apenas vinte e um versículos. Nada se sabe sobre o profeta Obadias, e as poucas tradições que falam sobre ele não são dignas de confiança. Mas, embora o seu livro seja tão minúsculo, muitos eruditos crêem que não foi um único autor que o produziu por inteiro, e que partes do livro vieram de diferentes épocas. De acordo com eles, alguns dos oráculos do livro foram proferidos ou escritos pouco depois da queda de Jerusalém frente aos babilônios, o que deu início ao cativeiro babilônico (587—586 A.C.). Talvez Obadias tenha-se valido das coleções de declarações que haviam sido oralmente transmitidas pelas escolas dos profetas. Isso poderia explicar as incríveis similaridades entre os vss. 1-9 e Jer. 49:7-22. Mesmo nesse caso, porém, aquelas declarações refletem bem o ponto de vista de Obadias.

Obadias foi, primariamente, um poeta que exprimiu algumas questões proféticas. Edom havia-se aliado a outras nações a fim de derrubar Menaém e despojar Judá, o que constituiu um ato inacreditável e imperdoável, que foi denunciado por Obadias (vss. 10—14). À semelhança de Joel, Obadias passou a descrever, profeticamente, o julgamento dessas nações. Ademais, em visão profética, ele previu a volta de Judá à sua terra, o domínio de Judá sobre Edom, e o triunfo universal de Yahweh. Alguns estudiosos acreditam que o livro de Obadias foi escrito às vésperas do avanço árabe-nabateu (cerca de 312 A.C.), que haveria de conquistar os edomitas, e que Obadias estava clamando por vingança pelo que Edom havia feito contra Judá. O trecho de Sal.137:7 refere-se à alegria maliciosa expressa por Edom, diante da destruição de Jerusalém e dos subseqüentes sofrimentos causados pelo cativeiro babilônico. Foi isso que fez Obadias sentir-se tão ultrajado, o que também foi a principal inspiração dessa profecia de condenação contra Edom.

II. Autoria e Data

A tradição atribuiu esse livro a um homem de nome *Obadias*; mas essa mesma tradição mostra-se errônea, ao prestar certas outras informações. Ver o artigo *Obadias* (*Pessoas*), no oitavo ponto, que dá a pouca informação que se sabe a respeito desse homem. O nome Obadias era extremamente comum na sociedade hebréia. Ainda assim, não há razão para duvidarmos que houve um profeta com esse nome, e que a essência do livro foi escrita por ele, embora ele possa ter incorporado declarações que não eram de sua lavra original. A data do livro é um ponto disputado, e as sugestões variam muito umas das outras. O nome Obadias significa «adorador de Yahweh»; as poucas indicações que temos acerca dele apontam para um homem piedoso, que seguia a ortodoxia judaica e era impelido por um fervoroso nacionalismo.

Data. O livro de Obadias tem sido datado desde 887 A.C. até tão tarde quanto 312 A.C., ou ligeiramente antes. Se a data mais antiga é que está correta, então o livro foi escrito durante o reinado da sanguinária rainha Atalia (II Reis 8:16-26). Se essa opinião está com a razão, então Obadias foi o primeiro de todos os profetas escritores. No entanto, a maioria dos estudiosos não encontra boas evidências em favor dessa data tão antiga. Mas, se o livro foi escrito pouco antes do avanço árabe-nabateu, que arrasou com Edom, devido a seu pecado de ter ajudado aos inimigos de Judá, então, esse livro foi escrito algum tempo antes de 312 A.C. E se os vss. 1-9 de Obadias foram tomados por empréstimo de Jer. 49:7-22, então esse livro deve ter sido escrito depois do de Jeremias, talvez em cerca de 570 A.C., ou pouco mais tarde. Entretanto, esse material poderia fazer parte das declarações dos profetas, de cujo material Jeremias também tirou proveito, o que significa que nenhuma data certa pode ser fixada para a sua utilização.

As evidências acerca de uma data mais recuada incluem a observação de que Edom foi hostil com Israel não apenas posteriormente, mas desde muito tempo. Assim, durante o reinado de Jeorão (848-841 A.C.), os filisteus e os árabes avassalaram Judá e saquearam Jerusalém (II Crô. 21:16,17). Na ocasião, os edomitas mostraram-se muito hostis a Judá (II Reis 8:20-22; II Crô. 21:8-20). Mas, contra isso, argumenta-se que os vss. 1-9 de Obadias (tomados por empréstimo de Jer. 49:7-22) associaria a profecia com as dificuldades posteriores que envolveram o cativeiro babilônico. E a posição do livro de Obadias, dentro do cânon do Antigo Testamento, pode indicar uma data mais antiga, visto que está agrupado com Oséias, com Miquéias e com Amós (havendo algum paralelismo verbal com este último). Entretanto, temos aprendido que essas posições, dentro do cânon, com freqüência não são cronológicas. Por outra parte, em favor de uma data posterior, conforme já foi mencionado, temos a associação do livro com Jeremias, em cujo caso a invasão babilônica provê o pano de fundo histórico; a amarga hostilidade de Edom, na ocasião; e a destruição de Edom pelos árabes, o cerne mesmo da predição de Obadias. Essa hostilidade dos edomitas também transparece em Lam. 4:21; Eze.

25:12-14; 35:1-15; Sal. 137:7. Acresça-se a isso que a invasão filistéia, nos dias de Jeorão, não foi um grande evento histórico, não sendo provável que a mesma estivesse na mira de Obadias. Apesar de não haver como solucionar o problema, o peso maior parece favorecer uma data posterior.

III. Problema de Unidade

Alguns críticos vêem no livro de Obadias uma colcha de retalhos, e não uma unidade literária. As teorias a respeito diferem tanto que o resultado é a confusão. O pequeno livro de Obadias tem sido dividido de várias maneiras, com seções que refletiriam diferentes períodos de tempo. Uma dessas teorias fala acerca de quatro seções, a saber: 1. vss. 1-4 (pré-exílica); 2. vss. 5-15b. (após 450 A.C.); 3. vss. 15a,16-18 (após 350 A.C.), quando os árabes invadiram Edom através do Neguebe; 4. vss. 19-21 (período dos Macabeus). Mas, uma outra teoria divide o livro em sete oráculos, que teriam sido proferidos entre os séculos VI e IV A.C. Em ambos os casos, fica entendido que um editor bastante posterior compilou o livro com base em fontes que datavam de tempos muito díspares. Porém, a divisão mais simples é aquela que fala em duas porções do livro, ou seja: 1. vss. 15a,16-21 (que formaria um apêndice); 2. o começo do livro formaria uma unidade literária. Uma outra divisão dupla é como segue: 1. vss. 1-9,16a, 16a,18-20a (pré-exílica); 2. vss. 10-14 e alguns fragmentos (pós-exílica). A posição conservadora em geral é que algum autor único escreveu o livro, embora tenha inserido algum material proveniente de tempos anteriores. Um oráculo mais antigo parece despontar nos vss. 1-4, onde o autor afirma: «Temos ouvido as novas do Senhor». Ali é que encontramos a predição sobre a ruína de Edom, o que pode ter sido uma antiga profecia que teve vários cumprimentos históricos parciais. Talvez o resto do livro seja, essencialmente, a obra de um único autor, enquanto que seus paralelos com o livro de Jeremias poderiam ter provindo do mesmo fundo comum de declarações proféticas, usado tanto por Jeremias quanto por Obadias.

IV. Propósito do Livro

Arrogantemente, os edomitas rejubilaram-se diante das derrotas de Judá (e isso sem importar se mais cedo ou mais tarde na história), chegando a prestar ajuda aos saqueadores. Eles detinham judeus que fugiam e os maltratavam, ou mesmo vendiam como escravos. Isso foi um ultraje entre aparentados, racial e historicamente falando. Desse modo, Obadias esboçou como seria tomada vingança contra Edom, e então ocorreria a vitória final de Judá, por meio do temível Dia do Senhor.

V. Relação com o Livro de Jeremias

É patente que os vss. 1-9 de Obadias estão relacionados com o trecho de Jer. 49:7-16, o que tem influenciado a teoria de uma data posterior, conforme foi dito acima, na segunda seção. Há três teorias atinentes a esse paralelismo, a saber: 1. tanto Jeremias quanto Obadias tomaram por empréstimo declarações proféticas de alguma fonte mais antiga, pelo que um deles não depende do outro no tocante a material ou data. 2. Jeremias é quem tomou por empréstimo de Obadias, o que significa que primeiramente foi escrito o livro de Obadias. 3. Obadias tomou emprestado de Jeremias. Aqueles que defendem a teoria de um *oráculo antigo*, supõem que a versão de Obadias assemelha-se mais ao original, e que a versão de Jeremias contém algumas modificações feitas por ele mesmo. Ou então, se Jeremias foi quem tirou proveito de Obadias, então ele modificou esse material para ajustar-se aos seus propósitos. Mas, se Obadias realmente tomou emprestado de Jeremias, então, verdadeiramente, o livro de Obadias é posterior, referindo-se ao cativeiro babilônico; e, nesse caso, as diferenças teriam sido produzidas por Obadias, de acordo com os seus próprios propósitos. Não há como solucionar esse problema. Os eruditos manuseiam a questão essencialmente de acordo com aquilo que acreditam acerca da data do livro.

VI. Teologia

1. É um crime tratar parentes conforme Edom fez com Judá. Que o amor fraternal tenha livre curso.

2. O julgamento divino haverá de recair sobre os ofensores com estrita retribuição (vss. 10,15).

3. As nações que se opõem a Yahweh e a seu povo, finalmente ficarão arruinadas. Aproximam-se tanto o Dia do Senhor (juízo) quanto uma Era Áurea. E os homens participarão ou de uma coisa ou de outra, em consonância com os seus feitos (vs. 17; comparar com Isa. 2:6-22; Eze. 7; Joel 1:15-2:11; Amós 5:18-20; Sof. 1:7,14-18).

4. O livro de Obadias condena as atitudes de traição, ridículo, orgulho e materialismo.

VII. Esboço de Conteúdo

1. A temível Sorte de Edom (vss. 1-9)
   a. O título do livro (1a)
   b. Advertências de condenação (1b-4)
   c. A destruição vindoura (5-9)
2. A Desprezível Conduta de Edom (vss. 10-14)
3. O Julgamento das Nações (vss. 15-21)
   a. Como as situações reverter-se-ão (15-18)
   b. Restauração futura (19-21).

Bibliografia. AM BEW E EA UN Z

OBADIAS (PESSOAS)

No hebraico, «adorador de Yahweh». Esse era um nome bastante comum na antiga cultura dos hebreus. Nas páginas da Bíblia há doze ou treze homens com esse nome, a saber:

1. Um descendente de Issacar (I Crô. 7:3). Ele pertencia à casa de Uzi, e viveu em cerca de 1014 A.C.

2. Um líder da tribo de Gade, que se aliou a Davi, em Ziclague, quando este fugia de Saul (I Crô. 12:9). Foi um dos trinta heróicos guerreiros de Davi. Viveu em torno de 1000 A.C.

3. Um descendente de Saul e Jônatas (I Crô. 8:38; 9:44). Viveu em cerca de 720 A.C.

4. O pai de Ismaías, ao qual Davi nomeou sobre a tribo de Zebulom (I Crô. 27:19). Viveu em torno de 1014 A.C.

5. Um oficial de alta patente, camareiro ou mordomo do palácio, durante o governo de Acabe (I Reis 18:3). Isso sucedeu entre 870 e 850 A.C. Embora estivesse tão intimamente associado a Acabe, foi homem de alguma espiritualidade, e assim, quando Jezabel perseguia e matava aos profetas de Israel, ele ocultou a cem deles em uma caverna, suprindo-lhes alimentos. Sobreveio a fome sobre Samaria e Acabe e Obadias dividiram a terra entre si a fim de buscarem pasto para o gado. Obadias então encontrou-se com o profeta Elias, que o instruiu a dizer ao rei que Elias estava próximo. Obadias temeu obedecer a Elias, temendo morrer às mãos de Acabe, mas acabou anuindo. As tradições judaicas fazem dele o profeta *Obadias*, cujo nome está vinculado ao livro veterotestamentário desse nome (ver *Talmude Babilônico, San.* 39b), mas trata-se de um equívoco claro.

6. Um ministro de Estado do tempo do rei Josafá, cuja tarefa foi a de ensinar a lei no território de Judá

(II Crô. 17:7). Ele viveu em cerca de 870 A.C.

7. O profeta Obadias. Praticamente nada se sabe a seu respeito. O Talmude Babilônico identifica-o com o camareiro de Acabe; mas sem dúvida essa opinião está equivocada. Ver o quinto ponto, acima. Outras tradições fazem dele o terceiro capitão que Acazias enviou contra Eliseu (ver II Reis 1:13), mas isso também não encontra respaldo bíblico. Ver a seção II, *autoria*, do artigo sobre *Obadias* (*Livro*).

8. Um descendente de Davi e Jeoaquim, que viveu após o cativeiro babilônico (I Crô. 3:21). Talvez ele seja o mesmo Jodá de Luc. 3:26, pelo que faria parte da ascendência de Jesus, o Messias. E talvez o Abiúde de Mat. 1:13 seja outro nome do mesmo homem. O texto parece corrupto, pois a *Septuaginta* e a *Vulgata Latina* (vide) não concordam com o texto hebraico.

9. Um levita que viveu após o cativeiro babilônico (I Crô. 9:16). Ele tem sido identificado com o Abda de Nee. 11:17. Viveu em cerca de 445 A.C.

10. O chefe de uma família que retornou do cativeiro babilônico, e fixou residência em Jerusalém (Nee. 10:5). Viveu em torno de 445 A.C.

11. Um sacerdote que assinou o pacto encabeçado por Neemias, terminado o cativeiro babilônico, quando Judá se instalou novamente em Jerusalém (Nee. 10:5). Viveu em torno de 445 A.C.

12. Um levita que foi porteiro encarregado dos depósitos, terminado o cativeiro babilônico, na época de Neemias (Nee. 12:25). Viveu em torno de 445 A.C.

OBAL

Ver sobre **Ebal**.

OBEDE

No hebraico, «reiteração». Esse foi o nome de duas personagens bíblicas do Antigo Testamento, a saber:

1. O pai de Azarias. Azarias foi um profeta da época do rei Asa, de Judá (II Crô. 15:1). Porém, o vs. 8 daquele mesmo capítulo dá a impressão de que o próprio Odede era o profeta, embora não em nossa versão portuguesa, que traduz o versículo de modo a não se ter essa confusão, dizendo: «...e a profecia do profeta, filho de Odede...» Os eruditos acreditam que o texto massorético, nessa passagem, esteja corrompido, e que não devemos apelar para o recurso de explicar que tanto o pai quanto o filho foram profetas do Senhor.

2. Um profeta de Samaria que viveu no tempo em que Peca, rei de Israel, invadiu Judá, em cerca de 735 A.C. Ele era um homem corajoso, que saiu ao encontro do exército vitorioso que retornava da matança que havia provocado. Odede repreendeu-os pela crueldade deles e exortou-os a que soltassem os prisioneiros que haviam capturado, cerca de dois mil homens. Ver II Crô. 28:9. Os soldados de Israel ficaram tão impressionados, ante a repreensão de Odede, que libertaram os prisioneiros, e, tendo-os vestido, alimentado e ungido, enviaram-nos de volta a Jericó. Realmente, não era correto que a nação do norte, Israel, escravizasse a seus irmãos do sul, Judá. Mas a guerra geralmente provoca todo tipo de irracionalidade.

Ver o artigo seguinte sobre o mesmo nome em português, mas diferente no hebraico.

OBEDE

No hebraico «serviçal», «escravo de» ou «adorador de». Era esse um nome bastante comum nos dias do Antigo Testamento. Ao que parece era forma abreviada de Obadias, também um nome comum na época. Cinco personagens do Antigo Testamento são assim designadas:

1. Um filho de Boaz e Rute, e pai de Jessé, pai de Davi. Ver Rute 4:17; I Crô. 2:12. Ele viveu em cerca de 1070 A.C. Seu nome ocorre nas genealogias de Rute 4:21,22; I Crô. 2:12; Mat. 1:5 e Luc. 3:32, onde ele aparece como um antepassado de Jesus Cristo.

2. Um filho de Eflal, descendente de Jeremaeel (I Crô. 2:25,37). Ele viveu em torno de 1014 A.C.

3. Um dos trinta heróicos guerreiros de Davi, que o ajudou no exílio, quando fugia do perseguidor Saul (I Crô. 11:47). Viveu em cerca de 1015 A.C.

4. Um filho de Samías e neto de Obede-Edom, um coratita que era porteiro no templo de Jerusalém (I Crô. 26:7). Viveu em torno de 960 A.C.

5. O pai de Azarias, um dos capitães do exército de Israel que ajudou Joiada a depor Atalia (II Crô. 23:1). Isso ocorreu em cerca de 842 A.C.

OBEDE-EDOM

No hebraico, «servo de Edom». Talvez haja nesse nome uma referência a alguma divindade ou forma de idolatria em Edom. Esse é o nome de três personagens que aparecem no Antigo Testamento:

1. Um levita que ficou cuidando da arca da aliança, quando a morte de Uzá fez Davi temer pela segurança da mesma. Sua casa não ficava longe de Quiriate-Jearim, onde a arca da aliança ficou por três meses (ver II Sam. 6:10,11). Dali, a mesma foi levada a Jerusalém. E Obede-Edom, em face do serviço que prestara, tornou-se um dos guardiães especiais da arca. Ver I Crô. 15:18,14.

Alguns estudiosos têm pensado que ele teria de ser um filisteu, por causa do lugar onde residia. Mas não é nada provável que Davi tivesse dado a tarefa de guardar a arca a um filisteu. Havia uma localidade de nome Gitaim (II Sam. 4:3; Nee. 11:33), provavelmente não longe de Quiriate-Jearim, e um homem dali poderia ser chamado «geteu», conforme o foi Obede-Edom, sem que isso significasse que ele não era israelita. O mais provável é que ele tenha sido levita, o que o qualificava para a tarefa de que foi incumbido.

2. Um filho de Jedutum, guarda do templo (I Crô. 16:38), que viveu em cerca de 1043 A.C.

3. Um dos que estavam encarregados de cuidar dos vasos sagrados, na época de Amazias (II Crô. 25:24). Ele viveu em torno de 835 A.C.

OBEDIÊNCIA

Ver sobre **Dever** e **Dever do Cristão**.

Esboço

1. Referências e Idéias Bíblicas
2. Exemplos Bíblicos de Obediência
3. Uma Característica dos Crentes
4. A Obediência de Cristo
5. Implicações Teológicas e Eclesiásticas

1. Referências e Idéias Bíblicas

A obediência é imposta por Deus (Deu. 13;4), é essencial à fé (Heb. 11:6); resultado para quem dá ouvidos à voz de Deus (Êxo. 19:5); é um dever que temos diante de Cristo (II Cor. 10:5); o evangelho requer obediência (Rom. 1:5); consiste em observar os mandamentos de Deus (Ecl. 12:13); manifesta-se através da submissão (Rom. 13:1); a justificação nos é

conferida mediante a obediência de Cristo em nosso lugar (Rom. 5:19); Cristo é o supremo exemplo de obediência (Mat. 3:15; Fil. 2:5-8); deve ser uma das características dos santos (I Ped. 1:14); é uma característica dos anjos (Sal. 103:20); deve proceder do próprio coração (Deu. 11:13; Rom. 6:17); deve ser prestada voluntariamente (Sal. 18:44); não deve ter reservas (Jos. 22:2,3); deve ser constante (Fil. 2:12); finalmente será universal (Dan. 7:27); envolve bem-aventurança (Deu. 11:27; Tia. 1:25); os desobedientes são punidos (Deu. 1:28; Isa. 1:20).

2. Exemplos Bíblicos de Obediência

Noé (Gên. 6:22); Abraão (Gên. 12:1-4); os israelitas (Êxo. 12:28; 24:7); Calebe (Núm. 32:12; I Reis 15:11); Elias (I Reis 17:5); Ezequias (II Reis 18:6); Josias (II Reis 22:2); Davi (Sal. 119:106); Zorobabel (Ageu 1:12), José (Mat. 1:24); os magos (Mat. 2:12); Zacarias (Luc. 1:6); Paulo (Atos 26:19); Jesus, o Cristo (ver sob o quarto ponto).

3. Uma Característica dos Crentes

Há uma «obediência à fé (Atos 6:7; Rom. 1:5). A comunhão dos santos requer que a santidade faça parte do quadro geral. Ver o artigo separado intitulado *Santificação*. Esse é precisamente um dos meios de crescimento espiritual. A obediência ao evangelho é obediência a Cristo, o que resulta do companheirismo espiritual com Ele (II Cor. 10:5). Dessa maneira, os homens mostram-se obedientes à justiça (Rom. 6:16). A obediência não será duradoura, a menos que proceda de um coração transformado (Eze. 36:26,27; Mat. 7:18; Gál. 1:16; I Tim. 1:5; Heb. 9:14). A obediência precisa ser sincera (Sal. 51:6; I Tim. 1:5). Não será eficaz a menos que esteja alicerçada sobre o amor (I João 4:19; I João 2:5; II Cor. 5:14). Eventualmente, será universal (II Ped. 1:5,10) e perpétua (Rom. 2:7; Gál. 6:9). A obediência é a precursora e a evidência da glória eterna (Rom. 6:22; Apo. 22:14).

Jesus repreendeu àqueles que tinham um tipo de obediência apenas externo, jactancioso, cujo propósito era atrair elogios da parte dos homens, mas que nada tem a ver com a verdadeira espiritualidade (Mat. 6:2,5,16; 23:25-25). Tiago mostrou que não existe tal coisa como justificação sem obediência (Tia. 2). A obediência é superior ao rito religioso, por mais exata e fielmente que esse rito seja observado (I Sam. 15:22). A obediência está intimamente relacionada à fé (Rom. 15:17,18; 16:19; I Ped. 1:2). «A obediência torna-se, virtualmente, uma expressão técnica para indicar a aceitação da fé cristã» (A. Richardson, em sua *Introduction to the Theology of the New Testament*).

4. A Obediência de Cristo

Essa questão tem-se tornado um importante aspecto da teologia cristã, e não meramente como um exemplo que Cristo nos tenha deixado. Os elementos bíblicos da obediência de Cristo são os seguintes:

a. Ele mostrou a sua obediência ao Pai em seu nascimento e infância, cumprindo o plano divino de acordo com o qual deixou de lado a sua glória celeste, que sempre tivera na qualidade de o *Logos* de Deus (João 1:1,14,18 *ss*; Luc. 1:38).

b. Em sua meninice, Jesus obedeceu a Maria e a José, seu pai adotivo (Luc. 2:51), mas, supremamente, a seu Pai celeste (Luc. 2:49).

c. *A encarnação* foi um ato de obediência do Filho (Fil. 2:7,8), da qual fluíram os valores essenciais do evangelho cristão.

d. O ministério público de Jesus fez parte de sua obediência ao Pai, em favor da humanidade. Ele veio a fim de cumprir toda a justiça (Mat. 3:15; Luc. 7:30). Obedecendo aos requisitos do Pai e de sua missão, Cristo prevaleceu na tentação que sofreu às mãos de Satanás (Mat. 4:1-11; Luc. 4:1-13). O evangelho de João enfatiza a missão celestial de Cristo, e como ele a cumpriu, em íntima comunhão com o Pai. Ele foi obediente à vontade do Pai, no jardim do Getsêmani (Mat. 26:39). A morte de Cristo, em Jerusalém. Também ocorreu em um ato de obediência à vontade do Pai (Luc. 13:33). Para isso mesmo ele havia sido enviado ao mundo pelo Pai (João 7:28; 8:42).

e. Cristo obedeceu exprimindo os ensinamentos do Pai. Seu ensino não era propriamente seu, mas do Pai; e esses ensinos ele transmitiu fielmente (João 7:16; 12:4; 14:10,24).

f. Os feitos de Cristo eram feitos do Pai, que o Filho cumpria obedientemente (João 6:38; 8:28).

g. Cristo foi galardoado por sua obediência, tendo sido exaltado acima de todos os seus companheiros (Heb. 1:9). A obediência foi o trampolim para a sua exaltação, e isso serve de exemplo a ser seguido por todos os crentes. O *homem Jesus* ensinou-nos essa lição. Na qualidade de o *Logos* de Deus, ele já era exaltado juntamente com o Pai. Sua morte obediente foi galardoada (Fil. 2:9).

h. Como homem, ele aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu (Heb. 5:7-10). E isso envolve uma importante questão teológica, no tocante à natureza de sua encarnação e missão. Ele deu o exemplo, como homem, de como os homens devem obedecer. Se Cristo teve de aprender a obedecer, quanto mais nós! A obediência foi a escola freqüentada por Cristo! E deve ser a nossa!

5. Implicações Teológicas e Eclesiásticas

a. *A cruz* não foi um acidente, e, sim, a manifestação do cumprimento dos propósitos e das promessas de Deus relativos à salvação dos homens. Sem a obediência de Cristo, tal salvação seria simplesmente impossível. A *teologia do pacto* (vide) salientava vigorosamente esse ponto, em objeção às especulações dos céticos e daqueles que divorciavam a graça de Deus da realização redentora de Cristo.

b. *A teologia calvinista radical* restringe a obediência de Cristo, da qual resultou a realização de sua missão, somente àqueles que se beneficiam dela, a saber, os eleitos, aos quais se aplica a expiação. Segundo eles, não há expiação disponível para os demais. Combatendo isso, a *teologia da Nova Inglaterra* (vide) tentou preservar a atividade soberana de Deus, sem limitar, correspondentemente, a expiação aos eleitos. Os universalistas, por sua vez, ensinam que a realização remidora de Cristo beneficiará a todos, finalmente, o que significa que todos os seres humanos foram eleitos por Deus para a salvação. A doutrina da redenção-restauração (redenção para os eleitos e restauração para os não-eleitos) também ensina que a realização de Cristo é eficaz no caso de ambos os grupos, embora operando em diferentes níveis e de diferentes maneiras. Ver o artigo *Restauração* quanto a notas completas sobre esse conceito.

c. *Obediência Ativa e Obediência Passiva*. Os grupos protestantes têm caído no erro de pensar que a obediência de Cristo manifestou-se em sua «guarda da lei por nós». Essa é uma doutrina legalista, que de maneira nenhuma combina com os ensinos bíblicos da graça e da substituição do sistema de obras pelo sistema da graça-fé. Esse cumprimento da lei, por parte de Cristo, é chamado de *obediência ativa*. E sua morte na cruz é designada de *obediência passiva*. Porém, essa distinção não faz sentido.

d. O *catolicismo medieval* imaginava, tolamente,

que a obediência de Cristo e a obediência dos santos teria criado um fundo meritório, do qual as almas menos desenvolvidas poderiam fazer empréstimos, capaz de levá-las ao estado da justificação diante de Deus.

e. *Cristo Debaixo da Lei.* Alguns têm ensinado que Cristo estava acima da lei, razão pela qual sua obediência não estava associada à lei, pelo que também não envolve qualquer mérito de que nos possamos valer. Mas outros, bem ao contrário, pensam que Cristo estava debaixo da lei, motivo pelo qual a sua obediência à lei não pode ser transferida para nós, mas apenas pode provar sua própria perfeição e santidade. Mas a verdade dos fatos é que a obediência de Cristo à lei nada tem a ver com a nossa justificação, porquanto a lei não está envolvida nessa questão, em nenhum sentido. A graça é uma coisa; e a lei é outra. Somente um Cristo impecável e obediente podia fazer expiação por nós; e a lei frisava no que consiste o pecado. Não obstante, a obediência de Cristo à lei nada tem a ver com a nossa justificação.

f. *A Permanente Obediência de Cristo.* Cristo teve uma missão tridimensional: sobre a terra, no hades, no céu. Em todas as três dimensões Cristo obedeceu e está obedecendo à vontade do Pai. Assim, nossa salvação foi iniciada, tem prosseguimento, e, finalmente, será aperfeiçoada. O primeiro Adão desobedeceu. Mas o segundo ou último Adão obedeceu, e assim cumpriu o propósito de Deus. Lemos em Rom. 5:19: «Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos». Ver também Rom. 5:12 *ss* e I Cor. 15:22,45.

OBELISCO

No grego, **obeliskos**, forma diminutiva de **obelós**, uma figura alongada que termina em ponta aguda. Um obelisco é uma coluna monumental de pedra, com freqüência associada, na antiguidade, à adoração ao sol, pois apontava para o céu. Um obelisco é uma coluna com quatro lados, que termina em ponto, e que acompanha, de longe, o formato de uma pirâmide, pois vai afinando de baixo para cima.

Esses monumentos eram comuns na religião egípcia, pois obeliscos de vários tamanhos e formatos têm sido encontrados no Egito pela arqueologia. O mais antigo obelisco, que continua no seu local, é o de Senuserte I, em Heliópolis, e que data do século XII A.C. O maior de todos os obeliscos que já foram achados é o de Tutmés III, atualmente localizado em Roma, em São João Latrão. Tem 32,25 m de altura e pesa 455 toneladas. Quase todos os obeliscos antigos eram feitos de granito vermelho ou sienita, mas alguns eram feitos de arenito duro. A cor vermelha sugeria o disco solar. A cidade de On (no grego, Heliópolis) era a mais envolvida na adoração ao sol, motivo porque vários obeliscos têm sido encontrados ali. Jeremias predisse a destruição dos obeliscos com finalidades idólatras (Jer. 43:13).

OBIL

No hebraico, «cameleiro». Esse foi o nome de um ismaelita que chefiava os cuidados pelos camelos, na corte do rei Davi (I Crô. 27:30). Ele viveu na época geral de Davi.

OBJEÇÃO CONSCIENCIOSA

É correto uma nação enviar homens armados contra outra nação, com o propósito de matar e impor a sua vontade? Haverá aquilo que se tem chamado de *guerra justa*? As respostas a essas indagações não surgem com facilidade. Alguns objetam à guerra do ponto de vista religioso. Outros rejeitam qualquer tipo de guerra sobre bases puramente humanitárias. Portanto há objetores conscienciosos de natureza espiritual (religiosa) e de natureza humanitária. Isso significa que tais pessoas recusam-se a participar de qualquer tipo de matança, não querendo pegar em armas. Ver o artigo sobre o *Pacifismo*.

Alguns grupos evangélicos, como os menonitas, fazem do pacifismo uma porção integrante de seu credo. Também podemos mencionar os Irmãos e os quacres. Nesses grupos, fazem-se presentes razões religiosas e humanitárias. Como é óbvio, os objetores conscienciosos entram em um conflito entre aquilo que sentem ser seu dever a Deus e aquilo que sentem ser seu dever para com a pátria. Se a denominação cristã dessas pessoas também é pacifista, e elas unem-se ao exército de seu país, são rejeitadas por sua igreja. Mas se observarem as convicções de sua denominação religiosa, sofrerão perseguições por parte da sociedade. Em alguns países, essas sanções podem incluir multas ou mesmo aprisionamento. Nos Estados Unidos da América, onde as leis dão margem legal às objeções conscienciosas, visto que, naquele país as convicções pessoais são muito respeitadas, muitos objetores conscienciosos servem ao exército, mas sem pegarem em armamentos, ocupando-se de funções burocráticas e outras. Muitos têm servido em equipes médicas e outros corpos auxiliares. E muitos deles têm sido condecorados por motivo de bravura em batalha. Mas nunca pegaram em armas com a finalidade de matar.

Razões Religiosas da Objeção Conscienciosa. A injunção bíblica que recomenda o amor cristão, o respeito pelo próximo, o voltar da outra face aos nossos ofensores e a não-resistência aos perversos, está envolvida. Além disso, o mandamento do decálogo, que proíbe o homicídio, é considerado moralmente obrigatório para o crente, em todas as situações. Os objetores conscienciosos sentem que é melhor obedecer a Deus do que aos homens (Atos 5:29), em todos os casos que envolvam violência. Talvez alguns grupos tolerem somente a defesa própria; mas é duvidoso que os grupos mais extremamente pacifistas considerem a defesa própria como legítima aos seus membros. Tudo isso tem produzido intenso debate nos meios evangélicos, com argumentos pró e contra o pacifismo.

Argumentos Contrários à Objeção Conscienciosa. O mandamento para não matar é especializado, e não geral. O Deus do Antigo Testamento é retratado como um promotor de guerras. Na lei levítica há provisões para a autodefesa, e todos os povos reconhecem que é legítimo matar a alguém que nos ameace a vida. Isso posto, quando a segurança de um país e a vida de seus habitantes estão sendo ameaçadas, é legítimo defender-se e até reduzir o inimigo. De outras vezes, surgem grandes males, como o nazismo; e, em tais casos, a guerra torna-se necessária, pois só a guerra pode eliminar o mal. Essas guerras podem ser chamadas de guerras justas. A tradição profética assegura-nos de que somente a guerra poderá pôr fim ao comunismo internacional e à tirania futura do anticristo. Então terá início um novo ciclo histórico, dentro do qual Israel será cabeça das nações. Tudo isso é muito terrível, mas inevitável, porquanto os homens, em seu estado não-regenerado, precisam passar por essas duas experiências. Os homens haverão de aprender muitas lições valiosas nesse

processo, pois somente assim conseguirão deixar de ser os guerreiros tribais que têm sido.

Precisamos reconhecer que o homem continua ocupando uma posição espiritual muito inferior. Está apenas no começo de sua evolução moral e espiritual. Os homens farão guerra contra outros homens, e os atacados só poderão livrar-se da pressão se estiverem dispostos a batalhar em defesa própria. O décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos requer obediência ao Estado, e, algumas vezes, essa obediência nos envolve em partir para a guerra. O *pacifismo* é um belo ideal, que pode ser considerado com respeito; mas é impraticável. Não foram os pacifistas que derrotaram Hitler. E nem o pacifismo será capaz de eliminar os perversos poderes gentílicos que haverão de caracterizar a história humana, até à inauguração do próximo ciclo histórico, o milênio (que vide). Somente então haverá um tipo de homem que terá ultrapassado o estágio do guerreiro tribal. E, mesmo assim, porque o mal será refreado pelo governo férreo de Cristo, e não porque os homens terão perdido a sua beligerância e tendências destruidoras.

É legítimo tirar a vida de outrem que nos ameace a vida. É legítimo matar quem ameaça a vida de outras pessoas, que devemos defender. É legítimo matar quando a segurança e a existência de nosso país estão sendo ameaçadas. Neste mundo moderno, a nação que não se defende está convidando a submissão ou o suicídio. Esses são fatos que os pacifistas não gostam de encarar. Pode-se fazer a pergunta: os pacifistas têm o direito de ser protegidos pelos resultados das medidas militares, se eles não se envolvem nessas medidas? Se, hoje em dia, vivo em um país livre, porque os exércitos de meu país preservaram essa liberdade, devo rejeitar a minha responsabilidade de continuar preservando essa liberdade, internando-me, idealisticamente, na vereda do pacifismo?

Conclusão. Não há solução fácil para um problema como o do pacifismo e das objeções conscienciosas. Do ponto de vista do *idealismo*, o pacifismo está com a razão. Mas, do ponto de vista *prático*, ele nada realiza; pois o empecilho é a própria natureza humana pervertida. Ademais, nem sempre podemos escolher entre o bem e o mal. Há ocasiões em que somos forçados a escolher entre dois males, quando então devemos preferir o mal menor. Quando a Alemanha nazista invadiu a França, no começo da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o exército francês praticamente desistiu de lutar, permitindo a ocupação de cerca da metade do território francês. Então foi necessário que *outros países* viessem libertar a França. Quando os exércitos de Hitler invadiram a Rússia, tiveram de enfrentar uma encarniçada resistência, que perdurou durante todo o prolongado período e agonia do inverno severíssimo da região. Não foi mister a ajuda de exércitos estrangeiros para libertar a União Soviética dos nazistas. Ela obteve a sua própria vitória, embora com a ajuda de armamentos e alimentos norte-americanos. Outro tanto pode ser dito no tocante à Grã-Bretanha. A nação norte-americana perdeu milhões de jovens, envolvendo-se em uma guerra que nunca chegou às suas praias, e então reconstruiu a Europa, terminada a guerra. Esses triunfos não foram arquitetados e executados pelo pacifismo.

Nos países onde o pacifismo e a objeção conscienciosa têm a permissão da lei, as pessoas podem fazer sua opção. Se me fosse dado ter de tomar a decisão nestes nossos dias, penso que eu pediria para fazer parte do exército, sem pegar em armas, sem ter de matar pessoalmente aos soldados inimigos, embora disposto a servir na zona de batalha, em alguma outra capacidade. Não sei se essa é a atitude que outros crentes tomariam, mas é a minha. Este tradutor, por exemplo, em caso de necessidade não se negaria até mesmo a pegar em armas. Penso que o Novo Testamento proíbe a truculência desnecessária, mas não vejo ali nenhuma inclinação para o pacifismo. No tocante à propagação do reino de Deus, sabemos que este não se amplia mediante esquemas humanos, mas pela atuação do Espírito de Deus; mas, no que diz respeito à vida comum, a Bíblia não condena incondicionalmente a luta armada. Recomendou Jesus aos seus discípulos: «Agora, porém... o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma» (Luc. 22:36). E os discípulos apresentaram-lhe duas espadas: e o Senhor não disse para eles desfazerem-se delas. Pedro chegou a decepar a orelha de Malco, no entrevero que houve por ocasião da detenção de Jesus. Cristo curou o ferimento do servo do sumo sacerdote; e, se houve reprimenda de parte de Jesus, contra Pedro, esta limitou-se às palavras: «Deixai, basta» (Luc. 22:51). Sem dúvida, todo o episódio ocorreu para que, nos séculos futuros, ninguém dissesse: «Prenderam injustamente a Jesus, e seus discípulos acovardaram-se!»

Nos países onde a lei permite a objeção conscienciosa, a decisão é difícil para os crentes, temos de admitir. Cada qual siga sua consciência, dispondo-se a enfrentar as conseqüências de seu ato. (AM H)

OBJETIVISMO

Essa é a posição que pensa que há certas verdades morais que continuam verdadeiras, sem importar o que as mentes individuais pensem, e cujas verdades não dependem dos gostos de cada pessoa. O imperativo moral de Kant é um bom exemplo: Faze aos outros somente aquilo que queres que se torne uma lei universal. Assim como existem proposições matemáticas que não estão sujeitas a interpretações individuais (5 + 7 = 12), assim também há proposições morais que são fixas por sua própria natureza. É nesse ponto que achamos o alicerce da ética formal, rigorista. O problema com que se defronta esse objetivismo é como determinar quais são as regras fixas. As pessoas que se deixam orientar pela Bíblia acham ali as suas regras, com base na revelação divina. Existem verdades auto-evidentes que permanecem de pé, inteiramente à parte de preferências e gostos individuais. Se isso não fosse uma verdade, todos nós nos perderíamos no abismo do individualismo, e seria impossível constituir um código lógico de conduta. Os juízos morais são mais do que preferências pessoais. Existem coisas que, verdadeiramente, são certas ou são erradas.

Tipos de Objetivismo

1. *Na Epistemologia.* Existem objetos e entidades reais que existem de maneira totalmente independente de minha percepção dos mesmos (essa é a tese do *realismo*, vide). O conhecimento que eu tiver sobre esses objetos pode ter sido adquirido pela percepção dos sentidos, pela razão, pela intuição ou pelas experiências místicas; mas a realidade dos mesmos independe da minha percepção deles.

2. *Na Metafísica.* Eu existo; mas tu também existes, bem como outras coisas que podemos ver (pluralismo). Existem realidades fora da mente e suas percepções. O idealismo objetivo, porém, é um objetivismo autêntico. Embora a natureza de todas as coisas seja mental, contudo, as coisas existem fora de minha mente individual.

3. *Na Estética.* Nas belas-artes existem valores que

são independentes de meus gostos particulares e de minha avaliação individual.

4. *Na Ética*. Esse particular já foi abordado no parágrafo que introduz o objetivismo.

OBJETIVISMO; SUBJETIVISMO

Esses são termos éticos com significados opostos:

Subjetivismo

As atitudes e os padrões morais são questões de escolha e gosto pessoal, e não uma questão de valores eternos e de padrões fixos. O *subjetivismo simples* é inteiramente relativista e individualista. Minhas idéias são os meus padrões; meus gostos é que determinam para mim o que é certo ou errado. Os padrões e gostos de outras pessoas podem ser diferentes dos meus, pelo que a verdade de outrem é diferente da minha. Contudo, também haveria um subjetivismo comunal, que aceita que as pessoas que pertencem a uma mesma sociedade naturalmente terão um mundo de idéias comuns, embora sejam subjetivas para cada indivíduo. Os desejos naturais dos homens podem ser compartilhados, de tal modo que, apesar de serem subjetivos, não são isolados. Existem gostos coletivos que provêem normas de ação. O subjetivismo individualista é passivo das mesmas objeções que são feitas contra o *relativismo* (vide).

Tipos de Subjetivismo

1. *Na Epistemologia*. O conhecimento limitar-se-ia à consciência que a mente tem de seus próprios estados.

2. *Na Metafísica*. Ali, o *solipsismo* (vide; e que diz: «Só eu existo»), bem como o idealismo subjetivo (o mundo é minha idéia), são formas de subjetivismo. O idealismo objetivo expande a idéia a uma comunidade inteira, e, apesar de reter a idéia de que «o mundo é minha idéia», faz disso uma idéia de Deus ou da comunidade de mentes, ficando assim eliminado o subjetivismo.

3. *Na Estética*. O que uma pessoa pensa sobre o significado das belas-artes é somente a sua própria idéia, que reflete o seu gosto particular. Esse gosto é o valor dessa pessoa. Por isso, cada indivíduo tem seu próprio gosto e avaliação sobre as coisas.

4. *Na Ética*. Isso foi ventilado no parágrafo introdutório deste artigo.

OBJETO

Essa palavra deriva-se do latim, **ob**, «contra», e *jacere*, «lançar». O sentido popular da palavra é de algo que jaz dentro da percepção de nossos sentidos, algo visível, tangível e material. Metaforicamente, trata-se de algo sobre o que a mente se fixa ou sobre o que ela pensa; ou um propósito a ser atingido. Na filosofia, porém, esse vocábulo tem assumido vários significados distintivos, a saber:

1. Algo que existe por seu próprio direito, sem importar se é percebido ou não pela mente humana, segundo se vê no *realismo* (vide).

2. Algo que serve de ponto de referência, podendo ser algo material ou não, como uma referência cognitiva, volitiva, emotiva ou espiritual.

3. Para Duns Scotus, um objeto era algo que fazia parte do pensamento; um item dentro da mente. O objeto está na mente; a existência de algo no mundo é subjetiva de acordo com sua filosofia.

4. No *idealismo* (vide), ficou perpetuada a idéia de Duns Scotus. Um objeto sempre é algo mental, pois nada existe, ou pode ser provado que existe, exceto as idéias que se aninham em nossa mente.

5. Kant falava sobre o objetivo como algo fora do sujeito; subjetivo, para ele, significava aquilo que está dentro de um sujeito. Porém, de acordo com as suas categorias *a priori* da mente, a mente projeta para os objetos externos a natureza que eles têm.

6. Meinong e Husserl voltaram ao significado original dessa palavra, ao asseverarem que o objeto é o sujeito de um juízo mental.

7. Whitehead falava sobre vários tipos de objeto: objetos do sentido; objetos percebidos; objetos físicos; objetos científicos.

OBLAÇÃO

Ver o artigo geral sobre *Sacrifícios e Ofertas*. Essa palavra deriva-se do latim, *oblatus*, «algo oferecido». No seu sentido moderno, o termo é geral, aludindo a qualquer tipo de oferta, embora, especificamente, refira-se à eucaristia.

Usos Bíblicos:

1. Uma oferenda apresentada (no hebraico, *gorban*, «aproximado»), usualmente indicando alguma oferta de manjares (Lev. 2:4 *ss*; 7:9,10).

2. Uma oferta movida (no hebraico, *terumah*, «mover»). Algo elevado ou tirado da propriedade ou das possessões de alguém e oferecido a Deus, usualmente para manutenção do santuário e seus ministros. Ver Isa. 40:20; Eze. 44:30; 45:1. Essas coisas eram *movidas* na presença de Yahweh, no aguardo de sua aprovação e aceitação. Essas oferendas só podiam ser aproveitadas pelos sacerdotes e seus filhos (Núm. 18:19; Lev. 22:10).

3. Um presente (no hebraico, *minhah*, «doação»), usualmente referente a ofertas cruentas (Isa. 19:21; 66:3; Dan. 9:21,27).

4. Uma libação (no hebraico, *massekah*, «derramamento»). Líquidos como azeite, leite, água, mel, e, especialmente, vinho, eram derramados como ofertas. Os gregos e os romanos tinham isso como algo essencial aos seus ritos; e, em menor escala, os hebreus também usavam de libações. O trecho de Dan. 2:46 tem a palavra no sentido geral de oferenda. Ver também Êxo. 30:9 e Núm. 15:7,10.

OBOTE

No hebraico, «oedres». Um lugar no deserto, por onde os israelitas vaguearam, e que continha alguma água. Essa foi a quadragésima sexta parada dos israelitas no deserto. Ficava perto do território de Moabe. Ver Núm. 21:10,11; 33:43,44. Tem sido tentativamente identificado com o oásis chamado *el-Weiba*, que fica ao sul do mar Morto.

OBRA DE ARTISTA

Essa e algumas outras expressões cognatas aparecem como tradução da palavra hebraica *chashab*, «perito», «habilidoso», «pensar», «planejar», etc. Há ocorrências desse termo que apontam para a habilidade de certos homens executarem trabalhos artísticos. Ver Êxo. 26:1,31; 28:6,15; 35:35; 36:8,35; 38:23; 39:3,8; II Crô. 26:15.

Pode estar em vista a habilidade desenvolvida por artífices em suas respectivas artes ou ofícios, ou qualquer aprendizado que requeira planejamento e habilidade inata. Na construção do tabernáculo, foi mister encontrar homens de grande habilidade, verdadeiros artistas em seus respectivos campos, fossem eles o bordado, o engaste de pedras preciosas, instalações militares, etc.

OBRA DE FIEIRA

Essa expressão é tradução do vocábulo hebraico, *aboth*, «corda», nos trechos de Êxodo 28:14,22,24,25. Entretanto, em Êxodo 39:15,17,18, onde aparece a mesma palavra hebraica, a nossa versão portuguesa já a traduz por «correntes como cordas». Isso ilustra duas coisas no tocante às traduções em geral e, particularmente, no que diz respeito à tradução da Bíblia em particular. Primeiro, há muitos termos hebraicos obscuros, para os quais os tradutores e revisores têm procurado traduções correspondentes nos idiomas modernos, sem grande sucesso. De fato, se no Novo Testamento grego não há mais nenhum vocábulo de sentido desconhecido, outro tanto não se dá com o Antigo Testamento. Em segundo lugar, apesar de ser conveniente traduzir os termos de uma maneira uniforme, nem sempre isso é possível, ou mesmo mais certo.

OBRA DE REDE

A idéia de «rede», de «trançado» era aplicada a certa variedade de coisas:

1. A grade do altar dos holocaustos (no hebraico, *resheth*) era assim chamada. Ver Êxo. 27:4; 38:4.

2. Um trabalho trançado, em redor das duas colunas do átrio do templo, formado por sete cordas entretecidas, com o formato de grinaldas decorativas, também recebeu esse nome. Ver I Reis 7:18,20,42; Jer. 52:22,23. A palavra hebraica correspondente é *sebakah*.

3. Fios de algodão eram tecidos formando uma espécie de obra de rede. A nossa versão portuguesa chama a esse trabalho de «pano de algodão». No hebraico temos a palavra *hor*, «branco». Ver Isa. 19:9.

4. As grades de um quarto do primeiro andar, de onde Acazias caiu, também são chamados por «obra de rede», em algumas traduções, em II Reis 1:2. Nossa versão portuguesa, dá-lhes o nome mais apropriado, «grades». Ver também o artigo intitulado *Rede*.

OBRAS

Ver os artigos chamados *Boas Obras* e *Obras de Deus*.

OBRAS DA LEI

Rom. 3:20: *porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado.*

Uma outra função da lei mosaica é aqui especificada. Seu propósito jamais foi de servir de meio de justificação, mas antes, de meio que revela a verdadeira natureza do pecado.

Do que Consiste a Lei Aqui Aludida?

1. Alguns dizem que se trata de lei cerimonial, e não da lei moral (os dez mandamentos). Vários intérpretes têm assumido essa posição, a fim de evitar a doutrina paulina da eliminação da lei como meio de salvação.

2. Outros supõem que esteja especificamente em foco a lei moral, o decálogo. Mas é óbvio que essa é uma limitação por demais restrita. A circuncisão, por exemplo, era tida como essencial à salvação pelos judeus, e, no entanto, não fazia parte do decálogo.

3. Provavelmente a lei judaica inteira está em pauta, a legislação mosaica, em seus aspectos moral e cerimonial. Os judeus não dividiam a lei nesses dois aspectos, conforme fazem os teólogos modernos. Para eles, a lei inteira envolvia obrigações morais e alguns dos estatutos cerimoniais eram reputados como os requisitos mais importantes (por exemplo, a lavagem de mãos e copos, ou o uso das filactérias).

4. Alguns intérpretes emprestam um sentido lato ao versículo — qualquer lei, a mosaica ou a voz da consciência. Em face de Rom. 2:14, essa idéia parece estar correta.

Do que Consistem essas Obras?

1. Alguns afirmam que as obras humanas meritórias (aquelas produzidas pelo esforço humano) são as que de nada valem diante de Deus.

2. Não se pode duvidar, entretanto, que as obras aqui referidas são aquelas envolvidas na obediência à legislação mosaica. Tais obras não podem justificar.

3. O que dizer sobre as obras realizadas no poder do Espírito? Mesmo as obras espirituais não podem justificar o homem, apesar de seguirem-se obrigatoriamente à fé.

Relação Entre as Obras e a Justificação e a Graça

1. É claro que as boas obras devem vir após a conversão. (Ver o artigo acerca disso). O princípio da fé é um princípio vivo que, naturalmente, produz boas obras, pois, do contrário, nem existiria fé.

2. Porém, as boas obras envolvem mais que esse fator. Se definirmos essas obras como «aquilo que o Espírito faz em nós e através de nós», então tais obras tornar-se-ão sinônimas da graça. (Isso é comentado em Efé. 2:8 no NTI). O Espírito opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a boa vontade de Deus (ver Fil. 2:13). Essa espécie de obras é um cultivo do Espírito (ver Gál. 5:22) e não é mero resultado da salvação, pois é a própria salvação em operação.

3. Além disso, as obras determinam o nível dos galardões ou posição na glória futura. Posto ser a glorificação o estágio final da salvação, então temos de afirmar que as obras espirituais fazem parte da salvação. Porém, isso nada tem a ver com o princípio legal mediante o qual os homens, através do esforço humano, adquirem algo. É atuação do Espírito, mas nós as realizamos!

4. Visto que a justificação envolve mais em Paulo que a declaração forense da correta situação perante Deus, a fim de incluir tanto a santificação quanto a glorificação (vide), então as obras espirituais fazem parte da questão, embora no sentido acima explicado.

OBRAS DE DEUS

Uma expressão bíblica comum, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é «as obras de Deus», ou, então, «as obras de Jesus». Essa expressão denota tanto aquilo que foi criado por Deus quanto os atos de Deus, no decorrer da história humana. As palavras particularmente empregadas, nessa conexão, são os vocábulos gregos relacionados abaixo:

Érgon, «trabalho» (por exemplo, Mat. 11:2; João 3:36); *megaleîa*, «atos poderosos» (Atos 2:11); *polema*, «realização», «obra» (Rom. 1:20; Efé. 2:10); e, finalmente, *enérgeia*, «operação», «energia» (por exemplo, Efé. 1:19; Col. 2:12 e II Tes. 2:11).

Esboço:

I. No Antigo Testamento
   A. As Obras Divinas
   B. A Reação Humana

II. No Novo Testamento
A. Na Criação
B. Na Salvação

I. No Antigo Testamento

A. As Obras Divinas

1. *Na Criação*. Quando expõe sua vigorosa doutrina da criação, a Bíblia, mui naturalmente, usa o vocábulo *érgon* para descrever a totalidade da obra criativa de Deus. E faz isso em um sentido ativo, para indicar as realizações reais de Deus, conforme se vê, por exemplo, em Gênesis 2:2,3: «E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera». E, no Novo Testamento, em Heb. 4:4: «Porque em certo lugar assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera». Contudo, no Antigo Testamento, conforme se vê na Septuaginta, também se vê um sentido passivo desse termo (cf. Sal. 8:6). Na verdade, o sentido passivo mescla-se com o sentido ativo, pois a obra criativa de Deus resultou na obra da criação.

A voz passiva é muito mais comum e clara, no plural, aludindo aos fenômenos individuais da natureza. Assim, os céus são obras dos dedos de Deus (ver Sal. 8:3). Todas as criaturas são obras de suas mãos, mormente no caso dos seres humanos. E é com base nesse fato que os crentes buscam a proteção e a misericórdia divinas (Sal. 138:8, etc.). Os descendentes de Jacó, tal como os crentes em Jesus, são especialmente descritos como obras das mãos de Deus (ver Sal. 90:16, na Septuaginta; Isa. 29:23). E as realizações históricas de Deus também poderiam ser classificadas como obras divinas.

2. *Na História*. O Antigo Testamento também alude aos atos divinos na história da humanidade. Esses atos divinos históricos são, acima de tudo, atos de intervenção libertadora. Os acontecimentos registrados no livro de Êxodo são os atos divinos libertadores, realizados especialmente em favor do povo de Israel. Tais obras, com freqüência, são de natureza miraculosa, ou seja, atos poderosos, que transcendem ao curso normal da história. Para exemplificar: «Disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer a Faraó; pois por mão poderosa os deixará ir, e por mão poderosa os lançará fora da sua terra» (Êxo. 6:1). E foi daí que sobrevieram as dez pragas do Egito.

Não se deve pensar, entretanto, que essas intervenções divinas em favor de seu povo antigo, cessaram quando eles entraram na terra de Canaã. Os atos básicos de redenção servem de uma garantia constante acerca de novas obras interventoriais de Deus. Assim, de certa feita, o Senhor livrou Judá e Jerusalém dos assírios, e, mais tarde, restaurou o povo de Israel à sua própria terra, quando estavam exilados na Babilônia há setenta anos.

Por outra parte, se as obras de Deus eram, predominantemente, intervenções libertadoras, também há um lado reverso. Pois o livramento de Israel, às margens do mar Vermelho, significou a ruína dos egípcios. E o mesmo povo judaico que, por diversas vezes foi libertado de seus opressores, por intermédio dos juízes, em outras oportunidades foi entregue às mãos de seus adversários, quando pecou. Os profetas de Israel, em particular, por muitas vezes anunciaram o julgamento divino, mediante obras de Deus, no tocante a um povo rebelde e de duro coração: «Porque o Senhor se levantará como no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeom, para realizar a sua obra, a sua obra estranha, e para executar o seu ato, o seu ato inaudito. Agora, pois, não mais escarneçais, para que os vossos grilhões não se façam mais fortes; porque já ao Senhor, Deus dos Exércitos, ouvi falar duma destruição, e essa já está determinada sobre toda a terra» (Isa. 28:21,22). Os crentes individuais podem conhecer, experimentalmente, as poderosas obras de intervenção de Deus, — conforme transparece, por tantas vezes, nos Salmos. — Em último lugar, mas não de somenos importância, devemos pensar nas obras escatológicas de Deus. «Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado» (Isa. 60:21).

B. A Reação Humana

1. *A Meditação*. As realizações portentosas de Deus, na criação e nas intervenções divinas na história humana, requerem que os homens reajam favoravelmente a elas. Em primeiro lugar, o homem deve considerar essas obras. Várias palavras são usadas nessa conexão. O homem não deveria esquecer as grandes coisas realizadas por Deus (ver Sal. 77:11), além do que, cumpre-lhe meditar sobre elas, conforme se aprende em Salmos 77:12: «Considero também nas tuas obras todas, e cogito dos teus prodígios». Essa meditação prepara o crente para enfrentar melhor as tribulações, quando estas chegarem.

2. *Ação de Graças e Louvor*. Em segundo lugar, o homem deve se mostrar agradecido a Deus, por suas obras. «Rendam graças ao Senhor por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!» prorrompe o salmista (Sal. 107:15; ver também os vss. 21 e 31). O homem está na obrigação moral de louvar e de bendizer a Deus, autor de tantas coisas boas para os homens (Salmos 145). Esses atos divinos são poderosos e terríveis (Sal. 66:3). Deus os realiza, movido pela sua fidelidade (Sal. 33:4). Essas obras manifestam o governo controlador de Deus (Sal. 90:16). Mas, embora possam ser percebidas, essas realizações são, realmente, insondáveis (Ecl. 8:17). São atentamente examinadas por todos aqueles que têm prazer nas obras de Deus (Sal. 111:2). Finalmente, as próprias obras divinas aliam-se ao louvor Àquele que as criou, segundo se vê em Salmos 145:10: «Todas as tuas obras te renderão graças, Senhor; e os teus santos te bendirão».

3. *Proclamação*. Em último lugar, cabe-nos considerar que o homem deve declarar as poderosas obras de Deus. Ele deve ensinar tais coisas aos seus filhos (Sal. 78:4), como também deve anunciá-las a seus semelhantes. Tornar conhecidos, aos filhos dos homens, os poderosos atos divinos, é a tarefa básica que confere unidade à vida inteira do ministério e da adoração. «Falarão da glória do teu reino, e confessarão o teu poder, para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos, e a glória da majestade do teu reino» (Sal. 145:11,12).

II. No Novo Testamento

A. *Na Criação*. O que o Novo Testamento tem a dizer acerca das obras do Senhor Deus é, essencialmente, a mesma coisa que se acha no Antigo Testamento. A única referência é que, no Novo Testamento, essas obras são atribuídas, igualmente, a Jesus Cristo, por intermédio de Quem todas as coisas foram feitas. «Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez» (João 1:3). Destarte, as obras de Deus, em um sentido perfeitamente literal, são as obras de Jesus. Deus Pai faz tudo através do Filho. «Meu Pai trabalha até

agora, e eu trabalho também» (João 5:17).

No Novo Testamento, essa intermediação de Cristo, nas obras da criação, pode ser vista desde a criação. Todas as coisas foram criadas por meio de Cristo, «nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis... Tudo foi criado por meio dele e para ele» (Col. 1:16). Deus criou os mundos por meio do Filho (ver Heb. 1:2). Por isso mesmo, as obras da criação são obras de Jesus Cristo. Tudo gira em torno dele.

B. Na Salvação

1. *No Livro de Atos*. Entretanto, a ênfase principal do Novo Testamento, recai sobre a obra salvatícia de Deus, realizada em Jesus Cristo. E não deveria ser de estranhar que os evangelhos sinópticos pouco declarem diretamente sobre isso. Esses evangelhos meramente registram as obras de Cristo, que atingiram o seu ponto culminante na crucificação e na ressurreição. Todavia, essas realizações testificam, com tremenda eloqüência, o papel de Jesus como Salvador. Nos evangelhos sinópticos, a menção às obras de Cristo é posta nos lábios de João Batista: «Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: «És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?» (Mat. 11:2,3).

Todavia, na pregação da Igreja primitiva, historiada no livro de Atos, o quadro descritivo altera-se drasticamente. Uma vez dotados de poder pelo Espírito Santo, os apóstolos declararam abertamente as admiráveis obras de Deus, na pessoa de Cristo. «...como os ouvimos falar, em nossas próprias línguas, as grandezas de Deus?» (Atos 2:11). E, já no primeiro dia da vida da Igreja, dirigida pelo Espírito de Cristo, o dia de Pentecoste, as obras de Cristo foram destacadas na prédica apostólica: «Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte...» (Atos 2:22-24). Essa citação do âmago da pregação de Pedro, naquele dia, mostra-nos que o coroamento das realizações salvatícias de Deus, em Jesus Cristo, foi a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo.

E, no decorrer do ministério dos apóstolos originais, como também durante o ministério do apóstolo dos gentios, chamado bem mais tarde, eram efetuadas grandes maravilhas, notáveis prodígios, provenientes de Jesus Cristo. «...enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus. Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus» (Atos 4:30,31).

E, se as curas e ressurreições eram obras prodigiosas de Deus, outro tanto se pode dizer no tocante à atividade dos missionários cristãos. Poderíamos exemplificar com o ministério de Paulo e Barnabé. «Entretanto, demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que por mão deles se fizessem sinais e prodígios» (Atos 14:3). Isso posto, o Senhor Jesus continuou operando miraculosamente no mundo, por intermédio do Espírito Santo, o seu *alter ego*.

2. *João*. No quarto evangelho, as obras realizadas por Cristo figuram com destaque. Antes de tudo, essas obras prestam testemunho acerca de sua verdadeira identidade: «Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu respeito, de que o Pai me enviou» (João 5:36). Essas obras de Jesus eram boas (João 10:32). Eram as próprias obras de Deus (João 9:3). Foram dadas pelo Pai, para que Cristo as realizasse (João 5:37). E, para nós, que vivemos às vésperas do século XXI, ou mesmo já dentro dele, não está vedado ter maravilhosas experiências com as realizações de Cristo, conforme ele mesmo esclareceu, falando a Tomé: «Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai» (João 14:10-12).

No tocante à maior realização de Cristo, a salvação das almas, é usado o termo «obra», no singular, conforme se vê em João 6:29, para exemplificar: «Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta, que creiais naquele que por ele foi enviado». Os judeus haviam indagado como realizariam as obras de Deus, e essa foi a resposta dada pelo Senhor Jesus. Assim, os homens participam das obras de Deus confiando em Jesus como Salvador, porquanto essa é a grande obra de Deus. Essa grandiosa realização de Deus está separando os homens em duas classes distintas: os salvos, que são aqueles que chegam a confiar em Jesus; e os perdidos, que são aqueles que rejeitam o testemunho dado pelo Senhor Jesus.

3. *Paulo*. O apóstolo dos gentios também não se descuidou em enfatizar as obras de Deus. Entretanto, de modo um tanto diferente do que fez o apóstolo João, Paulo se preocupava, primariamente, com essa obra divina, como o atual ministério do evangelho no mundo, sob a orientação do Espírito de Cristo. Assim, os crentes de Corinto eram uma realização de Paulo, no Senhor. «...acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?» (I Cor. 9:1b). Para Paulo, uma das realizações dos crentes consiste em procurar edificar aos irmãos, segundo se vê em Romanos 15:2. E todos os crentes podem e devem participar dessa realização (I Cor. 15:58). Apesar disso, contrariamente à opinião de alguns, não há um real *sinergismo* (vide), porquanto é Deus quem opera tudo nos crentes, desde o impulso inicial até à concretização final, segundo vemos em Filipenses 1:6: «Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus» (Fil. 1:6). Os crentes, que assim cooperam com o Espírito de Cristo, são, eles mesmos, uma realização de Deus, criados com vistas às boas obras. «...somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras...» (Efé. 2:10). Dessa forma, as realizações de Cristo continuam sendo realizações de Deus, em Jesus Cristo, redundando em sua glória e louvor.

De tudo quanto foi exposto, conclui-se que as obras de Deus, em Jesus Cristo, são tão importantes quanto a doutrina que Cristo ensinou. Lucas frisa essa verdade, ao escrever a Teófilo: «Escrevi o primeiro livro (o evangelho de Lucas), ó Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus fez e ensinou...» (Atos 1:1).

OBRAS, NATUREZA E UTILIDADE

Ver o artigo detalhado sobre **Obras Relacionadas à Fé.**

Como as Obras se Relacionam Com a Graça?

1. Resultados inevitáveis.

2. Frutos inerentes do sistema da «graça-fé».

3. Expressões da nova natureza, da nova criação, expressões «necessárias», e não apenas aquilo que se poderia esperar normalmente.

4. *Partes necessárias* do destino dos indivíduos transformados, tal como a missão de Cristo Jesus, nos céus e na terra, exigiu ações de altruísmo de sua parte, pelo que também é dito que fomos «preparados», nesse feito de Deus, a fim de andarmos nas boas obras, já que a metáfora do «andar» fala da expressão coerente e constante da vida, fala de certa «maneira de viver».

5. A criação se verifica «em Cristo Jesus», produzida pela comunhão mística com ele, o que leva os homens a compartilharem de sua natureza e a expressarem a sua bondade. (Ver I Cor. 1:4, acerca do conceito da comunhão mística com o Senhor Jesus, que é tema constantemente enfatizado nos escritos paulinos).

As boas obras se revestem de uma importância suprema. Conforme disse Alford: «Tal como uma árvore é criada por causa dos seus frutos», assim também um crente foi transformado em nova criatura para que pudesse expressar-se como tal. Não há como escapar disso — as boas obras são a expressão do crente. Uma vez mais, entretanto, o texto transcende a meras «obras humanas», a «méritos humanos», ainda que as obras assim realizadas sejam humanas, visto que são feitas por seres humanos. Além disso, cumpre-nos observar que a vontade humana pervertida pode contrabalançar esse tipo de vida, tornando tal pessoa infrutífera.

A Realização Divina é Contínua e Eterna

1. As obras são uma conseqüência da graça divina, mas também são muito mais que isso.

2. São produtos divinos, que compõem nosso caráter e nossa missão especiais, razão pela qual determinam nosso nível de glória, que será declarado quando do tribunal de Cristo (ver as notas a respeito em II Cor. 5:10 no NTI).

3. As obras também determinam nossos galardões e nossas coroas (ver as notas sobre isso em II Tim. 4:8 no NTI), pelo que, igualmente, determinam nosso caráter e poder nos lugares celestiais.

4. Esse processo, entretanto, será eterno, pois Deus continuará perenemente a operar em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. A glorificação, pois, será um processo eterno (ver II Cor. 3:18). Ele tem operado em nós; ele está operando em nós; ele sempre operará em nós. Somos criação sua, e viveremos sempre em contínuo progresso, tal como a criação física também jamais fica estagnada, pois mundos vêm e vão, nascem e perecem. Os céus de Deus jamais poderão conhecer estagnação.

5. Graça e obras como sinônimos. (Ver o artigo sobre *Graça III. 8*).

No topo das grandes pirâmides do Egito, uma pessoa pode lançar a vista pela amplidão do deserto que a tudo predomina; mas também verá o rio Nilo, serpeando em seu caminho através do deserto. Às margens do rio ela verá fertilidade e vida. Por semelhante modo, a graça divina é o grande rio da vida, que flui através de um deserto; mas, às suas margens, inevitavelmente surge vida em abundância, porquanto onde se manifesta a graça, se manifesta a vida. Por sua vez, onde há vida no Espírito, há uma nova criação, uma «alma humana transformada», há «Cristo à face da terra», porquanto todo o crente é Cristo em formação, e onde Cristo estiver em formação, aparece a vida de Cristo, pois ele «...andou por toda a parte, fazendo o bem...» (Atos 10:38).

6. *De antemão preparou*, Efé. 2:10. No grego temos «*proetoimadzo*», que significa «preparar de antemão», «nomear de antemão». (Ver Rom. 9:23, acerca dos vasos de misericórdia, preparados por Deus como tais, antes de virem à existência terrena; ver Efé. 2:10, acerca das boas obras, que fazem parte inevitável do destino dos remidos, e isso por divina determinação). Visto que as boas obras foram preparadas por Deus, para o destino dos crentes, de «antemão», até mesmo essas boas obras são de Deus, pois seu preparo se deu antes da existência terrena dos crentes, talvez até mesmo antes da existência absoluta deles; pelo que também não podem ser de origem humana, como de origem humana não são as obras espirituais dos crentes. Dentro do tempo, porém, é evidente que a vontade humana precisa cooperar com o plano divino.

As boas obras fazem parte do nosso destino eterno. Elas são expressão da missão do crente. Como foi que Deus preparou essas boas obras, enquanto as próprias almas dos remidos ainda não existiam? Em resposta a isso, consideremos os pontos abaixo discriminados.

1. Deus *preparou* essas boas obras em seu plano, em seus conselhos eternos.

2. Como parte do destino pessoal de cada crente. Cada crente é um ser sem-par, dotado de uma missão especial. E as boas obras é que emprestam substância a essa missão, sem importar se visamos seu aspecto terreno ou seu aspecto celeste, ou melhor, ambos os aspectos.

3. As boas obras foram adaptadas ao destino dos crentes, porquanto tudo isso faz parte do plano de Deus. (Ver Apo. 2:17, quanto ao fato de que cada crente em particular é um ser sem igual). As boas obras, pois, são mais do que os pequenos atos de bondade e gentileza, considerados abstratamente, antes, são a substância da nossa própria missão, aquilo que faz dessa missão o que ela é. E isso ilustra, uma vez mais, a importância suprema das boas obras. Do que consiste a minha missão terrena? Devo curar, devo ensinar, devo consolar, devo ser especialmente dotado de bens materiais e de realidades espirituais para aliviar as necessidades físicas e espirituais dos outros? Qual é o meu *dom* ou os meus *dons* do Espírito? Certo padrão de expressão, no tocante aos meus dons espirituais, foi determinado de antemão por Deus, como campo no qual me convém operar. Esse «padrão de expressão» será a esfera onde cumprirei a minha missão; e isso equivale a dizer que Deus preparou de antemão as boas obras da minha missão.

4. Há algumas símiles homiléticas, quanto a esse particular. Crisóstomo falava da preparação do «caminho» das boas obras. Em seguida um homem caminha por essa estrada. Abbott comenta como segue: «Uma símile mais verdadeira seria a de uma vereda que atravesse o mar. Talvez pudéssemos dizer que as palavras *preparou de antemão* foram escolhidas, não por serem logicamente exatas, mas a fim de expressarem, de maneira mais notável, a verdade que as boas obras não procedem de nós mesmos; antes, como que são recebidas da parte do Criador, como que tiradas de um depósito, o que é assim figuradamente concebido como preparadas de antemão».

Para que andássemos nelas. A metáfora do ato de andar é freqüente tanto na literatura profana como na literatura sagrada, para indicar «maneira de viver», «padrão de vida»; «natureza geral». (Quanto a notas expositivas completas a respeito, com alusões a outros trechos onde a idéia também se encontra nas páginas do NT. Ver os trechos de Gál. 5:16,25; Rom. 13:13,

no NTI. Ver também I Cor. 3:3, 7:17; 6:16; Efé. 4:1-17; 5:2,8,15; Cól. 1:10—2:6; 4:5; II Ped. 2:10; I João 1:7; Apo. 3:4; 9:20; 16:15 e 21:24). Esse termo, conforme se pode ver nessas referências, pode assumir um aspecto positivo ou um aspecto negativo, indicando uma boa ou uma má conduta na vida.

OBRAS, RELACIONADAS À FÉ

Fé e as Obras Opostas e Unificadas (Tiago 2:14-26).

Paulo e Tiago

É apropriado alistarmos agora os vários modos como os escritos e as idéias de Paulo têm sido tentativamente reconciliadas com esta epístola a Tiago:

1. Obviamente *as palavras* de um e de outro se contradizem. (Ver Rom. 4:1-5 em comparação com Tia. 2:15,21 e *ss*). Pouca dúvida pode haver que Tiago foi escrito para refutar especificamente as idéias paulinas, contidas no quarto capítulo da epístola aos Romanos, sem importar se essa epístola era conhecida ou desconhecida para o autor sagrado. Não admira que os dois escritores sagrados tenham entrado em conflito um com o outro, em seus escritos. Os intérpretes que se recusam a reconhecer isso, supõem que Paulo e Tiago exibem duas definições diferentes das idéias de «justificação», das «obras» ou da «fé», ou mesmo que tinham mais de uma definição para cada um desses vocábulos.

2. «Justificação», na epístola de Tiago, segundo nos dizem, inclui o processo inteiro da salvação, ao passo que, em Paulo, envolve apenas a justiça *inicialmente imputada*. (As notas expositivas no NTI sobre Rom. 3:24-28 mostram que o uso que o apóstolo Paulo fazia do termo «justificação» é exatamente igual ao de Tiago, tão amplo como a idéia deste último). A justificação é «de vida» (ver Rom. 5:18), o que certamente envolve mais do que a mera declaração forense de retidão. Tanto Tiago quanto Paulo se preocupam com a «posição correta» diante de Deus, o que resulta na salvação. A justificação é a «declaração» de correta posição, em Cristo; mas também envolve a outorga daquela santidade que ratifica tal posição, tornando-a eternamente válida. Seja como for, o fato de que alguém é «justificado pelas obras», não indica, na epístola de Tiago, que «a fé deve produzir obras em resultado», conforme a questão é popularmente explanada. Mas significa para ele o que é claramente afirmado no texto, que a combinação de «fé e obras» é algo necessário para a justificação, e que a fé não pode ficar de pé sozinha, nesse processo. A fé é «aperfeiçoada» pelas obras (ver Tia. 2:22). Assim também o indivíduo é justificado «por obras, e não somente pela fé» (ver Tia. 2:26). E disso se conclui que a fé «sem obras, é morta» (ver Tia. 2:26).

Afirmar que, na epístola de Tiago, a justificação é vista como *diante dos homens*, mas que, nos escritos paulinos, é *diante de Deus*, é tomar um ponto de vista extremamente superficial do segundo capítulo da epístola de Tiago, que não passa de uma esquiva popular, a fim de obter uma «harmonia teológica» a «qualquer preço», mesmo que esse preço seja a honestidade de interpretação. Notemos que o décimo quarto versículo desse segundo capítulo fala sobre a «salvação». Poderia uma mera fé infrutífera «salvar» a alguém? Notemos, por igual modo, que no vigésimo terceiro versículo deste mesmo capítulo, lemos que a retidão pela qual buscamos é imputada por Deus, e não meramente algo a ser visto pelos homens. Mediante obras de fé, Abraão se tornou o amigo de Deus, e não meramente foi aprovado aos olhos dos homens.

3. Conforme dizem outros, a *fé* é um termo que significa coisas diferentes para os dois autores sagrados. Para Tiago seria o *monoteísmo*, implícito em Tia. 2:19. Mas os intérpretes que dizem isso não observam que o resto do estudo acerca da «fé», mesmo em Tiago, não se limita a isso. A fé é um princípio ativo, copulado às obras que produzem a justificação. «Abraão creu em Deus», e essa «fé» lhe foi «imputada» como justiça (ver o vigésimo terceiro versículo). Certamente isso não pode ser a mera fé de que existe «um só Deus». No judaísmo helenista não havia qualquer conflito entre as obras e a fé, como se as duas idéias tivessem sido postas em oposição uma à outra. Não temos razão de supor que Tiago vai além do contexto judaico helenista, que via tanto a fé como as obras como aspectos necessários à obtenção do favor divino; e, para os judeus, a fé nunca foi a mera aceitação do conceito monoteísta. É verdade, porém, que Tiago nunca aborda a fé como a contemplação da fé na expiação de Cristo, ou da fé como dádiva divina, mediante o Espírito Santo (ver Rom.5:11; Gál. 5:22; Efé. 2:8, quanto a esse elemento, nos escritos de Paulo). Paulo tinha uma visão mais ampla da «fé» do que Tiago; mas a fé, no parecer de Tiago, também consistia na outorga ativa a Deus, um princípio espiritual (como no caso de Abraão), e nunca mera crença de qualquer sorte. Portanto, apesar de haver algumas diferenças acerca do que um e outro pensavam sobre a fé, tais considerações não solucionam a controvérsia, porquanto a idéia central sobre a fé, em ambos, é a mesma coisa. Tiago meramente ensina que a fé deve ser ligada às obras, e assim ele entende que a mesma consiste na lealdade e na obediência à lei mosaica. Ver Tia. 2:8 (Lev. 19:18), 2:9 (Lev. 19:15) e 2:11 (Êxo. 20:13-14). A posição de Tiago **é a do judaísmo comum**, que nunca pensou em uma doutrina que fala em «basta a fé somente». A história da teologia deles é prova clara disso. Por que se pensaria ser estranho que Tiago se colocou na posição judaica normal sobre a questão? É claro que os pontos de vista teológicos comuns do judaísmo não concordavam com a teologia paulina; e por que se pensaria ser estranho que Tiago tenha entrado em contradição com Paulo? Se o judaísmo contradizia a Paulo (e quem pode duvidar disso?), então igualmente o fazia Tiago.

4. As *obras* significariam diferentes coisas para Paulo e para Tiago, segundo alguns afirmam. Uma vez mais, Paulo tinha um discernimento mais profundo sobre a natureza das «obras», corretamente consideradas, do que Tiago; mas ambos usavam o termo, normalmente, com o sentido de obediência à lei mosaica e suas implicações. Tiago insiste que isso faz parte da salvação; Paulo diz que não faz parte. Tiago toma a posição judaica normal de «obras meritórias»; Paulo abandonou tal posição quando recebeu suas revelações superiores da parte de Cristo; mas ambos usaram o termo do mesmo modo. No trecho de Fil. 2:12, Paulo usa a definição «espiritual» da idéia das «obras», o que dá a entender «aquilo que o Espírito Santo realiza em nós»; e na presente instância, a palavra se torna um simples sinônimo da «graça ativa». Esse conceito é explanado em Efé. 2:8, bem como na referência que acabamos de dar. Porém, se Paulo tinha ponto de vista mais elevado sobre o que sejam as verdadeiras «obras espirituais», não é esse o termo que ele aplica nas seções polêmicas de Romanos e de Gálatas. Antes, ele fala ali sobre os «méritos» da obediência legalista, e é exatamente assim que Tiago usa o termo em sua epístola. Esse era o ponto de vista normal sobre as obras, entre os

judeus; eles criam, sinceramente, que um homem obtém o favor divino através da obediência à sua lei. E Tiago compartilha dessa crença. Faltava-lhe revelações cristãs mais elevadas, que poderiam ter modificado sua maneira de pensar. A definição espiritual de Paulo acerca das «obras», que faz delas um sinônimo da «graça» reflete um discernimento acerca do qual não há qualquer traço na epístola de Tiago. Portanto, Tiago nunca quis dizer que «pela operação íntima do poder do Espírito, é formada em vós a natureza moral de Cristo, o que, ato contínuo, expressais a outros homens. Antes, ele falava sobre os méritos produzidos pela obediência à lei. Para Tiago, portanto, as «obras» que justificam são as «obras da observância da lei», que importam em mérito, e não as operações místicas do Espírito no íntimo, e que a passagem de Gál. 5:22,23 denomina de aspectos do «fruto do Espírito».

5. A *contradição* entre Paulo e Tiago seria apenas «aparente», conforme dizem alguns, supondo que isso se devia ao fato de que Tiago não compreendeu corretamente a Paulo. Isso faz supor que Paulo aceitava a posição de Tiago de que a obediência à lei obtém o favor divino, o que é um absurdo. O certo, porém, é que essa é a posição de Tiago na presente epístola. Supostamente incorporada na fé de Paulo havia o princípio das obras; e isso é verdade se estivermos falando acerca das obras místicas do Espírito; mas é algo totalmente falso se falarmos de como a fé se expressa, levando a pessoa a agradar a Deus mediante obras legalistas, que é a posição de Tiago.

6. Antes, a contradição é *real*, entre Paulo e Tiago, porque as posições teológicas dos dois são diferentes, tal como Paulo diferia da posição comum do judaísmo. E isso não pode ser explicado à base da idéia de que Tiago ataca uma *perversão* de idéias paulinas, uma espécie de liberalismo ou antinomianismo extremado, e não a doutrina paulina. É bem possível que muitos tivessem pervertido os ensinamentos paulinos, conforme faziam os gnósticos, que pensavam que aquilo que fizessem com seus corpos não fazia qualquer diferença, pois o espírito continuaria livre de toda a mácula, «por causa da expiação de Cristo». Certamente, Tiago ataca esses extremistas, mas não há evidências de que ele tivesse atacado *somente* a eles. Antes, ele atacava a todos quantos supunham que *basta a fé* para a salvação, sem qualquer alusão à obediência à lei de Moisés como algo necessário. Se ao menos pudermos perceber que Tiago foi apenas um representante do judaísmo, no tocante à fé e às obras ao mesmo tempo, bem como uma expressão do cristianismo legalista, então todos os misteriosos problemas de reconciliação e todas as dificuldades de interpretação se solucionam como que por milagre. Por que suporíamos que quando Tiago escreveu sobre tais questões, e disse a mesma coisa que encontramos nos documentos judaicos, que ele quis dizer algo diferente do que eles diziam? Ora, se ele quis dizer a mesma coisa que eles disseram, então ele discorda de Paulo, que abandonara a teologia judaica, neste ponto. O maior problema de todos, e no qual afundam muitos intérpretes, ao tentarem reconciliar Paulo com Tiago, é que se Tiago e Paulo concordam entre si, então Tiago discordava da teologia judaica. Mas, como poderíamos dizer que Tiago discordava da teologia judaica, quando diz a mesma coisa que disseram vários escritores judeus? Poderia ele dizer as mesmas coisas que eles disseram, sem concordar com eles, entretanto? Tiago disse a mesma coisa que eles simplesmente porque defendia a mesma teologia. E, sustentando a mesma teologia, ele automaticamente contradisse ao apóstolo Paulo. De fato, ele escreveu para deixar bem clara essa contradição.

7. A questão está claramente traçada. Ou Paulo estava com a razão, ou Tiago era quem estava. A salvação ou inclui ou não inclui a observação legalista dos preceitos mosaicos. Em torno disso girava toda a disputa. (Ver Atos 10:9, quanto ao «problema legalista na igreja cristã primitiva»).

8. O ponto de vista do *paradoxo*. De algum modo, tanto Tiago como Paulo estão certos. A salvação vem exclusivamente pela fé, mediante a graça de Deus, demonstrada em Cristo. Contudo, as obras são essenciais a ela. Mas, como esses pensamentos podem ser reconciliados, não sabemos dizer. As grandes tradições religiosas têm defendido ambos esses lados, e fazemos bem em respeitá-los.

9. *Não há qualquer contradição final*. Podemos afirmar que Tiago levanta uma questão vital: sabemos, intuitiva e racionalmente, bem como através da revelação, que devemos «ser alguma coisa» e que devemos «fazer alguma coisa». Sabemos que a fé religiosa deve ser ativa, produtiva e frutífera. Sabemos que a fé deve ser a fonte de um caráter e de ações justas pois, de outro modo, nem será autêntica tal fé, pois a fé consiste na outorga da alma aos cuidados de Cristo, para que primeiramente sejamos transformados segundo sua imagem moral, e então segundo sua imagem metafísica (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18) mediante o que chegamos a compartilhar de toda a plenitude de Deus (Efé. 3:19) e da natureza divina (ver II Ped. 1:4). Assim, se Tiago de fato contradiz a Paulo, por lhe faltarem as revelações maiores que Paulo recebera, Tiago ainda não fora desmamado de Moisés e do legalismo judaico comum; mas, intuitivamente, como todos nós, sabia que deve haver «obras» de alguma espécie, uma revolução e uma renovação morais e espirituais, pois, do contrário, não terá havido salvação. Todavia, Tiago expressou sem habilidade essa «intuição», porquanto ele seguia, naturalmente, expressões legalistas da mesma, devido a seus muitos anos de treinamento no judaísmo.

As obras, se forem consideradas como **obras do Espírito** no íntimo, como o **fruto do Espírito** (ver Gál. 5:22,23), são necessárias à salvação; e assim as «obras se confundem com a graça», pois tais obras são meramente expressões da graça ativa. Porém, se são expressões também são a alma mesma do princípio da graça no íntimo; portanto, são obras de natureza espiritual, e não meramente «resultados» da fé, conforme popularmente é dito. São a «natureza inerente» da graça, que tem por objetivo a transformação do ser humano segundo a natureza moral de Cristo, para que os remidos venham a participar da mesma santidade e das mesmas perfeições que tem o próprio Pai (ver Rom. 3:21; Heb. 12:14 e Mat. 5:48). Podemos dizer, por conseguinte, que Tiago contradiz a Paulo por ter um ponto de vista legalista sobre as obras, e não um ponto de vista «místico». Faltava-lhe aquele discernimento que encontramos em Fil. 2:12,13, por exemplo. Contudo, se lhe faltava tal «discernimento», não lhe faltava a «intuição» que as obras, sob certo prisma, são necessárias à justificação e à salvação. Podemos desculpá-lo por sua maneira desajeitada de expressar essa intuição, porquanto ele levantou uma questão vital, de que muito precisamos na igreja, em nossa época de *crença fácil*. Devemos aprender de Tiago, mesmo que não possamos concordar com sua maneira de exprimir as coisas, que um homem deve revestir-se da imagem de Cristo, duplicando em sua vida a vida de Cristo; é mister que Cristo viva por seu

intermédio; é preciso que obtenha a vitória moral; é necessário que seja transformado, pois, de outra maneira, nem mesmo ter-se-á convertido. Não basta alguém aceitar um credo, para em seguida imaginar totalmente que isso obriga a Deus a aceitá-lo, por causa da «correta opinião» defendida por tal pessoa. Antes, é necessário que a fé nos transforme a vida inteira, espiritualizando-a na direção da imagem de Cristo, formando em nós a vida de Cristo (ver João 5:25,26 e 6:57). «As corretas opiniões nunca podem salvar a quem quer que seja». Tiago diz isso, em efeito, em Tia. 2:19, e em tons sarcásticos. Somente a vida transformada pode conduzir alguém à salvação. (Ver II Tes. 2:13).

10. *Paulo, Tiago e Jesus.* Talvez o problema mais vexatório de todo o N.T., seja o que indaga: «Onde ficaria Jesus, nesta controvérsia?» Visto que ele viveu na terra antes do surgimento do problema, não temos passagens diretas explicando a opinião de Jesus. Apesar de que nas citações que temos da parte dele, parece que Jesus toma a posição judaica ordinária acerca dos meios da salvação, precisamos supor que a Cristo não faltava o discernimento dado a Paulo sobre a questão das «obras espirituais», em contraste com as obras legalistas. Portanto, apesar de que talvez não tivesse usado a mesma terminologia usada por Paulo, podemos ter a confiança de que ele concordaria com a abordagem paulina. O fato de que Paulo pôde afirmar que os demais apóstolos concordavam com ele, acerca da natureza do evangelho (ver Gál. 2:2 e *ss*), capacita-nos a asseverar que Pedro e os demais apóstolos não viam qualquer base de contradição entre o que Paulo ensinava e o que Jesus ensinara. Não há que duvidar que se Paulo tivesse entrado em contradição com Jesus, em qualquer conceito básico, Pedro e os demais apóstolos teriam tomado o lado de Cristo e contra Paulo. Portanto, Cristo deve ter ensinado a seus discípulos qual a natureza real das obras espirituais, contradizendo o ordinário «sistema de méritos» do judaísmo.

Sendo essa a verdade, o fato é que Paulo salientou vários conceitos da verdade espiritual sobre o que Jesus nunca falou a seus discípulos originais (pelo menos de acordo com os registros dos evangelhos). Esses conceitos aumentam grandemente nossa compreensão sobre o destino dos homens em Cristo, sobre a glória que lhes pertence, sobre a magnitude do poder e do desenvolvimento espirituais que existem no cristianismo. Nas revelações de Paulo, o cristianismo deu um prodigioso salto para a frente, em comparação com o pensamento e com a experiência espiritual entre os judeus.

A graça é uma dádiva gratuita que Deus nos confere por intermédio de Cristo. Quando olhamos para a salvação como dom de Deus, falamos em «graça». Mas a graça, quando opera em nós através do poder íntimo do Espírito, pode ser chamada de «obras». Portanto, a graça, vista de dois ângulos diferentes, pode ser chamada de «graça» ou de «obras»; mas, seja como for, tudo vem de Deus, embora deva haver a reação favorável do homem. O legalismo vê um dos lados da questão com plena clareza: sabe que a espiritualidade deve produzir algo. Essa é a contribuição do legalismo. Defronta a «crença fácil», chamando-a de simulacro. No entanto, é míope e tende para a superficialidade, pois normalmente diz que precisamos obedecer aos mandamentos da lei para que se obtenha o «favor» diante de Deus. Esse é o erro do legalismo; e contra isso é que Paulo se opunha amargamente. O legalismo exibe a tendência de apoiar-se no braço da carne, fazendo da salvação uma questão de conta corrente de méritos e deméritos, em vez de reconhecer a espiritualidade do processo da salvação, que envolve a transformação da alma, e não meramente os atos bondosos que uma pessoa pode acumular, através da observância minuciosa dos preceitos mosaicos.

Assim sendo, se podemos fazer com razão objeção à expressão de Tiago cap. 2 que se segue, e que é definidamente *legalista*, paralelo a muito que dizia o judaísmo, não podendo mesmo a passagem ser entendida de outro modo, contudo, seu discernimento não deveria ser ignorado. Ninguém pode ser salvo apenas porque profere com os lábios: «Aceito a Jesus como Salvador», a menos que isso assinale realmente o começo da conversão, o seu primeiro passo, que conduz à santificação autêntica e à transformação moral. A salvação consiste na formação da pessoa de Cristo em nós, e não meramente em dizer: «Eu creio». O Espírito Santo tem de fazer sua obra, de produzir seu fruto, de revolucionar o indivíduo, tornando-o um digno instrumento de seu poder. Notemos que, na passagem de II Tes. 2:13, a santificação é o «próprio meio» da salvação, porquanto, da conversão nos conduz à glorificação. Dizer alguém, *Eu creio*, e então defender um credo ortodoxo, para que seja válido, é necessário que frutifique na forma de verdadeira santificação, o que leva a pessoa a participar de todos os atributos morais de Cristo, incluindo seu amor (ver Gál. 5:22,23). De outra maneira, será mera confissão verbal, mas sem vida, estéril.

OBRIGAÇÃO

Essa palavra portuguesa vem do latim, *obligare*, que é formado por *ob*, «para», e *ligare*, «ligar». A palavra «religião» também está alicerçada sobre essa palavra latina, derivada de *religo*, «amarrar apertado», ou, mais literalmente, «amarrar atrás». Assim, a religião é aquilo que amarra ou prende a consciência. Obrigação é um termo ético que indica que existem certos deveres que o indivíduo precisa cumprir. Dentro da ética, a teoria da obrigação se chama *deontologia* (vide), que vem do grego, *deon*, «obrigação», «necessário». Ver os artigos gerais sobre *Obediência* e *Dever*. As obrigações nós as devemos a Deus, à comunidade dos homens, e a nós mesmos. Há obrigações absolutas e divinas, embora também as haja de natureza pragmática.

OBRIGAÇÃO MORAL

Essa expressão fala sobre os deveres impostos aos homens, que são sentidos como ordens necessárias que levam a atitudes ou atos específicos. Não há que duvidar que a maioria dos homens tem esse sentimento, mas os filósofos e os teólogos não concordam entre si quanto à origem do mesmo. Entre as várias fontes originárias identificadas, temos: os costumes sociais; os estados evolutivos; a voz da consciência; os mandamentos de Deus, através da consciência ou da revelação; as pressões da sociedade; a compulsão dos instintos biológicos, geneticamente controlados; e a busca pela sobrevivência e pelos prazeres.

Quando falamos em obrigação moral, estamos aludindo a um dos mais importantes princípios éticos, o que explica por que esse conceito é tão abrangente e tão variegado quanto a própria ética. Ver o artigo geral intitulado *Ética*. Ver a sua primeira seção, sétimo ponto, quanto a um sumário das principais abordagens.

••• •••

OBSCENIDADE

Essa palavra vem da combinação de duas palavras latinas: *ob*, «para», e *caenum*, «imundícia», portanto, aquilo que tende para a indecência em pensamento, palavras, atos ou representações, como em livros, propaganda, produções teatrais e cinematográficas, etc. Obsceno é aquilo que é ofensivo para os padrões morais das pessoas. Por essa mesma razão, sua definição difere muito de pessoa para pessoa. Aqueles que defendem a idéia falaz de que *o que é deve ser*, dificilmente consideram qualquer coisa obscena. Ver os artigos separados sobre *Censura* e *Pornografia*.

Até bem poucas décadas, a censura não permitia que se exibissem cenas sexuais explícitas, de forma impressa ou em filmes, para nada dizer sobre as produções teatrais. Mas, nestes nossos dias de liberalidade, toda essa censura foi retirada. Assim, o que as pessoas atualmente assistem abertamente nos programas de televisão, sem qualquer objeção da consciência, há poucos anos atrás seria rotulado de obsceno. Isso permite-nos ver que os padrões humanos flutuam; mas os crentes conservadores não vêem razão para supor que a moralidade autêntica exista em estado de fluxo. De fato, indivíduos maus podem ir piorando; as atitudes e definições dos homens podem ir-se modificando; mas não podemos imaginar que outro tanto sucede com os padrões morais divinos. A tolerância para com a corrupção moral não é a mesma coisa que a inocência. Sexo e obscenidade, naturalmente, não são sinônimos, embora muitas pessoas estejam pensando assim. Todavia, o sexo exibido publicamente é ofensivo. O sexo torna-se obsceno quando seres humanos agem como animais. A obscenidade é aquilo que excita indevidamente a concupiscência.

Uma de minhas fontes informativas observa que se uma jovem (há cinqüenta anos atrás) aparecesse em uma praia vestida com um biquini, seria detida. Isso foi escrito antes que as mulheres começassem a aparecer nas praias e em outros lugares públicos, com nenhuma roupa «para cima» e pouca «para baixo». Parece que a única coisa que levaria uma mulher a ser detida, hoje em dia, por atentado ao pudor, seria ela andar pelas ruas inteiramente despida. No entanto, em muitos países, durante o carnaval, isso é o que sucede hoje em dia; mas em vez de serem detidas, as mulheres aproveitam para se exibirem à vontade. Em 1916, no estado norte-americano de Nova Iorque, uma jovem cujo nome era Annette Kellerman, apareceu em uma praia vestida com um maiô de uma peça, que as autoridades de então decidiram que era por demais sumário. E ela foi presa e condenada. No mesmo estado e no mesmo ano, um negociante de obras de arte foi preso por ter exibido a pintura de um nu. Algumas vezes, até hoje, algumas pessoas sentem-se indignadas por verem tais pinturas em lugares públicos; mas isso já não acontece com freqüência. De fato, a nudez, por si mesma, não é obscena; mas a nudez é geralmente calculada para criar a concupiscência; e a moda feminina depende muito desse princípio.

A melhor defesa contra a obscenidade consiste no crente treinar sua mente e consciência com a leitura das Escrituras e com o desenvolvimento espiritual. O indivíduo espiritual haverá de reconhecer a obscenidade, mesmo nos casos em que outras pessoas parecem ter imposto a si mesmas a cegueira.

OBSCURANTISMO

Essa palavra vem do Latim, **obscurus**, «encoberto». Aquilo que é obscuro é o que é oculto, escuro, melancólico, difícil de discernir, indefinido. Na linguagem teológica, o termo é usado para referir-se aos atos que desejam impedir o avanço e propagação do conhecimento, a fim de preservar antigas crenças que fazem as pessoas sentirem um certo conforto mental.

Há muitos métodos obscurecedores. Assim, as pessoas ocultam-se por detrás dos conceitos da ortodoxia e do literalismo; elas armam argumentos inadequados a qualquer custo, até mesmo ao custo da honestidade, a fim de obscurecerem o fato de que suas crenças envolvem problemas. Pelo menos durante algum tempo, as tradições mostram-se mais fortes que a verdade.

OBSESSÃO

Esta palavra vem do latim, **ob**, «contra», e **sedere**, «sentar-se». Assim, está em foco a idéia de atacar, de assediar. Mas, na linguagem popular, uma obsessão é algum desejo poderoso, constante e dominador, de alguém ser ou fazer alguma coisa. É possível uma pessoa ter boas ou más obsessões, tudo dependendo das motivações, métodos e alvos. Em tempos passados, o vocábulo **obsessão** era usado como virtual sinônimo de possessão demoníaca, algumas vezes da variedade menos grave, em contraste com a possessão. Na psiquiatria, a obsessão é uma compulsão que não pode ser controlada pela racionalidade. As obsessões, de acordo com os psiquiatras, são impulsos internos que foram reprimidos, mas que agora contra-atacam vigorosamente. Apesar da maioria das obsessões consistir em impulsos puramente psicológicos, a *possessão demoníaca* (vide) é uma temível realidade. E isso significa que certas obsessões são causadas por poderes externos ao indivíduo afetado.

OCASIONALISMO

Ver o artigo separado sobre o *Problema Corpo-Mente*, seção V, onde oferecemos uma completa discussão a respeito do ocasionalismo.

OCINA

O trecho de Judite 2:28 (um livro não-canônico do Antigo Testamento) menciona essa localidade em conexão com a campanha de Holofernes na Síria. Ocina seria uma cidade costeira, um tanto ao sul de Tiro. Tem sido tentativamente identificada com as modernas cidades de Sandálio (Tsakanderum) e Aco; mas essas identificações estão longe de ser comprovadas.

ÓCIO (OCIOSIDADE)

Ver o artigo separado, **Ócio (Usos Legítimos do)**.

Ver também sobre *Preguiça*. Provérbios 19:15 é trecho que se insurge contra esse vício. «A preguiça faz cair em profundo sono; e o ocioso padecerá fome». O termo grego *argos* tem um uso variegado, referindo-se àquilo que é fútil ou à palavra vazia, da qual devemos prestar contas (Mat. 12:36). Também alude àqueles que não trabalham, ou por causa de preguiça ou por falta de oportunidade (Mat. 20:6). O trecho de 1 Tim. 5:13 mostra-nos que a preguiça leva a outros pecados, como o da maledicência.

«A ociosidade é o refúgio das mentes fracas, o feriado dos insensatos» (Lord Chesterfield, *Cartas*).

«A ausência de ocupação não importa em descanso, e uma mente vazia é uma mente oprimida» (William

Cooper, *Retirement*).

«Na civilização não há lugar para o ocioso» (Henry Ford).

«Dentre todas as nossas faltas, aquela que desculpamos mais facilmente é o ócio» (François de la Rochefoucauld, *Máximas*).

«Pois Satanás ainda encontra malefícios para serem feitos pelas mãos ociosas» (Isaque Watts, *Divine Songs*).

«Vai com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio» (Pro. 6:6).

«É característica do homem superior que ele não se entrega ao lazer prejudicial». (Confúcio, *Livro de História*, 551 — 478 A.C.).

«Ser capaz de preencher inteligentemente o lazer é o último produto da civilização». (Vertrand Russell, *Conquest of Happiness*).

«A preguiça anda tão devagar que a pobreza não demora a alcançar o preguiçoso». (Benjamim Franklin. *Poor Richard's Almanac*).

••• ••• •••

«O homem sem ambição é como a mulher sem beleza». (Frank Harris).

«O homem bem qualificado em seu ofício jamais sente falta de trabalho». (Thomas Jefferson).

Mas onde gastaríamos o excesso de tempo
No ócio, enquanto a batalha ruge ao redor?
Repreender é pouco. No lazer lançamos
Escárnios uns contra os outros, até que um navio que precisa
De cem remos para operar, afunde sob o peso da carga.
A língua do homem é volúvel, tem palavras
Para todo o tema, não lhe falta longo e espaçoso campo;
Mas, conforme ele falar, assim também ouvirá.
(Homero, *Iliada*, xx.5.244-250).

O trabalho mais duro é o de não fazer nada. Assim como a glória de uma mulher é a sua beleza, assim a glória de um homem é o seu trabalho. Sentimos instintivamente que podemos pecar simplesmente fazendo coisas erradas, mas também não fazendo nada. O tempo é uma possessão muito valiosa, e somos obrigados a usá-lo corretamente. Isso deve começar com a preparação para alguma espécie de missão na vida. Tendo atingido as condições necessárias para trabalhar, devemos cumprir nossas missões, com todas as nossas forças.

Referências Bíblicas. — Ver os textos bíblicos seguintes, sobre o assunto da **preguiça**: Juí. 18:9; Pro. 12:24,27; 15:15,19; 18:9; 19:24; 21:25; 22:13; 24:30; 26:13-15; Mat. 25:26; Rom. 12:11; Heb. 6:12.

Escreveu Paulo: «Não sejais remissos» (Rom. 12:11), referindo-se, especialmente, à maneira como conduzimos a nossa fé religiosa. Não devemos ser lerdos, indiferentes, preguiçosos, hesitantes ou atrasados no cumprimento de nossos deveres, conforme indica a palavra grega por detrás da tradução «remissos». «Não podemos ser preguiçosos em nossas atividades e em nosso desenvolvimento espiritual, e nem podemos ser tardios em nossa atenção para com as coisas espirituais». Paulo recomenda que tenhamos um espírito fervoroso, e não preguiçoso, o que resultará em bom serviço prestado ao Senhor. Apolo foi chamado de homem «fervoroso de espírito» (Atos 18:25), por causa de seus enérgicos esforços em prol do evangelho de Cristo.

«O zelo, em nossos deveres cristãos, é o resultado natural de nosso amor cristão, que, no devido tempo, fomenta o zelo» (Sandley e Headlam, comentando sobre Rom. 12:11).

ÓCIO (USOS LEGÍTIMOS DO)

Ver os artigos separados *Ócio, Ociosidade* e *Preguiça*, os quais descrevem o lado negativo da questão.

As pessoas comuns, em nossa época, têm mais tempo vago do que nas gerações passadas. A revolução industrial e o poder das uniões trabalhistas têm conseguido reduzir o tempo em que as pessoas trabalham semanalmente. Além disso, em vários países, recebem a remuneração correspondente ao fim de semana. Já faz tempo que o regime de quarenta horas semanais de trabalho foi estabelecido nos Estados Unidos da América do Norte; mas há países em que só se trabalham quatro dias por semana. Ora, à medida que aumenta o tempo livre, torna-se uma questão moral como esse lazer é utilizado. Isaque Watts advertiu nestes termos:

«Satanás sempre acha alguma maldade
Para ser feita por mãos ociosas».
(Cânticos Divinos).

A Bíblia fornece-nos muitas sugestões quanto ao uso apropriado do tempo, incluindo o lazer.

1. *A regra geral* diz: «E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai» (Col. 3:17).

2. No âmago de qualquer questão que afeta a um crente, está o fato de que *Jesus é o Senhor*. Esse fator deveria governar todas as nossas atividades, incluindo aquelas que envolvem nosso tempo livre.

3. A *adoração* é uma excelente atividade para usarmos em nosso tempo livre.

4. O *descanso* é necessário para restaurar corpos e mentes cansados (ver Êxo. 20:8-11; 31:12-17).

5. *Serviço*. Um homem benévolo sempre descobrirá atos de caridade que poderá realizar. Ele mostrar-se-á liberal com seu tempo e dinheiro. O sexto capítulo do livro de Atos provê um exemplo sobre isso. Ver também I Ped. 4:9.

6. O *evangelismo* é uma atividade individual e coletiva, que pode ocupar uma boa parte de nosso tempo livre. Ver Mat. 28:18-20.

7. *Saúde*. O trecho de I Tim. 4:7-9 mostra-nos que o exercício físico, embora inferior às atividades espirituais, é algo bom e proveitoso. O ideal grego de mente sã em corpo são nunca foi lançado no descrédito.

8. *Vocações criativas*. As pessoas podem aprender música, artes, uma grande variedade de assuntos, ou habilidades que tornam a vida mais interessante. O rei Davi inventava instrumentos musicais (Amós 6:5).

9. As *diversões*, com freqüência, levam-nos a práticas pecaminosas, embora existam diversões positivas e úteis. Jesus veio «comendo e bebendo», pelo que não era um homem dado ao ascetismo. Ver o artigo separado intitulado *Diversões*, que descreve a utilidade das diversões e os vícios que podem acompanhá-los.

O egoísmo, o enfado e a falta de visão podem fazer as pessoas usarem o seu tempo vago de maneiras erradas. No primeiro capítulo do livro de Ageu aprendemos que pessoas que tinham muito tempo vago e dinheiro estavam construindo residências luxuosas, ao mesmo tempo que o templo jazia arruinado. A sabedoria humana, os prazeres, o dinheiro e o galhofa podem produzir somente o enfado e a frustração, se, paralelamente a isso, as coisas espirituais não forem respeitadas e promovidas,

conforme somos ensinados em Ecl. 12:1: «Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias maus, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer...»

OCKHAM, NAVALHA DE

Ver sobre *Navalha de Ockham*.

OCKHAM, WILLIAM DE

Suas datas foram 1280-1349. Ele foi um filósofo escolástico inglês. Nasceu em Ockham, Surrey. Educou-se em Oxford. Tornou-se membro da ordem dos franciscanos. Apresentou preleções em Oxford e em outros lugares; tornou-se o chanceler de Oxford. Mostrava-se poderoso e popular em suas conferências. Foi acusado de heresia quanto a vários pontos. Foi a Avignon a fim de ser julgado pelas autoridades eclesiásticas, mas, embora esses julgamentos se arrastassem por vários anos, não produziram resultados contra ele. Então, surgiu uma segunda questão. O papa João XXII desafiou a doutrina franciscana da pobreza apostólica. Ockham opôs-se ao papa quanto a esse particular, e foi forçado a fugir para escapar com vida. O imperador da Bavária, Louis, acolheu-o e protegeu-o. Posteriormente, porém, ele foi excomungado. Estabeleceu-se em Munique, na Alemanha, de onde atacou o papa, afirmando que não mais merecia o pontificado. E mesmo após a morte de João XXII, Ockham continuou atacando papas, sediados em Avignon. Aparentemente, Ockham morreu da peste negra.

No campo da filosofia, Ockham é lembrado principalmente como um campeão do *nominalismo* (vide). Ver o artigo geral sobre os *Universais*, nessa conexão.

Idéias:

1. Muito da obra de Ockham girou em torno do campo da lógica. Ele escreveu comentários sobre a lógica e a física de Aristóteles. Por essa razão, o escopo da filosofia dele ultrapassa ao escopo da presente enciclopédia. Isso posto, limito-me àquelas idéias que têm algo a ver com a fé religiosa.

2. Seu desejo de simplificar a filosofia escolástica fê-lo pender na direção do ceticismo. Ele negava a existência de espécies intencionais; a distinção entre essência e existência; e as doutrinas de Tomás de Aquino de intelecto ativo e intelecto passivo.

3. No terreno da ética ele era um voluntarista. Ver sobre o *Voluntarismo*. O certo e o errado dependem da *vontade* de Deus. O que racionalizamos como certo e errado talvez seja inútil. Todavia, os poderes racionais humanos normalmente concordam com os ditames da vontade de Deus.

4. Ele negava a validade das provas racionalistas da existência de Deus, embora aceitasse a existência de Deus mediante a fé.

5. *Nominalismo*. Essa é a idéia que mais nos lembra acerca de Ockham. Ele abandonou os universais (idéias, formas) de Platão como entidades, preferindo falar em termos como bondade, justiça, etc., como termos da linguagem. Mas isso removeu um bom discernimento filosófico que tem sido usado para expressar a fé cristã, e, de fato, tem preparado o caminho para uma abordagem mais científica do conhecimento.

6. *A Navalha de Ockham*. Ver o artigo com esse nome. Ockham recomendava que não devemos multiplicar entidades a fim de chegar a definições e de expressar conhecimentos. Mas isso deixava de lado as idéias complexas dos *universais* (vide) como entidades. Mas preparou o caminho para o conceito de que a explicação de alguma coisa, quanto mais simples, melhor. Contudo, nem sempre a verdade é assim tão simples. Ockham, pois, promoveu uma antiga versão do princípio da parcimônia.

7. O uso dessa navalha metafórica, aplicada aos princípios da metafísica e do conhecimento: «Ockham usava constantemente esse princípio. Contra aqueles que se apegavam à analogia do ser, Ockham argumentava que o conceito de ser é unívoco, podendo ser predicado a Deus e à criação, no mesmo sentido, embora as duas coisas possam ser ou substancialmente semelhantes ou acidentalmente semelhantes. Ele compreendia o termo *substância* no sentido da substância primária de Aristóteles, ou seja, o sujeito individual de qualidades, de tal modo que uma substância corpórea é o sujeito individual de qualidades sensíveis. Ele encarava a matéria não como pura potencialidade (conforme dizia Aristóteles), e, sim, como corpo dotado de partes especialmente distinguíveis. Ele via a forma como a estrutura das partes materiais. Ele achava que a causa eficiente é a mais útil das causas postuladas por Aristóteles, e pensava que a causa final é apenas uma metáfora. Ele não achava razão compelidora para aceitar a existência de um intelecto ativo; esse não seria necessário para explicar a formação dos conceitos universais; mas, nesse caso, conforme ele dizia, ele aceitava tal idéia com base na autoridade dos santos e dos filósofos. O esforço em direção à simplificação levou-o na direção de uma abordagem positivista» (P). Ver o artigo separado intitulado *Intelecto*, quanto a explicações necessárias sobre certas declarações acima.

8. *A Intuição*. Ockham acreditava na realidade e confiabilidade das funções intuitivas humanas, mediante as quais uma pessoa pode ter um conhecimento imediato, sem o concurso dos sentidos e da razão. Certas proposições são auto-evidentes e não precisam de qualquer investigação, como as proposições da matemática, da lógica e das ciências naturais. Essas proposições são chamadas *per se nota*. Mas outras proposições são categorizadas como *nota per experientiam*, isto é, tornam-se evidentes através da experimentação. Nesse caso, lançamos mão da indução, para chegar ao conhecimento. Porém, a indução repousa sobre a aceitação intuitiva da *constância* das leis naturais. As experiências sempre produzirão os mesmos resultados. A intuição também fornece-nos a Idéia Divina, isto é, Deus existe.

9. Ockham criticava os argumentos tradicionais em favor da existência de Deus, preferindo abordar a questão mediante a teologia revelada (isto é, revelação e fé na revelação). Ele percebia algum valor no argumento com base na idéia de *conservação*. A fim de que as coisas sejam conservadas (como no caso do mundo criado), é mister a existência de um *Conservador*. É impossível concebermos em uma infinita série de conservadores, pelo que, logicamente, temos de idealizar um Único. Todavia, nesse raciocínio podemos encontrar falhas. Pois não podemos ter a certeza se nosso Conservador é o Deus supremo, sobre o qual falamos por meio da fé.

10. *As Duas Ordens*. Deus estabeleceu duas ordens de coisas: a ordem da natureza e a ordem da graça. O conhecimento da primeira ordem vem através da observação e da experimentação. E o conhecimento da segunda ordem de coisas vem por meio da fé naquilo que nos foi revelado. Desse modo, Ockham preservava a independência da teologia, em relação à ciência e à filosofia. Mas, todas as coisas dependem da vontade de Deus, segundo ele argumentava.

11. *A União do Intelecto com a Vontade*. Ockham não distinguia esses dois atributos de Deus e dos homens. Ele chamava o homem de *suppositum intellectuale*, isto é, um ser completo racional, um ser completo dotado de intelecto-vontade, como uma capacidade única, e não como duas capacidades, o intelecto e a vontade.

12. *A Liberdade da Vontade*. O homem é um ser independente e criativo, que verdadeiramente arma circunstâncias, em vez de meramente ser vítima das circunstâncias. A vontade humana é poderosa, e pode tanto seguir quanto contradizer a razão, levando o homem a alvos que ele sinta ser desejáveis.

13. *O Futuro é Contingente*. Ockham acreditava tanto no livre-arbítrio humano que pensava que o futuro é contingente. Assim, para ele, Deus conhece os eventos futuros, que são contingentes de acordo com a vontade humana; mas esse conhecimento de Deus não atua como um poder coercivo. Deus sabe que os homens agirão livremente. Contudo, Ockham não pretendeu dizer-nos como isso pode suceder. Mas Agostinho supôs corretamente que se Deus prevê que agiremos de modo livre, então temos vontade, e o livre-arbítrio humano não é contradito pela presciência divina.

14. *A lei moral* repousa sobre a vontade de Deus, e a vontade que raciocina normalmente concorda com os princípios envolvidos; mas a vontade de Deus é suprema em qualquer caso.

15. *Governo*. O livre-arbítrio requer que os homens possam escolher seus dirigentes de forma democrática. Todos os governantes, civis ou eclesiásticos (incluindo os papas), deveriam ser eleitos. Quanto ao governo eclesiástico, ele propunha uma democracia representativa.

OCKHANISMO

Esse é o nome da filosofia e do movimento de pensamento iniciado por *William de Ockham* (vide). Os elementos dessa posição eram: crítica ao escolasticismo tradicional, ênfase sobre o empirismo, a fé religiosa com base na revelação, independente tanto da filosofia quanto da ciência. Os principais filósofos-teólogos desse movimento foram Nicolas de Autrecort, Jean Buridan, Gregório de Rímini e Jean Gérson. Seus maiores centros eram Oxford e Paris, no século XIV.

OCRÃ

No hebraico, «criador de confusões». Esse era o nome do pai de Pagiel, o qual foi um dos líderes da tribo de Aser, quando Israel vagueava pelo deserto. Ver Núm. 1:13; 2:27; 7:72,77; 10:26. Ele viveu em torno de 1438 A.C.

OCULTISMO

Essa palavra deriva-se do latim, **occultus**, «encoberto», de *occulere*, «cobrir», «ocultar». Uma *definição mais lata* inclui muitas coisas: misticismo, artes mágicas, adivinhação, espiritismo, doutrinas esotéricas das religiões místicas, e até mesmo doutrinas difíceis de entender, do judaísmo e do cristianismo. Uma *definição mais estreita* aplica esse vocábulo somente a questões não-cristãs, mas que envolvam o que é místico, psíquico, mágico ou mesmo demoníaco. De acordo com as crenças de certas pessoas, a alquimia e a astrologia são incluídas nessa definição mais estreita. Ver o artigo separado intitulado *Adivinhação*.

Algumas pessoas temem qualquer coisa desconhecida, ou que tenha a ver com fenômenos psíquicos. Assim, a própria *parapsicologia* (vide) tem sido ridiculamente classificada como um ocultismo no sentido negativo, como se houvesse algo de ruim nos fenômenos psíquicos. Mas a ciência tem podido demonstrar adequadamente que todas as pessoas possuem habilidades psíquicas. De fato, sem a psícocinese (a capacidade da mente manipular a matéria), seria impossível à alma humana, imaterial como é, habitar em um corpo e manipulá-lo como seu veículo de manifestação. Os estudos sobre os sonhos mostram que todas as pessoas são capazes de prever o futuro, até mesmo quanto a pequenos detalhes. As provas em favor da telepatia são avassaladoras. Portanto, faremos bem em não ser por demais bitolados em nossa maneira de pensar, classificando as coisas como pertinentes ao ocultismo, quando, na realidade, fazem parte da natureza humana.

Por outra parte, há um ocultismo genuinamente maligno, conforme fica demonstrado em artigos desta enciclopédia como *Possessão Demoníaca* e *Demônios*.

OCUPAÇÕES, PROFISSÕES

Ver sobre *Artes e Ofícios*.

ODEDE

No hebraico, **reiteração**. Talvez uma referência à idéia de «mais um filho». Há duas pessoas com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O pai de Azarias, o profeta que saiu ao encontro de Asa, quando ele voltou da sua vitória sobre os etíopes (ver II Crô. 15:1). O oitavo versículo desse capítulo atribui o discurso a «Odede», sendo esse um erro primitivo (ou original), ou um erro escribal. A tradução inglesa RSV (bem como a nossa versão portuguesa) corrige isso, dizendo «a profecia do profeta, filho de Odede». O *texto massorético* (vide) sem dúvida labora em erro neste ponto.

2. Um profeta que protestou, com êxito, contra o fato de que Peca escravizara a certos judaítas, no tempo de Acaz, rei de Judá (II Crô. 28:8-15). Os cativos foram então alimentados, vestidos, ungidos e devolvidos a Jericó; e assim a justiça foi servida, o que é raramente feito em tempos de guerra. Isso aconteceu por volta de 735 A.C.

ODIN

Uma divindade adorada na antiga Suécia. que fazia parte de uma tríada de deuses. É incrível quantas tríades divinas existem nas teorias religiosas das culturas mais variadas. Ver sobre *Tríades Divinas*.

ÓDIO

Esboço:

I. Palavras Empregadas: Significação
II. Coisas Odiadas com Razão
III. O Caráter e as Obras do Ódio
IV. O Ódio em I João 4:20
V. O Ódio Exemplificado em Personagens da Bíblia
VI. O Ódio Divino
VII. O Ódio e a Possessão Demoníaca

••• ••• •••

I. Palavras Empregadas: Significação

A palavra hebraica mais comum para indicar o **ódio**

é *sane*, que ocorre no Antigo Testamento por cerca de cento e quarenta vezes, desde Gên. 24:60 até Mal. 2:16. E o termo grego é *miseo*, «odiar», que aparece por trinta e nove vezes no Novo Testamento: Mat. 5:43; 6:24; 10:22; 24:9,10; Mar. 13:13; Luc. 1:71; 6:22,27; 14:26; 16:13; 19:14; 21:17; João 3:20; 7:7; 12:25; 15:18,19,23,24; 15:25 (citando Sal. 69:5); 17:14; Rom. 7:15; 9:13 (citando Mal. 1:2,3); Efé. 5:29; Tito 3:3; Heb. 1:9 (citando Sal. 45:8); I João 2:9,11; 3:13,15; 4:20; Jud. 23; Apo. 2:6; 17:16; 18:2.

Essas palavras projetam idéias como aversão, hostilidade, desdém, malignidade, malquerença, etc. O ódio é uma das emoções básicas, sendo verdadeiramente universal. Para o crente, especialmente, há alguns objetos que podem ser legitimamente odiados, como a idolatria, o pecado, em todas as suas manifestações, a adoração insincera e distorcida, etc. Usualmente, porém, o ódio faz parte da natureza carnal e corrupta do homem, embora, por muitas vezes, seja apresentado como se fosse um nobre sentimento. O ódio, normalmente é uma forma maligna de má vontade, algumas vezes vinculado ao temor de que o objeto odiado seja capaz de prejudicar a quem o odeia. A ira quase sempre é um elemento que faz parte do ódio.

II. Coisas Odiadas com Razão

Lemos que Deus odeia ao mal (Pro. 6:6); e os justos fazem bem em fazer a mesma coisa (Sal. 97:10). Davi declarou que obtinha entendimento por meio dos preceitos divinos, e assim ele odiava a todo caminho falso (Sal. 119:104). Quase todos nós somos muito seletivos sobre as formas de mal que abominamos. Amamos a certos males; e a outros, odiamos, dependendo do estágio de desenvolvimento espiritual a que já tenhamos chegado. Devemos odiar a idolatria (Deu. 12:31), como também a adoração sem sinceridade (Amós 5:21-23). Devemos odiar àquelas coisas que ameaçam a integridade espiritual da comunidade espiritual (Mal. 2:16), como a mentira (Sal. 119:163) e o desvio (Sal. 101:3). Os malfeitores são odiados (Sal. 5:5). Tudo isso reflete a atitude do Antigo Testamento. As próprias pessoas não devem ser odiadas, mas as coisas que elas fazem, quando são más, devem sê-lo (Judas 3; Apo. 2:6).

III. O Caráter e as Obras do Ódio

O ódio já é homicídio, e leva à prática do mesmo (Mat. 5:21,22; I João 3:15). O ódio é uma das obras da carne, pelo que é contrário às virtudes cultivadas pelo Espírito, principalmente ao amor, que é o seu oposto (Gál. 5:20). Com freqüência, o ódio oculta-se por detrás de uma capa de engano (Pro. 10:18; 26:26). O ódio provoca a contenda (Pro. 10:12); amargura a vida do indivíduo (Pro. 10:12); não é coerente com o conhecimento de Deus (Rom. 1:30); é contrário ao amor divino (I João 4:20), e, assim sendo, caracteriza aos incrédulos, da mesma forma que o amor é o principal sinal dos remidos (I João 4:7 ss.). O ódio milita contra Deus (Rom. 1:20), contra Cristo (João 15:26), contra o Pai e contra o Filho (João 15:23,24). O povo de Deus é odiado pelos que não são de Cristo (João 15:18). Aqueles que perseverarem no ódio, serão fatalmente castigados (I Cor. 15:25; Heb. 10:28-31).

IV. O Ódio em I João 4:20

I João 4:20: *Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu.*

(Ver o artigo sobre *Mandamento, o Novo*). O amor fraternal nos é aqui recomendado, aquele que odeia a seu irmão acha-se em «trevas», isto é, pertence à «maldade cósmica», sendo participante da rebelião geral ou universal. Encontra-se espiritualmente «cego» (ver I João 2:11). Caim odiou a seu irmão, Abel, e terminou por matá-lo (ver I João 3:12 e *ss*). Ele nos mostrou o que é o ódio, e para onde o mesmo nos conduz. Por outro lado, o indivíduo que «passou da morte para a vida» ama a seus irmãos, não o fazendo, contudo, os que permanecem na «morte espiritual», porquanto ainda não nasceram de Deus em qualquer sentido. (Ver I João 3:14). Sabemos quando temos começado a participar do amor divino, quando começamos a amar aos irmãos, porquanto o Espírito se movimenta em nós a fim de nos inspirar nesse caminho (ver I João 3:14). O ódio é assassínio, do ponto de vista espiritual (ver I João 3:15 e Mat. 5:21,22). O amor, por outro lado, está associado à outorga de uma vida superior e desde agora nos podemos ocupar do mesmo.

E odiar a seu irmão, é mentiroso. Tal indivíduo não pode amar a Deus, que está distante, se odeia ao homem, criatura de Deus, criada segundo a sua imagem, sobretudo se tratar-se de um crente, que já começou a participar da própria vida de Deus, trazendo a imagem do Filho, que nos está bem próxima. Tal indivíduo não pode amar ao Criador, se odeia à sua criatura. Aquele que odeia, portanto, é um «mentiroso», se disser que ama a Deus. Amamos a Deus amando ao próximo (ver Mat. 25:35 e *ss*). Somente através da ascensão mística exaltada da alma (que ultrapassa a capacidade da maioria dos homens) é que alguém pode amar diretamente a Deus. Normalmente, Deus é amado por ser amado através de suas criaturas, porque são amados aqueles que estão sendo transformados segundo sua imagem. Esse tipo de amor é possível a todos os homens. Se alguém compartilha da natureza moral de Deus, mediante o novo nascimento, não pode odiar à criação de Deus.

Aquele que *odeia* tem as seguintes características:

1. Está envolvido pelas «trevas» e cativado pela malignidade cósmica (ver I João 2:11).

2. Está cercado de armadilhas e tropeços, por ter uma personalidade corrompida (ver I João 2:11), que é prejudicial a outros, e não benéfica.

3. Está cego (ver I João 2:11).

4. Seus pecados não estão perdoados; não é pessoa convertida (ver I João 2:12).

5. Não tem comunhão com a luz de Deus (ver I João 2:10).

6. A obra de transformação segundo a imagem de Cristo ainda não obteve nele qualquer fruto, o amor não está nele aperfeiçoado (ver I João 4:12).

7. Por conseguinte, tal indivíduo não desfruta da presença habitadora do Espírito Santo (ver I João 4:13).

8. Não desfruta de comunhão mística com Deus, Deus não permanece nele (ver I João 4:16).

9. Vive assaltado de temores, e com toda a razão, porquanto anseia devido ao juízo vindouro (ver I João 4:17,18).

10. Finalmente, conforme nos diz o apóstolo, esse indivíduo é um «mentiroso». Por conseguinte, pertence a Satanás, que lhe é pai, pois Satanás foi mentiroso desde o princípio (ver João 8:44, que afirma: «porque é mentiroso e pai da mentira»).

A polêmica. Tal como antes, esta passagem ataca os falsos mestres gnósticos, os cismáticos que não sabiam o que é amar, que prejudicavam ao cristianismo com suas doutrinas e práticas imorais. Odiavam aos irmãos e provocavam dissensões, divisões e ódio no seio da igreja. Punham violentamente de lado o «novo mandamento» do amor

fraternal.

Não ama... a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê... É fato bem conhecido e universalmente demonstrado todos os dias que amamos aqueles que nos são mais íntimos, que fazem parte de nossa vida.

«*Senhor, disse eu,*
Eu nunca poderia matar a outro homem;
Crime tão grande que é próprio das feras,
é uma excrescência repelente de uma mente maldita,
um ato ultrajante do tipo mais vil.

Senhor, disse eu,
Eu nunca poderia matar a outro homem;
Um ato desprezível de ira sem misericórdia,
um golpe irreversível de inclinação perversa,
um ato inconcebível de ímpio desígnio.

Diz-me o Senhor,
Uma palavra ferina, lançada contra a vítima que desdenhas,
É um dardo que inflige uma dor sem misericórdia.
A *maledicência* ataca um homem pelas costas,
um ato covarde do qual não te poderás retratar.
O ódio em teu coração, ou a inveja a levantar a feia cabeça,
É o desejo secreto de ver alguém morto».
(Russell Champlin).

Católicos mataram protestantes, e protestantes tiraram a vida de católicos, e ambos se têm voltado contra os judeus e os têm assassinado, todo o tempo atribuindo ao Deus dos cristãos a inspiração de tão grande malícia. Tão profunda é a cegueira e a perversidade do homem!

Quiçá o pior de tudo quanto sucede na questão que ora debatemos é que as diversas culturas, ao imaginarem seus *deuses* de conformidade com a sua impiedade, registram tais conceitos permanentemente em seus livros sagrados, fixando-os nessas culturas. O resultado é que as gerações sucessivas, lendo e estudando esses registros, e considerando-os livros inspirados e sem erro, atribuem o caráter mais horrendo e bestial aos seus «deuses». Tudo isso tem servido de grave injúria contra a *busca espiritual* autêntica.

V. O Ódio Exemplificado em Personagens da Bíblia

Caim tinha ódio no coração (Gên. 4:5); também Esaú (Gên. 27:41) e os irmãos de José (Gên. 37:4); os habitantes de Gileade (Juí. 11:7); Saul (I Sam. 18:8,9); Acabe (I Reis 22:8); Hamã (Est. 3:5,6); os inimigos dos judeus (Est. 9:1,5; Eze. 35:5); os adversários de Daniel (Dan. 6:4-15); Herodias (Mat. 14:3,8); os judeus (Atos 23:12,14); o mundo inteiro (João 7:7).

VI. O Ódio Divino

Como é óbvio, Deus odeia o mal (Pro. 6:6). Porém, quando lemos na Bíblia que ele aborreceu a Esaú e que amou a seu irmão, Jacó (Mal. 1:3; Rom. 8:12,13), então já entramos naquele problema que circunda a questão do determinismo versus o livre-arbítrio. Os intérpretes muito se têm esforçado para fazer esses trechos bíblicos amoldarem-se àquilo que eles já compreendem sobre a natureza e o amor de Deus. Daí surgem idéias como aquelas que enumeramos abaixo:

1. O termo «ódio» é *antropomórfico*, que devemos entender metaforicamente, e não em termos reais do ódio humano. Penso que essa é a resposta certa. Os homens aplicam às palavras de Deus sentidos que lhes são significativos, por causa de suas próprias naturezas emocionais; porque é difícil imaginarmos Deus sujeito ao mesmo tipo de natureza emocional que os homens têm. Porém, penso que os autores que aplicaram o termo *ódio* a Deus, no tocante, por exemplo, a Esaú, estavam pensando em termos de simples ódio, sem qualquer alusão a idéias antropomórficas. Visto que os intérpretes insistem em aplicar emoções humanas a Deus, em sua forma humanizada de teologia, ainda outras interpretações têm aparecido, segundo se vê nos dois outros pontos, abaixo:

2. Esse «ódio» seria simples rejeição, ou não eleição.

3. Esse «ódio» deveria ser entendido comparativamente, como um *amor inferior*, ou como menor interesse, ou mesmo como total ausência de interesse pelos odiados.

Minha opinião pessoal é que esses versículos têm uma visão míope do amor de Deus, deixando de perceber que esse amor tem uma aplicação universal, de tal modo que haverá uma *restauração* geral (vide). Meu artigo sobre esse assunto mostra que o *amor* de Deus, finalmente, haverá de prevalecer, ainda que comparativamente poucos terminem *remidos*. Estou convencido de que a antiga idéia do *ódio a Esaú* foi ultrapassada, na própria revelação bíblica, por um novo e mais amplo evangelho, uma mensagem que não foi antecipada no Antigo Testamento, e nem mesmo nos primeiros livros do Novo Testamento. Na verdade, o ódio divino, visto ser ativo e visto que impõe *juízo*, exprime o seu amor, já que o próprio julgamento tenciona trazer uma grande bênção aos perdidos (ver I Ped. 4:6). Sem dúvida os atos de Deus, em *todas* as suas formas, incluindo o seu ódio no julgamento contra o mal, fazem parte do mistério de sua vontade (Efé. 1:9,10), o que criará uma unidade universal, em torno da pessoa do Logos (Cristo), em última análise. Ver o artigo separado sobre os *Vícios*. Ver também sobre o *Amor*.

VII. O Ódio e a Possessão Demoníaca

O **amor** é a prova da verdadeira espiritualidade. Contrariamente, o **ódio** facilita a possessão demoníaca. Sem o **ódio**, ela praticamente não pode existir.

ODIUM THEOLOGICUM

Tanto é o ódio gerado pelas controvérsias teológicas (contrário ao maior dos conceitos teológicos, o *amor*) que foi cunhada essa expressão latina, a qual significa «ódio teológico», a fim de caracterizar esse fenômeno.

Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
Com línguas de vileza,
...por causa de...
«Teologia».
(Russell Champlin).

Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, *livra-nos!*
(Arthur Ford).

ODOMERA

Esse era o nome de um líder beduíno que foi derrotado por Jônatas Macabeu, em uma batalha descrita no livro apócrifo de I Macabeus 9:66. Ele deve ter vivido em cerca de 156 A.C.

ODOR

1. No Antigo Testamento

No hebraico, **nihoah**, «repousaste». Ver Lev. 26:31; Dan. 2:46. A referência é ao incenso, o qual, presumivelmente, confere àquele que o usa, uma atitude pacífica ou descansada. Vários odores são mencionados nas páginas do Antigo Testamento. Assim, uma palavra hebraica genérica é *raiach*, que dá a entender qualquer odor ou aroma. Ver Gên. 27:27; Êxo. 30:38; Sal. 45:8; Can. 1:12; 2:13; 4:10; 7:8; Isa. 3:24; Dan. 3:27. Nessas referências há menção a vários tipos de cheiros. Outra palavra hebraica, *ruach*, significa, basicamente, «respiração», «refrigério». Ver, por exemplo, Gên. 8:21; 27:27; Êxo. 39:38; Lev. 26:31; Deu. 4:28; Jó 39:25; Sal. 115:6; Amós 5:21. No livro de Gênesis, conforme pensam alguns intérpretes, o sentido dessa palavra é o de «aplacamento». Uma antiga idéia era que os deuses eram aplacados quando sentiam o odor dos sacrifícios que estavam sendo cozidos ou consumidos nas chamas, em sua honra. Ver Êxo. 29:18,25,41; Lev. 1:9,13; 2:2,9 quanto a essa idéia. Ao que tudo indica, o incenso era usado com a mesma finalidade. Além do incenso e dos holocaustos, havia o aroma agradável dos cedros do Líbano (Osé. 14:7; Can. 4:11). Também havia extratos preparados com base em vários óleos odoríferos, os quais, algumas vezes, eram misturados com água, e então aspergidos nas vestes, nos móveis, nos leitos, etc. Ver Pro. 7:17.

2. No Novo Testamento

Há várias palavras gregas envolvidas:

a. *Thumíama*, «odor de incenso». Esse substantivo é usado por seis vezes: Luc. 1:10,11; Apo. 8:3,4 (para indicar o odor do incenso); Apo. 5:8 e 18:13 (o próprio incenso). A forma verbal dessa palavra, *thumiáo*, significa «queimar incenso». É usada somente em Luc. 1:9.

b. *Osmé*, «fragrância (de um ungüento)». Essa palavra é usada por cinco vezes: João 12:3; II Cor. 2:14,16; Efé. 5:2 e Fil. 4:18. Esse substantivo é usado de forma figurada em II Cor. 2:14,16, para indicar a fragrância do conhecimento de Cristo, e a mensagem do evangelho como um perfume de vida, para alguns, embora odor de morte para aqueles que a rejeitam.

b. *Ûsphresis*, «olfato». Essa palavra grega é usada somente em I Cor. 12:17. Esse trecho ilustra a variedade de dons espirituais e seu uso, através da variedade de órgãos e potencialidades do corpo humano.

3. Sumário dos Usos Figurados

a. Há a idéia de aplacar a Deus com o odor das oferendas, que os intérpretes modernos consideram um ensino figurado, embora possamos ter a certeza de que os hebreus tomavam a questão a sério, de modo literal, tal como sucedia a outros povos antigos.

b. O conhecimento de Cristo é um suave odor, e o seu evangelho é um aroma agradável para aqueles que lhe dão ouvidos, embora seja um cheiro de morte para os desatentos, conforme foi dito acima.

c. Há muitos dons espirituais que correspondem às funções e órgãos do corpo humano, que trabalham em harmonia tendo em vista o bem do ser total. O senso do olfato é uma daquelas funções; e, junto com essas funções, o olfato ilustra a questão, conforme foi mencionado acima.

d. As nossas orações são comparadas com o aroma do incenso que se eleva até o trono de Deus (Apo. 5:8).

e. Os presentes que os crentes de Filipos ofereceram a Paulo foram considerados por ele como um suave aroma, aceitável e agradável ao Senhor (Fil. 4:18).

4. Nos Sonhos e nas Visões

Os cinco sentidos representam as quatro qualidades da mente, a saber: a visão (o intelecto); o olfato (a intuição); a audição (as emoções); o paladar e o tato (as sensações).

5. Na Filosofia

O **empirismo** (vide) considera que os cinco sentidos são os canais pelos quais o homem aprende. O *racionalismo* (vide), por sua vez, acredita que a razão pode ultrapassar às informações providas pelos nossos sentidos. Os intuicionistas crêem que os homens podem receber conhecimento imediato (dispensando os sentidos e a razão). E o misticismo ensina que o conhecimento pode chegar até o homem através de poderes espirituais. O empirismo tem dominado a ciência moderna. O misticismo tem dominado a fé religiosa.

ODRES

Ver sobre *Vinho e Bebidas Fortes*.

Heródoto (ii.121) mostra-nos que os egípcios usavam odres, feitos de peles de animais. Um odre era formado costurando-se a pele e deixando a projeção da perna e do pé para servir de gargalo. A abertura era então fechada com um tampão ou com um cordão. De outras vezes, o pescoço do animal era usado para formar o gargalo. A arqueologia tem descoberto gravuras de tais odres, no Egito. Gregos, romanos e hebreus usavam esses odres de couro (Jos. 9:4,13; Jó. 32:19). Mas também havia recipientes feitos de pedra, de alabastro, de vidro, de marfim, de ossos, de porcelana, de bronze, de prata e de ouro. Já desde os dias de Tutmés III, que talvez tenha sido o Faraó do êxodo, em cerca de 1490 A.C., havia vasos elegantes e elaborados, autênticas obras de arte. Muitos vasos de bronze têm sido recuperados pela arqueologia, principalmente no Egito.

Usos Metafóricos. 1. Dentro do ensino de Jesus (Mat. 9:17), acima mencionado. Os antigos sistemas de pensamento enrijecem, como se fossem odres de couro. E os novos sistemas doutrinários, com suas idéias expansivas, não podem ser contidos pelos antigos sistemas, pelo que são incompatíveis uns com os outros. Isso resulta na formação de algum novo sistema, religioso ou apenas denominacional. 2. Os odres do céu, de onde procede a chuva (Jó. 38:37). 3. As lágrimas de tristeza que são preservadas em odres, ou seja, são relembradas pelo Senhor, como algo precioso (Sal. 66:8). 4. Um odre na fumaça de uma fogueira, simboliza uma pessoa desgastada pela tristeza e pela aflição (Sal. 119:83). 5. Os habitantes de Jerusalém seriam como odres cheios de vinho, quando o Senhor derramasse sobre eles a sua ira, de tal modo que estourassem e ficassem arruinados (Jer. 13:12). (G HA ID S UN)

OECOLAMPADIUS, JOHANNES

Suas datas foram 1482-1531. No grego, seu nome significa «candeeiro». O seu nome original de família, porém, era Heusagen. Nasceu em Wurtenberg; ajudou Erasmo de Roterdã na compilação do primeiro Novo Testamento grego a ser impresso (o *Textus Receptus*, conforme veio a ser chamado). Foi influenciado pela doutrina de Lutero, e, subseqüentemente, pela de Zwínglio. Tornou-se o principal reformador em Basiléia, na Suíça.

OEL

No hebraico, «tenda», «família», «raça». Esse era o nome do quinto filho de Zorobabel, da casa de Davi (I Crô. 3:20). Viveu depois de 500 A.C.

OESTE

Para qualquer dos povos que ocupava a região da Palestina, a designação «oeste», ou «ocidente» revestia-se de uma tríplice significação, a saber: 1. essa era a direção, na rosa dos ventos, onde o sol se punha. Por esse motivo, a palavra hebraica *mabo*, traduzida por «oeste» ou «ocidente», mais literalmente significa «pôr do sol». Isso corresponde ao termo grego *dusmé*. Ver Mat. 8:11; 24:27; Luc. 12:54; 13:29 e Apo. 21:13. 2. Essa era a direção para onde ficava o mar Mediterrâneo. Por isso, o termo hebraico *yam*, «mar», também tinha o sentido de oeste. 3. Em conseqüência disso, era também dessa direção que vinham os ventos que traziam as nuvens cúmulos, carregadas de vapor d'água, condensando-se davam a chuva. Lemos em Lucas 12:54: «Quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece...» É que as nuvens que vinham dali prenunciavam chuva; cf. a experiência de Elias, no monte Carmelo, segundo se vê em I Reis 18:44: «Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão de um homem».

Cerimonial ou religiosamente falando a direção oeste não era nem mais e nem menos importante do que outros pontos da bússola ou rosa dos ventos, na vida do povo de Israel. Quase todos os planos esquematizados para as disposições de localização, em Israel, de acordo com a Bíblia, alicerçavam-se sobre o «quadrado», e as estruturas arquitetônicas ou o povo ficavam assim arrumados, nos quatro lados desse quadrado.

OFEL

No hebraico, essa palavra (temos aqui uma transliteração) significa «cômoro», «colina» ou «torre». Esse vocábulo tem dois sentidos distintos nas páginas do Antigo Testamento.

1. Uma localidade fortificada de Jerusalém, no lado oriental, perto das muralhas (ver II Crô. 27:3 e 33:14). Ofel era ocupada pelos netinins, após a reconstrução da cidade, quando um remanescente de Judá retornou, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 3:26; 11:21). Josefo (*Guerras* 2.17,9; 5.6,1) informa-nos que esse lugar ficava contíguo ao vale do Cedrom e do monte do templo. Por isso mesmo, é provável que a muralha de Ofel fizesse parte das muralhas de Jerusalém nos dias de Herodes. É possível que os arqueólogos tenham descoberto essas fortificações, em escavações que descobriram muralhas profundamente enterradas, no ângulo suleste da antiga muralha de Jerusalém. Essas profundas muralhas tinham cerca de 4,30 m de espessura, sendo óbvio que foram levantadas para efeito de fortificação.

Sabe-se que as muralhas de Jerusalém foram fortificadas vez por outra, por diversos monarcas judeus, como Jotão (II Crô. 27:3) e Manassés (II Crô. 33:14), nos séculos VIII e VII A.C., respectivamente. O profeta Isaías, entretanto, predisse a destruição dessas fortificações (ver Isa. 32:14). E Miquéias referiu-se, metaforicamente, a como o reino de Deus haveria de ser estabelecido no «monte da filha de Simão» (Miq. 4:8).

2. Um local na Palestina central, onde havia a casa onde Geazi depositou os presentes que recebera (com desonestidade) da parte de Naamã. Ver II Reis 5:24. Algumas traduções dizem ali «outeiro» (como se lê em nossa tradução portuguesa) ou «colina». Esse local mui provavelmente ficava perto da cidade de Samaria.

••• •••

OFENSA

Essa é uma das muitas palavras que a Bíblia, em sua tradução portuguesa, usa para indicar algum pecado. Entretanto, existem outros usos do vocábulo, segundo fica ilustrado nos comentários abaixo:

1. *Definição.* «Ofender» é afrontar, ultrajar; é dar desprazer; é traspassar um limite, é violar; é cometer um erro, um crime; é fazer tropeçar; é pôr obstáculo no caminho de alguém, procurando entravá-lo, enredá-lo.

2. *No Antigo Testamento*

a. *Mikshol*, «obstáculo», «chamariz» (I Sam. 25:31; Isa. 8:14).

b. *Chet*, «crime», ou a penalidade resultante de um crime (Ecl. 10:4).

c. *Ashem*, «reconhecer-se culpado» (Osé. 5:15; Jer. 2:3; 50:7; Eze. 25:12; Osé. 4:15; 13:1; Hab. 1:11).

d. *Chata*, «errar o alvo» (Gên. 20:9; 40:1; II Reis 18:14; Jer. 37:18).

3. *No Novo Testamento*

a. *Próskoma*, «pedra de escândalo», «pedra de tropeço» (Rom. 9:32,33 (citando Isa. 8:14; cf. 28:16); 14:13,20; I Cor. 8:9; I Ped. 2:8). *Proskopé* é forma variante (II Cor. 6:3). O verbo, *proskópto*, «tropeçar» (Mat. 4:5 (citando 91:12); 7:27; Luc. 4:11; João 11:9,10; Rom. 9:32; 14:21; I Ped. 2:8).

f. *Paráptoma*, «desvio para um lado» (Mat. 6:14,15; Mar. 11:25,26; Rom. 4:25; 5:15-18,20; 11:11,12; II Cor. 5:19; Gál. 6:1; Efé. 1:7; 2:1,5; Col. 2:13). Está em foco um desvio na conduta ou em relação à verdade, algo feito como não deve ser feito.

c. *Skândalon*, «armadilha», «tropeço». Ver Mat. 13:41; 16:23; 18:7; Luc. 17:1; Rom. 9:33 (citando Isa. 8:14; cf. 28:16); 11:9 (citando Sal. 69:23); 14:13; 16:17; I Cor. 1:23; Gál. 5:11; I Ped. 2:8; I João 2:10; Apo. 2:14. O verbo, *skandalizo*, ainda é mais freqüente: Mat. 5:29,30; 11:6; 13:21,57; 15:12; 17:27; 18:6,8,9; 24:10; 26:31,33; Mar. 4:17; 6:3; 9:42,43,45,47; 14:27,29; Luc. 7:23; 17:2; João 6:61; 16:1; Rom. 14:21; I Cor. 8:13; II Cor. 11:29.

O ministério de Jesus foi um tropeço para os seus contemporâneos religiosos (Mar. 6:3), mormente os fariseus (Mat. 15:12), e, ocasionalmente, até para os seus discípulos (Mar. 14:27). Declarou Jesus: «E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço» (Mat. 11:6). Os pioneiros da fé sempre fazem os irmãos menores e os céticos se ofenderem, tornando-se, assim, impedimentos. Há impedimentos que são pecaminosos, pois atuam como armadilhas, que apanham suas vítimas. Mas também existe a ofensa da *cruz* (Gál. 5:11. Uma espiritualidade séria requer a remoção de impedimentos que ofendem. Se nosso olho direito nos ofende, que o arranquemos (Mat. 5:29). Outro tanto foi dito, metaforicamente, acerca da mão e do pé (Mar. 9:43-47). Isso ilustra a seriedade do discipulado cristão. Há uma advertência feita àqueles que causam escândalo ou levam os crentes recém-convertidos a se ofenderem (Mat. 18:6). O ministério de Cristo, que foi um gênio criativo, necessariamente criava reações contrárias, por parte de muitos. Alguns se sentiam ofendidos ou eram levados a tropeçar, segundo também Isaias predisse que sucederia. E os trechos neotestamentários de I Ped. 2:8 e Rom. 9:33 reiteram a idéia, aplicando-a ao contexto histórico.

A liberdade cristã ocupa posição importante nessa questão das ofensas. O apóstolo Paulo recomendou que os crentes usassem de amor fraternal e de sacrifício pessoal. Aquele que não tem escrúpulos precisa respeitar as opiniões dos outros e não causar ofensa ou escândalo (Rom. 14; 15:1,2).

OFERECIMENTO NO FOGO

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTA PELO PECADO

Ver **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTA VOTIVA

Esse adjetivo, **votiva**, vem do verbo latino, **vovere**, «prometer». Essa é a designação dada a coisas prometidas ou dedicadas a Deus, coisas santificadas ao Senhor com alguma razão especial. Há duas classificações gerais de ofertas votivas:

1. Coisas votadas ou consagradas a Deus, que lhe serão dadas se a pessoa que fez a promessa for ajudada em alguma hora de necessidade.

2. Coisas realmente apresentadas ou dedicadas a Deus (ou a algum «santo», conforme uma prática católica romana), quando aquilo que foi pedido foi outorgado. Uma variante é algo dado em gratidão por alguma bênção recebida, embora nada tenha sido especificamente prometido de antemão.

OFERTAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTAS DE AÇÃO DE GRAÇAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTAS DE CULPA

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTAS DE MANJARES

Ver o artigo geral sobre **Sacrifícios e Ofertas**.

OFERTAS MOVIDAS

Ver sobre *Sacrifícios e Ofertas*.

OFERTAS QUEIMADAS

No hebraico, **olah** ou **alah**, «aquilo que sobe». É vocábulo que aparece por muitas vezes, cerca de duzentas e oitenta vezes, desde Gên. 8:20 até Miq. 6:6. No grego temos a palavra *olokaútoma* apenas em Mar. 12:33; Heb. 10:6 (citando Sal. 40:7) e Heb. 10:8.

Ver o artigo geral sobre *Sacrifícios e Ofertas*. As «ofertas queimadas», da mesma maneira que as ofertas de manjares e as ofertas pacíficas, eram ofertas voluntárias, em contraste com as ofertas pelo pecado e pela culpa, que eram compulsórias. As três primeiras representam, de modo geral, a idéia de homenagem, de autodedicação e de agradecimento, ao passo que as duas últimas representam a idéia de «expiação». As ofertas queimadas envolviam animais inteiramente consumidos no altar, no que contrastavam com as ofertas de manjares e outros sacrifícios, onde somente o sangue era usado no rito, ao passo que a carne dos animais era cozida e comida pelos sacerdotes e adoradores. Ver Deu. 33:10; I Sam. 7:9; Sal. 51:16.

1. *Origem*. As ofertas queimadas já eram comuns no período patriarcal. Alguns eruditos pensam, embora sem provas, que o sacrifício oferecido por Abel (Gên. 4:4), foi uma oferta queimada. Noé ofereceu sobre o altar, terminado o dilúvio, uma oferta queimada (Gên. 8:20).

2. *Material*. Eram usados somente touros, carneiros, bodes, pombos e rolinhas. E todos os animais ou aves usados precisavam ser isentos de qualquer defeito físico.

3. *Cerimônias*. O ofertante impunha as mãos sobre a vítima, confessava os seus pecados e dedicava a oferenda a Deus. Então o animal era abatido; o sangue do mesmo era aspergido em redor do altar, na sua parte mais inferior, e não diretamente sobre o mesmo, a fim de que a chama não fosse extinta (Lev. 3:2; Deu. 7:27). Tirava-se o couro do animal (Lev. 7:8). O animal era então cortado em doze pedaços. O sacerdote tomava o ombro direito, o peito e as entranhas, punha as mãos debaixo das mãos do ofertante, e, juntos, eles balançavam o sacrifício para cima e para baixo (ver *Ofertas Alçadas*), por diversas vezes, em reconhecimento da presença do Deus Todo-poderoso. O material a ser queimado era posto sobre o altar, e o fogo era aceso. Os pobres podiam substituir qualquer desses animais por um pombo ou uma rolinha.

4. *Vezes*. As ofertas queimadas eram oferecidas diariamente, de manhã e à tardinha (Núm. 28:3; Êxo. 29:38), bem como nas três grandes festas judaicas (Lev. 23:37; Núm. 28:11-27), e em ocasiões especiais, como quando as mulheres se recuperavam do parto (Lev. 12:6), ou pessoas eram curadas da lepra (Lev. 14:19-22), ou os nazireus tornavam-se imundos, por terem entrado em contacto com algum cadáver (Núm. 6:9), e após os dias de sua separação terem-se cumprido (Lev. 6:14). Em ocasiões miscelâneas de celebração e de solenidades, particulares ou públicas, também eram oferecidos esses sacrifícios (Juí. 20:26; I Sam. 7:9; Esd. 6:17 e 8:35). Ver os artigos sobre *Expiação* e *Expiação pelo Sangue*. Quanto aos sacrifícios como prefigurações do sacrifício expiatório de Cristo, e que por Ele foram substituídos, ver Heb. 10:5 *ss*. (E G LAN NTI S)

OFERTAS VOTIVAS

Ver sobre *Sacrifícios e Ofertas*.

OFERTÓRIO

Esse é o nome dado à apresentação do pão e do vinho, antes de sua consagração, no rito eucarístico. Hipólito (*Tradição Apostólica*) diz-nos que, nos empos antigos, outros artigos também eram apresentados, nessa ocasião, para Deus abençoar; mas, posteriormente, o termo veio a ser restringido aos elementos da eucaristia. Esse rito, na Igreja Católica Romana, é acompanhado pela leitura de algum trecho dos Salmos (ou, então, esse trecho é entoado).

Em certos grupos protestantes, o termo é usado para indicar o recolhimento de ofertas, em dinheiro, durante o culto, e, algumas vezes, isso é acompanhado por uma apresentação musical, pelo coro ou por algum instrumento musical.

OFICIAIS DE JUSTIÇA

No grego, *rabdoúchoi*, «portadores da vara». A palavra aparece somente em Atos 16:35 e 38, para indicar os lictores dos pretores da cidade de Filipos. Filipos era uma colônia romana, cujos magistrados, sujeitos ao governo romano, tinham o título romano honorário de pretores. Os lictores eram assessores pessoais, guardacostas e oficiais executivos para cumprimento de pequenos deveres, como aqueles que são descritos nesse trecho do livro de Atos. Eles brandiam um feixe de varas como símbolo de sua autoridade. A tradução «oficiais de justiça», empregada em nossa versão portuguesa, em vista do exposto, parece ser das mais felizes. Traduções menos próprias

são «guardas» ou «policiais», que são usadas em versões estrangeiras.

OFICIAL

Esse é um termo genérico, usado nas traduções, para referir-se a certa variedade de posições de autoridade. Visto que essas palavras, no original, são bastante latas em seu sentido, as traduções dão um bom número de alternativas.

1. No Antigo Testamento

a. *Saris*. Essa palavra vem do verbo «castrar», pelo que se refere a um eunuco, nomeado para cuidar do harém real, e que com freqüência recebia importantes deveres na corte de um monarca. Ver Gên. 37:36; 39:1; 40:2. O oficial-eunuco era muito importante na Babilônia, no Egito e na Pérsia, mas aos hebreus estava vedada essa prática. Alguns estudiosos têm proposto que essa palavra hebraica era usada para indicar algum oficial, inteiramente à parte da idéia de emasculação, podendo referir-se a qualquer príncipe ou dirigente. O significado desse vocábulo hebraico, pois, tem suscitado debates entre os filólogos.

b. *Shatar*, «escritor». Não obstante esse sentido, a palavra podia designar vários ofícios, alguns dos quais nada tinham a ver com o ato de escrever. Assim, os magistrados que lideravam o povo de Israel, no Egito, foram assim chamados (Êxo. 5:6-19); como também os que ajudavam administrativamente aos anciãos (Núm. 11:16; Deu. 20:5,8,9; 29:29), e até mesmo chefes militares (II Crô. 26:11). Os escribas eram oficiais públicos, que registravam acontecimentos históricos, casos legais, etc. (Êxo. 5:6-8).

c. *Natsab, netsib*, «nomeado», «fixado». Nome dado a vários oficiais que recebiam os impostos, as taxas, etc. Ver I Reis 4:5; 4:19; 5:16; 9:33.

d. *Paqid, paqad*, «inspetor», «superintendente». Palavras aplicadas a oficiais militares e civis. Ver Gên. 41:34; Juí. 9:38; Est. 2:3. No acádico, esses vocábulos eram usados para indicar muitos tipos de oficiais. Comparar as referências dadas com II Reis 18:17 e Jer. 39:3. O sentido básico dessas palavras é «grande».

2. No Novo Testamento

a. *Uperétes*, palavra grega que designava certa variedade de oficiais inferiores. É palavra usada por vinte vezes: Mat. 5:25; 26:58; Mar. 14:54,65; Luc. 1:2; 4:20; João 7:32,45,46; 18:3,12,18,22,36; Atos 5:22,26; 13:5; 26:16; I Cor. 4:1. O verbo, *uperetéo*, ocorre por três vezes: Atos 13:36; 30:34; 24:23.

b. *Práktor*, «coletor». Esse termo grego, que ocorre somente por duas vezes, em Luc. 12:58, indicava, nos tempos antigos, em Atenas, alguém cujo dever era registrar e coletar multas impostas pelos tribunais ou governantes. Assim eram designados, nos tempos romanos, tanto os coletores de impostos quanto outros oficiais secundários, que tinham algo a ver com a lei. Nesse trecho bíblico de Lucas, está em foco um funcionário de tribunal, que tinha autoridade para determinar a detenção de alguém. Ele agia em consonância com a ordem baixada por um juiz, atuando mais ou menos como hoje faria um policial.

OFÍCIO, SAGRADA CONGREGAÇÃO DO SANTO

Esse é um ramo administrativo da Igreja Católica Romana, e que substituiu, com o tempo, a Inquisição Romana Universal. Ver o artigo *Inquisição*. Essa organização foi formada em 1942. Seu propósito é proteger a fé e a moral de alterações heréticas e imorais. Julga casos de heresia e promove o ensino relacionado aos sacramentos, às indulgências, aos impedimentos ao casamento com pessoas não-católicas, à censura de publicações, etc. O papa reinante é o prefeito dessa congregação. Suas decisões não são consideradas infalíveis, e podem ser revertidas com as ações apropriadas.

OFÍCIO DIVINO

Originalmente, os **ofícios divinos** eram os cultos diários de oração, ligados à eucaristia. Havia a antiga *vigília*, observada antes do domingo (ver Atos 20:7), e que veio a ser praticada também em outras ocasiões, de tal modo que as orações noturnas tornaram-se um costume. Então começaram a ser feitas orações particulares nas horas terceira, sexta e nona, de forma regular, na comunidade religiosa cristã. Isso firmou-se por volta do século IV D.C. Na Igreja grega, desde o século VIII D.C., hinos bem ritmados têm sido uma característica proeminente do ofício. No Ocidente, porém, até hoje o ofício consiste principalmente em elementos bíblicos, salmos, cânticos e lições.

O processo de desenvolvimento continuou, de tal modo que, no século XV D.C., o ofício tendia a ser longo, complexo e monótono. Por volta do século XIII D.C. o ofício era registrado em um livro, cuja abreviação deu origem ao chamado *Breviário*. A versão católica romana tem passado por diversas revisões. A recitação desse material é obrigatória para todas as santas ordens. Na Inglaterra, dois ofícios diários eram extraídos do Breviário (que vide), o que tem sido uma importante porção da adoração anglicana, fora da eucaristia.

OFÍCIO PELOS MORTOS

Esse é o título dado a lições especiais da Igreja Católica Romana, modeladas de acordo com as vésperas, matinas e hinos religiosos. São usados trechos dos Salmos como parte dos serviços fúnebres, ou em atos comemorativos em favor dos mortos. Esse ofício vem sendo usado no rito romanista desde cerca do ano 800, razão pela qual é também a base do Ofício Anglicano de Sepultamentos.

OFÍCIO VOTIVO

Esse nome é aplicado a orações litúrgicas que não estão inclusas no calendário geral e na prática oficial, mas que eram empregadas em ocasiões de necessidade especial, pela Igreja Católica Romana. Ali as recitações eram opcionais. Todos os ofícios votivos foram abolidos a 1° de novembro de 1911; pela Constituição Apostólica do papa Pio X, a fim de evitar os abusos que tinham surgido em torno de tal prática.

OFÍCIOS DE CRISTO

Ver o artigo geral sobre **Cristologia**.

Esboço:

I. Considerações Preliminares
II. O Tríplice Ofício de Cristo
  1. Profeta
  2. Sacerdote
  3. Rei
III. O Tríplice Ministério de Cristo
IV. A Tríplice Natureza de Deus

I. Considerações Preliminares

1. *O Princípio das Tríades*. É admirável observar quantas religiões têm visto significação nas tríades, a começar pelos três deuses de algum panteão pagão, e terminando pelo conceito da *Trindade Divina* (vide).

2. A própria cristologia tem sido tradicionalmente dividida em três partes: a. a pessoa de Cristo (considerações sobre sua deidade e humanidade, em única pessoa); b. os estados de Cristo (sua humilhação e exaltação); 3. a obra de Cristo (sua realização remidora).

3. A obra de Cristo também tem sido descrita como cumprida por meio de seus três ofícios: profeta, sacerdote, rei. Temos aqui o assunto principal do presente verbete, descrito na seção segunda, abaixo.

4. É digno de menção que essas três tríades concordam com a Grande Tríade, a Trindade divina, dentro da qual o Filho é aquela hipóstase que tem um tríplice ofício e uma tríplice missão.

5. *A Tríplice Missão de Cristo*. Essa missão é descrita na terceira seção, abaixo. É lamentável que a Igreja Ocidental (a Igreja Católica Romana e suas filhas protestantes e evangélicas) tenha negligenciado o ministério de Cristo no hades, o que faz parte de sua expressão de um tríplice ministério.

II. O Tríplice Ofício de Cristo

O próprio Novo Testamento usa esses três termos, profeta, sacerdote e rei, a fim de descrever os ofícios de Cristo. *Profeta:* Mat. 13:57; 21:11; Luc. 7:16,28; 24:19; João 6:14; Atos 7:37. *Sacerdote:* Heb. 3:1; 4:14,15; 5:10; 6:20; 7; 8:1; 9:11; 10:21. *Rei:* Indicações de seu ofício real aparecem em sua genealogia real, como Filho de Davi (Mat. 1:1,6); a visita dos magos (Mat. 2:2); a sua entrada triunfal em Jerusalém (Mat. 21:5-9); o título aposto em sua cruz (Mat. 27:37); a declaração sobre seu reinado escatológico (Apo. 19:16).

Descrições Desses Três Ofícios:

1. Profeta. O levantamento de Cristo como profeta semelhante a Moisés foi previsto: Deu. 18:15; Isa. 49:7; 53, onde é descrito o seu ofício messiânico em geral, incluindo o fato de que ele é quem revela a Deus Pai. A doutrina do *Logos* (João 1:1; vide) retrata-O em seu ofício profético, visto ser ele o revelador da pessoa e da mensagem de Deus. Na qualidade de Logos encarnado, Jesus Cristo foi o mais eficaz de todos os profetas. O trecho de Heb. 1:1,2 encerra uma das melhores declarações acerca da obra profética de Cristo. No passado, Deus falou aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas, nestes últimos dias, tem falado por meio do seu próprio Filho, o qual, como é óbvio, é o maior e mais eficaz dos profetas. Sua mensagem veio em último lugar, mas é a mais completa. Pedro salientou como Cristo cumpriu de modo perfeito esse ofício profético, satisfazendo às exigências das Escrituras (ver Atos 3:22-24), e Estêvão disse algo equivalente (Atos 7:37). Cristo trouxe as palavras da vida eterna, as quais também transmitiu aos homens (João 3:34). O próprio Jesus intitulou-se profeta (ver Mat. 13:57; Mar. 6:4; Luc. 4:24; 13:13; João 4:44), e asseverou que a sua mensagem procedia do Pai (João 8:26-28, 40; 12:49,50). Na qualidade de maior dos profetas, Cristo é a *Luz* do mundo (ver João 8:12; 9:5) e a *Verdade* (João 14:6). O Pai deu testemunho acerca dele (Mat. 17:5; Mar. 9:7; Luc. 9:35; João 5:37; 8:18). O livro de Apocalipse foi o testemunho de Jesus, um testemunho que é o espírito da profecia (Apo. 19:10). Cristo manifestou o seu ofício profético por meio de três métodos: a. *instrução* (Mat. 4:17; 11:1; Luc. 11:1; Atos 1:1). Ele ensinava com autoridade (Mat. 7:29). Ele foi o novo Moisés, que reinterpretou a Lei e adicionou suas próprias idéias distintivas (Mat. 5-7; o *Sermão da Montanha*, vide). b. *Exemplo*. Cristo veio para cumprir a vontade do Pai, tendo mostrado aos homens como eles devem viver (João 4:34; 12:44; 14:9; 1:18; Mat. 11:27; I Cor. 11:1). c. *Atividade Miraculosa*. Os milagres de Cristo demonstraram a sua autoridade (Mat. 11:4,5,20-24; Mar. 2:9-11; João 5:36; 10:25,28; 20:30).

2. Sacerdote. A epístola aos Hebreus é um extenso tratado que prova que Jesus era o Messias ou Cristo prometido, que também cumpriu todos os aspectos do sacerdócio, do qual o sacerdócio levítico era apenas uma sombra, e que Cristo é o nosso grande Sumo Sacerdote. Um sacerdote exercia uma função medianeira, e a mediação de Cristo leva-nos à presença mesma de Deus, o que é o alvo do evangelho (Heb. 10:19 *ss*). A característica ímpar do sacerdócio de Jesus Cristo é que ele mesmo é o sacrifício que foi oferecido a Deus, por ser ele o Cordeiro de Deus (João 1:29). Ver os artigos separados intitulados *Sumo Sacerdote*; *Sumo Sacerdote, Cristo Como; Sacrifício de Cristo* e *Cordeiro de Deus*.

Cristo é o imaculado Cordeiro de Deus, impecavel e perfeitamente qualificado (João 8:29; II Cor. 5:21; Heb. 4:15; 7:26; I Ped. 2:22; I João 3:5). Formas anteriores de sacerdócio, ocupadas por homens pecaminosos, eram, naturalmente, maculadas por causa do pecado e das imperfeições humanas; mas Cristo pôs um ponto final nisso (Heb. 7:26; 9:14). Através de seus sofrimentos, Cristo ficou plenamente qualificado para o seu ofício sumo sacerdotal (Heb. 2:10; 5:7-9). Outros sacrifícios eram temporários, simbólicos e imperfeitos; mas o sacrifício de Cristo é permanente, real e eterno (Heb. 5:9; 7:25; 9:12,15). O ofício sumo sacerdotal de Cristo é assinalado pela majestade e pela perfeição (Heb. 4:14; 6:20; 8:2; 9:11,24). Esse ofício sumo sacerdotal também inclui uma função intercessória (Rom. 8:34; Heb. 7:25; ver especialmente I João 2:1).

Cristo também é o nosso *parákletos* (advogado, ajudador, representante). E enviou-nos o Espírito Santo, o seu alter ego, o divino Paracleto, para continuar a sua realização em nós. Ver sobre o *Paracleto*; e também os trechos de João 14:16,26; 15:26; 16:7. O ministério de *curas*, efetuado por Jesus, fez parte de suas funções sacerdotais, da mesma maneira que os sacerdotes do Antigo Testamento estavam envolvidos em curas (Lev. 13 e 14; ver Mat. 8:4; Luc. 17:14). Ver o artigo intitulado *Milagres*.

3. Rei. Cristo descendia, segundo a carne, da linhagem real de Davi, conforme mostra-nos a genealogia do primeiro capítulo de Mateus. Ele foi chamado de «Filho de Davi» (Mat. 1:1,20; 9:27; 15:22; João 7:42; Rom. 1:3; II Tim. 2:8; Apo. 22:16). Seu reinado estava previsto nas profecias bíblicas (Isa. 9:6 *ss*; Sal. 24:7 *ss*). Por ocasião de seu nascimento, foi visitado pelos magos, que O tinham procurado como o recém-nascido «Rei de Israel» (Mat. 2:2 e contexto). E o povo comum também O reconheceu como rei (Luc. 19:38). O título afixado ao madeiro proclamava o fato (Mat. 27:37). Nas epístolas paulinas, Cristo aparece como quem tem um reino, o que significa que ele é Rei do reino espiritual, e não de algum reino terrestre (Col. 1:13; I Tes. 2:12; Efé. 5:5; ver também Apo. 1:9). Ele é declarado como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Apo. 19:16). Ele veio para restaurar o reino a Israel (Atos 1:6), o que, finalmente, ele realizará de forma cabal e literal (Rom. 11). Ademais, o seu reinado celeste e universal será inaugurado por meio de acontecimentos cataclísmicos (Mat. 24:1; I Tes. 5:3; II Ped. 3:10-12). Seu reino é eterno (Sal. 45:6; Isa. 9:7; Dan. 2:44; Luc. 1:33; II Ped. 1:11; Apo. 11:15; 22:5); mas, em algum sentido, será coordenado com o reino universal de Deus Pai (I Cor. 15:24-28; Apo. 20:1-7). O *milênio* (vide) é um aspecto integrante desse reinado e reino de Cristo.

O Ofício de Messias. Esse ofício abrange e subentende os três ofícios que temos acabado de examinar. Ver os artigos intitulados *Messias* e *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus*.

Tratamento Histórico. A apresentação tríplice dos ofícios de Cristo, conforme vimos acima, começou pelo menos tão cedo quanto Eusébio (ver *Eccl. Hist.* I.3.8,9). Cirilo de Jerusalém e Agostinho também falaram nesses termos, e, igualmente o maior dos filósofos escolásticos, Tomás de Aquino. Calvino popularizou esse modo de expressão, por meio da influência de sua obra monumental, *Institutas* (II.xv).

III. O Tríplice Ministério de Cristo

Cumprindo cabalmente os aspectos necessários de sua missão, Cristo teve e tem três missões distintas: sua missão sobre a *terra* (que ele continua por meio do ministério do Espírito Santo); sua missão no *hades* (que ele continua por intermédio de seus ministros imortalizados; ver o artigo sobre *Descida de Cristo*); sua missão no *céu* (onde sua presença é poderosa para salvar e para dirigir as atividades de sua Igreja). Todas essas missões são remidoras e restauradoras, exatamente o que poderíamos esperar da parte do Filho de Deus. Seu poder alcança as almas humanas onde quer que elas se encontrem. É isso que garante seu reino universal e seu caráter de Salvador.

IV. A Tríplice Natureza de Deus

Ver o artigo sobre a **Trindade**. O filho de Deus, o segundo membor da Trindade, expressa-se de três maneiras diversas, segundo foi mostrado acima. Talvez haja alguma conexão significativa entre as três hipóstases, dentro da divina Trindade, e o tríplice ofício e realização de Cristo, embora isso não seja explicitamente declarado na Bíblia.

OFÍCIOS ECLESIÁSTICOS

1. *O Papado*

De acordo com a Igreja Católica Romana, esse é o mais elevado ofício da Igreja Ocidental. Ele é reputado representante ou mesmo *vigário* (substituto) de Cristo, infalível em seus pronunciamentos oficiais, o padre dos padres. O papa é eleito pelo colégio dos cardeais, recebendo um ofício vitalício, sob circunstâncias normais. Ver o artigo separado sob o título *Papa*. Essa palavra deriva-se diretamente do grego (*papas*) e do latim (*papa*), que significa «papai».

2. *Bispo; arcebispo*. Um *arcebispo* é um *bispo* (vide) que superintende a outros que atuam em uma província ou região, incluindo certo número de dioceses agrupadas para efeitos administrativos. Essa palavra vem do grego, *arché*, «chefe», e *episkopos*, «supervisor» (transliteração *bispo*). A Igreja Católica Romana e a Igreja Anglicana têm arcebispos.

3. *Arquidiácono*. Um clérigo que exerce autoridade administrativa delegada, e que atua sob a orientação de um bispo. Ele tem deveres que incluem a disciplina e o cuidado por propriedades. Quando o cargo apareceu, um arquidiácono era um líder de diáconos, que ajudava a um bispo (chamado *oculus et manus episcopi*, «o olho e a mão do bispo»); e, historicamente, algumas vezes eles têm ocupado o cargo por direito de sucessão.

4. *Arcipreste*

Esse é um sacerdote que obteve uma posição superior a de outros, em alguma cidade, devido ao tempo em que já servira, ou devido a alguma distinção. Na Igreja antiga, um prelado dessa posição tomava a posição de um bispo, na ausência deste. Os arciprestes posteriores ocupavam funções sacerdotais especiais, enquanto que os arquidiáconos (ver acima) ocupavam funções administrativas especiais. Algumas vezes, na Igreja Católica Romana e nas Igrejas Ortodoxas Orientais, o título é meramente honorífico, não envolvendo qualquer função especial.

5. *Cônego*

Membro do Capítulo de uma catedral. Sua nomeação pode ser feita por eleição ou por determinação de um ministro superior. Os cônegos residentes têm um salário e fazem parte do pessoal de uma catedral, recebendo certa variedade de deveres. Os cônegos não-residentes (honorários) não recebem salário, mas cumprem certos deveres que lhes são designados. Esse título surgiu da circunstância que os capítulos, durante a Idade Média, usualmente compunham-se do clero que vivia sob as ordens de um cônego, vivendo segundo as normas de alguma ordem religiosa.

6. *Cardeal*

Na Igreja Católica Romana essa ordem hierárquica aparece imediatamente abaixo do papa. Atuam como seus conselheiros imediatos. A eleição de um papa é a mais elevada de suas responsabilidades. No ofício cardinalício há três níveis: a. os cardeais-sacerdotes; b. os cardeais-diáconos; e c. os cardeais-bispos. De 1586-1958, o número dos cardeais era de setenta; mas, a começar de 1958, sob a direção do papa João XXIII, esse número foi aumentado para setenta e cinco.

7. *Cura*

Essa palavra vem da idéia da *cura* de almas. Originalmente, era um título geral dado a um clérigo. Atualmente, esse título é dado a algum *assistente*, o qual pode ser um padre ou um diácono, subordinado a outro clérigo.

8. *Deão*

Esse é o título do chefe de uma igreja catedral. Sua posição é imediatamente abaixo da de um bispo. Ele preside o capítulo e encabeça o governo geral de uma catedral. Esse título também é usado para designar o deão de uma faculdade.

9. *Metropolita*.

Um bispo que exerce autoridade sobre uma província, e não meramente sobre uma diocese. Esse título apareceu pela primeira vez quando do concílio de Nicéia (325 D.C.), em seu quarto cânon. Os metropolitas com freqüência são chamados arcebispos, visto que as funções são idênticas. Um *primaz* é outro título paralelo.

10. *Moderador*

Esse é o título de um ministro da Igreja Presbiteriana que preside um presbitério, sínodo ou assembléia geral. Esse ministro é *primus inter pares*, e ocupa o seu ofício por um tempo limitado, usualmente por um ano.

11. *Patriarca*

Esses são os bispos das cinco sedes principais: Roma, Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Jerusalém. Esse título foi dado, inicialmente, àqueles bispos, no século VI D.C.

12. *Prebendário*

Título dado ao ocupante de uma prebenda, em uma catedral. Durante a Idade Média, esse oficial recolhia os rendimentos de várias propriedades de uma catedral. Esse título, porém, acabou sendo praticamente substituído pelo título de cônego, pois os deveres deles são praticamente idênticos.

13. *Reitor*

Esse ofício tem sido historicamente distinguido do de um vigário, porque um reitor não recebe dízimos para o seu sustento, ao passo que um vigário tem

acesso a esses fundos. Todavia, a distinção praticamente inexiste hoje em dia. Ambos tomam conta de uma paróquia, subordinados às ordens de um padre ou bispo. O termo *reitor* também é usado na Europa, além de outros lugares, para indicar o chefe de uma escola, ou o cabeça de uma casa jesuítica.

14. *Deão Rural*

Título de um clérigo nomeado por um bispo que chefia um agrupamento de paróquias. Ele age como intermediário entre aquele bispo e o clero. Os arquidiáconos cada vez mais foram assumindo os deveres antes cumpridos pelos deões rurais.

15. *Bispo Sufragâneo*

Esse título vem do latim, *suffragor*, «votar», «sustentar», sendo aplicado a bispos em dois sentidos. Todos os bispos diocesanos são chamados *sufragâneos* quando se associam a um arcebispo ou metropolita em um sínodo, lançando os seus votos. Ademais, os assessores dos bispos diocesanos são chamados sufragâneos. Esse termo vem sendo usado desde a Idade Média, porém, no período da contra-reforma romanista, muitos *assessores* foram criados e dotados de títulos especiais, entre os quais os sufragâneos.

16. *Superintendente*

Em alguns círculos protestantes, esse título mais ou menos equivale ao título do bispo. Os superintendentes são nomeados para supervisionar distritos, embora sujeitos ao controle e à censura de outros ministros, de tal modo que não estão investidos de plenos poderes, como se dá com os bispos católicos romanos e ortodoxos orientais. Nas igrejas protestantes da Escandinávia, como também em grupos metodistas, o título que se dá a eles é «bispos».

17. *Vigário*

Durante a Idade Média, quando uma igreja era posta sob a direção de um mosteiro, a um monge permitia-se atuar como o padre daquela igreja; e ele recebia sustento do fundo geral do mosteiro. Mais tarde, essa tarefa foi entregue a um padre secular, também intitulado «vigário» (do latim, *vicarius*, «substituto»). Atualmente, um vigário é apenas o encarregado de uma paróquia, com a mesma posição hierárquica de um *reitor* (ver acima).

18. *Sacerdote*. Ver *Sacerdote (Elesiástico)*.

OFIR

No hebraico, «rico» ou «gordo». Esse foi o nome de uma pessoa e também de uma região geográfica, mencionadas nas páginas do Antigo Testamento:

1. Assim era chamado um dos treze filhos de Joctã, filho de Éber (ver Gên. 10:29 e I Crô. 1:23). Esse nome veio a designar uma das tribos árabes. As tradições islâmicas equiparam Joctã com Qahtan, filho de Ismael e pai de todos os árabes. Ver *Tabelas das Nações*, em Gên. 10:26-29.

2. Ofir também era o nome de uma região muito produtiva de ouro, possivelmente localizada na parte sudoeste da Arábia, onde hoje é o Iêmen. Talvez incluísse parte das costas marítimas africanas adjacentes. Seja como for, o fato é que Ofir foi famosa por suas minas de ouro, que ali foram descobertas no século IX A.C.

Os eruditos não têm certeza quanto à localização exata de Ofir, pelo que há várias teorias a respeito: parte sudoeste da Arábia; parte suleste da Arábia; nordeste das costas africanas; Supara, a quase cem quilômetros ao norte de Bombaim, na Índia. Jerônimo pensava que Ofir ficava na Índia; e, de fato, há alguma evidência em favor dessa opinião, devido aos produtos de comércio associados a Ofir. Várias referências bíblicas enfatizam sua produção de ouro. Ver II Crô. 8:18; Jó 22:24; 28:16; Sal. 45:9; Isa. 13:12. Mas outros itens, como o sândalo (I Reis 10:11), a prata, o marfim e duas variedades de bugios (macacos) (I Reis 10:22), além de pedras preciosas (II Crô. 9:10) também aparecem como riquezas e artigos de comércio associados a Ofir.

Ofir era visitada pela frota de navios comerciais de Salomão, como também pelos fenícios, grandes navegadores do passado. Salomão trocava seu precioso cobre, extraído da Arabá, a fim de adquirir produtos de Ofir (ver I Reis 9:26-28; 22:48; I Crô. 8:17,18; 19:10). Salomão apreciava itens exóticos, e tinha dinheiro para comerciar com essas coisas. Por isso ele importava pavões e bugios, juntamente com muitos outros artigos (I Reis 10:22). Ele usava o ouro proveniente de Ofir a fim de adornar seu trono, o templo de Jerusalém e a casa da floresta do Líbano (ver I Reis 10:14-19). Josefo (*Anti.* 8:6,4) referiu-se ao alegado comércio de Salomão com a Índia; e Jerônimo muito contribuiu para propalar essas tradições, embora seja difícil julgar a validade delas.

OFITAS

Os *ofitas* foram uma das mais estranhas seitas gnósticas. O nome deles estava alicerçado sobre a palavra grega *ophiánoi*, «seguidores da serpente», com base na palavra grega *óphis*, «serpente». Essa seita originou-se na Síria; seus adeptos viam na serpente um símbolo da suprema emanação de Deus. Ver o artigo geral sobre o *Gnosticismo*.

OFNI

No hebraico, «bolorenta». Esse era o nome de uma cidade existente no território de Benjamim, segundo se lê em Jos. 18:24, e que alguns estudiosos pensam ser a mesma Gofni ou Gofna, atualmente chamada Jiffa ou Jufnah, cerca de cinco quilômetros a noroeste de Betel. Josefo alude a Gofna em *Guerras* (3.3,5). A moderna cidade de *Jiffa* parece reter o nome, mas os estudiosos não têm certeza de que se trata daquela mesma antiga localidade.

OFRA

No hebraico, «corço». Esse é o nome de uma pessoa e de duas antigas cidades de Israel, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um homem da tribo de Judá, um dos filhos de Menotai (I Crô. 4:14). Ele viveu por volta de 1450 A.C.

2. Uma cidade do território de Benjamim era assim chamada. Aparece no trecho de Jos. 18:23, juntamente com outras cidades situadas a nordeste de Jerusalém. Talvez seja a mesma cidade de Efraim, em II Crô. 13:19 e de João 11:54; mas outros pensam na Aferama de I Macabeus 11:34. Tem sido identificada com a moderna *et-Tayibeh*, que domina o alto de uma colina, cerca de dez quilômetros a nordeste de Micmás. Jerônimo identificava Ofra com Efraim, localizando-a a cinco milhas romanas a leste de Betel. O termo Taiybeh é uma regular substituição árabe para Ofra ou Efrom. Todavia, contra essa identificação temos a considerar que et-Taiybeh fica muito para o norte para ter pertencido ao território de Benjamim. Por essa razão, a questão permanece em dúvida.

3. Uma cidade do território de Manassés, cidade natal de Gideão (Jos. 17:2; Juí. 6:11,15,24,34; 8:32; I

Crô. 7:18). Gideão combateu contra os midianitas perto dessa cidade. Essa cidade ficava cerca de dez quilômetros a sudoeste de Siquém. Nesse mesmo lugar, Gideão, posteriormente, edificou um altar dedicado a *Yahweh-shalom* (ver Juí. 6:24; em nossa versão portuguesa, «o Senhor é paz»).

O local não foi identificado ainda com qualquer grau de certeza. Talvez um outro lugar, chamado de et-Taiybeh (ver acima, no segundo ponto), seja o lugar. Fica localizado a quase treze quilômetros a noroeste de Bete-Seã. Ainda outras sugestões são *Fer'ata*, a oeste de Gerizim, *Tell el-Far'ah*, a onze quilômetros a noroeste de Siquém, e *Silet ed-Dahr*, a vinte e um quilômetros ao norte de Siquém. Porém, nenhuma dessas identificações tem podido satisfazer a todos os eruditos.

OGUE

Esse foi o nome de um rei dos amorreus. Não se sabe ao certo o significado desse nome. Alguns arriscam o sentido «pescoço longo» ou «gigante». Ver Núm. 21:33; 32:33; Deu. 4:47; 31:4. De acordo com o trecho de Jos. 13:31, ele dominava seis cidades dentre as quais as principais eram Astarote e Edrei. Seu nome é mencionado na Bíblia por ser ele um dos adversários de Israel, ao tempo da conquista da terra de Canaã (cerca de 1400 A.C.). Ogue foi derrotado pelos israelitas em Edrei, e ele e seu povo foram exterminados, conforme era costume fazer na época. Algumas vezes, faziam-se prisioneiros de guerra, reduzidos à escravidão, e, outras vezes, eram poupadas as mulheres, por razões óbvias. Porém, é surpreendente ver quantos povos antigos pensavam que seus deuses ordenavam a destruição total de povos vencidos. Ver Núm. 21:33; Deu. 1:4; 3:1-13; 29:7; Jos. 2:10. O trecho de Deuteronômio diz-nos que Ogue contava com muitas cidades muradas; mas isso não fez parar os hebreus, em seu avanço.

Ogue mesmo foi uma notável figura, dotado de gigantesca estatura. Ele tinha um leito de ferro, com cerca de 3,70 m × 1,85 m, de comprimento e largura, bem maior que as chamadas camas-gigantes de hoje em dia! Ele foi um dos últimos representantes de uma raça de gigantes da antiguidade, os *refains* (vide). Seu território foi entregue à meia-tribo de Manassés. A arqueologia não tem podido aumentar nosso conhecimento acerca deles. Quanto a outras referências bíblicas a esse rei, ver Nee. 9:2; Sal. 135:11 e 136:20.

OITO ELEMENTOS, CAMINHO DE

Ver **Caminho de Oito Elementos**.

OLAMUS

O nome desse homem, dentro do cânon palestino, é Mesulão (ver Esd. 10:29), mas no livro apócrifo de I Esdras 9:30 é Olamus. Ele estava entre aqueles que se tinham casado com mulheres estrangeiras, durante o cativeiro babilônico, e que foram obrigados a divorciar-se delas, depois que o remanescente de Judá retornou a Jerusalém.

OLEIRO (OLARIA)

Ver o artigo *Artes e Ofícios*, 4. a. Ver também sobre *Argila*.

A palavra hebraica para «oleiro» é *yatsar*, que se deriva da idéia básica de «moldar». O termo grego correspondente é *kerameús*, que vem da idéia básica de «misturar». A profissão dos oleiros é uma das mais antigas do mundo. E a cerâmica é uma das técnicas mais significativas, quando se trata das investigações arqueológicas. De fato, a cerâmica é uma espécie de pedra sintética que permite o oleiro moldar artefatos de grande duração. Os fragmentos de cerâmica também foram o mais barato material de escrita da antiguidade.

Esboço:

I. Informes Históricos
II. A Massa dos Oleiros
III. A Profissão dos Oleiros
IV. O Processo da Olaria
V. Tipos de Vasos Produzidos

I. Informes Históricos

Até onde é possível determinar, a Idade da Pedra cedeu lugar à Idade da Cerâmica, em cerca de 6500 A.C. Há provas de um uso liberal de objetos de cerâmica em Jericó; em wadi Fallah, no monte Carmelo; em Buda, perto de Petra; e em Biblos, na Síria, desde esse período tão remoto. Os eruditos conjecturam que essa habilidade veio à existência mediante a inventividade de povos do planalto da Anatólia, na porção ocidental da Ásia Menor (atual Turquia). Dali, esse conhecimento espalhou-se para inúmeros outros lugares. A cerâmica é superior à pedra, porquanto pode ser adaptada a muitíssimas formas; é superior a cestas de vime, por ser mais forte, além de poder conter líquidos, o que é impossível às cestas de vime e de materiais parecidos. Ademais, a cerâmica é mais duradoura que o couro, que também era usado no fabrico de recipientes para líquidos.

1. *Nos Tempos de Abraão*. Já nessa época eram usadas jarras tanto de pedra quanto de cerâmica, juntamente com vasos de cobre e de bronze, que eram artigos muito mais caros. A cerâmica, devido ao seu baixo preço e à sua versatilidade, até hoje tem permanecido como um dos principais materiais no fabrico dos mais variegados vasos. O vaso de Hagar (ver Gên. 21:14,15), provavelmente era um odre, feito de couro de animal. Já o «cântaro» de Rebeca, sem dúvida, era feito de cerâmica (ver Gên. 24:14,15).

2. *Nos Tempos de José*. Sendo ele bisneto de Abraão, José viveu em uma época em que, na Palestina, faziam-se vasos de cerâmica de grande qualidade, e bem decorados. A cerâmica palestina foi consideravelmente influenciada pela cerâmica egípcia. Houve, um pouco mais tarde, uma cerâmica de baixa qualidade na Palestina, na época dos juízes de Israel, talvez devido ao fato de que os israelitas então já estavam longe do Egito fazia alguns séculos. Mas, além da influência egípcia, também devemos pensar na influência das culturas grega, miceniana e cipriota sobre a cerâmica da Palestina. Características distintivas marcaram cada período histórico, de tal maneira que o material usado no fabrico de vasos e os estilos desses vasos provêem um método razoável para datarmos os mesmos. Naturalmente, essas distinções também dependiam de diferentes povos e civilizações, entre outras coisas, pois esses fatores também pesam, devendo pensarmos até em fatores como o inter-relacionamento de culturas.

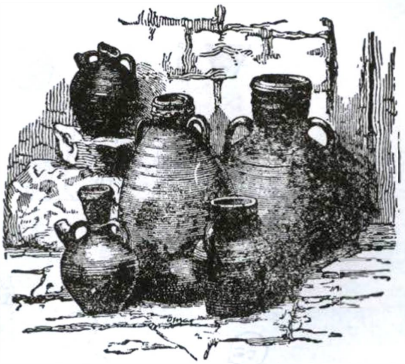
Algumas Características da Cerâmica Palestina

Essas características seguem uma ordem cronológica:

1. *Vasos Neolíticos*. Esses vasos eram crus e simples. A cerâmica era grosseira, feita de massa misturada com palha cortada. Alguns dos vasos eram pintados, havendo certa variedade de cores. Nesse período eram fabricados muitos vasos com formato de barril, com uma asa em forma de laço e um gargalo a certa altura. Provavelmente, esses vasos eram



Vasos de alabastro



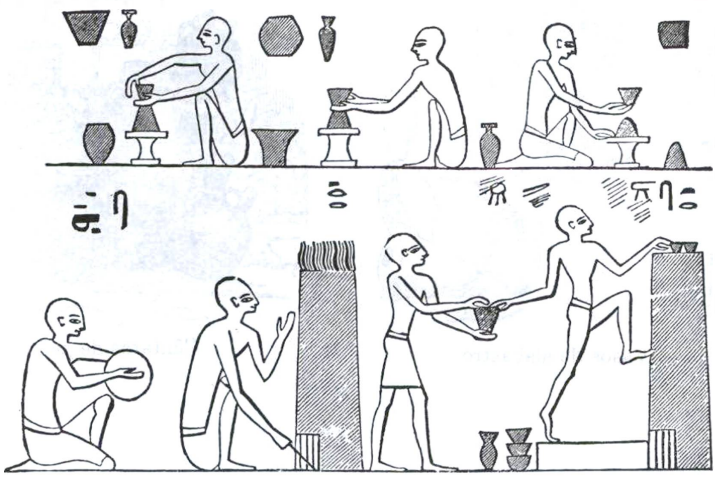
Cântaros de pedra



Potes diversos:
1, 2. de ouro 3. de vidro 4. de barro
5,7, de porcelana 6. de pedra
8. de ouro com correias 9. de pedra
10. de alabastro, com tampa



Garrafas assírias



Egípcios fabricando olaria

USOS METAFÓRICOS

Quero ser um vaso de benção
Um vaso escolhido de Deus
...
Para ser um vaso de benção
É mister uma vida real.
Uma vida de fé e pureza
Revestida do amor divinal.
Faze-me vaso de benção, Senhor!
Vaso que leva a mensagem de amor.
Eis-me submisso pra teu serviço.
Tudo consagro-Te agora, Senhor.
William E. Entzminger

...e quebre o cântaro junto à fonte.
(Ecle. 12:6)

Alude à fragilidade da vida humana, tema constantemente repetido nas Escrituras. Ver I Ped. 1:24,25.

batedeiras, imitando odres (vasos feitos de couro), que também eram usados com esse propósito. Cerca de 6500 A.C.

2. *Idade do Bronze Antiga*. A cerâmica desse período começou a produzir jarras em formato globular, com linhas paralelas de pintura vermelha, como decoração. Em seguida, apareceram vasos de cor cinza, polidos, provavelmente introduzidos por migrantes de outras culturas. Cântaros com uma única asa e pratos polidos, de cor vermelha, têm sido encontrados em túmulos egípcios. Migrantes vindos da Anatólia, através da Síria, trouxeram uma cerâmica distinta, de cor vermelha ou negra, que tem sido achada em diversos lugares, ilustrando o comércio e o escambo da época; cerca de 3000 A.C.

3. *Idade do Bronze Média*. Apareceram nesse período outras formas de vasos. Jarras com gargalos curtos e estreitos, com bases chatas e grandes, são típicas do período. Também surgiram vasos com bicas, a pontinha virada para baixo para facilitar o ato de derramar. Foi nesse período que surgiram as primeiras lâmpadas alimentadas a azeite. Pequenos jarros de material negro, decorados com pequenos pontos brancos, aplicados, eram bem comuns, provavelmente de origem hicsa. Cerca de 2500 A.C.

4. *Idade do Bronze Moderna*. Jarras e tigelas adornadas com desenhos geométricos em branco e vermelho, ou com figuras de animais, apareceram então. Provavelmente, esses tipos foram originalmente importados da Cilícia e da ilha de Chipre. A cerâmica miceniana também era importada pela Palestina, nesse período. A cerâmica dos filisteus era de boa qualidade, com desenhos geométricos e figuras de pássaros estilizados. Cerca de 1500 A.C.

5. *Idade do Ferro*. Diferentes tipos e estilos de cerâmica assinalaram a transição da era do Bronze para a era do Ferro. A cerâmica filistéia era bastante distintiva e feita com habilidade. Eram comuns as tigelas e as jarras grandes, dotadas de duas asas; esses artigos eram de várias cores e a decoração incluía figuras de pássaros e desenhos geométricos. Jarras cilíndricas, com bases arredondadas e bocas largas eram típicas desse período. O tempo da monarquia israelense fez parte da Idade do Ferro. Vasos de formato angular surgiram durante esse período. Têm sido encontradas peças de excelente qualidade, em Samaria. Grandes jarras armazenadoras têm sido encontradas em Hebrom, Zife e Socó. De 1200 A.C. em diante.

6. *Período Persa e Helenista*. Aumentaram então, consideravelmente, as técnicas no campo da cerâmica. Peças de cerâmica ateniense, nas cores preto e vermelho, eram exportadas para toda parte. Frascos com gargalos alongados têm sido achados em túmulos. Eram usados vasos com asas colocadas nas mais diversas posições, uma ou duas dessas asas, e dos mais variegados formatos. Os desenhos, então, usados eram realmente artísticos. Pintura duradoura também era empregada, cerca de 580 D.C. em diante.

7. *O Período Romano*. Peças de cerâmica de alta qualidade eram importadas pelos romanos, de tal modo que no império romano havia vasos os mais variados. Os centros nabateus, na Transjordânia, produziam peças delicadas e decorativas, com desenhos florais e outros. De 63 A.C. em diante.

II. A Massa dos Oleiros

Ver o artigo separado chamado *Argila*.

III. A Profissão dos Oleiros

Ver o artigo separado sobre *Artes e Ofícios*, 4. a.

IV. O Processo da Olaria

1. O barro era misturado com água. Então era aplicado calor para extrair parte da água, até que a massa adquirisse uma consistência plástica duradoura. As impurezas eram então removidas.

2. Eram dados os formatos desejados à massa. Na remota antiguidade, isso era feito à mão livre, mas com esse método não se obtinham simetria perfeita e nem detalhes claros. A *roda do oleiro* (vide) foi uma invenção que veio melhorar em muito essas particularidades. Também havia peças feitas em moldes e prensas, uma técnica que prossegue até os nossos dias.

3. Uma cobertura de cerâmica mais fina era usada, no caso de vasos mais dispendiosos.

4. Várias cores eram empapadas no barro, ou eram pintadas sobre o mesmo. O trecho de I Crô. 4:23 alude àqueles que tinham essa profissão. O artigo intitulado *Oleiro*, mencionado acima, supre referências bíblicas. As *cores* eram derivadas de diversos óxidos metálicos, como ferro, cobre, cobalto, cromo, manganês, níquel, urânio, ouro, prata, platina, etc. Também havia essências vegetais úteis no colorido. Apareceram peças *esmaltadas*, o que aumentava a resistência e a beleza dos artigos. Isso era feito mediante a aplicação de uma mistura de pederneira, argila, pedra calcária em pó, chumbo, bórax e outros minerais. Esses materiais eram reduzidos a pó, misturados com vários líquidos e então aplicados mediante pintura ou imersão.

5. O ato de pisar o barro, para misturar bem a massa, era comum. Assim era possível usar a massa no fabrico de vasos ou de tijolos (ver Naum 3:14; Isa. 41:25). A casa do oleiro, referida em Jer. 18:1-16, provavelmente alude à sua residência, onde ele também preparava vasos e os armazenava para futura venda. Quanto ao uso da roda do oleiro, ver o artigo *Artes e Ofícios*, mencionado acima.

6. *Cozimento das Peças*. Um oleiro precisava exercer boa técnica quando cozia suas peças de cerâmica, em um forno apropriado. No cozimento, uma peça podia adquirir uma qualidade duradoura, ou podia ser destruída. A Torre dos Fornos, aludida em Nee. 3:11 e 12:38, talvez aluda a fornos usados pelos oleiros. A cerâmica destruída no cozimento, ou quebrada posteriormente, podia ser reduzida a pó, misturada com água até adquirir uma consistência plástica, e, então, ser usada como vedante dos fundos e das paredes laterais de instalações para armazenamento de água.

V. Tipos de Vasos Produzidos

A variedade de vasos era quase interminável, pelo que a lista abaixo é apenas parcial e sugestiva:

No Hebraico: 'aggan, grandes tigelas ou receptáculos. *'asuk*, grandes jarras com bicas, para azeite (II Reis 4:2). *Baqbuq*, jarras de gargalo estreito (I Reis 14:3; Jer. 19:1,10). *Gabia*, um cântaro com boca larga (I Sam. 2:14; Jó 41:20). *Kad*, pires de barro, em forma de anel, com bases arredondadas, onde se apoiavam jarras (Lev. 11:35). *Mahebat*, discos e grelhas para cozer panquecas (Lev. 2:5). *Marheset*, panelas de todos os formatos, para cozinhar (Lev. 2:7). *Masret*, panelas com cabos ou não (II Sam. 13:9). *Miseret*, gamelas. *Nebel*, jarras de vinho (Isa. 30:14). *Sir*, grandes caldeirões (II Reis 4:38). *Sap*, toda espécie de tigela. *Pak*, pequenas jarras, algumas usadas para aquecer líquidos (Juí. 6:19). *Samid*, taças rasas, para líquidos (Núm. 19:14). *Sappahat*, frascos (I Sam. 26:11 *ss*). *Qallahat*, panelas para cozinhar (I Sam. 2:14; Miq. 3:3).

No Grego: Módios, um vaso de medir (Mat. 5:15). *Nipter*, uma bacia (João 13:5). *Potérion*, um copo (Mat. 10:42). *Trúblion*, uma tigela larga (Mat.

26:23). *Philale*, uma taça para ungüentos (Apo. 5:8).

Também havia receptáculos para queimar carvão (Zac. 12:6); vasos para sal e produtos similares (II Reis 2:20); potes para perfumes (II Reis 9:1 *ss*); lâmpadas (Jer. 25:10). No Novo Testamento também aparecem as *udría*, «jarras de água» (João 2:6,7). No Antigo Testamento há um total de trinta e quatro palavras hebraicas ou aramaicas que indicam tipos diferentes de vasos.

Bibliografia. AM ANI KE (1970) ND UN Z

OLEIRO, CAMPO DE

Ver **Aceldama.**

ÓLEO

Ver sobre **Azeite (Óleo).**

ÓLEO, ÁRVORE DE

Ver sobre a **Oliveira.** Em algumas traduções, no trecho de Isa. 41:19, há menção à «árvore de óleo», onde nossa versão portuguesa (e outras) diz «oliveira». «Arvore de óleo» é uma tradução literal. A identificação dessa espécie vegetal continua em debate. Em I Reis 6:23,31-33, temos menção à «madeira de oliveira». Alguns especialistas têm pensado que a referência em Isa. 41:19 é à árvore cujo nome científico é *Balanites aegyptiaca*, que produz um óleo que não parece nativo do vale do rio Jordão. E os jordanianos dizem que a árvore que eles denominam *zackum*, também conhecida como árvore balanita, produz um óleo vegetal de valor. Assim, permanece a dúvida sobre a espécie referida no trecho de Isa. 41:19.

OLHO

No Antigo Testamento é usada uma palavra e, no Novo Testamento, duas, a saber.

1. *'Ayin*, «olho». Esse vocábulo aparece por um pouco mais de setecentas vezes, com esse sentido, pois também pode significar idéias como «cor», «face», «fonte», «aparência», «presença», etc. Sua primeira menção fica em Gên. 3:5; e a última em Mal. 2:17.

2. *Ophthalmós*, «olho». Palavra grega usada por noventa e cinco vezes. Para exemplificar: Mat. 5:29,38 (citando Êxo. 21:24); 6:22,23; 7:3-5; 9:29,30; 13:15 (citando Isa. 6:10); 13:16; 17:8; 18:9; 20:15,33; 21:42 (citando Sal. 118:23); Mar. 7:22; Luc. 2:30; João 4:35; Rom. 3:18 (citando Sal. 36:2); 11:8 (citando Isa. 29:19); 11:10 (citando Sal. 69:24); I Cor. 2:9 (citando Isa. 64:3); I Ped. 3:12 (citando Sal. 34:16); II Ped. 2:14; I João 1:1; Apo. 17:14.

3. *Ómma*, «vista», termo grego empregado por apenas duas vezes: Mat. 20:34 e Mar. 8:23.

Usos Literais. O uso literal é o mais freqüente. O sentido da percepção visual é considerado dotado de extremo valor. Um ferimento devastador contra um inimigo consistia em cegar-lhe os olhos (Juí. 16:21; I Sam. 11:2), o que serve de horrenda ilustração da ilimitada degradação humana. Os olhos são os órgãos da visão do homem (Gên. 3:6) e dos animais (Gên. 30:41); e, antropomorficamente, até de Deus (Sal. 33:18) e, simbolicamente de objetos físicos (Eze. 1:18 e Apo. 4:5).

Usos Metafóricos. Esses são os mais variegados: 1. Como símbolo do orgulho, como no caso dos olhares altivos (Isa. 5:15); 2. da piedade (Deu. 7:16); 3. do sono (Gên. 31:40); 4. dos desejos (Eze. 24:16); 5. da constante vigilância de Deus (Sal. 1:6); 6. da medida de juízo e retribuição absoluta, como na expressão «olho por olho», em Lev. 24:20; 7. de um encontro face a face («olho com olho», no original hebraico) (Núm. 14:14); 8. da visão completa (Gên. 42:24); 9. da iluminação espiritual (Sal. 19:8; Luc. 11:34; Efé. 1:18); 10. do cansaço, «amortecidos» (Sal. 6:7; Jó 17:17); 11. da generosidade, como em «olhos bons», em Luc. 11:34; 12. dos olhos maus, que representam a inveja e o desejo de prejudicar (Deu. 28:54; Pro. 28:22; Mar. 7:22). Ver o artigo separado sobre esse assunto, sob o título *Inveja*. 13. Da facilidade com que as tentações assaltam a um homem, por meio de seus olhos e demais sentidos (Gên. 3:6; I João 2:16); 14. os olhos altivos indicam a arrogância e o orgulho (Sal. 18:27; Isa. 10:12); 15. o olho bom (Mat. 6:22), representa simplicidade e sinceridade. 16. A concupiscência, como no caso dos olhos cheios de adultério (II Ped. 2:14); 17. aquilo que é motivo de profundo deleite, a pupila do olho (Deu. 32:10; Zac. 2:8); 18. a fixação da atenção sobre as coisas apropriadas, os olhos do sábio estão em suas cabeças (Ecl. 2:14); em contraste com isso, os olhos dos tolos vagueiam pelos confins da terra (Pro. 17:24); 19. abrir os olhos é dar toda a atenção a alguma coisa (Núm. 24:3); 20. ter olhos que não vêem é mostrar-se insensível para com as realidades espirituais (Isa. 6:10; Rom. 11:8); 21. arrancas os próprios olhos e dá-los a outrem indica grande amor e sacrifício pessoal (Gál. 4:15); 22. o olho insatisfeito é a ganância que jamais se satisfaz (Ecl. 4:8); 23. ciscos ou traves no olho indicam pecados menores ou maiores, que obstruem a visão espiritual e nos impedem de tratar outras pessoas com a devida justiça (Mat. 7:3).

OLHO, CEGUEIRA DO

Ver sobre **Crimes e Castigos.**

OLHO MAU (MAU OLHADO)

Esse é um assunto comumente ventilado, nas religiões primitivas, havendo algum reflexo da idéia na Bíblia. Ao falar em «religiões primitivas», não queremos dizer que não exista tal coisa como o olho mau, ou que a noção não faça parte das religiões modernas. O *olho mau* é o suposto poder que uma pessoa tem para prejudicar ou mesmo matar, mediante um olhar carregado de maldade e de maldição. Fica entendido que o indivíduo que lança tal olhar seja uma pessoa dotada de poderes psíquicos, impulsionada por algum espírito, de tal modo que seu intuito, ao olhar para alguém ou para alguma coisa, se cumpra. Meu irmão, quando trabalhava como missionário evangélico na África, encontrou casos dessa natureza e mais de um de seus evangelistas foi alvo das maldições lançadas por algum bruxo africano. Coisa alguma lhes aconteceu, nesses casos; mas há evidências suficientes para provar que, em alguns casos, algum tipo de poder maligno entra em operação, nos maus olhados, que pode prejudicar ou mesmo matar.

Proteção. Há quem use encantamentos; outros proferem orações; também são aplicadas contramaldições. Alguns estudiosos vêem algo assim, envolvido no trecho de Juízes 8:21. Também há juramentos feitos, solicitando a proteção de forças divinas. Alguns pensam que a inveja é a grande força por detrás do mau olhado. Isso tem levado ao costume, de algumas pessoas que, ao olharem para outras pessoas, animais, crianças, ou seja o que for, com olhar de admiração, também dizem: «Deus te abençõe», para que as outras pessoas entendam que elas são impulsionadas por bons desejos, e não por qualquer

sentimento de inveja, que produziria o malfadado «mau olhado». Tudo isso envolve o mais puro egoísmo. Ver também trechos como Deu. 28:54,56 e Pro. 28:22, que também têm em mira o simples egoísmo. A inveja ou o egoísmo também figura em Mat. 20:5. Ver, igualmente, Mat. 6:22,23 e Luc. 11:34, quanto a outras possíveis referências à questão.

OLHOS, COBERTURA DOS

Essa expressão não aparece na nossa versão portuguesa, mas é o que se lê no original hebraico, em Gên. 20:16, bem como em algumas versões estrangeiras. A expressão tem sido variegadamente interpretada. No hebraico é *kesuth ayin*, «cobertura do olho». Alguns intérpretes pensam que Abimeleque aconselhou Sara e suas mulheres, enquanto estivessem na cidade ou nas proximidades, a conformarem-se no costume do uso do véu, visto que nos países do Oriente, o véu não cobria apenas os cabelos, mas também a maior parte do rosto, ao passo que virtualmente apenas os olhos eram deixados de fora. Ver o artigo sobre o *Véu*. No entanto, outros estudiosos pensam que está em foco alguma espécie de dádiva, à guisa de compensação pela vergonha que ela sofrera na corte real. Esta última é a interpretação adotada por nossa versão, onde se lê: «...será isto compensação por tudo quanto se deu contigo; e perante todos estás justificada» (Gên. 20:16).

OLHOS, DOENÇAS DOS

Ver o artigo sobre as **Doenças da Bíblia**.

OLHOS, PINTURA DOS

A pintura das pálpebras, dos cílios e das áreas ao redor dos olhos tem sido um costume dos povos, desde os tempos mais remotos. Os hebreus costumavam fazer isso e, aparentemente, muito antes deles, era algo costumeiro no Egito. A arqueologia tem demonstrado que desde cerca de 4000 A.C., os bedarianos, do Egito, costumavam reduzir a pó a malaquita verde, compactando-a em tabletes, para ser então usada como material de pintura dos olhos, a qual era aplicada com o auxílio de um pincelzinho. É possível que o preparado atuasse como germicida; mas podemos estar certos de que a vaidade feminina estava à raiz desse costume. Um bastãozinho de pintura foi encontrado em Heracômpolis, da época dos reis da primeira dinastia do Egito, cerca de 2900 A.C. Encontrava-se entre as coisas que tinham pertencido ao rei Narmer e era bastante grande. Sabe-se que os fenícios e vários povos mesopotâmicos, também praticavam esse costume. Jezabel pintava seus olhos (II Reis 9:30). O trecho de Jer. 4:30 fala em aumentar o tamanho dos olhos com pintura. Presumivelmente isso aumentava a beleza do rosto feminino. O profeta Ezequiel referiu-se, consternado, a essa prática, juntamente com outras de idêntica natureza, quando denunciou a vaidade e os pecados de Israel (Jer. 23:40). A terceira filha de Jó chamava-se Quéren-Hapuque, «chifre de pintura» (Jó 42:14), uma evidente referência à pintura de olhos. Essa referência em sentido algum deve ser entendida em sentido depreciador. O pó usado como pintura dos olhos era guardado em um chifre, de onde era retirado em pequenas quantidades para ser misturado com água, antes de ser aplicado aos olhos. Também havia um pó feito de antimônio (que vede).

Materiais Usados. Minerais reduzidos a pó, minério de chumbo, sulfito de chumbo, de várias cores, além de substâncias vegetais variadas. O mineral, estíbio, ou antimônio (que vede) -que era usado com esse propósito, aparece alistado como parte do tributo pago por Ezequias a Senaqueribe, da Assíria, nos *anais* deste último.

Decoração Feminina. As mulheres sempre se sentiram inclinadas por decorar os seus corpos, de uma maneira ou de outra — usualmente de vários modos, ao mesmo tempo, para grande consternação dos profetas e pregadores. Quando eu era jovem, o costume geralmente era muito condenado nas igrejas evangélicas, embora algumas poucas mulheres ousassem quebrar a regra. Mas, quando Billy Graham foi à Europa, sua esposa usou um pouco de batom nos lábios, isso escandalizou a muitos crentes dali. Mas, desde então, o uso do batom começou a crescer no seio das igrejas evangélicas. Certo pregador chegou a dizer: «A porta de qualquer celeiro parece melhor quando está pintada». Isso é verdade, naturalmente, e a lógica nisso envolvida é difícil de derrotar. Mas, visto que o impulso para enfeitar-se passa, nos genes femininos, de mãe para filha, nenhuma pregação conseguirá eliminar totalmente o costume. A grande regra a ser aplicada nesse caso é aquela já bem testada e aprovada, que os gregos louvavam tanto: a *moderação*. Pessoalmente, já deixei de acreditar (como o fazia, quando era adolescente) que um pouco de enfeite seja capaz de prejudicar espiritualmente uma mulher. Além disso, algumas jóias são capazes de fazê-la parecer melhor, e também não lhe traz qualquer dano espiritual. O que prejudica a espiritualidade de uma pessoa, homem ou mulher, é o pecado: matar, roubar, adulterar, mentir, entregar-se à idolatria, usar de hipocrisia, a maledicência, a inveja, o ódio, a falta de caridade com o próximo e coisas semelhantes, que realmente são condenadas na Bíblia. Se uma mulher crente não tem segundas intenções, quando se enfeita, nada há de errado nisso. Muitas mulheres de Deus, cujas vidas nos são retratadas com certo detalhe, enfeitavam-se. Mas, naturalmente, o ponto também envolve uma questão de consciência pessoal, que cada pessoa crente precisa resolver diante de si mesma e do Senhor. Uma boa diretriz a ser observada é a que diz: «...e tudo o que não provém de fé é pecado» (Rom. 14:23).

OLIGARQUIA

Essa palavra vem do grego, **oligoi**, «poucos», e **arche**, «governo», ou seja, o governo dirigido por poucos. Muitas chamadas democracias são, na realidade, oligarquias, visto que o poder é controlado por alguns poucos que governam por decreto ou por domínio econômico. Usualmente, o governo de poucos é determinado por alguma forma de poder econômico ou militar, ou mesmo por ambos esses poderes.

1. *Platão*, em sua obra, *República*, via a oligarquia como uma forma de timocracia que havia degenerado. Na timocracia, «domínio dos honrados», a honradez é o critério do governo. A palavra grega para «honra» é *tímos*. Mas até mesmo as timocracias com freqüência são governos daqueles cuja honra depende do dinheiro e não tanto do valor pessoal.

2. *Aristóteles* considerava a oligarquia como uma forma degenerada de aristocracia, esta última sendo (idealmente) o governo daqueles que são verdadeiramente os melhores e mais bem qualificados, com base no termo grego *áristos*, «melhor».

3. *Hobbes* afirmava, curiosamente, que a *oligarquia* na verdade não é um tipo diferente do governo, e sim, o nome que os homens dão às aristocracias quando elas não lhes parecem agradáveis. Contra essa

opinião, pode-se observar que aqueles que são *melhores* no tocante ao poder e ao dinheiro, por muitas vezes são os *piores* no tocante à moralidade e à integridade pessoal.

OLIMPAS

Ver Rom. 16:15. Esse era o nome de um cristão que Paulo saudou naquela sua epístola. Ele residia em Roma ou na Ásia Menor, dependendo do décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos fazer parte original dessa epístola ou ser uma minúscula epístola de introdução que saudava os cristãos da Ásia Menor. Quanto a esse problema, ver o artigo sobre *Romanos*, oitava seção. Esse nome é uma forma abreviada de Olimpiodoro, ou de algum outro nome próprio composto com a raiz *Olimp*. O *Olimpo* era uma montanha situada na Tessália, cujo cume chegava aos 3.000 m. De acordo com a mitologia grega, era ali que residiam os principais deuses do panteão helênico. Daí desenvolveu-se a idéia de um céu olímpico (não um monte literal), com seus deuses olímpicos. No pico mais alto, o deus supremo dos deuses, Zeus (no latim, Júpiter) tinha o seu trono, onde também reunia-se o conselho dos deuses. Foi apenas natural que vários nomes próprios gregos se tivessem formado, tendo Olimpo como ponto de partida. Deve-se notar que a forma grega do nome Olimpas é masculina, e não feminina; a forma feminina seria Olimpa.

OLIMPO

Ver sobre *Olimpas*.

OLIVEIRA (AZEITONA)

A palavra hebraica correspondente é *zayit*; e o termo grego que lhe corresponde é *elaía*. Em Rom. 11:24, são usadas palavras compostas: *kallielaíos*, para a boa oliveria; e *agrielaíos*, para indicar a oliveira brava. Ver o artigo separado intitulado *Azeite* (*Óleos*), quanto a uma completa descrição do valor desse produto da oliveira e de outras espécies vegetais. Apesar de não ser o óleo mais exótico, o azeite de oliveira é, em muito, o mais valioso e mais comumente empregado dos óleos vegetais, pelo menos assim pensavam os antigos. A primeira menção à oliveira acha-se em Gên. 8:11, em relação à pomba que retornou à arca de Noé, trazendo um raminho de oliveira no bico, como que mostrando que as águas do dilúvio estavam baixando de nível. O trecho de Deu. 6:11 mostra-nos que essa árvore era nativa na Palestina, e muito comum ali, quando o povo de Israel entrou para tomar posse da Terra Prometida. As passagens de I Sam. 8:14 e II Reis 5:26 falam sobre o valor da oliveira e seus produtos. O nome científico da oliveira é *Olea europaea*, embora essa espécie seja tida como nativa da Ásia ocidental. Os orientais tinham um respeito especial pela oliveira, considerando-a símbolo da beleza, da força e da prosperidade. Seus ramos acabaram associados às idéias de amizade e paz. Ver Sal. 52:8.

Há várias espécies de oliveira. No Oriente Próximo e Médio há quatro variedades; e, em certas áreas, como em torno de Hebrom e de Belém, essa árvore é abundante, podendo ser a única árvore de certa envergadura, nas circunvizinhanças. As oliveiras cultivadas atingem cerca de 6 m de altura, com um tronco contorcido e numerosos galhos. É uma das poucas árvores que pode atingir séculos de vida. Embora nenhuma oliveria conhecida na Palestina remonte ao século I de nossa era, algumas delas, na verdade, têm várias centenas de anos. Se a oliveira for decepada, novos rebentos nascem das raízes, ao ponto de nada menos de cinco novos troncos aparecerem onde antes havia um só. O azeite é o produto mais valorizado da oliveira, embora ela também seja uma árvore que produz boa sombra, importante nos lugares de sol tórrido.

Na antiguidade, a oliveira era mais larga e intensamente distribuída do que em nossos dias. Havia grandes bosques de oliveiras à beira da planície da Fenícia, como também na planície de Esdrelom, no vale de Siquém, em Belém, Hebrom, Gileade, Laquis e Basã. A oliveira medra bem à beira-mar, e resiste bem à atmosfera salina que ali domina. O trecho de Deu. 28:40 sugere que deveriam ser plantadas oliveiras beirando as costas marítimas.

Os ocidentais, tão acostumados com as árvores perenemente verdes, não percebem muita beleza na oliveira; mas no Oriente quase não há espécies vegetais perenemente verdes, pelo que a folhagem da oliveira apresenta uma visão atrativa. A oliveira é dotada de grande resistência, podendo sobreviver onde poucas outras espécies podem fazê-lo. A produção de azeitonas é profusa, até mesmo quando há condições aparentemente adversas; e um mínimo de cuidados pode conseguir isso.

A colheita das azeitonas, que ocorre perto dos fins do mês de novembro, geralmente é abundante. Uma única árvore pode produzir tanto quanto 75 litros de azeite. Os ramos são sacudidos ou batidos com varas, a fim de que as azeitonas se desprendam e caiam no chão. Essa maneira de colher as azeitonas, primitiva e, por muitas vezes, prejudicial, é mencionada em Deu. 24:20, e continua sendo usada, embora o método de colher uma por uma seja atualmente mais empregado. O azeite era extraído das azeitonas pondo-se as mesmas em uma cisterna rasa, para então serem esmagadas por uma grande pedra vertical de moinho. O trecho de Deu. 33:24 mostra-nos que, algumas vezes, as azeitonas eram esmagadas com os pés, à maneira das uvas. Se deixado em descanso por algum tempo, o azeite separa-se de outro material das azeitonas. Na antiguidade, o azeite era armazenado em jarras ou cisternas cavadas na rocha.

Na oliveira, somente uma flor de cada cem produz fruto; mas a inflorescência é tão densa que isso não apresenta qualquer problema de produtividade. E quando as pétalas caem, sopradas pelo vento, elas são tão numerosas que parece estar nevando.

O principal produto da oliveira é o azeite, descrito com abundância de detalhes no artigo intitulado *Azeite*. Também há outros usos, mencionados no Antigo Testamento. Os querubins do templo de Salomão foram esculpidos em madeira de oliveira (I Reis 6:23). A madeira da oliveira até hoje é usada no fabrico de móveis de qualidade. Essa madeira pode adquirir um alto polimento. Ramos de oliveiras eram usados para construir cabanas, por ocasião da festa dos Tabernáculos (Nee. 8:15). Azeitonas frescas ou preparadas em salmoura eram comidas com pão.

O fruto da oliveira brava é pequeno e sem valor, pelo que é mister enxertá-la na boa oliveira para que se obtenha boa produtividade. Paulo usou essa circunstância para apresentar uma metáfora espiritual, em Rom. 9:17.

Usos Figurados:

1. A paz reconciliadora de Deus (Gên. 8:11).

2. Alguns estudiosos pensam que os querubins do templo, feitos de madeira de oliveira, representam acesso ao Senhor (ver I Reis 6:23).

3. As duas oliveiras ungidas (ver Juí. 9:8,9; Sal.

52:8; Apo. 11:4) provavelmente tinham algum simbolismo que não é claro em nossos dias. Alguns estudiosos têm cristianizado isso, como se essas oliveiras falassem sobre as duas naturezas de Cristo, ou, então, seus ofícios de sacerdote e profeta. Já em Apo. 11:4 o simbolismo é mais claro. As duas testemunhas que aparecerão nos últimos dias são comparadas a duas oliveiras e dois candeeiros. O simbolismo é tomado por empréstimo de Zac. 4:1-14. As oliveiras falam sobre as testemunhas ungidas, estando essas árvores associadas ao azeite da unção. O azeite de oliveira era o combustível das lâmpadas do candeeiro do tabernáculo e do templo. O fato de que aquelas testemunhas são duas tem sugerido as pessoas de Moisés (representante da lei) e de Elias (representante dos profetas), como quem era símbolo de Jesus Cristo, embora talvez isso já seja levar longe demais essa metáfora.

4. As oliveiras cultivadas representam o povo de Deus, estando em destaque a utilidade, a beleza e o vigor espiritual deles. Ver Jer. 11:16 e Osé. 14:6.

5. Em contraste com isso, os gentios são comparados com oliveiras bravas, para nada servindo, segundo a estimativa dos judeus. Os ramos de oliveira brava precisam ser enxertados no tronco de uma oliveira cultivada, se tiverem de tornar-se produtivos. Israel, que é nação tipificada pelos ramos da boa oliveira, foi cortada por motivo de apostasia; e então, os ramos da oliveira brava, uma vez enxertados no tronco da boa oliveira, passaram a ser produtivos (ver Rom. 11:17,24). Não é cientificamente verdadeiro que um ramo de oliveira brava, uma vez enxertado em uma boa oliveira, passa a produzir bons frutos, de modo «contrário à natureza»; mas tal processo serviu ao propósito que Paulo tinha em mente.

6. Os ímpios parecem-se com oliveiras que deixam cair suas folhas antes da estação própria, e, por isso mesmo, permanecem estéreis (ver Jó 15:33).

7. As crianças são comparadas com oliveiras que se reúnem em torno da mesa de seus pais. Não demora muito para que cresçam e se tornem pessoas independentes, passando a ser adultos úteis e possuidoras de beleza toda própria, da mesma maneira que uma oliveira cresce e produz azeitonas no tempo certo (Sal. 128:3).

OLIVEIRAS, MONTE DAS

Ver *Monte das Oliveiras*.

OLSHAUSEN, JUSTUS

Suas datas foram 1800-1882. Ele foi um orientalista alemão e professor de idiomas orientais em Kiel e Konigsberg. Era evangélico. Devotou parte do seu tempo ao estudo e à crítica do Antigo Testamento, tendo produzido alguns comentários de valor. Seus estudos nos Salmos constituíram uma obra importante, que inspirou ainda maiores estudos. Suas críticas textuais e históricas apontaram o caminho para investigações mais sérias sobre essas questões. Ele também atuou como pioneiro no estudo moderno da gramática hebraica.

OM

Essa é uma palavra sânscrita que dá a idéia de «consentimento». Originalmente era escrita *aum*, e essas três letras representavam, respectivamente, o absoluto, o relativo e a relação entre o absoluto e o relativo. A tríade, *Brahma* (criador), *Vishnu* (preservador) e *Siva* (destruidor), também era simbolizada por esse vocábulo. A exclamação *Om!* é usada até hoje por todas as escolas hindus de meditação. Usualmente é pronunciada no começo da recitação das *mantras* (vide). Alguns místicos têm grande respeito pelo poder da vibração de certas palavras, em busca de estados espirituais certos ou de estados alterados da consciência, ou mesmo de iluminação potencial. Muitos estudiosos pensam que isso é apenas superstição e mágica, mas a questão merece maior investigação. Algumas vezes há coisas estranhas que têm um fundo de verdade, ou, pelo menos, de verdade parcial. No misticismo moderno, o termo *om* veio a indicar a *essência espiritual* das coisas. Pode indicar a totalidade do mundo, com suas partes, ou, então, o passado, o presente e o futuro, e também *Atman*, o «eu» de todas as coisas.

OM (CIDADE)

No hebraico, essa palavra significa «força». Deriva-se do nome egípcio, *Iwnw*, «cidade da coluna». Esse era o nome de uma cidade egípcia onde vivia Potífera, que veio a tornar-se sogro de José, filho de Jacó. Potífera era um sacerdote egípcio cuja filha, Asenate, veio a ser a esposa de José (Gên. 41:45,50; 46:20). A antiga cidade de Om era a capital da décima terceira província do Baixo Egito. Ficava localizada cerca de dez quilômetros a nordeste da moderna cidade de Cairo, e cerca de cinco quilômetros ao norte da moderna cidade de *Heliópolis* (vide). O local conta com ruínas espalhadas hoje em dia, recebendo o nome de *Tell Hisn*. A Septuaginta chama Om de Heliópolis, em Gên. 41:45,50 e Isa. 45:20. O trecho de Êxo. 1:11 informa-nos que Om era uma das cidades edificadas pelo trabalho escravo dos israelitas. Heliópolis, por sua vez, significa «cidade do sol». Em Jer. 43:13, lemos: «...Bete-Semes na terra do Egito...», para distingui-la de uma cidade do mesmo nome, existente no território da Palestina.

Heliópolis era a cidade dedicada ao deus-sol, Rá. Além de ser ela distinguida como o centro dessa adoração idólatra, também era uma cidade-santuário do Egito, sendo uma das quatro mais distinguidas cidades egípcias, devido às suas elaboradas festas religiosas em honra ao sol. Quanto a maiores comentários sobre essa cidade, ver o artigo intitulado *Heliópolis*.

OM (PESSOA)

No hebraico, «força». O manuscrito A da Septuaginta grafa o seu nome como *Aunan*, que corresponde a *Onã*; mas, no texto massorético, essa forma do nome já aponta para um homem diferente. Seja como for, parece que esses nomes próprios tinham alguma ligação um com o outro. Talvez Om fosse uma forma abreviada daquele nome. Om foi um líder da tribo de Rúben, e era filho de Pelete. Ele notabilizou-se porque, juntamente com Coré, fez oposição a Moisés, quando Israel estava no deserto (ver Núm. 16:1). Ele viveu em torno de 1470 A.C.

OMAN, JOHN WOOD

Suas datas foram 1860-1939. Ele foi professor de teologia do colégio Westminster, em Cambridge, e também um líder da teologia liberal britânica. Escreveu vários livros úteis. Ele é melhor lembrado por causa de certos argumentos em favor da filosofia geral do liberalismo teológico, em contraste com o *fundamentalismo* (vide). Ele afirmava que as teorias

fundamentalistas de revelação infalível, com a manipulação e obscurecimento de textos de prova, são debilitadoras para a fé e a honestidade dos intérpretes. Em contraste com isso, ele procurava mostrar que a essência da fé religiosa é a nossa reação positiva ao Ser divino, sem tais atividades que obscurecem a fé real. Ele acreditava na realidade do contato com a Presença divina e criticava aqueles que costumam transformar a religião em meras psicologias. Para ele, as experiências religiosas podem ser razoavelmente explicadas, pelo menos em certos casos, como reações genuínas às realidades espirituais. A capacidade de corresponder à divina Presença é inerente ao homem, sendo uma de suas mais elevadas capacidades. Mas, aqueles que enfatizam a letra e sua rigidez, correm o perigo de perder a melhor parte. A capacidade natural do homem, de buscar o Ser divino, pode conduzi-lo aos valores absolutos e a uma mais ampla compreensão da natureza e da vida. Dessa atividade emergem verdadeiros ideais e valores humanos.

Oman dava valor ao *discernimento pessoal*, produzido pelas experiências religiosas pessoais, *mais* do que a sistemas teológicos de justificação pela fé, que seriam capazes de esterilizar a experiência espiritual. Existem valores sagrados, é verdade, mas só podemos tomar conhecimento deles mediante as experiências pessoais, e não confiando em sistemas cuidadosamente traçados, com seus perenes conflitos, cujas armas consistem na manipulação de textos de prova.

É claro que a visão de Oman, apesar de ser um protesto legítimo contra abusos da ortodoxia, era incompleta, pois toda legítima experiência com o Ser divino precisa estar em acordo com o espírito das Santas Escrituras, o roteiro que não nos deixa desviar para longe da verdade revelada, mediante o nosso subjetivismo.

OMAR

No hebraico, «falador». Era filho de Elifaz, filho de Esaú (Gên. 36:15; I Crô. 1:36). Ele era o cabeça de um clã edomita. Viveu em torno de 1900 A.C.

OMBREIRA

Uma das três partes formadoras de uma porta, havendo o limiar, as ombreiras laterais, onde havia os soquetes onde os pivôs eram postos, e a verga da porta, ou peça horizontal, na parte superior da entrada. Moisés ordenou os israelitas que escrevessem mandamentos divinos, ou sentenças das Escrituras, nas ombreiras das portas, parcialmente como um ato de piedade e também como proteção para as casas. O contexto é o sexto capítulo de Deuteronômio, onde essa ordem aparece (vs. 9), especialmente a fim de fazer as palavras do Senhor serem vitais para os israelitas. Eles deveriam guardar no coração os mandamentos de Deus, ensinando-os a seus filhos, atando-os às suas mãos e em chapas postas sobre a testa, além de escrevê-los nas ombreiras das portas. Desse modo, não se esqueceriam de sua herança espiritual. Ver o artigo sobre *Portas*.

OMBRO

No hebraico há dois vocábulos envolvidos; no grego, um:

1. *Katheph*, «ombro». Palavra hebraica usada por vinte e duas vezes. Para exemplificar: Êxo. 28:7,12, 25; Núm. 7:9; Deu. 33:12; Isa. 11:14; 30:6; Eze. 12:6,7,12; 34:21; Zac. 7:11.

2. *Shekem*, «ombro». Palavra hebraica usada por dezessete vezes. Por exemplo: Gên. 9:23; 21:14; 24:15,45; Êxo. 12:34; Jos. 4:5; Juí. 9:4; I Sam. 9:2; 10:23; Sal. 81:6; Isa. 9:4,6; 22:22.

3. *Ómos*, «ombro». Vocábulo grego usado por duas vezes: Mat. 23:4 e Luc. 15:5.

Essa palavra é usada na Bíblia tanto em sentido literal quanto em sentido figurado. Em ambos os casos, o ombro usualmente aparece como aquela parte do corpo humano onde algum peso é transportado. Isso é apenas natural, porquanto é a única porção do corpo humano com uma área horizontal apreciável. A outra porção conveniente é o alto da cabeça. Muitos povos se acostumaram a levar também cargas sobre a cabeça. No interior de muitos estados nordestinos, no Brasil, há pessoas dotadas de uma incrível capacidade de equilíbrio sobre a cabeça, onde carregam as mais variadas cargas.

Os antigos transportavam objetos pesados sobre os ombros (Gên. 21:14). O pastor que encontrou a sua ovelha perdida (Luc. 15:5) é retratado a transportá-la nos ombros. Há nisso um reflexo do lindo relacionamento entre Deus e os seus filhos, segundo se percebe em Deuteronômio 33:12. Ambos os trechos bíblicos (Deu. 33:12 e Luc. 15:5) ilustram o estado humano de dependência a Deus, sobretudo no aspecto de como resolver o seu pecado pessoal.

Figuradamente, os ombros usualmente indicam a atitude de submissão, sem importar se diante de uma carga inesperada ou diante de uma responsabilidade assumida voluntariamente. Mateus, ao referir-se às leis desnecessárias, impostas pelos fariseus sobre os judeus em geral, em vez de entregarem a questão aos cuidados de Deus, diz que Jesus comentou: «Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los» (Mat. 23:4). Isaías relaciona a promessa do Senhor de que o jugo assírio seria quebrado com a idéia de que esse jugo seria tirado de cima dos ombros de seu povo (Isa. 14:25). Os primeiros sacerdotes de Israel foram instruídos a usar, entre outras peças de seu vestuário especial, uma estola sacerdotal sobre os ombros na qual havia duas pedras gravadas com os nomes de seis tribos em cada uma. Uma pedra ficava sobre o ombro esquerdo, e a outra sobre o ombro direito (Êxo. 28:1-12). Isso significava que os sumos sacerdotes eram os responsáveis pela vida espiritual do povo de Israel. Finalmente, falando em termos proféticos acerca do Messias, Jesus de Nazaré, Isaías referiu-se à responsabilidade que ele teria de julgar, quando escreveu: «...o governo está sobre os seus ombros...» (Isa. 9:6).

OMEGA

Esse é o nome da última letra do alfabeto grego, que representava um fonema como um *o* longo, mais ou menos como escreveríamos, em português, *ô*. Algumas vezes, essa letra grega é usada nas Escrituras como o contraste com Alfa, a primeira letra do alfabeto grego, tornando-se assim um dos títulos de Cristo (ver Apo. 1:8; 21:6; 22:13). Quanto a descrições completas, ver o artigo intitulado *Alfa e o Ômega, O*.

ÔMER

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

••• •••

OMISSÃO, PECADOS DE

Na verdade, há algo de consternador no fato de que, se por um lado, fazemos muitas coisas que laboram em erro, o nada fazer, a inatividade, também pode constituir um pecado. Tiago fez disso um princípio do evangelho, ao afirmar: «Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando» (Tia. 4:17). Nisso rebrilha uma certa lógica. Não basta saber o que é certo. A fim de que esse conhecimento seja espiritualmente valioso, é mister que o indivíduo *ponha em prática* aquilo que ele sabe ser direito. Acima de tudo destaca-se a lei do amor, que nos diz que devemos servir ao próximo. Jesus ensinou que aqueles que servem são maiores do que aqueles que são servidos. Isso posto, há um galardão para a prática do bem. São e devem ser considerados verdadeiramente grandes aqueles que praticam a lei do amor. Além disso, usualmente é o egoísmo (sem dúvida, um pecado!) que nos leva a não fazer o bem em favor de nossos semelhantes. Com base nesse fato, podemos ajuizar que os pecados de omissão, com freqüência, se não mesmo sempre, estão baseados em alguma forma de egoísmo. E assim, se podemos fazer coisas que não se ajustam aos mandamentos contra atos pecaminosos, assim também podemos deixar de fazer aquelas coisas que se ajustam ao maior dos mandamentos, o «amor», mediante o qual podemos cumprir a lei, em sua inteireza (ver Rom. 13:10).

Não basta a alguém ser bom; esse alguém também deve pôr o bem em prática. É conforme afirma a Breve Confissão de Westminster: «Pecado é qualquer falta de conformidade para com a lei de Deus ou transgressão contra a mesma» (Q.13). A lei de Deus tanto é negativa quanto é positiva. Proíbe certos atos, mas também ordena a prática de outros atos. Podemos falhar quanto a um lado ou quanto a outro dessa questão. O padrão divino, expresso na lei mosaica, é elevadíssimo. E o Novo Testamento estipula: «...sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste» (Mat. 5:48). Cumpre-nos compartilhar da natureza de Deus (ver II Ped. 1:4), mediante a nossa transformação segundo a imagem do Filho de Deus (ver II Cor. 3:18; Rom. 8:29). Somente um longo período de vivência e desenvolvimento espirituais pode livrar-nos dos pecados de omissão. De fato, é perfeitamente possível que, em nosso desenvolvimento espiritual, cheguemos a deixar de cometer atos pecaminosos muito tempo antes de começarmos a aprender a verdadeiramente obedecer a lei do amor. O Espírito Santo cultiva em nós os próprios valores e atributos morais de Deus (Gál. 5:22,23), e esse cultivo, pelo menos nesta existência terrena, não vê o fim dessa atividade do Espírito. Sempre haverá espaço para o nosso aprimoramento; e, por conseguinte, a possibilidade de deixarmos de fazer aquilo que deveríamos fazer.

ONÃ

No hebraico, «vigoroso». Com alguma variação na grafia, esse foi o nome de três personagens que figuram no Antigo Testamento, a saber:

Com um *men* (letra hebraica correspondente ao nosso «m») no fim:

1. Um neto de Seir ou Edom, irmão de Jacó. Seu pai chamava-se Sobal (Gên. 36:23; I Crô. 1:40). Ele viveu em cerca de 1700 A.C.

2. Um filho de Jerameel (I Crô. 2:26;28). Ele fundou um dos clãs da tribo de Judá. Viveu em torno de 1490 A.C.

Com um *nun* (letra hebraica correspondente ao nosso «n») no fim:

3. O segundo filho de Judá, cuja mãe era cananéia (Gên. 38:4; 51:12; Núm. 26:19; I Crô. 2:3). Ele se tornou mais conhecido devido a uma curiosa circunstância, que envolve *o casamento levirato* (vide). Tendo morrido seu irmão mais velho, Er, Onã desposou a viúva daquele, Tamar. Ele tinha sexo com ela, mas evitava engravidá-la, derramando o sêmen no chão, naquela prática que, mais educadamente chama-se *coitus interruptus*. Dessa circunstância é que se deriva a expressão «onanismo» ou «pecado de Onã», ou seja, a masturbação. Apesar do pecado de Onã não ser exatamente esse, podemos entender como as duas coisas vieram a ser associadas. O episódio é narrado em Gên. 38:1-11. Apesar de talvez sorrirmos diante do que nos pode parecer uma ridícula circunstância, o trecho de Gên. 38:10 diz-nos que o Senhor tirou a vida de Onã por causa disso. Todavia, não sabemos quais as circunstâncias da morte dele, embora o caso nos admire. Atualmente, a poligamia é proibida por lei. Mas, naquele tempo, se não fosse levada a termo, pelo menos no caso do casamento levirato, era considerada uma ofensa grave.

ONESÍCRITO

Ele floreceu em cerca de 330 A.C. Onesícrito foi um filósofo grego que seguia o cinismo. Era discípulo de *Diógenes de Sínope* (vide). Acompanhou a Alexandre, o Grande, em sua expedição à Índia. Ali ele conheceu os gimnosofistas hindus, uma seita de filósofos ascetas que usavam pouca ou nenhuma vestimenta (o que explica o nome deles, «sábios despidos»). Onesícrito ficou impressionado com as idéias e com o modo de vida deles, e pensou que eles eram o confirmação dos principais conceitos da filosofia cínica.

ONESÍFORO

Esse foi o nome de um crente de Éfeso (ver II Tim. 1:16-18 e 4:19), e que, destemidamente, serviu a Paulo quando este se achava encarcerado em Roma, pela segunda vez. Na ocasião, a própria vida de Onesíforo correu perigo. Sua bravura contrastou com a tibieza e deserção de Fígelo e Hermógenes (II Tim. 1:15). O nome Onesíforo significa «portador de benefícios», o que se tornou verdadeiro no caso de Paulo, quando este sofria severo período de necessidade de ajuda alheia e de crise, pois estava sendo injustiçado pelo próprio governo imperial de Roma.

Orações Pelos Mortos?

O trecho de II Tim. 1:18 registra a oração de Paulo por Onesíforo (que parece já ter morrido), e onde Paulo exprimiu o desejo que ele fosse favorecido pelo Senhor no dia do julgamento. Alguns têm visto nesse versículo um texto de prova da eficácia das orações dos vivos pelos mortos, e têm ampliado a questão ao purgatório, onde, presumivelmente, tais orações exerceriam um efeito benéfico sobre as almas ali retidas. Mas, combatendo a idéia, outros eruditos observam que está em pauta o dia do Senhor (o julgamento), e não o estado intermediário dos crentes. Outros, embora não tomando este versículo como texto de prova, ainda assim recomendam as orações pelos mortos, com base na doutrina da comunhão de todos os santos. O trecho de I Ped. 4:6 diz que o estado dos mortos ainda não foi fixado (sê-lo-ia—dizem alguns—a partir do julgamento do trono branco; ver Apo. 20:11 *ss*), pelo que orações pelos crentes mortos ajudariam aos mesmos. Muitas igrejas cristãs orientais, e também as anglicanas, crêem na eficácia

das orações pelos mortos em geral, e não somente pelos crentes que já morreram. E, naturalmente, acreditam que os fiéis que já faleceram podem ser ajudados por nossas orações. Mas a maioria dos grupos protestantes e evangélicos rejeita peremptoriamente ambas as idéias. Pessoalmente, inclino-me para a posição oriental, quanto a essa doutrina, embora eu mesmo não costumo orar pelos mortos. No entanto, creio em um ativo ministério de Cristo em favor deles. Ver o artigo sobre *Descida de Cristo ao Hades*.

Todos abandonaram o apóstolo Paulo, II Tim. 1:15.

A fim de aliviar a grande seriedade desta declaração, alguns eruditos supõem que a palavra «todos» não indica aqueles que realmente residiam na Ásia, isto é, as igrejas dali, mas antes, a. certos líderes de seitas; ou b. certos indivíduos a quem Paulo solicitara que o defendessem em Roma, alguns dos quais de fato tinham partido para Roma com esse propósito, mas dentre os quais alguns se cansaram da viagem e voltaram atrás, ao passo que outros, mesmo depois de chegarem a Roma, ficaram desencorajados antes ou depois do julgamento, tendo decidido que o caso estava perdido, e assim retornaram à sua terra, deixando Paulo sem o menor apoio. Se esse realmente foi o caso, então há uma alusão histórica genuína, preservada nestas epístolas, embora talvez não tivessem elas sido escritos pelo próprio Paulo. Ver o artigo sobre — *Epístolas Pastorais*, seção I, que explica o problema da autoria dessas epístolas. Por outro lado, existem estudiosos que pensam que a expressão *os da Ásia* seria um hebraísmo com o sentido de «aqueles provenientes da Ásia». E isso poderia indicar crentes residentes em Roma, mas que anteriormente viviam na Ásia Menor, que tinham sido solicitados a ajudar o apóstolo dos gentios. Ou, então, poderia indicar viajantes vindos da Ásia, os quais, embora solicitados a ajudarem a Paulo, declinaram de fazê-lo. Essa falta de testemunhas de defesa poderia ter sido causada por medo, mais do que pela disposição de não ajudar; pois qualquer ajuda prestada poderia ter sido fatal para quem a desse, considerando-se aqueles tempos tão agitados e o furor da perseguição.

Se examinarmos II Tim. 1:16, veremos que essas interpretações são plausíveis, porquanto é dito acerca de Onesíforo que ele não se envergonhara das cadeias de Paulo, pois, com freqüência, refrigerara e encorajara ao apóstolo, tendo até mesmo suprido suas necessidades, tanto físicas quanto espirituais. É possível que foi exatamente nessa questão que Paulo foi abandonado pelos *provenientes da Asia*. Portanto, parece que aqui nos é permitido ver a situação interna de Paulo, a tribulação pela qual ele passou, já que os outros crentes temiam ajudá-lo, embora ele tivesse buscado tal ajuda. E isso pode ser comparado com o trecho de II Tim. 4:16, que diz: «Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta». Essa é a interpretação que apresenta menor número de dificuldades; a qual também, mui provavelmente, é a interpretação correta, embora não disponhamos de meios positivos para confirmá-la.

Esta seção frisa o eterno bem-estar daqueles que, a despeito do perigo e das pressões de um mundo hostil, se puseram ao lado de Paulo, ainda que o número desses, como é óbvio, fosse bem diminuto. O trecho de II Tim. 1:18, conforme têm pensado alguns intérpretes, seria uma oração feita por Paulo em favor de algum crente já falecido, que seria a única oração dessa classe, em todo o N.T., embora as orações pelos mortos fossem comuns no judaísmo e em muitos segmentos da Igreja cristã primitiva. Em certas seções da cristandade ainda se pratica isso; e este versículo serve de um dos «textos de prova» usados por aqueles que acreditam que tal prática tenha valor.

II Tim. 1:16: O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes ele me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias.

Há uma lealdade singular que não pode ser esquecida em meio ao negro quadro de covardia e deserção. Três versículos foram devotados a um caso isolado mas notável de lealdade, em contraste com o único versículo que descreve a atitude de deserção. E isso exibe boa atitude da parte de Paulo, a prontidão por observar o bem, diminuindo ao máximo o mal por ele recebido, o que não é muito comum entre os homens.

Misericórdia. No grego é *elos*, que significa «misericórdia», «compaixão», «dó», mas que também é palavra usada quase como sinônimo de «graça» ou «favor». A bênção de Deus é invocada não apenas sobre aquele homem fiel, mas igualmente sobre a sua família; pois a verdade é que aquilo que um homem faz afeta os que lhe são próximos, para o bem ou para o mal, e isso se dá até mesmo no campo espiritual, e não apenas neste mundo físico.

Casa de Onesíforo. Por duas vezes a sua «família» é mencionada, isto é, aqui e em II Tim. 4:19. Isso pode significar ou não que Onesífero estava vivo; mas a maioria dos intérpretes pensa que essa expressão indica que ele já havia falecido, pelo que a bênção foi invocada em favor de sua família, embora no versículo décimo oitavo haja oração em favor dele, o que, nesse caso, seria uma oração pelos mortos. É possível que a família de Onesíforo tenha compartilhado, de algum modo, da ajuda prestada a Paulo, e não haja aqui a invocação de uma bênção meramente em conexão com o cabeça da família; antes, mereceriam uma bênção do Pai eterno.

Onesíforo certamente não estava mais vivo quando o pastor escreveu.

Me deu ânimo. A despeito do perigo, Onesíforo cuidou de Paulo na prisão, visitando-o e dando-lhe o consolo do companheirismo, bem como o necessário para as suas necessidades físicas. O original grego diz aqui *anapsucho*, que significa «reviver», «refrigerar», «animar», derivado da idéia primitiva de «reviver mediante ar fresco». Onesíforo tornou o meio ambiente suportável para Paulo, em um momento de grande tensão. O N.T. imortalizou o seu nome por causa disso.

Nunca se envergonhou das minhas algemas. Isso subentende que aqueles que tinham abandonado a Paulo, tinham-no feito por esse motivo, talvez por não quererem ser presos também. Ver II Tim. 1:8, onde Timóteo é exortado a não se envergonhar do testemunho do Senhor e nem de Paulo, seu prisioneiro. Onesíforo mostrou-lhe um bom exemplo.

O que sabemos sobre Onesíforo nos é mostrado aqui, pois ele não é mencionado em nenhuma outra porção do N.T. Porém, é mencionado no livro apócrifo Atos de Paulo e Tecla (160-190 D.C.), onde se lê que ele se converteu por meio de Paulo, em Icônio, tendo-lhe oferecido hospitalidade quando de sua primeira viagem missionária. Porém, Tertuliano diz-nos que isso foi idéia criada por um presbítero da Ásia, que foi deposto devido a essa invenção. Portanto, boa parte daquele livro apócrifo deve estar baseada na imaginação desse presbítero. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos do N.T.*

ONÉSIMO

O sentido desse nome, derivado do grego, é «proveitoso». Era um nome comumente dado a escravos, expressivo de sua utilidade e serviço, a exemplo de muitos outros nomes gregos, como Crésimo (útil); Cresto (útil); Onesíforo (proveitoso); Sínforo (benéfico); Carpo (frutífero). Paulo armou um jogo de palavras envolvendo o nome *Onésimo* (File. 11), mostrando como aquele homem primeiramente havia sido *útil* a Filemom, e agora estava sendo *útil* ao apóstolo.

A epístola inteira de Filemom foi escrita a fim de solicitar clemência para Onésimo, o escravo fugido de Filemom. Onésimo tornara-se um mau exemplo de uma classe desacreditada, a dos escravos, e poderia ser executado como escravo fugido. Em face de sua sujeição a práticas desumanas, os escravos tornaram-se conhecidos como uma classe degenerada, pendendo para o furto, para a traição, para a preguiça—em tudo tornando-se odiosos. Podemos imaginar que Onésimo se tornara algumas dessas coisas, e que talvez tivesse fugido com algum dinheiro ou com alguma propriedade de Filemom. Ver o artigo sobre *Filemom*, terceira seção; e também *Filemom e Onésimo*, onde apresentamos completos comentários sobre ambos os homens. Portanto, não repetimos aqui aquele material. Em sua breve carta a Filemom, Paulo apresentou catorze argumentos em favor de Onésimo, o que pode ser visto no NTI, no comentário sobre o vs. 11 da epístola a Filemom. Essa carta é considerada uma obra-prima de tato e de amor cristãos, demonstrando a extraordinária habilidade literária do apóstolo dos gentios, certamente um autor poderosamente dotado, incomum. Eis aí uma das razões pelas quais o Espírito de Deus escolheu-o para ser um dos principais autores do Novo Testamento. É grandioso quando o Espírito Santo é capaz de usar aquilo que é poderoso e bom em um homem, destinado a realizar alguma tarefa especial.

ONIAS

Esse foi o nome de três sumos sacerdotes que atuaram durante o período dos Macabeus; e também do filho do terceiro deles, mas que nunca foi sumo sacerdote, mas foi quem edificou o templo judaico de Leontópolis, no Egito.

1. *Onias I.* Ele foi sumo sacerdote judeu entre 320 e 290 A.C., contemporâneo do rei espartano Ário. O trecho de I Macabeus 12:1-23 informa-nos que esse monarca enviou uma missiva a Onias, protestando-lhe amizade. Josefo (*Anti.* 11:8,7; 12:4,1) informa-nos que Simão I, apodado de «o Justo», sucedeu a Onias no ofício sumo sacerdotal.

2. *Onias II.* Ele era filho de Simão I, e tornou-se sumo sacerdote depois de Eleazar e Manassés. Recusou-se a entregar a Ptolomeu III Evergetes o tributo exigido por este. Em face disso, Ptolomeu preparou uma expedição militar contra a Judéia, o que José, sobrinho de Onias, foi capaz de evitar por sua diplomacia e por ter relações amistosas com o Egito (Josefo, *Anti.* 12:4,1 *ss*). Foi sucedido no sumo sacerdócio por Simão II, seu filho.

3. *Onias III.* Era filho de Simão II. Assumiu o posto de sumo sacerdote em 198 A.C., cargo que ocupou durante o reinado de Seleuco IV, da Síria (187-175 A.C.). Esse Onias tornou-se conhecido por sua profunda piedade e senso de justiça, tendo inspirado a admiração de pessoas importantes. O trecho de II Macabeus 3:1-3 informa-nos que o próprio Seleuco contribuiu com dinheiro para apoiar o culto no templo de Jerusalém. Mas esse respeito acabou sendo abafado pela cobiça, afinal de contas. Segundo rumores, o dinheiro guardado naquele templo era muito; e assim Seleuco comissionou Heliodoro a confiscar o tesouro do templo. O trecho de II Macabeus 3:8 narra que uma manifestação de Deus repeliu Heliodoro. Posteriormente, Seleuco foi assassinado; e Antíoco IV Epifânio, tendo-o sucedido no trono da Síria, depôs a Onias, nomeando Jasom em seu lugar. E Onias terminou nas mãos de um assassino, posteriormente. Ver II Macabeus 4:33 *ss*.

4. *Onias IV.* Ele era filho de Onias III, e bem poderia ter sido seu sucessor. Porém, as condições em Jerusalém tornaram-se insuportáveis, e ele teve de fugir para o Egito, onde foi acolhido por Ptolomeu Filomentor. Então, com a ajuda desse rei, Onias IV estabeleceu o culto judaico em um templo erguido em Leontópolis, no Egito. Esse templo tornou-se rival do templo de Jerusalém. E assim veio à existência uma forma de judaísmo helenizado. Ver Josefo (*Anti.* 12:9,7; 13:3,1-3; 20:10,1).

ONICHA

No hebraico, **shecheleth**. Ocorre somente por uma vez em toda a Bíblia, em Êxo. 30:34. Ali aparece como um dos ingredientes do santo incenso. Segundo vários autores, provavelmente uma substância extraída de certos tipos de moluscos, talvez o *Strombus*, o qual, juntamente com outras espécies, emite um aroma forte e penetrante, quando queimado. O mar Vermelho exibe várias espécies desse molusco.

ONIPOTÊNCIA

Esboço:

1. Discussão Geral e Usos do Termo
2. Considerações Filosóficas
3. Considerações Teológicas
4. Considerações Bíblicas

1. Discussão Geral e Uso do Termo

Ver o artigo geral onde é discutido esse atributo de Deus, *Atributos de Deus*. Essa palavra portuguesa vem do latim, *omnis* e *potens*, ou seja, «todo poder». Podemos definir essa palavra dizendo que ela fala sobre um poder universal e ilimitado. Vinculada ao monoteísmo, essa noção leva-nos à idéia da concentração de todo o poder em um único Ser, embora reconhecendo que outros seres são dotados de certa medida de poder. A onipotência consiste no poder sobre todas as coisas, bem como na capacidade de fazer todas as coisas. Platão definia o *ser* como «poder», o que indicava que o Ser Supremo também é Poder Supremo. O termo implica, primariamente, em uma Causa Primária e em causas secundárias. O ocasionalismo (ver o Problema Corpo-Mente, seção quinta) faz de Deus a única causa, o que é reiterado por algumas religiões orientais, de acordo com as quais só Deus é real, e tudo o mais é ilusório.

A idéia de onipotência subentende que há uma influência absoluta que mantém sob controle todas as coisas em todo o tempo e em todos os lugares. Essa é a influência que garante a imortalidade humana, porquanto podemos esperar que Deus continue exercendo sua influência e controle universais em todas as dimensões da existência. Essa é outra maneira de aludir ao fato de que Deus é o Sustentador de todas as coisas. Ele é tanto o Criador quanto o Sustentador; e ambas essas coisas requerem o exercício de sua onipotência.

A onipotência está ligada à própria existência, e não meramente ao que Deus possa querer fazer. Trata-se de uma ramificação existencial da com-

preensão de Deus como Ser Todo-Poderoso. Ser é Poder; e Deus é esse Poder. E esse poder manifesta-se também através de poderes secundários, cuja existência é garantida pelo Poder divino.

A onipotência implica em um outro atributo divino, a *independência*. Deus é vivo e é a substância mesma da vida, sendo um Ser auto-existente. Todos os outros seres dependem dele para vir à existência e continuar existindo. Os poderes secundários, pois, são dependentes.

2. Considerações Filosóficas

A palavra *onipotência* é um termo negativo, pois que, realmente, procura ocultar um vácuo em nosso conhecimento. Quando dizemos que Deus é «onipotente», queremos indicar «muitíssimo poderoso», porque não temos nem qualquer conhecimento teórico do que significa «muitíssimo poderoso» e nem temos qualquer experiência pessoal com a onipotência divina. Quanto a outra discussão filosófica a respeito, ver o artigo *Onipotência, Paradoxos da*.

3. Considerações Teológicas

A maioria dos ramos da cristandade tem permanecido fiel ao conceito tradicional da onipotência de Deus. O mormonismo é uma das exceções. Visto que aquele grupo religioso supõe que Deus evoluiu até ser o que é, é apenas natural supormos que Deus está em estado de fluxo, não tendo ainda chegado a um estado absoluto. Assim, se o seu poder é muito grande, ele não é Todo-Poderoso. Ademais, visto que existiriam outros deuses (sem importar que estejam distantes de nós), sempre torna-se possível que os nossos deuses (o Pai, o Filho e o Espírito Santo, conforme a concepção do mormonismo) não sejam os deuses mais poderosos que existem. Um Deus em evolução não pode ser considerado onipotente! Acresça-se a isso que nenhuma religião politeísta jamais foi suficientemente corajosa para asseverar a onipotência de qualquer deus em particular. Nos sistemas politeístas, o poder fica distribuído entre as suas divindades, nunca aparecendo depositado, em sua inteireza, em qualquer ser ou em qualquer lugar.

Alguns teólogos cristãos têm concebido um Deus limitado, tanto por sua própria natureza quanto por autolimitação. Para exemplificar, a encarnação foi a mais conspícua das autolimitações divinas, embora difícil imaginar um Deus todo-poderoso, mas que permite que todo tipo de coisa errada aconteça no mundo. Para esses, Deus não estaria controlando tudo, razão pela qual o mal e a tragédia teriam entrado na criação, lançando sua perturbação. Mas, mesmo para esses estudiosos, Deus é poderoso bastante de modo que podemos esperar o triunfo final do bem sobre o mal.

Considerações Negativas. É verdade que Deus não pode praticar o erro; e isso poderia parecer uma limitação em seu poder. Por outra parte, devemos considerar que a prática do mal é uma fraqueza, e não uma fortaleza; e, assim sendo, a prática do mal nada tem a ver com a onipotência de Deus.

4. Considerações Bíblicas

O Antigo Testamento não contém qualquer argumento direto em prol da onipotência de Deus, apesar de descrevê-Lo como muito poderoso. Mas, no Novo Testamento grego, *pantokrátor*, «todo-poderoso», é um dos títulos dados a Deus. Ver II Cor. 6:18; Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:6,15; 21:22. Quase sempre, contudo, podemos deduzir um conceito da onipotência divina mediante as obras de Deus. Deus realiza maravilhas sobre a natureza, inconcebíveis para o homem ou para qualquer coisa que o homem conheça como poderoso (ver Gên. 1:1-3; Isa. 44:24; Heb. 1:1). Deus pode criar coisas a qualquer tempo (Mat. 3:9; Rom. 4:17). Coisa alguma é impossível para Deus (Gên. 18:14). Coisa alguma está fora do alcance de seu poder (Dan. 4:35; Amós 9:2,3). Deus observa e cuida das menores coisas, como a queda de um pardal ou o número de cabelos em nossa cabeça (Mat. 10:13; Luc. 12:7), pelo que o seu poder envolve até mesmo as coisas mais triviais. Isso exprime um *teísmo* puro (vide). Em Deus há um poder todo-poderoso, do qual podemos tirar proveito. O homem espiritual é capaz disso.

A onipotência de Deus não impõe restrições à sua autolimitação. Usualmente, o problema do mal esconde-se por detrás dessa doutrina. Para alguns, é necessária para o cumprimento do plano de redenção dos homens. Deus exerce pleno controle sobre o *modus operandi* de Seu poder. Além disso, a existência do livre-arbítrio serve de evidência da autolimitação de Deus. Deus prevê que o homem agirá livremente, e permite que o homem atue com liberdade, para que possa experimentar um genuíno desenvolvimento espiritual, sem ser reduzido a um escravo, pela divina compulsão. A graça é *irresistível*, conforme ensina o calvinismo, mas isso *dentro* de um contexto mais abrangente, mais amplo do que aquele sistema tem imaginado. Em primeiro lugar, o poder de Deus é inspirado pelo seu *amor*, o que significa que se mostra remidor para com os eleitos, e restaurador para com os não-eleitos. O poder de Deus está por detrás tanto da redenção quanto da restauração, pelo que ambos esses atos divinos são certos e irresistíveis. Ver o artigo sobre *Restauração*. Se não nos esquecermos que o amor de Deus está por detrás do seu poder, então não teremos dificuldades ante doutrinas negativas que destroem a missão universal de Cristo. A missão de Cristo é tríplice: na terra, no hades e nos céus. Foi e continua sendo. E o seu amor, que inspira ao poder de Deus, tornará eficaz a cada um desses aspectos da missão de Cristo, ainda que, de acordo com os padrões humanos, um longo tempo seja necessário para que tudo se complete.

Alguns nomes de Deus sugerem a sua onipotência, como é o caso de *El* («poderoso»). Sua forma plural de intensificação, *Elohim*, enfatiza a plenitude do poder de Deus. O título *El Shaddai* salienta o poder de Deus. *'Abhir* significa «o forte». E no Novo Testamento grego temos o título *pantokrátor*, «todo-poderoso». Deus é a base mesma da existência; e, conforme Platão declarou, Ser é Poder. A própria existência aponta para um grande poder; e esse poder, em sua manifestação mais alta, é o Poder Divino.

ONIPOTÊNCIA, PARADOXOS DA

Vários paradoxos são sugeridos mediante a doutrina que ensina que Deus é o Todo-Poderoso, a saber:

1. *O problema do mal* (vide). É difícil reconciliar a onipotência de Deus com a presença do mal no mundo. Se Deus é o Todo-Poderoso, como ele permitiu a entrada do mal em sua criação, de uma maneira tão evidente e generalizada? Diante desse dilema, alguns teólogos têm sacrificado erroneamente a onipotência de Deus; e têm imaginado que, a despeito de ser muito poderoso, Deus foi incapaz de impedir o aparecimento de todos os problemas. Sendo muito poderoso, é de esperar-se que Deus fará o bem, finalmente, triunfar sobre o mal; mas isso através de um conflito real, que terá de invadir a eternidade para poder chegar a bom termo. O artigo sobre o *Problema do Mal* tenta explicar como Deus pode ser o todo-poderoso, e isso paralelamente ao fato da existência do mal no mundo.

2. *O problema da liberdade*. Deus conferiu ao homem uma liberdade genuína, ainda que sabendo que o homem abusaria dele e que daí resultaria o mal. Essa liberdade do homem limitou o poder de Deus, embora possamos dizer que se trata de uma autolimitação. O resultado dessa autolimitação foi a entrada do mal no mundo. Surge, pois, a pergunta: Pode Deus criar algo que, subseqüentemente, ele não consiga mais controlar? Nesse caso, Deus não seria onipotente. Alguns teólogos, em busca de uma solução, têm sacrificado a onisciência de Deus, para impedir que esse paradoxo faça parte da teologia. E alguns teólogos têm visto a solução para o dilema na idéia de que o *objetivo primário* de Deus não era impedir a presença do mal na sua criação, e, sim, outorgar ao homem um plano genuíno de desenvolvimento espiritual, dentro de cujo plano o homem *tivesse* de fazer escolhas entre o bem e o mal, com as conseqüências advindas dessa escolha.

3. *Deus não pode praticar o mal*. Isso, de acordo com alguns, mostra que o poder de Deus é limitado. Porém, temos aí um pseudoproblema, porquanto praticar o mal é uma debilidade, e não um ponto forte.

4. Um outro pseudoproblema é aquele que indaga: «Pode Deus criar um peso tão grande que ele não possa erguê-lo?» Se o poder de Deus, por um lado, é ilimitado, então Deus deve ser capaz de fazer isso. Mas, por outro lado, se Deus assim fizesse, o seu poder não seria ilimitado. Temos aqui, portanto, apenas um sofisma de ignorância de causa.

ONIPRESENÇA

Ver o artigo geral intitulado **Atributos de Deus**. Ver também **Onipresença, Paradoxos da**.

Esboço:

1. Definições e Usos
2. Onipresença e Onipotência
3. A Imaterialidade
4. Os milagres e a Presença Interior do Espírito
5. Imanência e Transcendência
6. Indícios Bíblicos

1. Definições e Usos

Esse termo vem do latim, *omnis*, «toda», e *praesens*, «presença». Indica aquela qualidade ou capacidade de estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa qualidade é um dos tradicionais principais atributos de Deus. Nem todos os teólogos cristãos têm-se aferrado a esse dogma. Assim, o mormonismo apresenta um Deus limitado, embora poderosíssimo. Joseph Smith, fundador do mormonismo, saiu-se com esta: «Aquilo que está em toda parte, mas não está em parte nenhuma, nada é». A doutrina cristã não ensina que Deus não está em parte nenhuma; antes, ensina que Deus está imanente em tudo. A mente divina é toda-penetrante, toda-presente, estando presente em todos os lugares ao mesmo tempo.

2. Onipresença e Onipotência

Falamos sobre a *imensidade* de Deus. É preciso um Deus imenso para ser todo-presente. Naturalmente, do ponto de vista filosófico, todos esses «ominis» (de onipotente, onipresente, onisciente) são termos negativos, no sentido que não dispomos de qualquer explicação lógica ou experiência pessoal com qualquer ser que seja *ilimitado*. Com esses termos entendemos «imensidade», «muitíssimo», etc., mas não podemos conceber o que é infinito. O conceito da onipresença de Deus se aclara um tanto quando afirmamos que a mente divina está em toda parte. Os estudos no campo da *parapsicologia* (vide) têm demonstrado o poder da mente humana para estar em lugares onde o corpo não se encontra. Apesar de não entendermos isso, podemos supor que alguma forma de energia imensa e muito penetrante está em operação, e isso fornece-nos uma analogia que nos ajuda a compreender a onipresença de Deus. Newton dizia que o espaço é «o sensório de Deus». A presença de Deus tanto atua quanto recebe influências. Deus influi e é influenciado por sua presença em toda parte. Apesar de pouquíssimo entendermos essas realidades, isso não é fácil, porquanto podemos ter alguma noção sobre elas, mesmo sem uma completa descrição.

3. A Imaterialidade

A onipresença parece requerer o conceito de imaterialidade. É impossível imaginarmos um Ser material que não seja limitado no espaço. Naturalmente, não sabemos muita coisa sobre a imaterialidade (pois nem sabemos muita coisa sobre a matéria); mas o termo fornece-nos uma maneira de pensar sobre o assunto. Podemos pensar sobre uma energia material que penetra em todas as coisas, em todos os lugares.

4. Os Milagres e a Presença Interior do Espírito

O ensino sobre a onipresença de Deus tem muitos corolários. Um deles é a realidade dos milagres. A presença de Deus garante a viabilidade dos milagres. Ver o artigo separado sobre os *Milagres*. Um outro corolário é a presença habitadora do Espírito de Deus, atuante nos homens, que requer algum tipo de noção que se aproxima do conceito da onipresença divina.

5. Imanência e Transcendência

O conceito da onipresença de Deus não o concebe somente como imanente. Também garante a transcendência de Deus. Deus pode localizar-se no espaço, à sua vontade; mas não está limitado a essa localização. Não há necessidade alguma de optarmos entre as duas idéias. O conceito de Deus incorpora tanto a sua presença em todas as coisas quanto o fato de que ele não pode ser confundido com nenhuma coisa, conforme pensa, erroneamente, o panteísmo.

6. Indícios Bíblicos

Deus vive livre das restrições do tempo e do espaço. Várias passagens escriturísticas nos fundamentam nessa idéia. Não há lugar para onde o ser humano possa ir, a fim de escapar de Deus Espírito (Sal. 139:7). Deus preenche os céus e a terra (Jer. 23:24). Quanto a outras declarações similares, ver também Heb. 1:3; Atos 17:27,28.

ONIPRESENÇA, PARADOXOS DA

Qualquer idéia que envolva um **omni** (onipresença, onisciência, onipotência) na verdade não é entendida pela mente humana, sendo inevitável o aparecimento de paradoxos.

1. Não estar localizado em algum ponto do espaço e estar em toda parte, é um conceito que não podemos sondar. E mesmo quando Deus resolve localizar-se em algum ponto do espaço, ele não pode ser identificado com o espaço.

2. Um poder ilimitado torna-se mister para que haja onipresença, e, no entanto, na verdade não podemos conceber um poder sem limites.

3. *A dificuldade ontológica*. Que tipo de Ser é esse que está em todos os lugares ao mesmo tempo? Não dispomos de resposta para isso. Contudo, temos alguns argumentos e vocábulos que podem ajudar-nos, mediante analogias imperfeitas, que ficam longe de ser verdadeiras demonstrações.

4. *A dificuldade verbal.* Dispomos de palavras que usamos para aludir a algo dotado de grau infinito, como onipotente, onisciente e onipresente; mas não dispomos de experiências pessoais correspondentes e nem de explicações lógicas para esses termos. Naturalmente, tateamos na direção desses conceitos, e temos fé que eles dizem coisas significativas. Isso é o melhor que podemos fazer quando estamos tratando com o *Mysterium Tremendum* (vide), que é Deus. Todas as grandes doutrinas cristãs desembocam em algum paradoxo; e isso serve somente para demonstrar a vastidão da verdade e a natureza limitada de nosso conhecimento, e não que não exista uma verdade que nos compete tomar conhecimento dela.

ONISCIÊNCIA

Ver o artigo geral sobre os *Atributos de Deus*. Ver também *Onisciência, Paradoxos da.*

Esboço:

1. Definições e Usos
2. Presciência Determinadora
3. A Onisciência Divina e o Livre-Arbítrio Humano
4. O Eterno Agora
5. O Conhecimento e o Mal
6. Evidências Bíblicas da Onisciência Divina

1. Definições e Usos

Essa palavra vem do latim, **ominis**, «toda» e **scire**, «saber», isto é, aquela qualidade da natureza de Deus que garante que ele sabe todas as coisas. Tradicionalmente, a onisciência é um dos principais atributos de Deus. A mente divina é o depósito do conhecimento, e no conhecimento de Deus não há falhas, nem fraquezas e nem limitações.

2. Presciência Determinadora

Alguns teólogos vinculam o conhecimento e a presciência de Deus em geral ao seu poder. Eles pensam que a razão pela qual Deus sabe de tudo é que ele determinou tudo, de tal modo que tudo quanto existe e acontece é desdobramento de seu poder determinador. Ver o artigo intitulado *Determinismo*. Logo, essa teoria da onisciência divina está maculada pelos mesmos problemas que afetam o determinismo. E esses problemas são discutidos no artigo mencionado, bem como em um outro, intitulado *Livre-Arbítrio*.

3. A Onisciência Divina e o Livre-Arbítrio Humano

Esse é um problema vexatório na filosofia e na teologia. Parece que se Deus conhece de antemão a todas as coisas, então elas terão de acontecer *necessariamente*. Doutra sorte, parece que a presciência de Deus é defeituosa, incompleta. Há mesmo teólogos que têm desistido da tentativa de dar lugar a um genuíno livre-arbítrio humano, em face da onisciência de Deus, escorregando então para o determinismo. Ainda outros teólogos pensam que a questão envolve um paradoxo. Agostinho, porém, forneceu-nos um argumento adequado e filosoficamente hígido para crermos que são compatíveis entre si a presciência divina e o livre-arbítrio humano. Deus disse simplesmente: «Deus previu que todos os homens agirão livremente». E, assim sendo, a presciência divina garante a liberdade humana. A onisciência pressupõe a certeza, mas essa certeza reside agora nos atos livres dos homens, porquanto o próprio Deus garantiu que o homem precisa agir livremente.

4. O Eterno Agora

O conhecimento humano necessariamente acompanha a sucessão dos eventos, seguindo as relações entre as causas e seus efeitos. Deus, porém, vive fora do tempo e pode ver qualquer coisa do começo ao fim. Deus vive no «eterno agora»; e isso quer dizer que, no sentido estrito, para ele não há passado, nem presente e nem futuro. A mente divina abrange a tudo. As religiões orientais pensam que o tempo é uma ilusão, uma distorção finita da realidade, e não um verdadeiro componente da realidade. E, visto que Deus vive acima do que é ilusório, naturalmente ele conhece todas as coisas.

5. O Conhecimento e o Mal

Quem conhece todos os fatos, sem dúvida, também conhece o mal. Significaria isso que o mal faz parte de Deus? Presumivelmente, ter conhecimento do sofrimento torna o conhecedor alguém que participa do sofrimento. Mas, é claro que nem sempre uma coisa puxa a outra. Os teólogos, por sua vez, tentam evitar esses problemas afirmando que Deus «conhece acerca» das coisas, embora sem «participar» delas. — Isso posto, ter conhecimento sobre o pecado não é a mesma coisa que participar do pecado. Tal conhecimento, porém, pode levar um indivíduo a fazer algo sobre a questão, e isso faz parte da inspiração que aponta para a redenção humana.

6. Evidências Bíblicas da Onisciência Divina

Certo número de passagens bíblicas subentende um conhecimento ilimitado por parte de Deus, embora a palavra «onisciência» não ocorra nenhuma vez sequer na Bíblia; mas ali existe o conceito. O trecho de Rom. 11:33,34 certamente exprime o fato de que Deus conhece todas as coisas. Os caminhos de Deus são insondáveis e inexcrutáveis. Deus tem a seu dispor vastas profundezas de conhecimento e sabedoria. A mente divina não é perscrutada pelo homem. O trecho de Sal. 147:5 garante que «o seu (de Deus) entendimento não se pode medir». A sabedoria de Deus é multiforme (Efé. 3:10). O conhecimento do Senhor é incompreensível para nós, abarcando o passado, o presente e o futuro (ver Jó 14:17; Sal. 56:8; Isa. 41:22-24; 44:6-8; Jer. 1:5; Osé. 13:12; Mal. 3:16). Quanto a outras significativas referências a esse respeito, ver Mat. 10:29; Sal. 13:13-15; 139:2,12; Isa. 46:9,10.

O trecho de I Ped. 1:4 faz a eleição depender da presciência de Deus. A teologia popular, por sua vez, diz que essa presciência é da «fé» do indivíduo, tornando a presciência divina dependente do homem, e então, de acordo com essas noções superficiais, essa fé seria uma condição para a eleição. Entretanto, nem aquela e nem qualquer outra passagem bíblica fala em «fé prevista». Antes, estão em vista «pessoas» que Deus conheceu de antemão, o que subentende muito mais um amor anterior do que um conhecimento anterior da fé que, eventualmente, viria a ser exercida. O vs. 20 do mesmo capítulo diz que o próprio Cristo foi conhecido de antemão, e dificilmente isso significa que Deus previu o que Cristo faria. Antes, Cristo foi amado de antemão, e seus labores foram determinados pela graça divina. Diz o trecho de Amós 3:2: «De todas as famílias da terra somente a vós outros vos *escolhi* (no original hebraico, *yada, conhecer*) ...» E parece claro que esse é o tipo de conhecimento envolvido em I Ped. 1:2.

O trecho de Heb. 4:13 é uma boa passagem com que terminarmos a presente discussão: «E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as cousas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas». Esse texto fornece-nos uma aplicação moral prática da doutrina da onisciência de Deus. Fala sobre a nossa responsabilidade e sobre o juízo final, de acordo com aquilo que Deus conhece e sabe a nosso respeito, em todas as nossas atitudes e ações.

ONISCIÊNCIA, PARADOXOS DA

Consideremos os três pontos abaixo:

1. No que concerne ao livre-arbítrio humano. Porventura, a presciência de Deus elimina o livre-arbítrio humano? Ver o segundo e o terceiro pontos do artigo intitulado *Onisciência*.

2. A presciência de Deus (se é que ela dá margem ao livre-arbítrio humano, ou mesmo garante-o, conforme foi sugerido no artigo *Onisciência*) por acaso é contrária à onipotência de Deus? Deus mesmo não se autolimitou? É verdade—a única resposta certa é a afirmativa. Porém, a autolimitação de Deus também é um ato do poder divino. Deus tem poder sobre o seu próprio poder.

3. Se Deus previu o mal, e, no entanto, nada fez para impedi-lo, isso não limita o conceito de sua santidade? Esse é o mais sério de todos os paradoxos da onisciência. Se eu puder prever que será cometido um ato errado e prejudicial, e se eu tiver poder de impedi-lo (conforme dizemos que Deus faz), e, não obstante, nada faço para impedir o mal previsto, terei agido erradamente? Podemos apenas supor que Deus não impede o mal que ele prevê (pelo menos não impediu a entrada do mal em sua criação), porque seu plano inclui coisas mais importantes do que meramente impedir a manifestação do mal. O homem, por exemplo, precisa ser um agente livre para agir, se tiver de evoluir espiritualmente, e, não ser um mero autômato nas mãos de um irresistível poder divino. Assim, era mais importane para Deus que o homem fosse dotado dessa capacidade de desenvolvimento espiritual do que a prevenção do mal. Ver o artigo geral sobre o *Problema do Mal*, que aborda, com detalhes, essa questão.

ÔNIX

Ver o artigo geral sobre **Jóias e Pedras Preciosas**. O *ônix* é uma variedade de calcedônia, uma sílica (dióxido de sílica) de grão extremamente fino. Também está relacionado à cornalina. Os intérpretes pensam que essa pedra está em foco em Êxo. 28:20 e Jó 28:16. O ônix consiste em camadas minerais de diferentes cores, como se fosse uma unha grossa em várias camadas. Essa pedra tem sido usada na joalheria, especialmente para a formação de camafeus.

Os romanos aplicavam esse termo a certa variedade de mármore, formado em camadas, chamado «mármore ônix». Essa rocha era usada para o fabrico de potes e jarras de ungüento (ver Mat. 26:7; Miq. 14:3). Uma outra variedade de mármore, que também era formado por camadas, era empregado na construção de edifícios, especialmente em Cartago e em Roma. O mármore ônix é muito suave; o verdadeiro ônix é um mineral bastante duro.

A palavra portuguesa desse mineral vem do grego, *onuks*. O termo hebraico correspondente é *shoham*. Essa palavra é variegadamente traduzida na Septuaginta, o que reflete certa dúvida quanto à pedra específica em questão. Josefo afirma que o ônix era uma pedra usada no peitoral do sumo sacerdote de Israel (ver Êxo. 28:20). Para alguns intérpretes isso fixa a identificação entre o vocábulo grego *onuks* e o termo hebraico, *shoham*. Porém, Josefo viveu em um tempo muito posterior à época da confecção das vestes sumos sacerdotais originais para que o seu testemunho seja absoluto.

ONO

No hebraico, «forte». Era uma cidade do território de Benjamin que Semede originou ou restaurou (ver I Crô. 8:12). Semede era um dos filhos de Elpaal. Um total de setecentos e vinte e cinco exilados judeus, que retornaram do cativeiro babilônico, espalharam-se entre Ono, Lode e Hadide (ver Esd. 2:33; Nee. 7:37; I Esdras 5:22).

Ono ficava localizada em um vale conhecido por «Vale dos Artífices» (Nee. 11:35). Neemias (6:2) refere-se a aldeias na planície de Ono. O local moderno chama-se Kefr 'Ana, a onze quilômetros a suleste de Jope. Os registros egípcios do tempo de Tutmés III (1490 A.C.) trazem o nome desse local como Unu. Nos dias de Josué era uma cidade murada e fortificada, um dos muitos obstáculos que os israelitas tiveram de enfrentar ao invadir a Palestina.

ONRI

No hebraico, «Deus ensinou». Esse foi o nome de várias personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. O sétimo rei de Israel. Ele havia sido comandante do exército de Elá, rei de Israel, o reino do norte, após a divisão do império de Davi e Salomão em dois (Israel, ao norte; Judá, ao sul). Ele estava envolvido no cerco de Gibetom quando recebeu notícias da morte do rei. *Zinri* (vide) havia assassinado ao rei e havia usurpado o trono (ver I Reis 16:16 *ss*). Porém, o exército resolveu que o próximo monarca seria Onri. Onri partiu de Tirza, e Zinri reconheceu que chegara o seu fim, pelo que incendiou o palácio e pereceu nas chamas. Isso, todavia, apenas iniciara as dificuldades de Onri. Um grupo liderado por Tibni (e a Septuaginta menciona o fato de que seu irmão, Jorão, participou) opôs-se a Onri, tendo sido necessários quatro anos para que ele pudesse recuperar o controle total da situação. Isso ocorreu por volta de 876 A.C.

Mas, uma vez que a guerra civil terminou, Onri conseguiu consolidar a sua autoridade, e reinou sobre Israel por seis anos em Tirza. Em seguida, ele mudou a sede do governo para Samaria (I Reis 16:24), a qual, doravante, passou a ser a capital do reino do norte, Israel. Samaria era cidade edificada no alto de uma colina, e fortificações tornaram a cidade ainda mais defensável. Onri assim sendo, foi capaz de repelir vários cercos sírios e assírios, mas, finalmente, em 722 A.C., Sargão I conseguiu capturar a cidade, embora tivessem sido necessários três anos para realizar o feito.

Apesar de sua bem defendida capital, Onri não foi bem-sucedido em todas as batalhas em que se viu envolvido. Assim, ele foi compelido a entregar várias cidades aos sírios (ver I Reis 20:34). Também entrou em aliança com os tírios, tendo feito casar seu filho, Acabe, com uma filha de Etbaal, que era sumo sacerdote de Tiro. Naturalmente, como é sabido por todo leitor do Antigo Testamento, isso foi a porta de entrada para a introdução da adoração a Baal, em Israel. O trecho de I Reis 20:25,26 informa-nos que Onri foi o pior rei de Israel, até aquele ponto da história. Antes de tudo, ele foi um típico tirano cruel. Em segundo lugar, ele corrompeu o povo do reino do norte, Israel, com a idolatria fenícia, da qual a nação nunca se recuperou. O profeta Miquéias (6:6) denunciou esse estado de coisas.

Um dos maiores sucessos militares de Onri foi a total derrota dos moabitas. E somente quando Mesa interveio é que isso foi revertido. Parece, entretanto, que, após doze anos de reinado, ele foi capaz de deixar para seu filho e sucessor, Acabe, um reino próspero e pacífico, embora moralmente corrompido.

Onri morreu em cerca de 874 A.C.

A Arqueologia e Onri. A Pedra Moabita exibe o valor militar de Onri. As linhas 4 a 10 da mesma contam-nos como ele derrotou aos moabitas. Os registros assírios prestam-nos algumas informações sobre os feitos políticos e militares de Onri. Tão grande foi a impressão causada por ele sobre os assírios que, cerca de um século mais tarde, os registros assírios referiam-se à nação do norte, Israel, como «a terra da casa de Onri». E Jeú, que subiu ao trono de Israel um pouco mais tarde, aparece naqueles anais assírios como *Mar Humri*, ou seja, «filho de Onri», indicando que ele era o sucessor daquele, em algum ponto da linhagem. E a idolatria de Onri também tem sido confirmada pela arqueologia. Ostraca descobertas em Samaria falam de Yahweh e de Baal como divindades adoradas naquela cidade. Isso confirma a descrição do culto religioso sincretista que é denunciado em II Reis 16:25 *ss*.

2. Um outro Onri era filho de Bequer, filho de Benjamim (I Crô. 7:8). Ele viveu em torno de 1600 A.C.

3. Um descendente de Perez, filho de Judá (I Crô. 9:4). Viveu em cerca de 640 A.C.

4. Um filho de Micael, chefe da tribo de Issacar, durante o reinado de Davi (I Crô. 27:18). Viveu em cerca de 1015 A.C.

ÔNTICO

Um adjetico cunhado com base no termo grego para «ser», *on*, *ontos*. Significa «pertinente ao ser», «pertinente à realidade». Vários sentidos são dados a esse adjetivo, por diferentes autores. R. Rultmann referia-se a coisas *ônticas* como aquelas que o homem pode conhecer, coisas dentro da potencialidade humana, e isso por meio da *fé*, que pode penetrar mais fundo que a percepção dos sentidos, a razão e a intuição. Esse uso foi aproveitado pelo existencialista Heidegger. A noção dele é que, por meio de suas idéias inatas e de suas habilidades naturais, o homem pode tomar conhecimento de coisas, mediante a fé, que não podem ser conhecidas de outra maneira qualquer. Os filósofos da linguagem disputam sobre essa idéia. A linguagem religiosa apresenta somente uma espécie de cumprimento de desejos, dependente de atitudes humanas que nada têm a ver com a realidade, ou as palavras refletem um conhecimento íntimo e válido da realidade, fazendo parte ativa e poderosa da intuição humana? Os filósofos empíricos usualmente preferem a primeira dessas alternativas; mas aqueles que são dotados de pendor religioso, preferem a segunda delas.

ONTOLOGIA

Esboço:

1. A Palavra e sua Definição Básica
2. Considerações Fundamentais sobre a Ontologia
3. Idéias de Vários Filósofos
4. O Cristianismo e a Ontologia

1. A Palavra e sua Definição Básica

Ver o artigo separado intitulado *Argumento Ontológico*.

A palavra ontologia deriva-se de dois termos gregos, *ontos*, «ser», e *logia*, «conhecimento». Uma divisão da filosofia e da teologia emprega esse vocábulo para indicar o estudo geral e o conhecimento do *ser*, o que, por sua vez, é uma divisão da metafísica. Esse termo foi usado pela primeira vez no século XVII, quando foi cunhado por Clauberg, em 1647. Pelo fim daquele século, tinha-se tornado o termo padrão para indicar o estudo do ser.

2. Considerações Fundamentais Sobre a Ontologia

Essas considerações são onze, a saber: a. natureza do ser; b. a questão da qualidade e quantidade das essências, aquilo que é caracteristicamente verdadeiro no tocante à existência *real* ou fundamental (temos aqui o monismo, o dualismo e o pluralismo metafísicos); c. as questões do materialismo, do idealismo e do espiritualismo; d. o neutralismo metafísico, a asserção que diz que a realidade não consiste nem em idéia e nem em matéria, mas em alguma coisa neutra, de onde se originam tanto o espírito quanto a matéria; e. o dinamismo metafísico, aquela realidade que é energia pura, não sendo nem mental e nem física; f. o atomismo, que usualmente é materialista; g. o hilomorfismo, a idéia de Aristóteles que postula a íntima união de forma e matéria, e que faz do Movimentador Inabalável (o Deus de Aristóteles) a origem de todo ser e de toda atividade, sendo ele mesmo imaterial, energia pura, incorpóreo, indivisível, perfeito, etc. h. o hilozoísmo, a noção defendida por filósofos pré-socráticos de que a realidade pode ser interpretada em termos materialistas ou em termos pampsiquistas; i. o naturalismo, que pode envolver o materialismo ou alguma forma de neutralismo (segundo se vê no novo realismo; para Pitágoras, a realidade é uma questão numérica; para James é «experiência pura»; para B. Russell é eventos co-presentes; para Bergson é o *ímpeto vital*; para Boodin é a atividade e os sistemas); j. o ceticismo, que pensa que a realidade não pode ser conhecida; l. o positivismo, que diz que procurar a essência mesma da realidade é algo acima de nossa capacidade, sendo assim uma busca estéril e destituída de sentido. Quanto a maiores detalhes ver abaixo, sobre as idéias de vários filósofos.

3. Idéias de Vários Filósofos

a. *Clauberg*. Para ele, a ontologia é a *primeira* das ciências, aplicável a todas as entidades, a Deus e aos seres criados, sublinhando a física e a teologia. A ontologia cobre itens como causa, ordem, relação, verdade e perfeição. Clauberg usava o termo *ontosofia*, «conhecimento sobre o ser», como um termo alternativo, e acabou dando-lhe a preferência.

b. *Wolff*. Para ele, a ontologia é a ciência do ser em geral, sendo a «primeira filosofia». Ela busca a verdade necessária. Essa busca lança mão dos princípios da não-contradição e da razão suficiente.

c. *Baumgarten*. Em seu entender, a ontologia é o estudo dos predicados mais gerais e abstratos, que dizem respeito a todas as coisas. Ele usava vários sinônimos, como ontosofia, metafísica universal e primeira filosofia.

d. *O escolasticismo*. Ali o termo aponta para a metafísica geral, o estudo das propriedades do ser.

e. *Herbart*. A ontologia seria um método de entender a realidade verdadeira, não-contraditória. Em contraste, a metodologia aborda a questão da redução de contradições envolvidas nas proposições.

f. *Rosmini-Serbati*. Ele contrastava o termo à teologia e à cosmologia: a ontologia seria a doutrina universal do ser; a teologia seria a doutrina do ser absoluto; e a cosmologia seria a doutrina do ser finito e relativo.

g. *Husserl*. Ele distinguia entre a ontologia formal e a ontologia material. Contudo, ambas abordariam a análise das essências. A ontologia formal estudaria a essência formal ou universal, a base de toda ciência; e a ontologia material estudaria as essências materiais, a base das ciências factuais. Contudo, esta última

forma de ontologia tem sua base na primeira, a formal ou universal.

h. *Heidegger*. Para ele a ontologia é a análise da existência. Ela preocupa-se com o que torna possível a existência, e com a sua finitude.

i. *Carnap e os positivistas*. Quando procuramos pela verdadeira essência da realidade, estamos abordando coisas que estão além do escopo de nossa ciência e conhecimento. Isso posto, a ontologia é um estudo impossível, apresentando somente proposições estéreis e sem significado. Isso posto, a ontologia trataria de falsas questões, porquanto, na verdade, elas não estão sujeitas à investigação humana. Seus pronunciamentos são despidos de sentido, e não representam usos legítimos da linguagem humana.

j. *Bergmann e Heidegger*. A linguagem humana tem um certo discernimento no que concerne à realidade, porquanto deriva-se da mesma. A linguagem utiliza-se de símbolos, na tentativa de obter controle sobre os discernimentos acerca da realidade.

l. *Quine*. Ele pensava que a linguagem ontológica é apenas um reflexo daquilo em que uma pessoa resolveu acreditar, e não um reflexo da realidade.

4. O Cristianismo e a Ontologia

A fé cristã parte do pressuposto de que Deus é a grande realidade ontológica, auto-existente, eterna, perfeita e toda-poderosa. Dele é que procederam todas as demais realidades, por meio de um ato de criação, ou melhor, por muitos e contínuos atos criativos. A criação é sustentada por ele. O cristianismo concebe um dualismo: existem seres e objetos materiais e imateriais. E, assim como a criação procedeu de Deus, assim também deverá retornar a ele (Col. 1:16; Efé. 1:9,10); e isso por meio de seu Filho, o Logos, que é o seu intermediário. Assim também, a salvação tem um significado ontológico, porquanto aquilo que é realizado por meio da salvação é *existencial*. Em outras palavras, a salvação envolve a transformação do ser, de tal modo que os remidos chegam a participar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4; Col. 2:9,10). No *Logos*, além disso, há um desvendamento da natureza e do propósito do ser (ver João 1:1-3,18); e esse desvendamento é, primeiramente, *externo* (através dos profetas e das Escrituras Sagradas, e da natureza), e em seguida é *interno*, mediante um conhecimento intuitivo interior. As experiências místicas tornam possível a comunicação da natureza da vida divina aos remidos. A própria história, bem como nossas vidas e nossas experiências religiosas operam como desvendamentos da natureza da realidade. A teologia da Bíblia é um registro escrito, e contém muitos itens desse desvendamento da realidade.

ONTOLOGISMO

Esse é o conceito que diz que podemos ter um conhecimento direto de Deus, através de nossas habilidades inatas, ou seja, da intuição da alma. Essa doutrina é conhecida por meio de vários nomes, como «luz interior», «fagulha divina», etc. O pressuposto básico (ver sobre o *Misticismo*) é exatamente esse, embora também aceite que poderes externos podem iluminar ao homem, e que a alma humana é passível de tais experiências.

Alguns protestantes e evangélicos têm exagerado o ofício e a exclusividade das Sagradas Escrituras, eliminando assim toda e qualquer experiência mística. Mas a Bíblia é um virtual manual de tipos de experiências místicas, a começar pela regeneração, quando o Espírito de Deus vem ao encontro da alma arrependida e crente e lhe proporciona o novo nascimento. O profetismo do Antigo Testamento está quadradamente assentado sobre as experiências místicas; e as revelações em geral são uma subcategoria do misticismo. A presença habitadora do Espírito no crente, e todo o seu ministério estão alicerçados sobre a realidade das experiências místicas. Entende-se por experiência mística o contato do espírito humano com o Espírito de Deus, com os anjos, com os demônios, etc. E isso indica que há experiências místicas positivas e negativas. Todo crente tem experiências místicas positivas, em diversos níveis, dependendo do que o Senhor, o Espírito, quiser fazer dele e por meio dele.

ONTOSOFIA

Em miúdos, «sabedoria sobre o conhecimento». Ver sobre *Ontologia* 3. a. e b. Esse termo tem sido geralmente usado como sinônimo de *ontologia*.

OOLÁ (E OOLIBÁ)

Esses dois nomes significam em hebraico, respectivamente, *sua própria tenda* e *minha tenda*. (Ver Eze. 23:4). Foram dois nomes fictícios usados por Ezequiel para denotar os dois reinos de Samaria (Israel) e Judá. Há uma força mui significativa nesses nomes, que precisamos observar. Oolá era aquela cuja tenda ou templo estava nela mesma, ou seja, uma invenção humana. Oolibá era aquela a quem Yahweh dera um templo e um culto religioso. O primeiro nome visava criticar as condições vigentes no reino do norte (Israel). Ambos os reinos são comparados a mulheres sensuais, que cometeram adultério contra Yahweh, marido delas, mediante suas alianças e contorções políticas voluntárias, com nações pagãs. Essas associações eram consideradas, *ipso facto*, alianças com os deuses pagãos dessas nações. O crime de Oolibá era considerado um pecado mais grave que o de sua irmã, porquanto ela tinha mais privilégios e se recusava a deixar-se instruir pelo mau exemplo da ruína de sua irmã. Essa alegoria foi uma epítome da história da vida religiosa dos judeus. (ND S UN)

OOLIBÁ

Ver sobre **Oolá e Oolibá**.

OOLIBAMA

No hebraico, **tenda da altura**. Há duas pessoas no Antigo Testamento com esse nome:

1. Provavelmente a segunda das três esposas de Esaú (ver Gên. 36:2,25), em cerca de 1964 A.C. Na narrativa anterior ela é chamada Judite, em Gên. 26:34. Era neta de Zibeom, o heveu. É provável que o seu nome original fosse Judite, e que após casar-se tenha recebido outro, um costume bastante comum na época. Foi a fundadora de três tribos de descendentes de Esaú.

2. Um dos príncipes ou chefes de clã, descendente de Esaú (ver Gên. 36:41; I Crô. 1:52). É bem provável que essa lista de nomes refira-se a lugares, e não a indivíduos, o que parece evidente com base nas expressões que aparecem no início da mesma. No vs. 40 temos: «segundo as famílias, os seus lugares e os seus nomes», em contraste com o vs. 43, onde lemos: «segundo as suas habitações na terra da sua possessão». (S UN)

OPINIÃO

Muita alegada certeza, nos campos da religião e da filosofia, não passa de opinião, incluindo algumas doutrinas pregadas com todo o respeito. O termo grego por detrás desse termo é *doxa*, que significa «opinião». Esse vocábulo grego, por sua vez, deriva-se do verbo *dokéo*, «parecer», «supor». É significativo que nossa palavra *ortodoxia* signifique «opinião correta»; porém, em muitos casos, os sistematizadores têm meramente organizado as suas opiniões. As regras ditadas pela ortodoxia com freqüência são subjetivas, visto que, na prática, essas regras determinam «como minha denominação e eu interpretamos as Escrituras». Seja como for, ortodoxia nem sempre é sinônimo de verdade doutrinária. As heterodoxias têm um jeito muito especial de se tornarem ortodoxias, como a miúde se verifica no próprio cristianismo evangélico. Então, novas ortodoxias são formadas eliminando heterodoxias opostas; e o processo continua. Isso nos ensina o quão cautelosos devemos ser, ao criticar a outras pessoas, por causa de suas opiniões.

Idéias sobre as Opiniões:

1. *Parmênides*. Ele contrastava a verdade e a opinião. Para ele, as opiniões estribam-se sobre a percepção dos sentidos, que é bastante ilusória; e a verdade, seria descoberta e sondada pela razão.

2. *Platão*. Ele situava a opinião entre *ágnoia*, «ignorância», e a *epistemé*, «conhecimento». As opiniões nunca podem ser mais do que meras probabilidades, visto que as mesmas dependem, essencialmente, da percepção dos sentidos, a qual é tão ilusória. Reina no mundo dos objetos físicos, um mundo em estado de fluxo, menos real do que o mundo das Idéias, e apenas uma imitação deste último. A razão, a intuição e as experiências místicas (por essa ordem crescente) são válidas para quem quer avançar das meras opiniões para a verdade das coisas. O conhecimento envolve muito mais do que opiniões acompanhadas de cuidadosas e completas descrições.

3. *Aristóteles*. A opinião, para ele, representa apenas o começo de nossas inquirições. Há então a necessidade de descrições completas. Se essas descrições forem, realmente, completas, então teremos chegado a um conhecimento científico; no entanto, somente a um conhecimento de nosso mundo físico, que é real, por detrás do qual se oculta uma realidade mais profunda.

OPORTUNIDADE UNIVERSAL

Para ouvir e aceitar o evangelho.

Ver os artigos: *Restauração; Descida de Cristo ao Hades; Missão Universal do Logos (Cristo); Infantes, Morte e Salvação Dos.*

OPOSTOS

A filosofia e a teologia apresentam-nos uma série de opostos. Alguns desses opostos são basicamente contraditórios; — mas há outros que são apenas os pólos contrários de conceitos sobre a realidade ou o conhecimento. Ver o artigo intitulado *Polaridade*.

1. *Os Pitagoreanos*. Aqueles antigos filósofos imaginavam uma dualidade básica na realidade, bem como nos meios de que dispomos para conhecer a realidade.

2. *Platão*. Ele nos forneceu uma dualidade clássica em sua doutrina das Idéias e dos Particulares. As idéias representariam a autêntica realidade, e os particulares seriam uma realidade imitativa apenas. Quanto ao conhecimento, ele também concebia certa dualidade, dizendo que a percepção dos sentidos percebe o mundo dos particulares, mas que a razão, a intuição e as experiências místicas experimentam o mundo real das idéias.

3. *Heráclito*. Ele imaginava que todas as coisas acham-se em tensão constante, por parte de opostos, de onde se origina o fluxo em que se acham todas as coisas.

4. *O Taoísmo*. Temos aqui a doutrina do Yang e do Yin, isto é, as forças positivas e negativas da realidade, mediante o que todas as coisas operariam.

5. *Nicolau de Cusa*. Ele pensava em Deus como a própria coincidência dos opostos.

6. *Hegel*. Seu agora famoso sistema de tese, antítese e síntese assevera que todas as coisas e condições operam através da tensão de opostos, representados pela tese e pela antítese. O comunismo adotou essa teoria e a materializou. Nos escritos de Hegel, é o Espírito Absoluto que cria esses opostos. Mas, no comunismo, forças econômicas é que fariam oposição umas às outras.

7. *No Cristianismo*. Temos ali os *paradoxos* (vide), que podem ser melhor entendidos mediante a aplicação da doutrina da *polaridade* (vide).

O PRIMEIRO E O ÚLTIMO

Essa expressão aparece por três vezes no Novo Testamento, somente no livro de Apocalipse (1:17; 2:8 e 22:13). Evidentemente a idéia é tomada por empréstimo de certas passagens do livro de Isaías (41:4; 44:6 e 48:12). Ali, a expressão refere-se ao eterno Deus de Israel, que é o começo e o fim de todas as coisas. No Novo Testamento, porém, precisamente a mesma idéia é aplicada ao Filho de Deus, Jesus Cristo. Isso sugere fortemente a **divindade** de Cristo. Ver sobre **Alfa e Ômega**.

OPUS DEI

Literalmente, «obra de Deus». Essa expressão designa as formas litúrgicas de adoração prescritas para o uso diário, em horas fixas. As ordens monásticas, as catedrais, etc., observam tais ritos, como também indivíduos devotos, tanto prelados quanto leigos. São Benedito deu esse título ao seu arranjo dos «ofícios» (no latim, *officium*, «serviço», «funções», «dever»). A inspiração para essa questão foi a observância judaica, em horas fixas, de orações, jejuns e outros exercícios religiosos.

OPUS OPERATUM

O sentido dessa frase latina é «em virtude do trabalho feito». Mas chegou a ser virtualmente substituída por *ex opere operato*, a expressão usada por ocasião do *Concílio de Trento* (vide). A frase original apareceu em obras teológico-filosóficas no *Glosário das Sentenças*, que foi falsamente atribuído a Pedro de Poitiers, que foi discípulo de Pedro Lombardo. Parece que seu uso começou no século XII. Essas expressões eram usadas para aludir à eficácia dos sacramentos, por si mesmos, à parte daqueles que os administrassem e daqueles que os recebessem. De acordo com essa doutrina, a eficácia dos sacramentos não depende de fatores subjetivos, por parte do administrador ou do receptor; mas essa eficácia está nos próprios sacramentos, conferindo graça «em virtude do trabalho feito», contando que os

participantes não ponham algum obstáculo no caminho.

A doutrina católica romana diz que o Espírito opera sempre que os sacramentos são utilizados, e que os mesmos são uma medida de graça, sem importar os méritos pessoais do administrador ou receptor. Essa doutrina também faz parte daquela outra que diz que os sacramentos são necessários à atuação do Espírito, e que eles sempre devem ser administrados por meio da hierarquia eclesiástica. Se os sacramentos fizerem-se ausentes, assim também a graça far-se-á ausente. A teologia popular faz tudo isso reduzir-se a atos de mágica, algo automático, sem importar o estado ou condição espiritual do participante. A teologia mais sofisticada, entretanto, requer que aquele que participa dos sacramentos tenha fé e esteja arrependido, sob pena dos sacramentos não se mostrarem eficazes. Na história da teologia, ambos os pontos de vista têm sido esposados por homens importantes. A eficácia mecânica é uma parte bem definida da questão, embora as outras idéias também entrem em cena. Os luteranos têm preservado o caráter sacramental do batismo, mas a maioria dos grupos protestantes chegou ao ponto de rejeitar essa noção, com todas as demais formas do *sacramentalismo* (vide). Antes, preferem enfatizar a eficácia da operação do Espírito Santo através da pregação da Palavra, quando esta é crida. Nesses casos, os sacramentos, que alguns grupos preferem chamar de «ordenanças», tornam-se símbolos das operações do Espírito, mas não meios de graça divina, conforme ensina o catolicismo romano e a ortodoxia oriental.

De acordo com a doutrina romanista, os homens podem criar obstáculos à graça que seria transmitida por meio dos sacramentos, excetuando no caso do batismo de infantes; pois nesse caso, como é óbvio, a graça divina opera à parte da fé ou da receptividade do batizando. A falha fundamental do sacramentalismo, até onde podemos ver as coisas, é que encoraja uma falsa espiritualidade, por meio de procuração ou substituição, em vez de encorajar a alma individual a corresponder pessoalmente ao Espírito de Deus. Ademais, deixa muita coisa nas mãos dos prelados, ao passo que a real responsabilidade depende do indivíduo. Além disso, consideremos os fatos da experiência humana. Quantos milhões de criancinhas têm sido batizadas no Brasil e têm tomado a chamada primeira comunhão, mas não demonstram a mínima espiritualidade! As massas populares de países católicos permanecem na ignorância da Bíblia e de seus ensinamentos. As crianças tornam-se adolescentes e adultos, sem evidência séria de que o Espírito de Deus tem operado de forma transformadora em suas vidas, como resultado do batismo infantil e da primeira comunhão. Todas as evidências salientam a ineficácia dos sacramentos.

Sempre que um indivíduo é transformado pelo Espírito, ali podemos perceber sinais de que o Senhor tem operado naquele coração. Como é claro, tais operações do Espírito requerem que a pessoa seja capaz de interação pessoal com Deus. Talvez alguém se impressione com a declaração de que a graça de Deus opera através dos sacramentos. Mas, quando examinamos os *resultados* desse método de aplicação em massa dos sacramentos, como se vê em qualquer país de maioria católica romana, não ficamos impressionados. É então que somos forçados a confessar: a espiritualidade não é conferida dessa maneira ao homem!

E mesmo entre as fileiras evangélicas, podemos dizer a mesma coisa, quando observamos a maneira trivial com que as pessoas são convidadas a levantar a mão, vir até à frente e dizer uma oração. Esse é o substituto evangélico do sacramentalismo católico romano; e, na prática, com freqüência é tão trivial e superficial como o sacramentalismo, não tendo efeitos mais duradouros que os dos sacramentos.

O QUE LHE É DEVIDO

Expressão que aparece em I Cor. 7:3, na frase: «O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente a esposa a seu marido». Trata se de um eufemismo usado por Paulo para indicar os direitos conjugais. O grego diz, literalmente, «o afeto que um deve», ou «um pague a dívida ao outro», embora a alusão seja às relações sexuais. Isso ensina que, no casamento, ambos os cônjuges têm direito ao prazer sexual, que não deve ser suspenso por nenhum motivo, exceto quando marido e mulher concordarem em sacrificar o mesmo por um tempo limitado, a fim de ocuparem-se em exercícios piedosos, como o jejum e a oração. (ID UN Z)

Esse ensino paulino é contradito pela doutrina católica romana de que as relações sexuais, mesmo entre pessoas legitimamente casadas, só são lícitas se estiver em foco a procriação. Uma das conseqüências mais lastimáveis dessa doutrina é que os bons católicos romanos se vêem às voltas com muitos problemas graves de consciência. Por exemplo, se a mulher não mais pode gerar filhos, pode ou não manter relações sexuais com o marido? Muitos padres, ao se converterem ao evangelho, testificam sobre o dilema que então se vê no confessionário, para tentar aconselhar as pessoas, inconformadas com a situação de terem de negar-se a seus legítimos cônjuges, forçando estes últimos a buscar outros parceiros.

O que a Bíblia condena não é o ato sexual em si, e, sim, o abuso do ato, ou seja, fora das relações do matrimônio. O primeiro casal recebeu ordens nesse sentido: «E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos...» (Gên. 1:28). A legislação mosaica mostrava alguns dos principais abusos contra o sexo. O livro de Cantares de Salomão exalta o amor conjugal, como representação simbólica do amor mútuo entre Cristo e sua Igreja. Todos os apóstolos de Jesus, com a única exceção de Paulo, por motivo de dom divino, eram homens casados, e Jesus não os rejeitou por isso. E Paulo adverte que uma atitude ascética em relação ao sexo, haveria de caracterizar aos apóstatas da fé, em I Tim. 4:1 *ss:* «Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras, e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento...»

ORAÇÃO

Esboço:

1. Oração como Submissão
2. Oração como Ato de Adoração
3. Oração como Ato Criador
4. Oração nas Páginas do Antigo Testamento
5. Ensinamentos de Jesus sobre a Oração
6. Ensinamentos de Paulo sobre a Oração
7. Outros Conceitos Neotestamentários sobre a Oração
8. Orar sem Cessar
9. Intercessão Mútua

••• •••

a. Tal como Jesus, Paulo nos deixou grande exemplo de orações práticas (ver Col. 1:3; 4:12; Fil. 1:4; I Tes. 1:2; Rom. 1:9 e File. 4). b. A oração consiste em adoração (ver Efé. 5:19; Col. 3:16), particular e coletiva. c. Faz intercessão em prol de todos os homens (ver I Tim. 2:1), como também é intercessão do Espírito Santo em favor dos homens (ver Rom. 8:26) e de Cristo em favor dos homens (ver Rom. 8:34). Portanto, envolve toda a trindade, porquanto o Filho e o Espírito de Deus intercedem juntamente com Deus Pai. d. A oração é exigente, pois requer perseverança (ver Rom. 15:30; Col. 4:12; Efé. 6:18 e I Tes. 5:17). e. A oração é uma expressão de ação de graças (ver Rom. 1:8 e *ss*). f. A oração aprofunda nossa comunhão com Deus (ver II Cor. 12:7 e *ss*). g. A oração visa ao benefício e ao crescimento espiritual de outros crentes (Efé. 1:18 e *ss*; e 3:13 e *ss*). h. A oração solicita a salvação dos perdidos (ver I Tim. 2:4). i. A oração é feita «no Espírito», como exercício espiritual, que se vale do poder divino (ver Efé. 6:18). j. A oração chega mesmo a ser um dom do Espírito Santo (ver I Cor. 14:14-16).

7. Outros Conceitos Neotestamentários sobre a Oração:

a. O livro de Atos frisa a natureza coletiva da oração, como também o faz o trecho de Tia. 5:13-18. Paulo enfatiza a mesma verdade em Efé. 6:18. A igreja cristã nasceu dentro da atmosfera da oração (ver Atos 1:4), pois em resposta à oração é que o Espírito Santo veio sobre a comunidade da igreja (ver Atos 1:4 e 2:4). Em períodos de crise, a igreja apelou para a oração (ver Atos 4:21 e *ss*). b. A igreja cristã, mediante os seus líderes, sempre se dedicou à oração (ver Atos 9:40; 10:9; 16:25 e 28:8). A oração deve ser praticada em benefício da comunidade cristã (ver Atos 20:28,36 e 21:5). c. A oração é possível por causa do nosso Sumo Sacerdote, divino humano, o qual garante o cumprimento do desejo sincero de corações crentes (ver Heb. 4:14-16. Ver também Heb. 5:7-10, que ilustra a necessidade de oração, dentro da vida de oração do Senhor Jesus, porquanto nos ensina a necessidade de submissão e obediência). d. A oração é um meio de entrarmos em nossos privilégios espirituais em Cristo (ver Heb. 10:19 e *ss*), pois procura apelar para o poder de Deus, a fim de termos forças na vida. A oração penetra para além do véu, chegando ao próprio Santo dos Santos, até à presença de Deus (ver Heb. 6:19). e. A oração nos confere sabedoria espiritual (ver Tia. 1:5-8). f. A oração deve ser oferecida com base nas motivações certas, pois não pode servir ao egoísmo e ao pecado (ver Tia. 4:1-3). g. A oração pode curar o corpo, e deve ser usada com essa finalidade (Tia. 5:13-18). h. A oração deve ser ousada, e assim será eficaz (ver I João 3:21 e *ss*). i. A oração sempre deve estar sujeita à vontade de Deus, sendo limitada por ela (ver I João 5:14-16).

8. Orar Sem Cessar (I tes. 5:17)

1. Isso não pode significar, naturalmente, uma oração constante e sem a mínima interrupção, em que as cordas vocais físicas sejam permanentemente usadas.

2. Mas pode indicar uma espécie de espírito dedicado à oração, sem qualquer hiato, e que se expressa em um constante «hábito de oração».

3. Também pode estar subentendida a obra intercessória do Espírito Santo, mediante o que ele intercede ininterruptamente por nós, contanto que nossas vidas sejam corretas de modo a serem uma oração viva.

O mais provável é que esteja em foco o *hábito constante* de orar. Conforme diz Coleridge ('notes on the Book of Commom Prayer', iii.11, vs. 23): «Orai sempre, diz o apóstolo. Em outras palavras, formai o hábito da oração, transformando vossos pensamentos em ações, vinculando-as à idéia do Deus redentor».

«O caminho da alegria constante, em meio às perseguições é a oração constante, expressa ou não em palavras. A exortação visa a constância na oração (ver Rom. 12:12 e Col. 4:2), para que oremos com 'toda a alegria' (ver Efé. 6:18). Isso caracterizava os ensinamentos e a prática diária de Paulo (ver I Tes. 3:10 e II Tes. 1:11). Que os crentes podem orar como devem, se explica pela presença habitadora de Cristo (ver Rom. 8:26 e Efé. 6:18)». (Frame, *in loc.*).

9. Intercessão Mútua

Paulo recomenda a intercessão mútua entre os crentes. Quando dois ou três fizerem algum pedido coletivo, isso lhes será outorgado (ver Mat. 18:19). Além disso, nenhum santo de Deus é tão perfeito ou tão forte que não necessite da ajuda de outros. No dizer de Wedel (*in loc.*): «Assim como um soldado, na linha de batalha, se desanimaria se não tivesse o conhecimento que seus camaradas lutam ao seu lado, assim também o crente individual vive com base na fé e na confiança inspiradas pelo Espírito de Deus acerca da fraternidade de Cristo. Quão desesperadamente, na qualidade de soldados cristãos, precisamos da comunhão do Espírito Santo, conforme nossa era conturbada o demonstra!»

Ninguém se encontra isolado, na batalha espiritual. Cumpre-se assim o ditado popular que diz: «Ninguém é uma ilha». A batalha é ganha pelo corpo inteiro de Cristo, coletivamente considerado. Nenhum crente poderá obter a vitória total sem compartilhar da mesma com outros, participando igualmente das vitórias dos demais. A plena glorificação, tanto do Cabeça como do corpo, ocorre coletivamente (ver Efé. 1:23 e 2:6). O desenvolvimento espiritual envolve todo o corpo místico de Cristo, considerado juntamente os seus muitos membros, e não algum membro isoladamente (ver Efé. 4:16). Portanto, a oração deve envolver o corpo inteiro de Cristo, e não apenas o próprio crente individual; e isso é útil, tanto para os outros crentes como para cada crente que assim ora.

Que é Orar?

A oração é o desejo sincero da alma,
Que fica mudo ou é expresso,
É o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito:

A oração é o enunciado de um suspiro,
O cair de uma lágrima,
O volver os olhos úmidos para cima,
Quando ninguém, senão Deus, está perto.

A oração é a linguagem mais simples
Que lábios infantis podem experimentar;
A oração é o clamor mais sublime que atinge
A Majestade nas alturas:

A oração é o hábito vital do crente,
E a sua atmosfera nativa,
É o seu lema às portas da morte,
Pois ele entra no céu pela oração.

A oração é a voz contrita do pecador,
Que retorna de seus maus caminhos,
Quando anjos se regozijam em cânticos,
E dizem: Eis que ele ora!

Os santos, na oração, aparecem como um só,
Na palavra, nos feitos, na mente,
Quando, com o Pai e o Filho,
Encontram seu companheirismo.

Nenhuma oração é feita só no mundo:
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

presença de Deus, reconhece que Deus é santo, e isso é o alicerce da oração e de nossas relações com Deus. 2. Venha o teu reino: desejo de aplicação universal dos atributos e poderes de Deus. 3. Assim na terra: aplicação direta da influência divina sobre a terra, aplicação essa pessoal, aqui onde habitamos. 4. Dá-nos pão: o discípulo do reino tem necessidades físicas. Deus se interessa por essas coisas também. O ensino contrasta o teísmo com o deísmo. Ver notas sobre as diversas idéias sobre Deus, em Atos 17:26 no NTI. 5. Perdoa os nossos pecados: neste mundo topamos com obstáculos, especialmente com a nossa própria natureza. Para que obtenhamos a condição de espiritualidade e sintamos a presença de Deus em nossas vidas, precisamos remover os obstáculos. 6. Não nos deixes cair: a vitória sobre o mundo é algo necessário para aquele que anda no caminho de Deus. 7. Livra-nos do mal: concede-nos, finalmente, a vitória completa nesta esfera.

Nota-se que essa oração de Jesus segue a forma geral do decálogo. Há duas divisões principais: 1. *As três primeiras* petições se relacionam diretamente com Deus. 2. *As outras quatro* se relacionam com os nossos semelhantes.

«*Pai nosso*». Ver nota em Mat. 5:16 no NTI sobre *Deus Pai*. Essa idéia forma a base da oração. O Deus verdadeiro é contrastado com os *caprichosos* deuses falsos dos pagãos que precisam ficar cansados com as petições de seus seguidores antes de responder. No grego, a palavra *vos* é enfática, e contrasta os discípulos com os pagãos, cujos deuses não eram seus pais. Jesus abordou uma nota universal também, porque quem pode dizer que ele se referiu a Deus somente como Pai dos judeus? Ele é o Deus dos céus e da terra. Paulo disse outro tanto «*de quem* toma o nome toda a família, tanto no céu como sobre a terra» (Efé. 3:15).

«*Teu nome*». O nome de Deus equivale à pessoa de Deus, segundo ele se tem revelado. A idéia é que sabemos algo de Deus, algo de sua natureza, algo de seu interesse pela humanidade. Quando proferimos o nome de *Deus Pai*, lembramos essas coisas.

«*Santificado*» quer dizer *Seja venerado* ou *honrado*. Está em foco a honra de Deus entre os homens. Que sejam reconhecidas a sua bondade e santidade entre os homens. **A primeira petição** é que o caráter santo e bondoso de Deus seja reconhecido e respeitado entre os homens, conforme já sucede nos céus, onde Deus apresenta suas principais manifestações. Tudo quanto sabemos sobre Deus deve ser venerado. A primeira petição não alude às necessidades da vida física do homem, mas à principal necessidade, que é o reconhecimento do caráter de Deus por parte dos homens e da sua relação, como Pai, para com a humanidade.

«*Estás nos céus*». Parece que essa expressão tem os seguintes significados: 1. A onipresença de Deus, na vasta amplidão dos lugares celestiais, os céus (I Reis 8:27). 2. O poder e a majestade de Deus, na forma de domínio sobre toda a criação (II Crô. 20:6). 3. A onipotência de Deus, o seu poder manifestado nos céus dos céus, os lugares mais elevados (II Crô. 20:6; Sal. 115:3). 4. A onisciência de Deus, porque daquele lugar tão elevado ele vê tudo quanto ocorre em todas as partes da criação (Sal. 11:4). 5. A santidade e a pureza de Deus, porque ele habita na mais santa montanha (Deut. 26:15; Is. 57:15).

Temos — um grande Pai — nos céus, e isso aumenta extraordinariamente o nosso *valor*. Esse fato empresta à oração o seu maior impacto. Justifica Marc Antoine Muret em sua famosa resposta. Os cirurgiões, que estavam prestes a operá-lo, julgaram-no tão ignorante quanto era pobre, e disseram antes do início da operação, em latim: *Faciamos experimentum in anima vili* («Façamos uma experiência neste indivíduo sem valor»). Para grande surpresa deles, Muret respondeu em latim igualmente bom: *Vilem animam appellas pro qua Christus non dedignatus est mori* («Chamais indigno àquele por quem Cristo não se recusou a morrer») (Marc Antoine Muret, Paris; Ernest Thorin, 1881, pág. 60). Posto que Deus é o pai da humanidade, ninguém pode ser reputado indigno. Sendo crentes, nossas orações sobem até ele, pelo que essas orações são importantes.

A oração demonstra grande *reverência* pelo nome de Deus. Jesus só se satisfazia quando o nome de Deus era santificado na conduta diária dos homens, e não por motivo de meras palavras e orações. Os islamitas, em suas cinco orações diárias, dizem: «*Deus é grande*». Não temos tal costume, embora fosse sábio que pontuássemos nossas vidas diárias com períodos de oração. Mas Jesus ainda se interessaria mais na demonstração, mediante nossas ações, do respeito que votamos ao santo nome de Deus.

Mat. 6:10: venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu;

Venha o teu reino. **A segunda petição** fala do reino dos céus ou de Deus. Ver nota sobre esse reino em Mat. 3:2 no NTI. Jesus queria estabelecer seu reino literal sobre a terra, o que seria a manifestação de Deus no mundo. Essa petição alude principalmente ao estabelecimento desse reino. Na literatura judaica há muitas repetições dessa petição. Por exemplo: «O homem que não menciona o reino de Deus em suas orações, nem ao menos ora». Jesus, mais do que qualquer judeu comum, desejou que chegasse esse reino (ver Dan. 7:14-27; Isa. 9:7; 11:1-6). Jesus deu início ao seu ministério com o fito de trazer esse reino: ele mesmo seria seu rei.

Há outras interpretações sobre o *reino*, como 1. A expansão da influência dos ensinos de Jesus. 2. O desenvolvimento da *igreja* cristã. 3. A expansão da influência e do *poder* da igreja. 4. O esforço da igreja em *atrair* o reino à terra, quer total ou parcialmente. Mas nenhuma dessas idéias tem justificação neste texto. Por expansão, o termo «reino de Deus» pode incluir essas idéias, e é verdade que alguns usam o termo com esse sentido, mas Cristo não se referiu a essas questões nesse ponto. Até hoje alguns oram pela chegada literal do reino de Cristo, o que só sucederá no milênio. Ver notas em Apo. 20:1-6 no NTI.

Faça-se a tua vontade. **Essa terceira petição,** obviamente, refere-se à obediência dos anjos a Deus, o que fazem com perfeição. Ver Sal. 103. Jesus queria que a vontade de Deus fosse totalmente cumprida nesta terra, a fim de que assim fosse elevada a vida terrena, e os homens fossem transformados. Alguns interpretam as palavras *assim na terra como no céu*, como se elas tivessem aplicação a todas as três petições: santificado seja o teu nome, conforme já o é nos céus, assim também aconteça na terra. Faça-se a tua vontade, conforme já o é nos céus, assim também suceda sobre a terra. «No céu» significa a perfeição ou ideal mais elevado daquilo que deve ser feito. No céu é que está o exemplo perfeito, o padrão perfeito daquilo que precisa ser feito.

Mat. 6:11: o pão nosso de cada dia nos dá hoje.

De cada dia. **Quarta petição:** Tem sido *variegadamente* interpretada, porque a expressão é rara e há dúvidas quanto ao seu sentido. Mas a expressão também tem sido encontrada fora do N.T. Estas são as interpretações: 1. «Necessário à existência»; 2. «para este dia»; 3. «para o dia seguinte»; 4. «para o

deixes cair em tentações intensas (ou seja, no sentimento de culpa), causadas pelos pecados que temos cometido». Essa interpretação evita os problemas, mas dificilmente indica o que Jesus ensina aqui. Embora as interpretações 1 e 2 tenham bons advogados, a primeira parece ter mais razão. Foi exatamente essa petição que Pedro deveria ter feito antes de negar a Cristo; porém, entrou nas circunstâncias sem orar, o que provocou a sua queda. Mais tarde, Cristo aconselhou seus discípulos a orar, nos seguintes termos: «Vigiai e orai, para que não entreis em tentação» (Mat. 26:41). Naquela ocasião, a tentação deveria ter sido a de abandonar a Cristo no momento em que ele mais carecia de companhia, e esse abandono seria considerado um pecado.

Livra-nos do mal. Alguns consideram essa expressão como extensão da anterior (ver Mat. 6:12); e para esses existiriam somente seis petições. Embora a gramática grega possa sustentar essa idéia, aqui a expressão pode ser reputada como outra petição, embora como extensão da outra. Contudo, isso não se reveste de muita importância.

«*Do mal*». Pode ser masculino ou neutro, no grego, e por isso pode significar o mal de modo geral (tentações de diversos tipos, más condições 'de vida, sofrimentos vários', etc.), ou pode ser o ser mau, isto é, Satanás. Tais referências são comuns na literatura oriental, e é possível que os judeus compreendessem assim esta petição. Apesar disso, podemos considerar que seu sentido é geral, porque a crença na doutrina de Satanás insistiria em que ele fosse o agente do mal. O trecho de II Tim. 4:10 parece ser memória dessa petição: «O Senhor me livrará também de toda obra maligna, e me levará salvo para o seu reino celestial...» Provavelmente, pois, essa petição resulta do desejo do discípulo de obter a redenção final, a redenção que será outorgada aos filhos de Deus, como vemos em Rom. 8:23. Pode-se ver que essa petição constitui a conclusão lógica apropriada da oração, tendo culminado na esperança de ver o reino de Deus no mundo, de entrar nesse reino, ou de deixar esta vida terrena para entrar no reino dos céus. Quando trocarmos de mundos experimentaremos a realidade dessa petição — «livra-nos do mal».

Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém. Essas palavras aparecem nos mss LW Fam Pi Fam 13 e nas versões latinas g k e na maior parte dos mss de datas mais recentes. As traduções KJ AC AA (tidas como duvidosas) têm essa doxologia. As palavras são omitidas em Aleph BDZ Fam 1, em diversas versões latinas e na maioria dos pais gregos e latinos, como também nas traduções ASV RSV PH WM WY BR GD e IB. Essa bela doxologia não é autêntica (é omitida pelos melhores e mais antigos mss e por quase todos os pais da igreja), mas parece ser antiga inserção litúrgica, sendo, talvez, uma espécie de paráfrase de I Crô. 29:11-13. A versão paralela, em Luc. 11, também a omite. Embora não faça parte da oração original de Jesus, expressa uma verdade, e assim podemos continuar a usá-la em nossas orações e em nossos hinos.

ORAÇÃO DO SENHOR DO ISLAMISMO

Ver o artigo separado sobre o *Alcorão*. Esse documento contém uma notável oração que veio a ser conhecida como «Senhor do Pai Nosso dos Islâmicos». Chama-se *alfatiha*, por ser usada como oração inicial. Diz:

«Em nome de Deus, o compassivo cheio de compaixão. Louvores a Deus, o Senhor dos mundos, o compassivo cheio de compaixão, o soberano do dia do julgamento. A Ti adoramos e a Ti pedimos ajuda. Dirige-nos no reto caminho; no caminho daqueles com quem Tu tens demonstrado graça, contra quem não há ira, e que não se desviam».

ORAÇÃO SUMO SACERDOTAL

Ver João 17:1-26.

Este capítulo constitui a parte final dos discursos de despedida, feitas pelo Senhor Jesus, iniciados em João 13:31, e interrompem a narrativa joanina sobre as últimas horas da vida terrena do Senhor Jesus. Terminado este décimo sétimo capítulo a narrativa histórica tem reinício, então descemos do pico das palavras celestiais proferidas pelo Senhor Jesus e pousamos no vale crasso e cruel do ódio humano, pois os homens, naquele exato momento, já se aproximavam com soldados armados, bandoleiros munidos de tochas e cacetes, na esperança de removerem do mundo, se possível fora, a própria memória de Jesus, o manso profeta de Nazaré.

— No tocante ao décimo sétimo capítulo deste quarto evangelho, que encerra a oração sumo sacerdotal do Senhor Jesus, ordinariamente os estudiosos pensam que essas palavras foram proferidas no jardim do *Getsêmani*, embora outros estudiosos façam objeção a essa posição, salientando, com base nos evangelhos sinópticos, que a oração feita pelo Senhor, no jardim do Getsêmani, foi oferecida ao Pai em profunda agonia de alma, quando ele rogou que o cálice de seus sofrimentos fosse removido se possível e que fosse ele mesmo poupado de passar por tão amarga experiência. Pensam ainda que seria impossível que ele houvesse proferido, ao mesmo tempo, palavras de sentido tão diverso, que refletem um estado de alma tão diferente, como são as palavras da oração aflita no horto e as palavras de jubiloso e místico triunfo neste décimo sétimo capítulo do evangelho de João.

Porém, um terceiro grupo de intérpretes assevera que a personalidade humana é capaz de expressões emocionais extremamente *divergentes* em um curto período de tempo, e que não há motivo algum para supormos que Jesus Cristo não pudesse haver passado, em breve período, da agonia para o êxtase, ou do êxtase para a agonia, quando ainda se encontrava no horto do Getsêmani. Mas eis que um quarto grupo de intérpretes, de inclinações racionalistas ou modernistas, conforme o termo é preferencialmente utilizado hodiernamente, acredita que todos os discursos do Senhor Jesus, na realidade, foram uma composição arquitetada pelo autor do quarto evangelho, e não palavras verdadeiramente saídas dos lábios de Cristo. E que isso, por sua vez, explicaria a ausência de tais discursos nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), como, por semelhante modo, a extrema dificuldade para que se obtenha a harmonia entre os discursos de Jesus e a narrativa histórica, visto que o evangelho de João teria criado uma situação artificial, que realmente jamais teria ocorrido.

A maioria dos intérpretes, no entanto, deixa de lado essas idéias e passa por cima delas, sem mencioná-las ou negá-las, mas usualmente frisando a particularidade de que esses discursos tão exaltados do Senhor Jesus, mui provavelmente, resultaram da tremenda energia mental e espiritual do Senhor Jesus, não de qualquer dos seus discípulos e, muito menos ainda, de algum autor de tempos posteriores, o qual, utilizando-se supostamente de fontes informativas apostólicas, teria feito a composição deste quarto

solicitação de que o amor de Cristo habite nos seus discípulos, o que, na realidade, é o amor de Deus Pai neles, e que esse amor possa florescer na comunhão mística que os discípulos autênticos gozam com Cristo, e, portanto, com o Pai — vss. 25, 26.

ORAÇÕES PELOS MORTOS

Esboço:

1. Motivação
2. Pano de Fundo Judaico
3. No Cristianismo Antigo
4. No Cristianismo Atual
5. Avaliação

1. Motivação

Não é fácil alguém pensar em um ente amado ou amigo que, por meio da morte física, desapareceu da cena terrestre, e agora não pode ser ajudado e nem podemos ter comunhão com ele. Além disso, todos têm medo do desconhecido. Esses infundados temores são agravados pelos dogmas que afirmam que, para a maioria das pessoas, espera-as um estado muito lamentável, quando morrerem. Visto que sempre nos voltamos para a oração, a fim de resolver problemas, é apenas natural apelarmos para a mesma prática, na esperança de que nossas orações exerçam algum poder benéfico em favor dos mortos. E, visto que neste mundo chegamos a conhecer o consolo da comunhão dos santos, sentimos que, de algum modo, essa comunhão conseguirá transpor o abismo que nos separa dos mortos, beneficiando-os de alguma forma. Até mesmo no caso de pessoas que nos são totalmente desconhecidas, somos levados a desejar o bem-estar delas, no outro lado da existência. E esse sentimento pode ser expresso através de orações pelos mortos. A Igreja cristã, contudo, está dividida quanto à desejabilidade e eficácia dessas orações.

Um outro importante fator de motivação é o fato de que a revelação bíblica, especificamente aquela que alude à descida de Cristo ao hades, infunde-nos esperança de que o estado dos mortos não é fixo, em resultado dessa idéia as orações pelos mortos podem revestir-se de algum valor. Desse ponto de vista doutrinário, ainda podemos pensar em uma outra motivação, a fé na *comunhão dos santos* (vide). É lógico pensarmos que visto que essa comunhão não respeita as fronteiras da materialidade, e nem a suposta barreira imposta pela morte, que é possível que nossas orações também possam transpor aquele abismo.

2. Pano de Fundo Judaico

Sabemos que o conceito de uma alma humana imaterial e imortal só passou a fazer parte das noções religiosas dos judeus na época dos Salmos e dos Profetas. Porém, quando Judá entrou no período helenista, essas noções eram doutrina comum entre os judeus, ainda que, na época, nem todos os rabinos as aceitassem. Assim, o partido dos saduceus nunca chegou a aceitar a existência de espíritos, anjos, etc. Eles alicerçavam seus pontos de vista sobre o Pentateuco, onde a existência da alma humana é obscura, embora seja bem clara a existência de anjos. Seja como for, o trecho de II Macabeus 39:44 mostra-nos, de modo bem definido, que pelo menos alguns judeus faziam orações pelos mortos, com base no pressuposto que isso lhes era vantajoso.

3. No Cristianismo Antigo

Inscrições nas paredes das catacumbas e referências em várias obras dos antigos pais da Igreja mostram-nos que pelo menos alguns cristãos tinham por prática orar pelos mortos. Várias referências aparecem no Novo Testamento que parecem refletir essa prática. Ver I Cor. 15:29; II Sam. 1:16-18 e 4:19. Porém, essas passagens são obscuras e não nos conferem certeza quanto à questão. Agostinho (*Conf.* 9) fornece-nos evidências em favor dessa prática, que envolvia tanto a liturgia cristã quanto orações privadas. A questão do perdão de pecados é um dos itens que aparece nessas orações. E, no tempo da Idade Média, as orações pelos mortos justos do purgatório tinham-se tornado prática comum na Igreja ocidental. Tais orações acabaram fazendo parte do chamado *ofício pelos mortos*. Infelizmente, a Igreja de Roma exagerou a questão inteira das *indulgências* (vide), misturando-a com a questão das orações em favor dos mortos.

O próprio Lutero parece ter visto com bons olhos a questão simples das orações pelos mortos, pois ele mantinha a idéia de que o destino dos homens pode ser alterado mesmo após a morte biológica, com a restrição única que tal alteração só pode ser efetuada *em Cristo* (ver João 14:6). Porém, outros reformadores, em seus ataques contra os abusos do clero romanista, como as indulgências e as missas pagas, chegaram a repelir inteiramente a prática. E assim foi que a maioria dos protestantes, aplicando à doutrina a sua regra de «somente as Escrituras», e rejeitando o cânon alexandrino (que inclui o livro de II Macabeus), interpretara o silêncio das Escrituras sobre a questão como indicação de que tal doutrina não deve ser ensinada.

Em contraste com isso, a Igreja Oriental, sempre manteve uma atitude favorável para com a idéia da descida de Cristo ao hades, daí passando a pensar que ali há salvação em potencial para seus internos, isto é, para além da morte biológica. Acresça-se a isso que o respeito daqueles cristãos pela doutrina da comunhão dos santos lhes fornece uma base para orarem pelos justos que tiveram feito a transição para o outro lado da existência.

4. No Cristianismo Atual

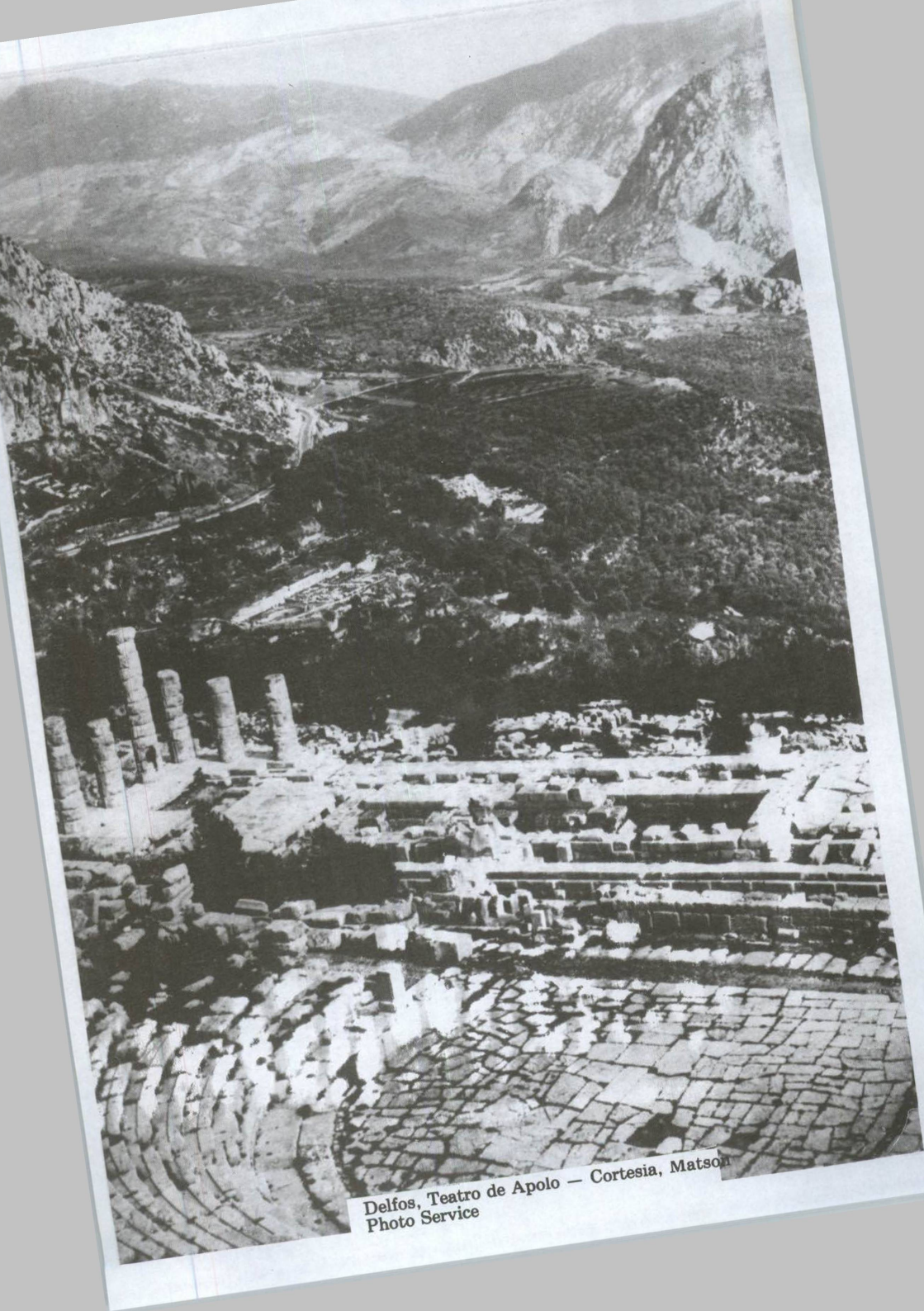
As linhas divisórias traçadas no tempo do antigo cristianismo continuam nítidas. A Igreja Católica Romana encoraja orações pelos mortos justos, com a finalidade deles saírem do *purgatório* (vide). Mas não adota orar pelos mortos injustos, cujo estado é considerado fixo. A maioria dos grupos protestantes continua a rejeitar orações tanto pelos mortos justos (negando que o purgatório tenha existência real) quanto pelos mortos injustos (negando o poder remidor da descida de Cristo ao hades). No entanto, a Igreja Anglicana prossegue em suas orações tanto pelos mortos justos quanto pelos mortos injustos, preferindo pensar que não é fixa a situação quer de um grupo quer de outro. Nas reformas litúrgicas dessa comunidade, tem havido provisões recentes em prol dessa prática. A Igreja Oriental, em consonância com os pais gregos da Igreja, opina que as almas que ainda não estão preparadas para o céu podem ser ajudadas pelas nossas orações, o que eles enfatizam na eucaristia.

5. Avaliação

a. A descida de Cristo ao hades parece ter aberto a porta para a redenção para além da sepultura, e *talvez* tenha conferido às nossas orações de homens mortais uma eficácia que beneficie aos injustos que já morreram. Digo *talvez* porque não tenho certeza quanto à eficácia dessas orações. Ver o artigo *Descida de Cristo ao Hades*.

b. A doutrina da comunhão dos santos talvez tenha aberto caminho para a eficácia de orações em favor dos mortos justos. Ver o artigo chamado *Comunhão dos Santos*.

c. O ensino de que as Escrituras são a *única* regra de



Delfos, Teatro de Apolo — Cortesia, Matson Photo Service

Grécia, Atenas foi salva por um conselho dado naquele oráculo. A cidade foi totalmente abandonada ante a aproximação dos persas, conforme o oráculo disse que deveria ser feito. Os habitantes foram para beira-mar, habitando temporariamente em ilhas. Então os gregos derrotaram os persas em batalhas marítimas. (AM P)

ORÁCULOS SIBILINOS

Esses oráculos consistem em quinze livros de predições ou oráculos, contendo elementos judaicos, pagãos e cristãos, escritos para imitar os oráculos pagãos. *Sibila* era uma profetisa de Cumae, cerca de dezenove quilômetros de Nápoles, na Itália. Os supostos oráculos sibilinos originais ter-se-iam perdido em Roma, no incêndio de 82 A.C. Então, já no período cristão, houve a tentativa de substituir os mesmos, o que se estendeu de cerca de 150 até cerca de 300 D.C., e, talvez, até mais tarde. Vários dos pais da Igreja mencionam esses livros, como Justino, Teófilo de Antioquia, Clemente de Alexandria, etc.

Esses livros falam muito sobre uma *era áurea*, estabelecida pela supremacia romana no Oriente, mais ou menos em meados do século II A.C. Mas há oráculos babilônicos e persas. Há menção a uma lendária fuga de Nero para a Pártia, bem como à destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C. O quinto livro contém uma versão mais estilizada do mito do *Nero redivivus* (ver Apo. 17:10,11), com um panegírico a seu respeito. A maior parte da obra, porém, parece ter tido origem cristã herética, pertencendo, principalmente, aos séculos II e III D.C. Nas porções escatológicas, escritas do ponto de vista cristão, aparecem tópicos como grandes impérios mundiais, e um expurgo final. Os oráculos diferem das obras tipicamente apocalípticas porque eles se assemelham mais com tratados missionários do que com doutrinas esotéricas.

ORADOR

No grego, **rétor**, «orador», um **hápax legómenon**, que aparece em Atos 24:1, onde se lê: «...desceu o sumo sacerdote, Ananias, com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo...» Esse homem foi contratado pelos judeus a fim de ajudá-los nas suas acusações contra o apóstolo dos gentios. Tértulo pode ter sido um advogado-orador pagão, embora também possa ter sido um judeu dotado de grande eloqüência.

Se o sentido primário do vocábulo grego é «orador», sabe-se que também podia indicar um advogado que trabalhava em um tribunal (Dio Chry. 59.76; Papyrus Oxy. 37:1.4). As referências que aparecem nos escritos de Filo e de Josefo também envolvem esse último sentido.

O Ato de Discursar. Lemos em Atos 12:21 que Herodes, «...vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra». Foi uma fala retórica que esse monarca dirigiu ao povo, procurando obter maior popularidade. Para ele, a tentativa teve resultados desastrosos. Nesse caso, a palavra grega usada nesse trecho bíblico é *demegoréo*, «discursar».

ORATORIANOS (Oratório de São Filipe Neri)

A Congregação do Oratório foi fundada por São Filipe Neri, em San Girolamo, uma igreja paroquiana da cidade de Roma. Gregório XIII conferiu-lhe posição canônica em 1575. É dirigida por uma regra, mas não há votos monásticos. O seu principal objetivo é a salvação de almas por meio da oração, do evangelismo e dos sacramentos. O cardeal anglicano Newman (que veio a tornar-se um padre católico romano) fundou a ordem na Inglaterra, em 1847. Pedro de Bérulle fez outro tanto na França, em 1611, embora essa organização seja uma unidade separada, com seu próprio superior geral.

ORATÓRIO

Cultos musicados efetuados pela ordem dos oratorianos, fundada por Filipe Neri (ver sobre *Oratorianos*). Com base nessa circunstância, as produções musicais sacras, quando elaboradas, receberam o nome de *oratórios*. Tais apresentações usualmente contam com solistas, coros e orquestras. A essa forma de música se deu uma expressão suprema, que foi popularizada, no *Messias*, de Handel. Alguns pensam ser esse o maior de todos os oratórios. Sem dúvida é o mais usado em nossos dias.

ORDEM

Vários Usos Bíblicos. Esse termo é usado, em nossa versão portuguesa, para aludir aos levitas da «segunda ordem» (I Crô. 15:18). Mas o original hebraico não usa essa palavra, dizendo apenas «segunda». O sentido tencionado é o de *ordem* de enumeração, relativa aos turnos dos sacerdotes que ministravam. Em Lucas 1:8, onde está em foco a idéia de «turno», em algumas versões encontra-se a palavra «ordem» para exprimir a idéia. Há oficiais e governantes da mais elevada ordem. Mas também há o irmão humilde, o homem pobre, de «condição humilde» (Tia. 1:9). Em algumas traduções, a transformação do crente, de um *estágio* de glória para o próximo, mencionada em II Coríntios 3:18, é traduzida como ordem. O grego diz, literalmente, «glória a glória», mas devemos compreender a passagem de um estágio de glória para o próximo, uma ordem crescente de glorificação.

ORDEM CÓSMICA; ORDEM INTERNACIONAL

O *microcosmo* (o mundo dos átomos), de acordo com o ponto de vista bíblico e teísta, deriva-se de Deus. Os autores bíblicos não tinham conhecimento científico sobre os átomos. Contudo, eles sabiam que a matéria é apenas uma forma de energia. «Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das cousas que não aparecem» (Heb. 11:3). Os filósofos gregos, desde o século V A.C. haviam desenvolvido uma teoria atômica que antecipava, em certos sentidos, aspectos do atomismo moderno. Mas os cientistas ainda não têm certeza no que o átomo consiste, e a pesquisa continua. Sem embargo, sem importar o que possa constituir a matéria e a própria vida, incluindo as coisas não materiais do mundo criado, tudo deve ser atribuído a um ato da mente de Deus. Ver Gênesis 1 e Colossenses 1:16.

O *macrocosmo* (a criação inteira, em todas as suas relações, incluindo as relações entre os povos) também deriva-se de Deus. Os trechos de Atos 17:24 *ss* e Romanos 13 ensinam essa verdade. O fato de que as profecias bíblicas mostram em que se tornará o mundo criado, subentende que Deus interessa-se pelos negócios humanos e os controla. Coisa alguma escapa ao governo de Deus. As leis da natureza são extensões da mente divina.

A *filosofia da história* (vide) inclui interpretações teístas, como aquelas do Antigo e do Novo Testamentos, e também a de filósofos cristãos como

4. *Aristóteles*. Ele desenvolveu o importante conceito de como um todo está relacionado às suas partes, por algum tipo de ordem e lógica recíprocas. A sua discussão sobre as *causas* estava envolvida nesse problema. O artigo a seu respeito entra detalhadamente sobre essa questão.

5. *Whitehead e Russell* falavam em vários elementos da ordem, como: relações, transitividade, irreflexividade, conexão e assimetria.

6. *O Cristianismo*. Em contraste com a filosofia grega, a tradição hebreu-cristã vê a origem da criação em um ato criativo do Ser Supremo. O primeiro capítulo do livro de Gênesis dá-nos a entender que houve um caos primevo, sobre o qual Deus atuou, pondo as coisas em boa ordem. Mas essa ordenação das coisas seguiu-se a um ato original de criação. A ordem é produzida pela Inteligência divina, e não por alguma vaga força cósmica. A boa ordem espiritual, por sua vez, é obtida através do ministério do *Logos*, a Razão divina e universal. Os mórmons, entretanto, têm adotado a noção grega da eternidade da matéria e que o ato de criação de fato foi um ato reformador, no qual Deus pôs o caos em boa ordem.

ORDENAÇÃO DE MULHERES

Ver também o artigo geral chamado *Ordenação*; e, mais especificamente, aquele intitulado *Mulheres, Ordenação de*. Ver também sobre *Diaconisas*.

ORDENANÇA

1. *Definições*. Essa palavra não tem um único uso, pelo que suas definições são diversas. A raiz latina é *ordo(inis)*, «ordem», relativa a *ordinare*, «ordenar». Dessas raízes é que emerge a palavra *ordinans(antis)*, «ordenança». Seu sentido pode ser uma regra autoritária, um decreto, uma lei, um rito religioso, uma disposição ou posição, um desígnio.

2. *Usos no Antigo Testamento*. As principais ordenanças desse documento são os *Dez Mandamentos* (vide). As leis levíticas têm muitas ordenanças subordinadas e litúrgicas. No livro da aliança (ver Êxo. 20:22—23:33), os termos juízos e ordenanças falam acerca de leis civis e religiosas. O vigésimo primeiro capítulo de Êxodo continua dando muitas leis que governavam a vida dos israelitas, e, em algumas traduções, essas leis são chamadas «ordenanças». As leis de Israel tanto eram civis quanto religiosas; mas, em uma teocracia, essa distinção não pode ser feita claramente, porquanto tudo é expressão religiosa naquele sistema. Naturalmente, o decálogo é o supremo exemplo das leis religiosas mais profundas. O trecho de Núm. 15:15,16 mostra que as leis de Israel vigoravam tanto para os cidadãos como para os estrangeiros residentes.

Fica pressuposto no Antigo Testamento que as ordenanças estavam alicerçadas sobre instruções e mandatos divinos (Deu. 4:5,11; 5:31 *ss*); 6:1,2,24,25), com apoio na graciosa atividade de Deus (ver Deu. 4:32-40; 6:20; 7:6-8; 29:2-9). Todas as leis estão sumariadas no maior dos mandamentos da lei: «Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força». Desse modo, a lei atuava como reivindicação de Deus, no sentido de que ele tinha o direito de senhorio sobre as vidas dos homens. Nos sistemas voluntaristas, antigos e modernos, a lei aparece como subordinada à vontade de Deus. Ali, as coisas são certas porque Deus é que as determina. Ver sobre o *Voluntarismo*. Porém, também devemos dizer que a lógica espiritual requer, igualmente, a declaração que Deus ordena as coisas porque elas são *corretas* em si mesmas.

3. *Usos no Novo Testamento*. — O cristianismo primitivo viu-se a braços com o problema do legalismo. Ver os artigos chamados *Legalismo* e *Partido da Circuncisão*. Ver também sobre *Jesus e a Lei*, no tocante a uma discussão sobre como o Senhor Jesus relacionou-se com o Antigo Testamento. Além disso, temos a controvérsia entre Paulo e Tiago, a confrontação entre Rom. 3—5 e Tia. 2. Essa questão é coberta no artigo intitulado *Legalismo*. Ver especialmente o artigo detalhado *Lei no Novo Testamento*.

4. *Ordenanças e Sacramentos*. Ver o artigo separado sobre os *Sacramentos*. As igrejas que rejeitam o conceito de sacramento (a transmissão da graça divina através de ritos religiosos, como o único canal dessa graça) preferem usar o termo *ordenanças* para apontar para os seus ritos. Nesse caso, não se entende que essas cerimônias sejam canais da graça, mas apenas símbolos da variegada graça divina recebida. Assim, as ordenanças aludem a alguma realidade espiritual, mas não são veículos que produzam essa realidade. As ordenanças comuns das igrejas evangélicas são o *batismo* (vide) e a *Ceia do Senhor*, também chamada *eucaristia* (vide). A primeira dessas ordenanças é realizada em obediência ao mandamento de Cristo (ver Mat. 28:19,20), e simboliza a nossa união com Cristo, em sua morte e ressurreição. Também há outros símbolos, discutidos no artigo sobre esse assunto. A Ceia do Senhor é um memorial, e não um sacramento. Faz-nos lembrar o sacrifício de Jesus, por um lado, e sua segunda vinda, por outro lado, diariamente antecipada. Alguns grupos evangélicos acrescentam a isso uma terceira ordenança: o *lava-pés* (vide). Damos um detalhado artigo sobre esse assunto, que inclui uma discussão da controvérsia que a circunda.

ORDENANÇAS DA IGREJA

Ver **Ordenança**, quarto ponto.

ORDENAR (ORDENAÇÃO)

Esboço:

1. Definições
2. No Antigo Testamento
3. No Novo Testamento
4. Considerações Modernas

1. Definições

Em um sentido geral, não-eclesiástico, essa palavra significa «decretar», «instalar», «consagrar». A raiz latina é *ordinare*, «ordenar», de *ordo(inis)*, «ordem». O seu sentido eclesiástico é «investir com uma função ou ofício religioso», ou, então, «admitir a funções ministeriais ou sacerdotais».

2. No Antigo Testamento

Os sacerdotes, os levitas, os profetas e os reis, entre os hebreus, eram ordenados para suas respectivas funções, através de um certo número de ritos e declarações. Moisés nomeou Josué como seu sucessor, impondo-lhe as mãos (ver Núm. 27:18; Deu. 34:9). Os profetas, os sacerdotes e os reis eram ungidos como parte do ritual de sua consagração. Ver sobre *Ungüento*, ponto quinto. Ver também sobre *Unção*, onde damos mais detalhes.

Usos não-eclesiásticos incluem significados como arranjar, por em ordem (Sal. 132:17); planejar, estabelecer celebrações, ritos e oferendas (Núm. 28:6;

ali «irmãos» trabalham juntos visando ao bem-estar da coletividade cristã. A esses «irmãos» eles chamam de *anciãos*. As igrejas orientais ortodoxas e os anglicanos reconhecem três *ordens principais*: bispos, padres e diáconos. A Igreja Católica Romana, desde os dias de Inocente III (1207), adicionou os subdiáconos às suas ordens principais. Mas os católicos romanos também contam com as ordens inferiores: porteiros, exorcistas e acólitos (assistentes). No Oriente, desde o concílio de Trulão, em 692 D.C., as ordens menores têm incluído os leitores, os cantores, ao mesmo tempo em que os porteiros, os exorcistas e os acólitos foram absorvidos no subdiaconato.

Bispos e Padres. Ambos compartilham do sacerdócio, mas o bispo é *primum sacerdotium*, enquanto que o padre é *secundum sacerdotium*. O primeiro tem uma jurisdição territorial; o segundo, local. Historicamente, o diácano é a mão direita do bispo, encarregado de deveres administrativos e litúrgicos. Nas igrejas evangélicas, muitas vezes o diácono é paralelo do ancião, mas cuida das questões materiais da igreja local, embora usualmente sirva na junta administrativa da igreja e seu voto tenha o mesmo peso que o voto de um ancião, quanto a determinadas questões. Há mesmo igrejas em que as funções de um diácono igualam em tudo às funções de um ancião, excetuando no nome, o que é uma incoerência.

A Bíblia é explícita quanto ao seguinte ministério neotestamentário:

a. *Ministério da Palavra — Apóstolos, profetas, evangelistas e pastores* (alguns dos quais são *mestres*). Ver Efé. 4:11.

A maior confusão, no conceito popular diz respeito ao ministério pastoral. Em primeiro lugar, eles pensam que o «pastor» e o «mestre» são ministérios distintos, quando, na verdade, todo mestre é um pastor. Alguns pastores são apenas pastores, e outros são pastores-mestres (ver I Tim. 5:17). Além disso, no Novo Testamento, os pastores também são chamados «bispos» (supervisores) e «presbíteros» (anciãos), pois esses títulos enfocam sobre outros aspectos desse ministério (ver Atos 20:17,28). Assim, há igrejas evangélicas que dividem o ministério em pastores e presbíteros, mas não têm bispos. Mas, isso é outra incoerência. Nas Escrituras, um pastor é um presbítero (ou ancião) e é um bispo (ou supervisor). A prova disso é que as qualificações são idênticas.

b. *Ministério da Ação — Diáconos. Nota:* Os dons carismáticos não são ministérios.

Validade das Ordens. As divisões entre os cristãos têm incluído a negação da legitimidade dos ministros de uma denominação por outra denominação. Exclusivismo de vários tipos continuam a dividir os cristãos, servindo para atiçar as chamas da hostilidade. Assim, os católicos romanos aceitam as ordens e os sacramentos da Igreja Ortodoxa Oriental, onde, segundo os primeiros supõem, foi mantida a *sucessão apostólica* (vide). Mas, como uma entidade, a Igreja Ortodoxa Oriental é considerada fora de comunhão com a «verdadeira Igreja», por ter-se separado dela, em 1054 D.C. Outrossim, a Igreja Católica Romana nega a validade das santas ordens da comunidade anglicana, supondo que ali a sucessão apostólica foi interrompida ante as venetas do *arcebispo Cranmer* (vide). Além disso, a comunidade anglicana é acusada do que se chama *defeito de intenção*. Assim, de acordo com o romanismo, os sacramentos devem ser administrados com o propósito de fazer o que a Igreja faz. Mas, visto que a comunidade anglicana separou-se da Igreja Católica Romana, ela não retém as intenções desta última. O concílio de Trento exigiu uma correta intenção, sendo essa uma das razões pelas quais o papa Leão XIII (1896) condenou as ordenações anglicanas. Desnecessário é dizer que idênticas acusações (além de outras) são feitas contra todos os grupos protestantes e evangélicos.

Dentro dos grupos protestantes, infelizmente, há todo tipo de exclusivismo e de hostilidade. Alguns grupos batistas falam sobre a ilegitimidade do batismo efetuado por outros grupos, mesmo quando realizado por imersão, naquilo que aqueles batistas chamam de «imersão estranha». E o que esses batistas dizem sobre o batismo, eles e outros grupos dizem sobre os ofícios ou ministérios de outras denominações. E assim a guerra santa prossegue.

ORDENS RELIGIOSAS

Pessoas religiosas que têm tido propósitos e ideais específicos têm organizado ordens religiosas, tendo em vista a propagação de suas idéias. Por isso mesmo, um grande número de ordens religiosas tem vindo à existência, sobre as quais tenho preparado artigos separados. Ver sobre as seguintes: *Agostinianos; Beneditinos; Capuchinhos; Carmelitas; Dominicanos; Franciscanos; Sociedades Católicas; Ordens Mendicantes; Monasticismo*. Ver também sobre *Ordens, Santas*. Um equivalente protestante distante são as missões evangélicas, pátrias ou ao estrangeiro.

As ordens religiosas são sociedades ou fraternidades cujos membros vivem todos sob as mesmas regras. Essas ordens originaram-se, historicamente, nos movimentos monásticos. Um ideal básico era a mortificação da carne (ascetismo) e a busca por uma santificação mais profunda. A ênfase sobre a virgindade sempre foi uma constante; mas alvos e labores específicos também sempre foram motivações básicas das ordens religiosas. O caráter eremítico primitivo das ordens religiosas foi modificado graças aos esforços de Pacômio (300 D.C.). Foi mantido o estilo de vida asceta, embora também de mescla com uma vida caracterizada pelo serviço prestado ao próximo. Quase todas as ordens têm votos de pobreza, de castidade e de obediência. Algumas ordens religiosas têm enfatizado atos de caridade; outras têm frisado o evangelismo; outras a vida contemplativa; outras os serviços especiais à Igreja e à comunidade, como a dedicação à educação; e, finalmente, outras ocupam-se na manutenção de hospitais, orfanatos e outras instituições de benemerência.

ORDO ROMANUS

Esse é o nome do texto que prescreve as cerimônias usadas na Igreja Católica Romana. Esse texto surgiu entre os séculos VIII e XVI, e que terminou por fixar o número daquelas cerimônias, ou *ordines*, que são quinze. A *Ordo Primus* descreve a maneira do papa celebrar missas públicas em ocasiões importantes.

OREBE E ZEEBE

Esses nomes próprios, no hebraico, significam, respectivamente, «corvo» e «lobo». Esses eram os nomes de dois líderes dos midianitas, que saíram a guerrear contra Gideão e foram mortos pelos efraimitas, que os interceptaram quando estavam recuando (ver Juí. 7:25 e 8:3). O evento teve lugar em cerca de 1200 A.C. O trecho de Isa. 10:26 informa-nos a terrível matança que então ocorreu. A batalha principal teve lugar no vale de Jezreel, entre

O trecho de João 14:18 envolve um uso figurado do termo para indicar *orfandade espiritual* (apontando para os discípulos de Jesus, quando O perderam de sua presença física). Mas a situação privilegiada deles lhes seria restaurada, mediante o ministério do Espírito Santo, o alter ego de Jesus. Paulo chama a si mesmo de «orfanado», isto é, «destituído», quando não mais contava com o companheirismo dos crentes de Tessalônica (I Tes. 2:17).

Nos sonhos e nas visões, o estado de orfandade indica «perda», literal ou figurada, material ou espiritual, ou, então, abandono; ou uma mudança de ambiente e moradia, com algum isolamento temporário de membros da família ou amigos. E a adoção de órfãos pode indicar que a felicidade está a caminho da pessoa.

Nas Escrituras Sagradas há um distinto ensinamento sobre os órfãos. Eles não contam com um pai terreno, que lhes supra as necessidades materiais, incluindo a necessidade do amor paterno. Portanto, Deus cumpre essas necessidades em relação às suas almas. O Antigo Testamento considera os órfãos como as pessoas mais dependentes que há. Embora, naquele documento sagrado, — não tenhamos nenhuma menção às **instituições** que foram estabelecidas para cuidar dos órfãos (segundo a Igreja cristã moderna já vem fazendo há algum tempo), a lei mosaica provia para os órfãos certas proteções e regalias. Ver Deu. 14:29; 24:19-21; 26:12; 27:19. Deus é o Pai dos órfãos, em um sentido todo especial (Sal. 68:5). Deus é o defensor das viúvas e dos órfãos; e aqueles que os oprimem são ameaçados pelo julgamento divino (Deu. 16:14; 24:17,19,21; 26:12, 13). O Talmude recomendava que se cuidasse devidamente dos órfãos, fazendo disso uma das virtudes mais dignas de elogio, capaz de atrair grandes bênçãos divinas. Ver o artigo especial sobre *Órfãos e Viúvas*. O trecho de Tiago 1:27 assevera que um dos sinais de uma religião pura e sincera é aquela que presta ajuda (visita) aos órfãos e às viúvas, em suas dificuldades.

ORFEU

Ver sobre *Religiões Misteriosas* (*dos Mistérios*), primeira seção.

ORFISMO

Ver sobre *Religiões Misteriosas* (*dos Mistérios*), terceiro ponto da primeira seção.

ORGANISMO, FILOSOFIA DO

Os *materialistas* têm encontrado a chave da metafísica no átomo e seus movimentos (realidade material). O *idealismo* encontra essa chave em suas especulações a respeito da mente e seus epifenômenos, dentro do chamado mundo material. E a chamada *filosofia do organismo* tem achado a chave da metafísica no conceito dos motivos e das estruturas orgânicas. Os sistemas organizados exprimem-se através de sistemas integrados. Daí foi que emergiu a filosofia do organismo, também conhecida como *organicismo*.

1. *Platão*. Em sua obra *Timaeus*, ele considerou o mundo um «organismo vivo». Ele supunha que o mundo das Idéias é um poder organizacional, podendo ser visto em operação nos universos físicos.

2. *Aristóteles*. Em sua doutrina das *quatro causas*, encontramos a base de uma filosofia organística, onde poderes organizadores começam como potencialidade e terminam como essência.

3. *Paracelso*. Ele descrevia o mundo em termos de um vasto organismo, enquanto que o homem seria um microcosmo do macrocosmo.

4. *Fechner*. Deus é a alma do universo, e suas partes constituintes são as almas inferiores. Estas manifestar-se-iam em hierarquias de almas, em um estado inferior. Mas o todo funcionaria como uma unidade, como um organismo.

5. *Lossky*. O mundo é uma totalidade orgânica.

6. *Whitehead*. Ele salientava os sentimentos, o movimento dinâmico e o avanço criativo em um mundo que tem essas características como suas essências e atributos.

7. *Biologia Organísmica*. Essa é uma interpretação da biologia que frisa a natureza não-reducionista de entidades e suas estruturas. O todo não pode meramente ser equiparado com a soma de suas partes constituintes. O universo tem uma natureza *holística*, onde cada parte opera de acordo com o princípio de desígnio e propósito. Isso é contrastado com a visão mecanista da evolução. A mente destaca-se como o poder supremo, aquilo que confere ao todo os seus poderes organísticos. J.H. Woodger é um dos principais representantes dessa posição. Outras posições são representadas pelo *Vitalismo* (vide) e pelo *Reducionismo* (vide).

ORGANON

Esse nome vem do termo grego **érgon**, «trabalho».

1. Essa palavra foi usada como título de tratados de lógica. Foi inicialmente aplicada às obras de Aristóteles, por Alexandre de Afrodísio (cerca de 200 D.C.).

2. Francisco Bacon chamou suas próprias obras de lógica de *Novo Organon*, em contraste com as *antigas* formas de lógica. Sua abordagem distinguia-se por sua dependência à indução, e não à dedução.

3. Outros usaram esse termo para suas respectivas obras, como Whewell, o qual chamou seu livro de *Novum Organum Renovatum*.

ÓRGÃO

Ver *Música e Instrumentos Musicais*.

ÓRGÃOS, TRANSPLANTE DE

Ver sobre *Transplante de Órgãos*.

ÓRGÃOS VITAIS

1. O Cérebro

a. *Desígnio; epifenomenalismo; teorias a respeito; o cérebro como um veículo*. O fato de que não há referências bíblicas ao *cérebro*, o mais admirável dos nossos órgãos físicos, reflete a ignorância dos antigos quanto à verdadeira e admirável função desse órgão do corpo. Em contraste com isso, muitos filósofos, querendo ilustrar o princípio do *desígnio*, a fim de chegarem a Deus como o grande *Planejador*, têm usado o cérebro. Mas os filósofos materialistas pensam ser capazes de encontrar no cérebro todas as funções psíquicas humanas, e assim negam a porção imaterial do homem. Ver os artigos *Problema Corpo-Mente* e *Epifenomenalismo*. Em contraste, aqueles que crêem no *dualismo* (vide) têm apresentado boas evidências que mostram que as funções

fator controlador em seu desenvolvimento; mas, em última análise, todas essas maravilhosas funções devem ser atribuídas, ou a leis naturais que foram estabelecidas por Deus, ou à direta inteligência atuante de Deus. Ver o artigo separado sobre a *Aura Humana* (*Campo de Vida*). A esterilidade feminina era um problema sério, para os antigos hebreus, e algumas vezes era atribuída ao desprazer divino (ver I Sam. 1:5). Os filhos *primogênitos* supostamente eram uma especial oferenda viva a Deus, por serem as primícias de suprema importância (ver Êxo. 13:2; Luc. 2:23).

Nos Sonhos e nas Visões. Um sonho sobre o retorno ao ventre materno (usualmente sob forma simbólica) indica o desejo pelo conforto e segurança que a figura materna oferece, sem as complicações envolvidas na vida neste mundo. O ventre materno também pode simbolizar a Grande Mãe, a fonte de toda vida e a inspiração de todos os ideais. Ou pode estar em foco a própria terra. Além disso, a terra, lugar onde se faz o plantio e o cultivo, pode simbolizar o ventre materno. Algumas vezes, o ventre materno é simbolizado por um misterioso e expandido lodaçal. O retorno mental ao ventre materno pode indicar um período de renovação, com base na fonte de energia, em que o indivíduo convoca todos os seus recursos, da fonte originária de toda vida. Nesse sentido, o ventre materno pode simbolizar a alma ou a mente inconsciente, onde se encontra a verdadeira vida. Em última análise, a Mente Divina, a Divina Entidade é o útero formador de toda existência, bem como o sustentador de toda a vida.

ORGIA

No grego, **kraipále**, «abuso», «tolerância demasiada». Essa palavra grega aparece somente por uma vez, em Luc. 21:34.

O vocábulo ocorre dentro das advertências feitas pelo Senhor acerca da atitude correta dos crentes, nos últimos dias. Entre outras coisas, os crentes não devem ser demasiadamente indulgentes consigo mesmo, entregando-se a excessos e à falta de disciplina própria. A tradução «orgia», adotada pela nossa versão portuguesa, destaca apenas um desses abusos possíveis, ao passo que o vocábulo grego encara as atitudes indulgentes em geral, em todas as suas possibilidades viciosas. Aqueles que forem indulgentes consigo mesmos, no dizer do Senhor Jesus, serão surpreendidos ante os acontecimentos dos últimos dias, que os apanharão e prenderão como que em um laço, para o que não haverá qualquer aviso prévio. Uma boa tradução é aquela usada pela versão inglesa Revised Standard Version, que emprega a palavra inglesa correspondente ao português «dissipação», «devassidão», «libertinagem».

ORGULHO

Esboço:

1. Definição nos Léxicos
2. Referências e Idéias Bíblicas
3. Notáveis Exemplos Bíblicos de Espírito Orgulhoso
4. Na Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento
5. O Homem Esquece-se de seu Legítimo Lugar
6. Opinião de Aristóteles a Respeito
7. O Orgulho e sua Detecção

1. *Definição nos Léxicos*

«Um exagerado senso de superioridade pessoal, uma auto-estima desordenada, arrogância e altivez de espírito, presunção». Temos aí uma definição negativa. Mas a palavra «orgulho» também tem conotações positivas, como «um devido senso de dignidade e valor, auto-respeito honroso, uma justa causa de exultação». Isso posto, os sinônimos podem ser negativos: ostentação, presunção, vaidade. Ou podem ser positivos: auto-estima, admiração, espírito de exultação, ufania.

2. *Referências e Idéias Bíblicas*

O orgulho é um pecado (Pro. 21:4); é abominável diante de Deus (Pro. 6:16); é uma expressão de justiça própria (Luc. 18:11,12); procede de privilégios religiosos (Sof. 3:11); vem de um conhecimento não-santificado (I Cor. 8:1); procede da inexperiência (I Tim. 3:6); origina-se na possessão de poder e autoridade (Lev. 26:19); é contaminador (Mar. 7:20,22); endurece a mente (Dan. 5:20); deve ser rejeitado pelos santos (Sal. 131:1); serve de obstáculo às operações de Deus (Sal. 10:4; Osé. 7:10); é um empecilho ao aprimoramento pessoal (Pro. 26:12); caracteriza supremamente ao diabo (I Tim. 3:6); foi o principal fator na queda de Lúcifer ou Satanás (Isa. 14:12 *ss*); é uma atitude comum da humanidade, em sua hostilidade contra Deus (I João 2:16); é característica dos falsos mestres (I Tim. 6:3,4); origina-se na própria alma humana (Mar. 7:21 *ss*); leva à atitude contenciosa (Pro. 13:10; 16:18); será uma das características dos ímpios nos últimos dias (II Tim. 3:2). Além disso, os orgulhosos serão humilhados (Sal. 18:27; Isa. 2:12); e o castigo divino aguarda aos orgulhosos (Sof. 2:10,11; Mal. 4:1).

3. *Notáveis Exemplos Bíblicos de Espírito Orgulhoso*

Aitofel (II Sam. 17:23); Ezequias (II Crô. 32:25); o próprio Satanás (Isa. 14:12 *ss*); Hamã (Est. 3:5); Moabe (Isa. 16:6); Tiro (Isa. 23:9); Israel (Isa. 28:1); Judá (Jer. 13:9); Babilônia (Jer. 50:28,32); Assíria (Eze. 31:3,10); Nabucodonosor (Dan. 4:30); Belsazar (Dan. 5:22,23); Edom (Oba. 3); os escribas dos dias de Jesus (Mar. 12:38,39); os crentes de Laodicéia (Apo. 3:17).

4. *Na Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento*

Esse material concentra-se em torno do pecado que é o orgulho, em consonância com os provérbios canônicos (ver Pro. 16:18). O espírito religioso reconhece a inutilidade da pretensão e da vaidade humanas.

5. *O Homem Esquece-se de seu Legítimo Lugar*

Os pagãos olvidam-se de Deus, embora exaltando porções da criação divina; e assim terminam em uma insensata idolatria (ver Rom. 1:21,25). Talvez a pior modalidade de idolatria seja a auto-exaltação. Há ocasiões em que a jactância é apenas um mecanismo psicológico, que busca reconhecimento e apoio da parte de outras pessoas. Mas, com freqüência, a jactância é apenas uma avaliação exagerada do indivíduo acerca de si mesmo.

6. *Opinião de Aristóteles a Respeito*

Esse antigo filósofo grego fazia do orgulho uma virtude. Porém, ele tinha em mente o meio-termo entre a humildade excessiva e a vaidade, ou seja, os extremos negativo e positivo do orgulho. Para ele, um homem não deve humilhar-se e autodegradar-se, o que é uma insensatez. Mas também não deve ser jactancioso e inchado. Antes, deve ufanar-se no bom senso de ter uma adequada auto-estima, de fazer uma correta avaliação de suas potencialidades e de seu valor. Falando dentro do contexto cristão, podemos dizer que a vida caracterizada por um orgulho negativo é incompatível com a vida em Cristo, onde

Oriente, Filhos do.

Simbolismos. O sol surge no horizonte e transmite vida. Portanto, a própria vida é simbolizada pelo oriente. O oriente também simboliza a sabedoria. Ali tiveram início todas as principais religiões do mundo. O *sul*, por sua vez, simboliza o calor e as paixões terrenas. O *ocidente*, ou ocaso, simboliza o fim de alguma coisa, bem como o fim de todas as coisas, a morte. Também pode indicar declínio e desintegração. Porém, também pode significar renascimento, visto que, após o pôr do sol (o fim de alguma coisa) segue-se necessariamente um nascer de sol (um novo começo). O norte simboliza as trevas e o desconhecido. Os quatro pontos cardeais, *juntos*, simbolizam as faculdades da mente: o intelecto, as emoções, a intuição e as sensações.

ORIENTE, FILHOS DO

No hebraico, **benequedem**, uma expressão vaga que, evidentemente, refere-se a nações localizadas a leste da Palestina, incluindo povos como os midianitas, os amalequitas, os moabitas, os amonitas e os quedaritas. Ver Juí. 6:3; Eze. 25:10; Jer. 49:9 e Gên. 29:1. Aparentemente, a referência também incluía vários povos nômades (Eze. 25:4), e até mesmo os habitantes da Mesopotâmia (I Reis 4:30). Jó é referido como um dos *benequedem* (Jó 1:3). A palavra hebraica para «oriente» é *quedem*, o que explica o nome. No *Romance de Sinhee*, do Egito, a expressão refere-se à terra perto de Canaã, onde viviam os beduínos. Alguns estudiosos supõem que a Arábia, de modo geral, seria como a terra dos filhos do Oriente. Esses povos orientais eram famosos por sua sabedoria. A sabedoria viria do Oriente; a tecnologia viria do Ocidente. Os *magos* que vieram visitar o menino Jesus, eram do Oriente (Mat. 2:1-12).

ORIGEM, DEPENDENTE, LEI DA

No budismo, essa lei refere-se ao fato de que todo o sofrimento está envolvido em causas kármicas. Se essas causas forem removidas, o sofrimento correspondente cessará. Essa lei parte do pressuposto que nada ocorre por acaso, e que as origens estão envolvidas em uma dependência a certas condições e atos, pelo que poderiam ser alteradas, uma vez que as causas fossem devidamente tratadas. Ver os artigos sobre *Karma* e *Buda*.

ORIGEM DO MAL

Neste artigo está incluído o meu comentário sobre a *Queda do Homem*. O artigo separado sobre o *Problema do Mal*, oferece detalhes adicionais acerca do assunto deste artigo.

Esboço:

I. Tipos de Mal
II. Teorias sobre a Origem do Mal
III. A Queda do Homem
IV. Quando o Homem Caiu?
V. Restauração e Redenção

I. Tipos de Mal

A tentativa para explicar a **origem** do mal obriga-nos a levar em conta o fato de que existem dois tipos de mal. Em primeiro lugar, há o *mal moral*. Em outras palavras, há coisas que existem e são praticadas por causa da vontade pervertida do homem, ou por causa da malignidade de outros seres inteligentes, maiores ou menores que o espírito humano. Em segundo lugar, há o *mal natural*, ou seja, o descontrole da natureza, que provoca catástrofes as mais diversas, como inundações, incêndios, terremotos, tempestades, enfermidades e, finalmente, a morte física. Para muitos pensadores, a morte é o pior de todos os males terrenos.

Então indagamos: «Por que essas coisas têm de acontecer? Como foi que elas começaram!» Nosso artigo sobre o *Problema do Mal* fornece várias respostas, que não são desenvolvidas neste artigo.

II. Teorias sobre a Origem do Mal

Neste ponto, envolvemo-nos nos estudos da *teodicéia* (que vede), que consiste na tentativa para justificar a conduta, o planejamento e o raciocínio de Deus, à luz do fato de que sua criação, realmente, apresenta defeitos e está prenhe de sofrimentos e males. Se Deus é bom, se ele é todo poderoso, e se ele sabe de todas as coisas, antes mesmo de acontecerem, por qual razão Deus não impediu que o mal tivesse início? E, uma vez que o mal teve início, por que não providenciou para eliminá-lo? Quanto às origens do mal, oferecemos as seguintes sugestões:

1. *Dualismo Absoluto.* Essa idéia se vê no zoroastrismo. Essa é a idéia que diz que o mal não teve princípio, mas sempre existiu, juntamente com o bem. Além disso, o mal pertenceria a um reino distinto do reino do bem. Algo não teria ocorrido de errado com o bem, para que o mal viesse à existência. Pelo contrário, o mal sempre teria existido, lado a lado com o bem. Haveria um reino maligno, com seres espirituais, que sempre existiu e sempre existirá. O problema teria aparecido somente quando os reinos do bem e do mal começaram a *misturar-se*. A solução é vê-los separarem-se novamente, e não pôr fim ao reino do mal, o que seria uma façanha impossível. O zoroastrismo promete o triunfo do bem, no sentido de que o princípio do mal será derrotado e separado do princípio do bem; mas o mal continuará existindo em sua própria esfera. E também pensa que em algum futuro distante, após essa separação, o reino do mal tornará a atacar e as atuais agonias terão repetição, em um processo que pode reiterar-se por muitas e muitas vezes.

2. O *Maniqueísmo* (que vede) também adotava uma posição dualista. Este sistema era uma variedade de gnosticismo (que vede). O judaísmo e o cristianismo ensinam o que poderíamos chamar de uma forma suavizada de dualismo, porquanto supõem que o mal não somente será separado do bem, mas também será completamente eliminado.

3. *Monismo Absoluto.* O *bramanismo* (que vede) pensa que o mundo é a emanação de Brâmane. O mundo dos fenômenos, onde o mal existe, seria, realmente, uma ilusão. Portanto, o próprio mal seria ilusório. É como se fosse um pesadelo, do qual, algum dia, o espírito verdadeiro se acordará. Só haveria uma verdadeira vida, a saber, a vida de Deus, não havendo nela qualquer mal ou defeito. **Platão**, no contraste que estabelecia entre os universais (que vede) e os particulares (que vede), aproximava-se da posição monista, ao supor que este mundo físico é apenas uma realidade secundária, imitativa, que terminará por deixar de existir. *Leibniz* (que vede) pensava que o nosso mundo é o melhor mundo possível, e que o mal é apenas uma interpretação equivocada, por parte de mentes finitas, que não podem perceber que o mal é necessário, como parte integrante do bem.

4. *Monismo Cristão.* Filósofos teólogos como Agostinho e Tomás de Aquino, em sua *teodicéia* (que vede), explicavam que o mal não é, realmente, uma entidade. Seria apenas a ausência do bem, da mesma maneira que as trevas são a ausência da luz.

5. *Naturalismo.* Não haveria nenhum Deus criador.

queda. Os pais alexandrinos supunham que a queda original envolveu os anjos, e que o homem participou da mesma, visto que, segundo a doutrina deles, o homem seria uma forma espiritual preexistente e caiu quando ainda era um ser apenas espiritual. Assim, quando o homem entrou em contato com a matéria, já era um espírito caído e, nesse próprio ato, tomou sobre si a *mortalidade* física. Assim, o relato de Gênesis nos diria como a maldade foi transferida para o estado incorporado do homem, e não como o pecado começou, no tocante ao homem. A encarnação teria sido um meio para o homem aprender como tratar com o mal e eliminá-lo, embora não tivesse sido o seu início absoluto, no que concerne ao espírito humano.

b. Houve um *tentador não humano* (um poder satânico), que provocou a queda; e isso contra as expressas ordens de Deus, que havia feito certas proibições. Esse elemento do relato introduz (parabolicamente, segundo penso, através da figura da *serpente*) o princípio do mal, em contraste com o princípio do bem. Há escolhas genuínas que precisam ser feitas.

c. *O livre-arbítrio é um fato*. O homem era genuinamente livre para optar e ele foi reprovado no teste. Apresentamos razões na segunda seção, oitavo ponto, sobre por que o homem tinha de ser livre. Os teólogos discutem sobre quanta liberdade o homem teria retido, desde a queda. E, quanto a isso, entramos na disputa entre o calvinismo e o arminianismo, sobre os quais há artigos separados.

d. *O pecado alia-se ao reino do mal*. Paulo deixou isso claro, em seus ensinamentos sobre a queda, no quinto capítulo de Romanos. Isso já fica claro desde a narrativa de Gênesis. O homem não pecou isolado. O homem aliou-se ao poder de Satanás. E a redenção não consiste meramente na transformação do espírito humano, revertendo-o à sua anterior situação. Também envolve o livramento do poder escravizador do reino do mal. O trecho de Colossenses 1:13 diz como segue: «...ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor».

e. *O pecado original*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. A narrativa do livro de Gênesis não ensina essa doutrina, embora a deixe entendida, como o fazem muitos relatos que se seguem, porquanto os filhos de Adão são vistos envolvidos em muitos tipos de males, presumivelmente por serem herdeiros da maldade de seus progenitores. Os trechos de Salmos 51:5 e Romanos 5:12 *ss* são textos comuns de provas usados para defender essa doutrina. É quase certo que Paulo advogava essa posição. Os homens já nascem pecadores e isso começou por ocasião da queda de Adão e Eva no pecado, cujos efeitos foram transferidos para todos os seres humanos, como uma espécie de herança genética. Muitos teólogos modernos, porém, sentem-se insatisfeitos diante dessa explicação, por uma razão ou outra. Os estudiosos liberais supõem que isso em nada contribui para explicar as verdadeiras razões da maldade humana, pensando que seria apenas uma explicação conveniente e popular. Porém, nesse relato bíblico há uma grande realidade, por mais difícil que seja explicar como e por que as coisas sucederam assim. Mui definidamente, o homem já nasce com um defeito moral. Ele, meramente, não vem a tornar-se defeituoso. Toda a experiência humana serve para demonstrar o fato. E, se apelarmos para a reencarnação (que vede), como tentativa de explicar o pecado, a única coisa que estaremos fazendo é transferir a maldade de volta a uma interminável sucessão de vidas. Eu seria pecador agora porque fui pecador em alguma outra vida anterior; e, na vida anterior, fui pecador por causa de alguma vida ainda anterior. Porém, isso só adia indefinidamente o ponto em que me tornei pecador. Pessoalmente, penso que a teologia dos pais alexandrinos da Igreja nos põe de novo na trilha certa, embora a explanação deles também deixe sem explicação muitos mistérios.

f. *A morte e a alienação*. O homem tornou-se um ser mortal, e então foi expulso do jardim do Éden. A Bíblia, como um livro, refere-se à profunda alienação do homem. De fato, a maioria das religiões defende a tese de que o homem é um ser alienado. Mas, a missão de Cristo pode reverter essa alienação, conforme se aprende em Colossenses 1:20 *ss*. O homem encontra-se atualmente, em uma peregrinação; e a maioria dos seres humanos continua sujeita ao alienado reino das trevas. Mas, quando o homem é espiritualizado mediante a missão de Cristo, então também é reconciliado com Deus; e assim termina a sua alienação de Deus.

g. *A doutrina dos dois homens*. Ver o artigo separado sobre *Dois Homens, Metáfora dos*. Ver também Rom. 5:12 *ss*. Adão foi o cabeça federal do homem caído; e Cristo é o cabeça federal do homem redimido. Dois reinos, portanto, são assim formados. Há duas condições humanas gerais. O estado da perdição envolve toda uma coletividade. O estado da salvação também é condição de uma raça nova, e não apenas de indivíduos isolados.

IV. Quando o Homem Caiu?

Damos indicações a esse respeito, na segunda seção deste artigo. Alguns estudiosos supõem que o mal é eterno, e que não teve começo. Os trechos de Isaías 14:12 *ss*. e Apo. 12:4 dão a entender que houve uma rebelião e então a queda no pecado, em algum passado remoto, na eternidade, por parte de seres angelicais, inteligentes. Os pais alexandrinos da Igreja pensavam que ali é que teria tido lugar a queda do homem, pois supunham que o homem é um espírito preexistente, não muito diferente dos anjos, excetuando a extensão da degradação por causa da queda no pecado.

Porém, não há razão em supormos que houve apenas uma queda, mesmo que limitemos isso ao nosso presente ciclo. Pode ter havido muitos ciclos da existência, com suas respectivas quedas e redenções. Se falarmos em termos de apenas um ciclo da existência, pode ter havido muitas quedas, em várias ocasiões, envolvendo diferentes tipos de seres, ou então, várias quedas, no que concerne a uma única espécie de ser. Tudo quanto estamos afirmando aqui, porém, não passa de especulação; mas parece improvável que uma única queda, envolvendo os anjos e os homens, possa explicar a complexidade da operação do mal, na criação. Também tomo a posição que todas as nossas informações, bíblicas e extrabíblicas, são parciais no que concerne a esse problema. Assim, postular apenas uma queda, em uma única dada ocasião, é precário. Mas, seja como for, as lições que nos são ministradas, mediante as condições criadas pela queda no pecado são perfeitamente claras.

V. Restauração e Redenção

Também nada existe de mais claro, em todo este vasto mundo, do que a necessidade da *redenção* humana (que vede). Ver o artigo geral sobre a *Restauração*, que é o remédio divino para a queda, em escala universal. O mistério da vontade de Deus consiste em restaurar todas as coisas, unificando-as em redor do *Logos* (Efé. 1:9,10), o qual se chamou Jesus Cristo, em sua encarnação. Fazemos a diferença entre a restauração de todos e a redenção somente de

compreende teologia muito melhor do que aquele que não tem treinamento filosófico. Além disso, em nossa ousca pela verdade, fazemos bem em aplicar vários recursos, métodos e disciplinas. A ignorância de nada vale. Podemos cuidar dos abusos que uma ampla abordagem à verdade pode, naturalmente, gerar. Porém, é melhor ter de tratar com abusos do que ficarmos restritos às raízes próprias do conhecimento. Ver o artigo sobre *Autoridade*. quanto às minhas opiniões sobre a questão. Ver também sobre o *Antiintelectualismo*.

3. Escritos

Orígenes era erudito do hebraico ultrapassado somente por Jerônimo, na antiga Igreja cristã. Ele produziu uma obra comparativa sobre o Antigo Testamento grego, chamada *Hexapla*. Essa obra apresenta o Antigo Testamento hebraico com uma tradução para o grego; as versões da Septuaginta, de Áquila, de Símaco e de Teodócio, uma obra sêxtupla, conforme o título o indica. Uma obra similar foi a *Tetrapala*. Sua obra intitulada *De Principiis* (Primeiros Princípios) foi a primeira tentativa para dar uma base filosófica ao cristianismo. O filósofo pensava sobre a fé cristã e mesclou as idéias de Moisés com as idéias de Platão, e fez isso entrar em conformidade e harmonia com as idéias cristãs. O *Logos* serve como conceito básico, para conseguir essa harmonização de idéias. Essa obra constitui uma grande obra filosófica-teológica que se mostrou extremamente influente na história subseqüente do cristianismo. Foi obra utilizada e elogiada por alguns, mas amargamente criticada por outros.

A obra *Contra Celsum* foi uma excelente apologia da fé cristã, assinalada pelo brilho do pensamento e da argumentação. Trata-se da mais completa obra apologética da Igreja antiga, devastadora para o gnosticismo. Orígenes produziu muitos comentários bíblicos, de ambos os Testamentos, embora não constituíssem um comentário completo. As suas obras melhor conhecidas são as sobre os livros de Jeremias, Cantares, Mateus, Romanos, e uma obra homilética sobre Lucas. Esse material tornou-se a base subseqüente de interpretações ascéticas e místicas, mas também de estudo bíblico sério para milhares de pessoas. Orígenes também escreveu certo número de obras menores, como um livro de orações e um martirológio. Sua exegese escriturística caracteriza-se pelo método alegórico, porquanto ele com freqüência via sentidos místicos e simbólicos, porque, apesar de respeitar uma interpretação literal do Antigo Testamento, isso punha Deus sob uma luz má segundo ele pensava.

4. Idéias Distintivas

Sua aventura nas idéias era um deleite para alguns, embora também tenha despertado muita controvérsia, que se vem prolongando até os nossos dias, em várias denominações cristãs. Sua diretriz era que aquilo que as Escrituras *não abordam* torna-se objeto de pesquisa especulativa. O fato é que ele enriqueceu a teologia por meio da especulação. Mas outros pensam que Orígenes originou muito pensamento que não se casa com a doutrina bíblica da Igreja primitiva.

a. *Uma queda pré-mundana*. Orígenes acreditava na pré-existência da alma humana e cria que a queda original do homem deu-se em conjunto com a queda dos anjos que se desviaram. Então isso foi transferido para o homem terreno. A queda no pecado teria disparado o drama sagrado da alma, em que se busca a redenção do estado de queda, o que é inevitavelmente obtido.

b. *A grandeza do espírito humano*. Para Orígenes, a alma humana é da mesma essência que a dos espíritos angelicais, embora tenha-se distinguido deles devido à queda.

c. *A presença do homem na materialidade*. Essa circunstância é sinal da humilhação do homem, em face do pecado. O homem teria usado a liberdade que lhe fora dada por Deus, mas de uma maneira errada. Todavia, retém sua liberdade, a base mesma da moralidade, o que se coaduna com o fato de que foi criado à imagem de Deus. Entretanto, o pecado entrava o homem. Mas Cristo interveio e garantiu a redenção do homem.

d. *O Logos*. Essa doutrina é uma das principais pedras fundamentais da teologia de Orígenes. Em sua encarnação, o Logos uniu-se à alma humana. Na redenção, ele conduz a alma humana até à essência do Logos.

e. *A eficácia universal e final do ministério do Logos*. Orígenes não somente acreditava que a missão do Logos pode alcançar os espíritos humanos onde quer que eles se encontrem (na terra, no hades, etc.), mas também que esse alcance chega até às eras da eternidade futura. Para ele, isso significava que, finalmente, uma redenção universal absoluta faz parte da vontade de Deus. Na *apokatástasis*, «restauração», tudo será levado de volta à comunhão com o Logos e participará da essência do Logos. Ver sobre o *Universalismo*. Essas idéias, em maior ou menor grau, exerceram grande influência sobre a teologia da Igreja Ortodoxa Oriental. Isso contrasta com a posição da Igreja Ocidental (catolicismo romano, protestantismo e grupos evangélicos). Apesar de que a Igreja Ortodoxa Oriental não concordou em tudo com o universalismo de Orígenes, ela tem aceitado em grande escala a idéia da salvação para além da morte biológica, além de uma ilimitada oportunidade de salvação. E os anglicanos também têm admitido ambas as idéias. Ver os artigos intitulados *Restauração* e *Descida de Cristo ao Hades*. Faremos bem em respeitar a missão tridimensional de Cristo: na terra, no hades e nos céus. O plano de redenção engloba todas essas três dimensões.

f. *Trinitarianismo*. Orígenes introduziu na Igreja a doutrina da eterna geração de Cristo, o que permitiu a formulação mais exata da fórmula trinitariana. Para Orígenes, o Filho tanto é o *Logos* quanto é o Redentor; e, juntamente com o Espírito Santo, é o Mediador entre Deus e os homens.

g. *O mundo material é uma escola*. Os mundos materiais foram criados como lugares de provas que necessariamente acompanham a redenção.

— *Os mundos espirituais continuam a testar e a redimir*. A alma, uma vez tendo-se transferido deste mundo físico para os mundos espirituais, se não estiver remida e não tiver chegado ao céu, continua em sua busca nos mundos espirituais. Orígenes acreditava em casos especiais de reencarnação (conforme também se vê no Novo Testamento), mas não parece que Orígenes concebia nosso mundo físico como lugar onde tem continuação o processo de teste e aprendizado para as massas. Em outras palavras, as almas não se reencarnariam senão em casos especialíssimos.

h. *Reencarnação*. Orígenes era um escritor prolífico, e nem sempre coerente consigo mesmo. Há citações suas que favorecem a reencarnação das massas. Tenho diante de mim as obras dele, *Contra Celsum* e *De Principiis*, onde ele se manifesta nesse sentido. Não obstante, parece que o ímpeto geral de sua teologia era que nos mundos espirituais é que as almas têm oportunidade de continuar aprendendo e

então o que fazia Deus, quando somente ele existia? Assim pensava Orígenes, um dos pais da Igreja (cerca de 225 D.A.) que ensinava que a criação e toda a vida agora existente, fazem parte de um *ato criativo eterno* e *contínuo* de Deus, a fonte de toda a existência. A vida humana não começou, portanto, com a vida física, mas começou com a existência da alma ou espírito, antes de qualquer forma humana animal vir à existência. A forma humana animal foi uma criação especial de Deus, que veio a ser possuída pela alma já existente.

5. Criação como *pensamento eterno* de Deus. Nunca houve um tempo em que a criação não existiu, embora houvesse tempo em que tudo se resumia a um pensamento na mente de Deus. Com o tempo, mediante um ato criador especial, Deus trouxe sua idéia à concretização. Assim pensava Clemente, um dos primeiros pais da Igreja (cerca de 250 D.C.).

6. Criação *ex-nihilo*, ou seja, tirada do nada. Houve um tempo quando somente Deus existia. Quando ele resolveu criar os mundos, meramente proferiu a palavra e tudo veio à existência. A vida humana foi criada do já existente pó da terra, por um *ato especial* de Deus.

7. Criação *ex-nihilo*, mas entendida como feita através da *energia divina*. Deus transformou sua própria energia em matéria, e a criação física veio à existência. Agora o homem pode transformar a energia em matéria, ou a matéria em energia, em imitação a Deus, mas não pode fazer a existência física assumir vida. A sexta e a sétima posições têm sido as idéias mais comumente defendidas pela Igreja cristã através dos séculos.

8. *Panteísmo*. Tudo quanto existe é Deus ou energia divina. Os mundos, segundo os conhecemos, são meras modificações dessa energia, pelo que todas as coisas trazem, em si mesmas, a natureza de Deus. Deus seria o cabeça do mundo, e o mundo seria o corpo de Deus. Tudo quanto se conhece é apenas uma «emanação» de Deus, e não uma criação. Deus emana a sua criação, tal como o sol emana os seus raios, e estes fazem parte daquele. O panteísmo moderno tem certo caráter evolutivo, isto é, envolve um processo evolutivo que, segundo pensam, produziria as várias modificações na substância divina que forma os mundos. Assim pensava Baruque Spinoza, em termos gerais.

9. A eternidade da matéria e sua *organização* por parte de um Deus inteligente: A matéria seria eterna, mas a vida feita dessa matéria foi um ato de um Ser inteligente ao qual chamamos Deus. Assim ensina a igreja Mórmon. A «matéria não-criada» existia no estado de «caos». O ato de Deus não teria sido «criador», mas antes, organizacional.

ORIGINAL, JUSTIÇA

Três significados têm sido atrelados a essa expressão, Justiça Original, a saber:

1. O presumível estado original de inocência do homem, antes da queda no pecado, um estado maculado pela tentação, queda e degradação conseqüente. As teologias muito se têm esforçado por tentar descrever esse estado. Alguns têm chegado mesmo a supor que o homem, se não tivesse pecado, teria continuado a existir com uma natureza *física imortal*. Ademais, muitas perfeições têm sido atribuídas a Adão e Eva, quando ainda estavam na inocência. Uma distorção dessa idéia é aquela que diz que eles eram seres angelicais, que vieram residir na terra, onde adquiriram corpos físicos, os quais, subseqüentemente, tornaram-se mortais.

2. Diante do surgimento do liberalismo teológico e da teoria da evolução, alguns eruditos começaram a falar sobre o relato de Adão e Eva como uma lenda. Naturalmente, esses abandonam a teologia que, alegadamente, descreve os poderes e as perfeições do primeiro casal humano. Então alguns estudiosos liberais substituíram toda essa teologia com o conceito do «nobre selvagem», o que foi exemplificado por Rousseau. Ele supunha que a civilização fez piorar o nobre selvagem, tendo-o transformado em um guerreiro tribal. O comunismo, seguindo a idéia das tríades, adotou essa idéia do «nobre selvagem».

3. Outra idéia é aquela que diz que o homem, embora obviamente um pecador, por natureza e prática, também é um ser justo. Essa doutrina assume muitas variantes. A evolução poderia ter produzido esse caráter paradoxal, conforme alguns dizem, ou, então, a imagem de Deus conferiu ao homem uma justiça original, que continuou embutida nele, mesmo depois de seu pecado e de sua queda. Essa terceira idéia distingue-se da primeira por não precisar de qualquer teoria da criação, à qual seja aplicada. Em outras palavras, poderíamos esquecer a história de Adão e Eva, e ainda assim pensar no homem como um ser paradoxal: pecaminoso mas justo, e vivendo em constante estado de tensão, por causa disso.

ÓRION

Ver sobre **Astronomia** e sobre **Astrologia**. O Órion (ver Jó. 9:9; 38:31; Amós 5:8), nome que significa «caçador», é a constelação mais proeminente do sul do hemisfério norte. Essa constelação contém Betelgueuse, estrela de primeira magnitude, como também Rigel. A Bíblia menciona outras constelações, como a Ursa e as Plêiades (Jó 9:9; 38:31,32; Amós 5:8). A Septuaginta, em Jó 38:31, ao traduzir a palavra hebraica para o grego *Orionos* (nome de um poderoso caçador) deu um tom grego à questão. A vastidão do firmamento sempre infundiu um senso de respeito nos homens. Esse respeito ou contribui para a iluminação mental (ver Sal. 19:1), ou descamba para uma forma de idolatria (ver Deu. 4:19; 17:3). E o povo de Israel algumas vezes entregou-se a essa forma de idolatria (ver II Reis 23:5,11; Jer. 8:2).

ÓRIX (ANTÍLOPE)

No hebraico, **dishon** (Deu. 14:5) e **to** (Isa. 51:20). Sob a hipótese de que esses dois nomes, no hebraico, designam somente uma espécie animal, foi escrito este verbete. Na primeira dessas passagens, o animal é descrito como «limpo», isto é, próprio para consumo dos israelitas. E a segunda passagem refere-se a como esse animal era apanhado por meio de redes, sendo esse o método de apanhar caça grossa, ou seja, animais de grande porte. Parece estar em foco certo tipo de antílope, segundo a qual hipótese temos a palavra «antílope», em nossa versão portuguesa, em ambas essas passagens. Outras traduções são mais precisas, dizendo estar em foco o «órix», um tipo de antílope dotado de longos chifres pontiagudos, atualmente circunscrito às savanas africanas, e que consegue sobreviver em lugares quase desérticos.

Há diversos tipos de gazelas que poderiam ser identificados com as palavras hebraicas em questão. Há cinco espécies de antílopes, naturais da África e de outros lugares. Os modernos métodos de caça com armas de fogo têm reduzido drasticamente o número desses animais; mas, nos tempos antigos, eles eram abundantes. No sul da Arábia sobrevivem atualmente apenas duas espécies de *órixes*, e isso em pequeno número.

e Luxor eram assim decorados. Fachadas com tijolos coloridos e esmaltados, representando animais, plantas, figuras humanas, etc., enfeitavam muitos edifícios. Os persas, por sua vez, importavam artífices de todas as direções do mundo antigo, a fim de decorarem seus edifícios. Várias modalidades de colunas e capitéis foram usadas a fim de aumentar a sensação de grandiosidade.

Apesar dos israelitas antigos não se equipararem a várias outras nações no tocante a esse tipo de arte e tecnologia, os reis israelitas mais ricos, como Salomão e Acabe, decoraram seus lares e palácios com a ajuda do labor estrangeiro.

ORNAMENTOS DOS PÉS

Ornamento mencionado na descrição sobre as vestes e enfeites femininos (ver Isa. 3:16,18). Tal enfeite normalmente era feito de ouro, de prata ou de marfim. Os ornamentos dos pés eram largamente usados pelas mulheres de várias raças, na antiguidade. Os monumentos egípcios mostram que esses ornamentos eram usados por pessoas de ambos os sexos. O Alcorão (24:31) proíbe o uso desse tipo de ornamento, embora pareça estar em foco o tipo que possuía sinetas, que eram usados por dançarinas. Não há que duvidar que as mulheres usavam o tal ornamento para chamar a atenção dos homens. O costume tem persistido nos países do oriente. Isaías (3:16,81) objetou à *maneira* das mulheres andarem, fazendo ruído a cada passo dado. Naturalmente, isso chamava a atenção masculina. As mulheres não têm mudado muito na passagem dos séculos. Novos modos de atração (segundo os câmbios da moda e do capricho) vão sendo inventados. Os estudos relativos às estruturas do corpo humano demonstram que nada existe na estrutura de um corpo de mulher que a obrigue a andar de modo diferente da maneira de andar dos homens. Mas o radar pode detectar oscilações e requebros em uma pessoa que se aproxima, identificando-a como um homem ou uma mulher. O olho desarmado também detecta essas coisas. Penso que esses movimentos, cujo intuito é atrair os homens (consciente ou inconscientemente) são *psicologicamente* herdados pelas mulheres, mediante a transmissão de genes. Dessa maneira, as meninas inconscientemente andam à maneira tipificamente feminina, ao passo que as mulheres, da adolescência para cima, fazem-no conscientemente. A preservação da raça está envolvida em tudo isso. Porém, o profeta Isaías viu algo de errado nos trejeitos femininos. De fato, com todas as suas exigências, o corpo humano pode ser um estorvo para o desenvolvimento espiritual.

A arqueologia tem descoberto muitos ornamentos dos pés, sobretudo na Palestina. São feitos de ouro, de prata, de bronze e de outros metais. Seu propósito era produzir um ruído de sinetas, acompanhando os passos. Evidentemente eram usados nos tornozelos, com uma correntinha ligando um ornamento a outro, para forçar a mulher a dar passos mais curtos. Livingstone, na África, encontrou nativas usando enfeites similares! (FA S)

ORNAMENTOS TORCIDOS

Temos aí a tradução da palavra hebraica *gedilim*, «fímbrias», «beiradas». Essa palavra só ocorre por duas vezes em todo o Antigo Testamento, isto é, I Reis 7:17 e Deuteronômio 22:12. Na primeira dessas passagens lemos: «Havia obra de rede, e ornamentos torcidos em forma de cadeia para os capitéis que estavam sobre o alto das colunas; sete para um capitel e sete para o outro». Eram enfeites que havia nos capitéis das duas colunas do templo (vide). Outros estudiosos pensam que o sentido básico dessa palavra hebraica é «cordas», «cadeias».

Em Deuteronômio 22:12, lemos: «Farás borlas nos quatro cantos do teu manto, com que te cobrires», onde «borlas» é a tradução de *gedilim*. Em vista disso, parece que está em vista uma espécie de beirada, em forma de cadeia, tanto neste caso como no caso dos capitéis das duas colunas do templo.

ORONTES

Esse é o nome de um rio da Síria, que se tornou famoso na história secular. Esse rio não é mencionado na Bíblia, mas a cidade de Antioquia, um dos primeiros centros da cultura cristã, ficava à beira do rio Orontes. Ver Atos 11:20-26; 13:1-3. Esse rio tem seus mananciais no elevado vale de Becá. Percorre parte da Síria na direção norte, e. então, volta-se para O Ocidente, desaguando no mar Mediterrâneo no porto de Antioquia. Esta cidade é chamada de Antioquia do Orontes a fim de distingui-la da outra Antioquia. Há, nesta enciclopédia, artigos sobre ambas as cidades. Outros importantes centros, às margens desse rio, eram Ribla, mencionada em associação com Jeremias, Zedequias e Nabucodonosor (II Reis 25:20,21; Jer. 39:5,6 e 52:9-11); Hamate, uma fortaleza hitita, que ficava perto desse rio, e *Cades* (vide).

Atualmente, esse rio chama-se *Nah el-Assi*. Esse rio flui para o norte, atravessando o vale de Becá, o vale entre os montes do Líbano e do Antilíbano. Então entra no lago Homs, um lago artificial, criado pelo represamento do rio. Perto de Hamate (moderna Hama), passa a correr na direção noroeste, onde forma terras alagadiças. Atualmente, essa região está sendo drenada. Em seguida, o Orontes atravessa uma região de pedras calcárias, o *Jisr esh-Shughur*, e, então, atravessa o vale de Amque, na direção oeste, até desaguar no mar Mediterrâneo. A certo ponto de seu trajeto, banha Antioquia (que os sírios chamam de Antakya).

Como sucede à maioria dos grandes rios, o Orontes teve e tem sua importância histórica e comercial. Na antiguidade, era um rota comercial natural, na direção norte-sul, como também um caminho seguido por exércitos em avanço. Suas águas davam vida e verdura a povoados ao longo do caminho. Os impérios hitita, hebreu e assírio incluíram o vale desse rio.

ORTEGA Y GASSET, JOSÉ

Suas datas foram 1883—1955. Nasceu em Madri, na Espanha. Estudou com Hermann Cohen, um filósofo neokantiano. Mas, apesar do sistema de Ortega y Gasset ter atravessado uma transição de idéias, ele nunca aderiu ao neokantianismo. Esteve ligado de perto com os jornais *El Espectador* e *Revista de Occidente*, através dos quais ele publicava as suas idéias. Foi professor de metafísica da Universidade Central. Ativava-se como filósofo, ensaísta, publicador, editor e jornalista.

Idéias:

1. A razão abstrata pode constituir sistemas; mas, para a vivência diária carecemos da *razão vital*, que é concreta, variegada, multiforme e eficaz.

2. Uma idéia qualquer é abstrata; mas a crença é concreta. E precisamos de ambos os aspectos como o alicerce da vida. Idéias tomam vulto quando crenças são anuladas e falham. Por outra parte, as idéias

Grandes Cismas, que descrevem os três grandes cismas que a cristandade tem sofrido. A *ortodoxia oriental* significava o cristianismo conforme fora originalmente recebido e entendido nos países de língua grega da parte oriental do Império Romano. O imperador bizantino, no entanto, continuou intitulando-se de «príncipe dos romanos». Na realidade, porém, desde que o império fora dividido em dois, por obra de Constantino, o Grande, cada vez mais se manifestavam as rivalidades, de ordem política e religiosa, entre essas duas metades do Império Romano. Por volta de 864 D.C., missionários ocidentais e orientais competiam pela lealdade dos convertidos búlgaros. Além dessas competições em níveis institucionais e quanto a certas atividades, a Igreja oriental, como era apenas natural, seguia certas diretrizes dos pais gregos da Igreja, em contraste com os pais latinos. Isso havia criado uma divisão natural quanto à maneira de pensar e quanto a algumas doutrinas. Os pais gregos da Igreja, por exemplo, viam a alma como preexistente, e sua oportunidade para obter a salvação estendendo além da morte física. Tornou-se idéia comum no Oriente, pois, que o mundo espiritual, para onde as almas desencarnadas partem por ocasião da morte física, é um lugar de preparação para a salvação. A crença no intuito salvatício da *descida de Cristo ao hades* (vide) sempre foi forte no Oriente. Isso produziu um ponto de vista mais amplo da missão de Cristo no Oriente, visto que Cristo teria três missões ao todo: 1. a missão terrena; 2. a missão no hades; e 3. a missão celeste. E todas essas missões cooperariam juntamente, com vistas à salvação das almas dos homens.

No Ocidente, por outro lado, tornou-se doutrina comum que, por ocasião da morte biológica do indivíduo, termina toda e qualquer oportunidade de salvação. Mas, além disso, também há outras diferenças. Assim, as Igrejas orientais sempre se mostraram menos estritas quanto aos seus credos, e mais liberais em suas organizações e associações. Por outro lado, as Igrejas Ocidentais foram-se centralizando em torno de uma única autoridade, a do bispo de Roma, o qual finalmente, tornou-se na figura do papa.

Também surgiram diferenças políticas e raciais. O Oriente rivalizava com o Ocidente quanto a questões políticas, e, visto que as igrejas sempre se deixaram envolver tão pesadamente nas questões políticas, esse fator separava as regiões. Por isso, em 1054, a controvérsia se o Espírito Santo procede apenas do Pai, ou também do Filho, não foi a causa real do cisma que teve lugar, mas apenas uma espécie de gota d' água que fez extravasar o balde de uma situação explosiva que vinha reunindo força desde há muito. Ver o artigo sobre o *Filioque*, onde essa questão é amplamente esclarecida. Naturalmente, essa questão doutrinária não era a única diferença em jogo. Roma crescia mais e mais em importância, ao passo que Constantinopla ia caindo. O papa Leão IX sentiu-se ofendido diante de uma encíclica lançada pelo patriarca de Constantinopla e quando este se recusou a submeter-se ao parecer do papa, o patriarca foi anatematizado. O patriarca de Constantinopla, como reação, anatematizou o papa de Roma. Portanto, a questão do *filioque* não passou de um frontispício; o que realmente importava eram as questões políticas e financeiras envolvidas, amarguradas ainda mais por causa de rivalidades regionais.

Os quatro patriarcas orientais, os de Constantinópla, de Alexandria, de Antioquia e de Jerusalém, separaram-se, portanto, de Roma. Roma, desde então, continuou a reconhecer a legitimidade dos sacramentos e da sucessão apostólica da Igreja Ortodoxa Oriental, embora não reconheça a própria organização eclesiástica oriental, que é considerada cismática pelos católicos romanos. Até o tempo desse cisma, o primado do bispo de Roma era reconhecido, embora não a sua jurisdição sobre os outros. Ora, esse primado era apenas uma *honraria* (o papa era reputado apenas *primus inter pares* = primeiro entre iguais), nada tendo a ver com algum direito de dominar os patriarcados orientais. Esse tipo de atitude prevaleceu no Oriente, de tal maneira que um patriarca não pode ditar ordens a outro patriarca. Eles são considerados apenas irmãos em Cristo, que se respeitam mutuamente, sem qualquer interferência direta nos negócios dos outros.

Portanto, em vista do exposto, para o Ocidente, a Igreja oriental, apesar de cismática, não é herética. No entanto, os grupos protestantes são considerados tanto cismáticos quanto heréticos pela Igreja ocidental. De acordo com a definição católica romana, um cismático é quem *não se submete* à autoridade do papado. Por outro lado, deve-se notar que estar separado de Roma também é considerado uma heresia, visto que tal ato nega a doutrina da supremacia do bispo de Roma (o papa) sobre os outros bispos. Nesse sentido, contudo, a Igreja Ortodoxa Oriental também deveria ser considerada herética, do ponto de vista do catolicismo romano.

Antes do Grande Cisma de 1054, houve um cisma de menor envergadura, quando os donatistas se separaram do resto da Igreja, por motivos de disciplina ou ordem eclesiástica. No século IV A.C., Agostinho escreveu, vigorosamente, — contra os donatistas. Eles insistiam em rebatizar os católicos, como uma condição de comunhão com eles. Os donatistas eram estreitos e intolerantes, conforme o são a esmagadora maioria dos grupos cismáticos. Ver sobre o *Donatismo*.

O Ocidente Aceita o Oriente Parcialmente. A Igreja ocidental aceita os ritos e os sacramentos do oriente, declarando-se válidos, mas não reconhe as Igrejas Ortodoxas como organizações religiosas legítimas, como se fossem filhas que se tivessem separado de sua mãe e cuja única preocupação deveria ser retornar à grei a que pertencem. A Igreja Católica Romana reconhece que continuou a sucessão apostólica nas igrejas cristãs do Oriente, mas nega esse direito à Comunhão Anglicana, por haver rejeitado o arcebispo Cranmer (que vide). (AM E P)

ORTODOXIA

Esboço:

1. Definições e Manipulações
2. Forças Moldadoras das Ortodoxias
3. A Regra das Escrituras Somente
4. Definição Resultante da Ortodoxia
5. Na Direção de uma Verdadeira Ortodoxia
6. Uma Útil Citação

1. Definições e Manipulações

Ortodoxia é uma palavra que vem do grego **orthós**, «reto» e **dóxa**, «opinião». Daí essa palavra veio a indicar «crença correta». Os vícios de várias ortodoxias (e há muitas) é que elas equiparam a crença certa (conforme elas a julgam) com a verdade. Entretanto, a história tem freqüentemente demonstrado, nos campos da ciência, da filosofia e da religião, que a ortodoxia de uma geração é contradita por alguma heterodoxia, e que esta última, ao obter poder, torna-se uma nova ortodoxia. Pode-se ver isso de geração em geração, até mesmo nas ciências,

realidade imutável, somente parcialmente compreendida pelo intelecto e somente parcialmente capaz de ser expressa por meio de palavras, que frases transitórias, presas ao tempo e a formas de pensamento, procuram exprimir. Não obstante, isso não significa que o conceito de ortodoxia é algo sem sentido e evanescente. Há uma tradição central e coerente de doutrina e prática cristãs que em muito pouco é afetada pelos extremos das variações denominacionais e faccionais. Essa tradição gira em torno das doutrinas gerais da Trindade, da encarnação, da expiação e do uso das ordenanças, o batismo e a eucaristia. Desviar-se desse âmago não é próprio do cristão autêntico; e a heresia consiste na recusa, baseada na opinião pessoal, de crer e adorar juntamente com a Igreja» (C).

Essa declaração pode ser criticada quanto ao seu conteúdo, e também quanto ao que ela não inclui; mas expressa uma *atitude* útil. (B C E F EP P).

ORVALHO

No hebraico, **tal**, palavra que ocorre por trina e quatro vezes no Antigo Testamento, por exemplo: Gên. 27:28,39; Núm. 11:9; Deu. 32:2; Juí. 6:38-49; I Reis 17:1; Jó 29:29; Sal. 110:3; Pro. 3:20; Can. 5:2; Osé. 6:4; 13:3; 14:5; Miq. 5:7; Ag. 1:10; Zac. 8:12.

Vários trechos bíblicos onde é mencionado o orvalho parecem indicar, para o leitor casual, que na Palestina o orvalho era copioso à noite, mesmo durante os meses de verão. Porém, o fato é que, nesses meses, escassamente se formava qualquer orvalho, o qual dificilmente poderia substituir a chuva, conforme poderíamos entender o trecho de Juízes 6:37-40. Um ar seco, como é óbvio, não pode produzir orvalho. Quando as condições atmosféricas aliviavam o calor e a sequidão, então o orvalho começava a cair à noite, na Palestina. O refrigério adicional que isso representava era um benefício a mais nos países quentes e secos. O orvalho pode ser pesado nos meses de maio a outubro. A par com as chuvas, o orvalho tornava-se um motivo de fertilidade (Gên. 27:28; Deu. 33:13; Zac. 8:12), ao passo que a ausência de orvalho era considerada uma maldição (II Sam. 1:21; I Reis 17:1; Hab. 1:10). A condenação proferida por Elias incluiu o fato de que não haveria nem chuva e nem orvalho (I Reis 17:1).

1. Cristo e Deus Pai são comparados com o agradável orvalho para quem recebe a sua palavra, e a quem o Espírito refrigera (Rom. 14:4; Isa. 26:19).

2. Os santos são comparados ao orvalho, por causa de sua agradabilidade inerente e de sua influência refrigeradora sobre as outras pessoas (Sal. 110:3; Miq. 5:7).

3. Um exército que avança assemelha-se ao orvalho, por causa da natureza copiosa de seus elementos formativos, e por causa do fato de que cai sobre tudo, em seu trajeto (II Sam. 17:12).

4. As aflições e os sofrimentos parecem-se com o orvalho da noite, porquanto são muitos e se fazem presentes em toda parte. Entretanto, as aflições e os sofrimentos podem produzir fruto (Can. 5:2; Dan. 4:25; Osé. 6:4).

5. A verdade de Deus é similar ao orvalho, por cair gradualmente, e, algumas vezes, de maneira imperceptível nos corações humanos, tornando os homens dóceis e frutíferos (Deu. 32:2).

6. Qualquer coisa deleitável e revigorante pode ser comparada com o orvalho (Pro. 19:12).

7. A harmonia entre os irmãos é como o orvalho do monte Hermom, isto é, deleitosa, revigorante e encorajadora de boas obras (Sal. 133:3).

8. Quando a alma prospera sob a influência da Palavra e do Espírito do Senhor, isso é como o orvalho que refrigera as plantas e as árvores (Jó 29:19).

OSÉIAS

No hebraico, «que Yahweh salve». Além do profeta desse nome (ver o artigo intitulado *Oséias* (*Profeta*), o único cujos escritos chegaram até nós, vindo do reino do norte, Israel, há mais quatro homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um filho de Num (isto é, Josué) (Deu. 32:44). Em Núm. 13:8, algumas traduções dizem Oséias (como é o caso da nossa versão portuguesa). Esse era o nome original de Josué, antes que Moisés o tivesse mudado (Núm. 13:8,16). Mas parece que o trecho de Deut. 32:44 indica que, durante algum tempo, ele foi conhecido por ambos os nomes. *Oséias* era o seu nome original; a isso foi acrescentado o nome *Yah*, o que produziu *Josué*. Viveu por volta de 1450 A.C.

2. Um filho de Azazias, um dos oficiais de Davi, representante da tribo de Efraim. Ver I Crô. 27:20. Viveu por volta de 1015 A.C.

3. Um dos líderes do povo, que assinou o pacto com Neemias, quando um remanescente de Judá voltou a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:23. Ele viveu por volta de 410 A.C.

4. O décimo nono rei de Israel, filho de Elá. Foi o último dos reis do reino do norte, Israel. Juntamente com o povo de Israel, foi para o cativeiro assírio (vide). Tornou-se famoso pelos males que praticou. Conspirou contra Peca, seu antecessor, e o assassinou (II Reis 15:30), em parte porque esse homem não resistira aos avanços dos assírios. Durante algum tempo pagou tributo a Tiglate-Pileser III, mas logo se revoltou. Aliou-se a So, rei do Egito, na esperança de se libertar da ameaça e do jugo assírios. Mas isso fez somente Salmaneser, rei da Assíria, marchar contra Israel com um poderoso exército. Foram necessários três anos para reduzir Samaria (a capital do reino do norte, Israel), capital das dez tribos. Samaria foi destruída e uma parcela considerável das dez tribos de Israel foi levada para o cativeiro, por Sargão II, que havia usurpado o trono da Assíria, para nunca mais retornar. Isso sucedeu em 720 A.C. Ver também II Reis 17:1,3,4,6; 18:1,9,10. Não dispomos de qualquer informação sobre o que sucedeu a esse homem, no cativeiro assírio.

OSÉIAS (PROFETA E LIVRO)

Esboço:

I. Oséias, o Profeta
II. Caracterização Geral
III. Data
IV. Proveniência e Destino
V. Pano de Fundo Histórico
VI. Problemas de Unidade e Integridade
VII. Mensagem e Conceitos Principais
VIII. Esboço do Conteúdo
IX. Canonicidade
X. Oséias Ilustra o Princípio da Restauração
XI. Bibliografia

I. Oséias, O Profeta

Não se sabe muita coisa sobre o profeta **Oséias**. O trecho de Oséias 1.1 nos fornece o nome de seu pai, Beeri, mas sem qualquer genealogia. Esse mesmo versículo nos fornece o tempo, declarando que ele viveu «...nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei

e, finalmente, o amor de Deus, este ilustrado por sua própria tragédia doméstica. Mui tolamente, Israel demonstrava confiança na Assíria, o gigante do norte, como se fosse um protetor de Israel. Mas Oséias deixou claramente previsto que a Assíria, longe de ser o salvador de Israel, acabaria por ser o seu destruidor. Ver Osé. 5:13; 7:11; 8:9; 12:1 e 14:3.

Oséias condenava o emprego da política como remédio para os problemas espirituais da nação. As alianças com potências estrangeiras só serviam para aumentar ainda mais os problemas de Israel. Contudo, uma arrependida e piedosa nação de Israel seria protegida por Deus. Infelizmente, as esperanças de Oséias não se concretizaram!

III. Data

o trecho de Oséias 1:1 nos dá um indício cronológico seguro, segundo já dissemos acima. Vários contemporâneos são ali mencionados. O começo do ministério público de Oséias pode ser datado por volta de 748 A.C.; e a morte de Ezequias, que ocorreu por volta de 690 A.C., mostra-nos que o ministério de Oséias cobriu um longo período, cinqüenta e oito anos, visto que o seu ministério atingiu a época de Ezequias. Ele começou a escrever por volta de 748 A.C., ou poucos anos mais tarde. E, realmente, pode ter escrito em duas partes (as parábolas, capítulos 1—3; e as profecias, ou oráculos, capítulos 4—14, um pouco mais tarde).

As pessoas mencionadas em Osé. 1:1; dentro da cronologia fornecida por Oséias, foram: Jeroboão II (reinou entre 782 e 753 A.C.), Uzias (reinou entre 767 e 739 A.C.). Jotão (reinou entre 740 e 731 A.C.), Acaz (reinou entre 732 e 715 A.C.) e Ezequias (reinou entre 716 e 686 A.C.). O trecho de Oséias 1:4 parece dar a entender que houve uma data anterior à morte de Jeroboão II, que marcou o início do ministério desse profeta. Oséias 8:9 é passagem que talvez alude ao tributo pago a Tiglate-Pileser por Menaém (cerca de 739 A.C.). E, nesse caso, o ministério de Oséias já estava bem estabelecido em 743 A.C., e pelo menos uma parte de seu livro já tinha sido escrita.

IV. Proveniência e Destino

O próprio livro, como é óbvio, fala sobre uma origem, no reino do norte, embora nos seja impossível a precisão, quanto a isso. No entanto, nem todo o livro precisa ter sido, necessariamente, escrito no mesmo lugar. O destino primário era o reino do norte, Israel, embora seu livro tivesse uma mensagem universal, que também se aplicava a Judá. Podemos supor que a profecia de Oséias tornou-se conhecida em Judá. O fato de que a introdução do livro menciona reis tanto do reino do norte quanto do reino do sul indica que a nação inteira — Judá e Israel — era visada pelo profeta, a quem ele dirigira suas advertências.

V. Pano de Fundo Histórico

1. *A prosperidade material* foi um fator que, juntamente com outros, levou ao declínio moral de Israel. Essa prosperidade era tão grande que poderia ser comparada à do início da monarquia. A Síria fora debilitada e, finalmente, derrotada. Uma estela encontrada em 1907 em Afis, a quarenta quilômetros a sudoeste de Alepo, comemorava a queda da Síria; e, quando isso sucedeu, então, não muito depois, Jeroboão II (ver II Reis 14:28) foi capaz de estender sua autoridade até Damasco. As fronteiras sul e leste de Israel e de Judá quase chegaram às mesmas extensões dos dias de Davi e Salomão. A Assíria já havia começado a ameaçar a Síria e a Palestina, embora a possibilidade de invasão ainda parecesse remota.

2. *Um menor militarismo* aumentou as riquezas materiais da nação. O comércio intensificou-se, e Israel, passando a controlar as rotas de caravanas que antes haviam sido dominadas por Damasco, foi capaz de multiplicar, consideravelmente, a sua prosperidade material. O luxo tornou-se comum, e os habitantes de Israel viviam regaladamente. Operários fenícios especializados receberam a tarefa de aumentar a ostentação de Israel. Os habitantes de Israel chegaram a dispor de leitos com entalhes de marfim, itens que os arqueólogos têm descoberto, pertencentes a esse período. Ver Amós 6:4, que menciona o detalhe. Havia abundância de azeite e de vinho, e muitos viviam até em luxo excessivo, segundo se vê em Amós 3:15 e I Reis 22:39.

3. *Avanços Religiosos Pagãos*. Descobertas arqueológicas, feitas no norte da Síria, em Ras Shamra (Ugarite), mostram o quanto as formas de adoração idólatra dos cananeus se tinham espalhado em Israel e em toda a circunvizinhança. Os israelitas estavam-se deixando seduzir pela idolatria. Divindades pagãs e bezerros de ouro foram levantados por Jeroboão I, e Betel e Dã tornaram-se grandes centros de idolatria, em Israel (I Reis 12:28). Sabemos que os ritos de fertilidade, com seus excessos e vícios sexuais, faziam parte desse culto. Além disso, a violência, o alcoolismo e toda forma de indulgência completava o quadro desolador. Houve prostituições cultuais variegadas, e sabemos que a prostituição e o homossexualismo chegaram a ser praticados até mesmo no interior do templo (II Reis 23:7).

4. *A Confusão Resultante*. A prosperidade material começou a declinar; a confusão tornou-se a ordem do dia. O filho de Jeroboão, Zacarias, foi assassinado por Salum, e este, por sua vez, foi morto por Menaém. Quatro reis de Israel foram mortos em quinze anos. A vacilação política, em relação à Assíria, instaurou-se. Menaém tentou aplacar o poder proveniente do norte. Israel passou a agir como uma pomba sem juízo, hesitando entre a Assíria e o Egito, disposta a apelar para qualquer lado, menos a voltar-se para Deus, conforme se vê em Osé. 5:13; 7:11 e 12:1. Toda essa vacilação em nada contribuiu para curar a nação de Israel, que nem ao menos percebeu que estava gravemente enferma! Tudo chegou ao fim quando Israel caiu diante das tropas assírias, quando a cidade de Samaria foi tomada pelo inimigo, em 721 A.C., e grandes segmentos da população da nação do norte foram deportados.

VI. Problemas de Unidade e Integridade

O trecho de Oséias 1:1-11 foi escrito na terceira pessoa, contando o casamento do profeta; mas o trecho de Oséias 3:1-5 encerra um relato na *primeira* pessoa, praticamente da mesma natureza. Essas duas seções do livro, vinculadas uma à outra por um sermão dirigido a Israel (no segundo capítulo do livro), poderiam ter sido escrita por dois autores diferentes, como também poderiam descrever duas mulheres diferentes, e não uma só. Se supusermos que Gômer, esposa de Oséias, está em foco do começo ao fim do livro, então poderemos concluir que ela já era uma prostituta quando Oséias contraiu matrimônio com ela. Isso teria sido muito incomum para um profeta, que, sem dúvida, estava proibido de fazer tal coisa. Contudo, essas circunstâncias extraordinárias poderiam ter sido necessárias a ele, a fim de que a mensagem de seu livro ganhasse em vigor e eloqüência. A fim de aliviar o problema, alguns supõem que Oséias tomou Gômer como uma concubina, e não como sua legítima esposa; mas isso é uma especulação que também não resolve o

VIII. Esboço Do Conteúdo

I. A Esposa Prostituída de Yahweh é Repudiada (1:1 — 3:5)
   A. Um casamento metafórico (1:1 — 2:23)
      1. Ilustrações da rejeição com os nomes Lo-Ami (1:1-9)
      2. Consolo em meio à miséria (1:10,11)
      3. O julgamento de Israel (2:1-13)
      4. A restauração de Israel (2:14-23)
   B. Outro casamento metafórico (3:1-5)
      1. Sua decretação (3:1-3)
      2. Seu significado (3:4,5)

II. Israel, Objeto do Amor de Deus (4:1 — 14:9)
   A. A culpa de Israel (4:1-19)
   B. A ira divina (5:1-15)
   C. Arrependimento (6:1-3)
   D. A reação divina (6:4 — 13:8)
   E. Restauração final (13:9 — 14:9)

IX. Canonicidade

O lugar ocupado pelo livro de Oséias, à testa dos doze profetas menores, é antiqüíssimo. Nenhuma decisão canônica jamais pôs isso em dúvida. Desde os dias de Ben Siraque (ver Eclesiástico 49:10,11), essa posição já estava bem estabelecida. Vários manuscritos da Septuaginta têm os profetas menores em diversas seqüências; mas o livro de Oséias sempre figura em primeiro lugar, talvez por causa de seu volume, ou então, por causa de sua elevada mensagem e teologia, que nos fornece um quadro de Deus diferente do de muitos outros livros do Antigo Testamento. Em contraste com outros livros, a autoria genuína do autor que tem estado tradicionalmente vinculado a esse livro, nunca foi posta em dúvida. E nem os estudiosos jamais duvidaram das relações históricas do livro, conforme se vê em Osé. 1:1. Cronologicamente falando, Oséias não deve ser posto antes de Amós (como aparece em *Baba Bathra* 14:b); mas a sua importância faz com que mereça estar no começo dos profetas menores.

X. Oséias Ilustra O Princípio Da Restauração

Israel havia adotado toda forma de **paganismo**, tendo caído em pecado grave, em apostasia, tornando-se uma nação pagã entre nações pagãs. Jezreel (Osé. 1:4) nasceu da esposa adúltera de Oséias a fim de simbolizar a iminente destruição da casa de Jeú e o cativeiro assírio. Em seguida, nasceu-lhes uma filha, que recebeu o nome de Lo-Ruama (Osé. 1:6), um nome que significa «não compadecida». Deus haveria de retirar sua misericórdia protetora de Israel, por um longo tempo. Misérias incontáveis sufocariam a vida nacional de Israel. Seu povo seria disperso; eles perderiam seus territórios; a adoração sagrada sofreria interrupções. Haveria muitos longos séculos de agonia. Em outras palavras, um *severo juízo* sobreviria àqueles que antes tinham sido povo de Deus. Nasceu então um filho, de Oséias e Gômer, que se chamou *Lo-Ami* (Osé. 1:9), que significa «não meu povo». Até hoje Israel continua sendo «não meu povo», enquanto está sendo dada a oportunidade de salvação aos gentios. Portanto, está envolvido um processo de séculos de julgamento devastador.

A esposa adúltera, verdadeiramente, foi repelida. No entanto, foi explicado ao profeta que ele deveria chamá-los de *Ami*, que significa «meu povo», e de *Ruama*, isto é, «compadecida» (Osé. 2:1). Notemos que essas palavras são a reversão verbal dos nomes conferidos aos filhos de Oséias. Essas reversões verbais, pois, falam de uma restauração que deverá abençoar a Israel, graças aos infalíveis e poderosos propósitos de Deus, embora esses propósitos possam precisar de muito tempo para se cumprir. Em nossos dias, a restauração final continua sendo assunto apenas predito nas profecias bíblicas. Paulo tomou esse tema, em Rom. 11:25,26, fazendo do mesmo uma importante doutrina evangélica. O apóstolo, pois, renovou a esperança e o ensino de Oséias. Temos provido um artigo separado sobre o assunto, chamado *Queda e Restauração de Israel*. Essa restauração está esperando o tempo do fim e a intervenção que será realizada pelo próprio Cristo. Ver Osé. 13:9 — 14:9.

Várias lições ótimas são dadas por Oséias, quanto à natureza da restauração de Israel:

1. O pecado exerce efeitos devastadores sobre um indivíduo ou sobre uma nação, conforme for o caso.

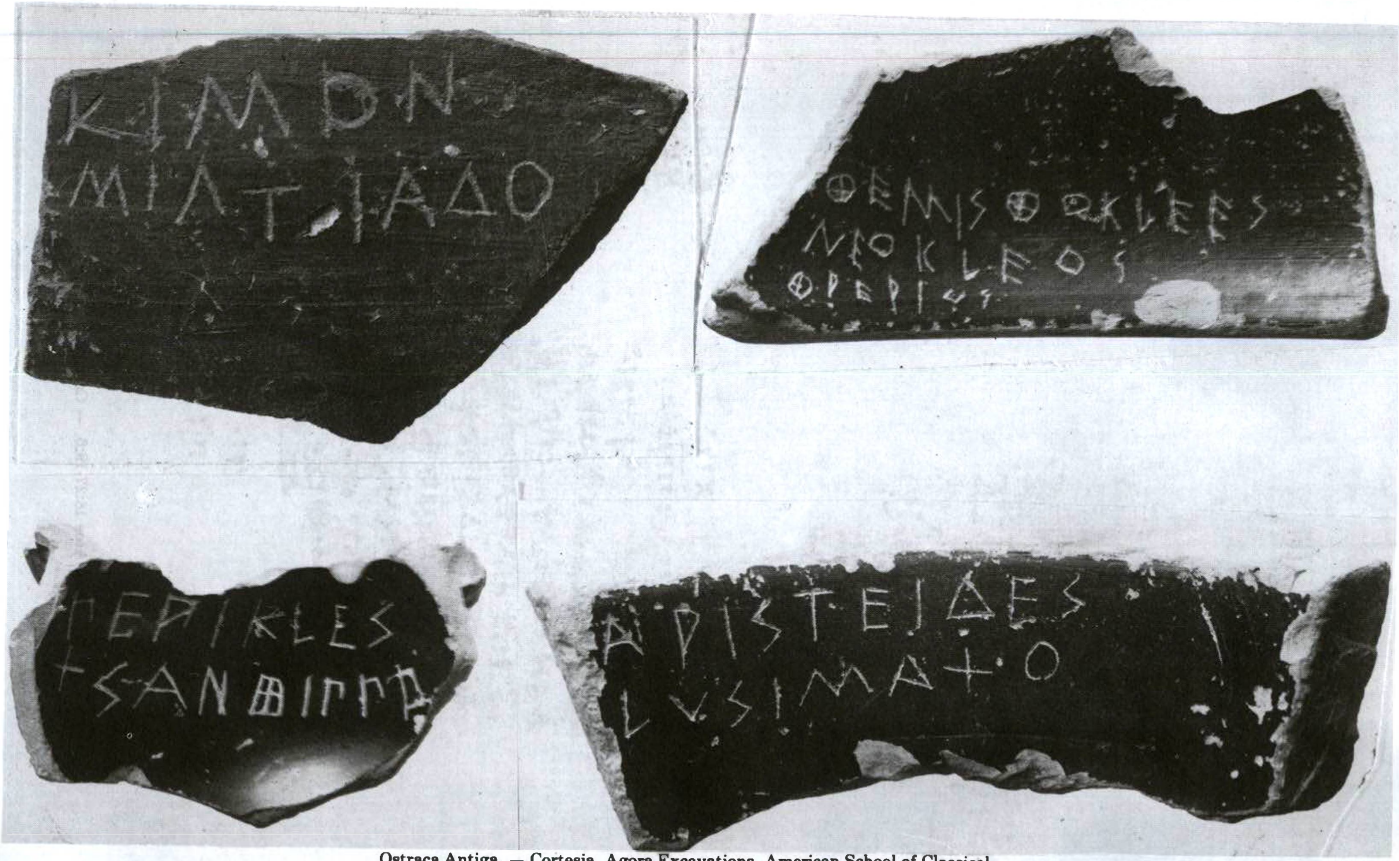
2. O pecado precisa ser severamente punido, em consonância com o rigor da justiça.

3. Nesse juízo, um povo inteiro foi declarado «não compadecido» e «não povo de Deus». O que mostra a severidade desse julgamento divino.

4. Os grandes juízos divinos podem perdurar por longo tempo, realmente. Israel, desde antes do cristianismo, não teve modificada a sua condição diante de Deus, após tantos séculos. Creio que o julgamento dos perdidos atingirá os ciclos da eternidade futura. Apesar da morte biológica do indivíduo não pôr fim à oportunidade (I Ped. 4:6), ainda assim deixa cada um de nós sob o juízo apropriado. Cada alma permanecerá sob juízo durante o tempo que for mister para que pague por seus erros e seja restaurada, *através* do juízo. Em outras palavras, o julgamento será *um* dos meios envolvidos nessa restauração. Não antecipo que todas as almas sofrerão o mesmo grau e nem a mesma duração de julgamento. Isso variará de acordo com a reação de cada indivíduo, e à obra que nele estiver sendo efetuada, pela graça de Deus.

5. *O juízo divino é punitivo*, conforme é ilustrado pelo livro de Oséias. Por outro lado, também é *restaurativo*, conforme mostra esse mesmo livro. Em outras palavras, o juízo realiza algo, a saber, restaura. O julgamento da cruz foi um severíssimo golpe contra o pecado; mas também se revestiu de poderes remidores. Assim, todos os julgamentos divinos são golpes contra o pecado, produzindo miséria e sofrimento. Porém, também vão muito além disso, livrando o homem das tempestades e trazendo até ele o **raiar de um Novo Dia**, **onde a graça restauradora de Deus resplandece em todos os lugares de sua criação.**

6. Os assírios vieram e puseram fim à nação do norte, Israel. Séculos e séculos de sofrimentos têm-se seguido desde então. Mas a promessa de restauração final permanece firme. O propósito de Deus continua operando. Não foi cancelado pelo julgamento. O mesmo sucede no caso de *todos os homens*. Os homens estão dispersos e são cativados pelo diabo. O julgamento haverá de sobrevir a todos os homens, e isso fará com que a vasta maioria deles tenha de ir para as dimensões espirituais do julgamento. Porém, a misericórdia de Deus garante que esse estado, em si mesmo, tem um efeito restaurador, conforme encontramos em I Ped. 4:6 e Efé. 1:9,10. Esse propósito opera até nos ciclos da eternidade futura, abrangendo um tempo muito longo, da mesma maneira que o povo de Israel tem estado sob o juízo divino, há muitos séculos. Porém, Deus escreverá um capítulo final de misericórdia e graça; e todos os homens haverão de exultar no Logos, como o grande Benfeitor e como a razão e o alvo de toda a existência humana, mesmo que nem todos venham a obter a redenção que há em Cristo. Isso, meus amigos, é um



Ostraca Antiga, — Cortesia, Agora Excavations, American School of Classical Studies, Athens

OSSO(S)

No heb. a palavra mais comum é **etsem** que ocorre por 97 vezes, desde Gên. 2:23 até Hab. 3:16. No grego, a palavra é *osteón* (Mat. 23:27; Luc. 24:39; João 19:36 (citando Êxo. 12:46; cf. Sal. 34:21); Heb. 11:22). Quase todas as referências bíblicas são literais, referindo-se àquela parte durável do corpo humano. Mas, ocasionalmente, encontramos um uso metafórico, em que *ossos* indica os sentimentos profundos, os afetos e as afiliações (ver Gên. 29:14; Juí. 9:3; Jó 2:5; Sal. 42:10; Efé. 5:30).

O sepultamento decente dos cadáveres sempre fez parte importante das culturas humanas, quando então se dizia que os «ossos» descansavam, e a natureza seguia seu livre curso. Ver Gên. 1:25; Heb. 11:22; Eze. 39:15. Religiosamente falando, o contato com ossos humanos era considerado contaminador. Ver Núm. 19:16. Queimar os ossos de um morto era algo que muito os profanava (ver II Reis 23:20). Havia também a crença de que os ossos (real ou simbolicamente) podiam preservar a vitalidade da pessoa, que ela tivera em seu corpo físico. Vê-se reflexos disso em II Reis 13:21. Ver a metáfora do «ossos secos», em Eze. 38:1,2. Quebrar e espalhar ossos era emblema de derrota absoluta, infligida ao inimigo (Sal. 43:5; Isa. 38:13). Queimar os ossos era considerado um ato pecaminoso (Amós 2:1). Uma notável profecia teve cumprimento quando os ossos do Senhor Jesus não foram quebrados (João 19:36); e alguns intérpretes têm pensado que isso simboliza a Igreja. Ver Sal. 34:20. O trecho de Sal. 22:14,17 mostra-nos que os sofrimentos de Cristo envolveram uma agonia que descia até os seus próprios ossos.

OSSUÁRIOS

Essa palavra portuguesa vem do latim, **ossis**, «osso», e, mais particularmente, de **ossuarium**, «para ossos». Um ossuário é uma caixa para guardar ossos de pessoas mortas, depois da carne ter-se desprendido e sido consumida, ficando os ossos secos. Quando restam somente os ossos, o espaço capaz de contê-los é bem menor, e os ossos dos membros de famílias inteiras podem ser guardados em lugares compactos, como em prateleiras (no latim, *loculi*), escavadas em rochas ou encostadas em paredes. A arqueologia tem descoberto câmaras para os ossos de famílias inteiras. Os ossuários eram feitos de pedra ou de argila queimada no forno. Com freqüência, essas caixas eram decoradas com entalhes e pinturas, predominantemente figuras geométricas.

Embora a Bíblia não use essa palavra, tal prática era comum nos tempos bíblicos. É possível que uma antiga representação de uma casa, em argila queimada no forno, pertencente aos tempos calcolíticos (cerca de 4000-3000 A.C.), na realidade tenha sido um ossuário. Porém, quase todos os ossuários descobertos pelos arqueólogos datam dos tempos romanos. Têm sido encontrados ossuários de origem judaica e de origem cristã. Alguns desses ossuários são de dimensões bem pequenas, algo como de 30 a 50 cm de largura, e de 25 a 40 cm de comprimento. E mesmo os ossuários maiores dificilmente chegam aos 90 cm de comprimento. As inscrições encontradas nos ossuários confirmam muitos nomes bíblicos, como Salomé, Judá, Simeão, Marta, Eleazar, Nataniel, Jesus (Josué), etc.

ÓSTIA

No latim, «boca». Esse era o nome de uma cidade localizada na boca (daí o nome) do rio Tigre. Era um famoso porto marítimo de Roma. Um porto vinculava essa cidade à Via Ostiana. A cidade de Roma foi construída às margens do rio Tigre, cerca de vinte e seis quilômetros da costa marítima. Isso se deveu a razões de comércio e de segurança militar. Quando a cidade cresceu, tornou-se necessário o acesso mais fácil à costa. E foi assim que a cidade de Ostia foi fundada, em cerca de 350 A.C., a fim de servir de porto para a cidade de Roma. Durante a segunda guerra Púnica (218-210 A.C.), Óstia serviu como base naval. Mas, em tempos de paz, o lugar era um centro de comércio, por onde circulavam riquezas. Óstia era a porta de entrada do tráfico de cereais da Itália. Roma precisava importar quase todo o cereal que consumia, que lhe chegava da ilha de Sicília ou da África. Com a passagem do tempo, Óstia foi adquirindo importância cada vez maior. Tornou-se assim um centro religioso, comercial e militar. Calígula, imperador romano, construiu um aqueduto para suprir água à cidade. No século II D.C., Óstia atingiu o zênite de seu poder, contando então com seis balneários, um teatro, um anfiteatro e edifícios civis e religiosos em profusão. Mais de seis mil inscrições têm sido encontradas ali, abordando todos os aspectos da vida romana, confirmando muitos itens históricos. O deus patrono de Óstia era Vulcano. Ali, porém, havia toda espécie de culto pagão, incluindo a adoração a Ísis e à Magna Mater. Ver sobre *Religiões Misteriosas (dos Mistérios)*, especialmente sobre o culto a *Mitra*.

Não há registros sobre a presença do cristianismo nesse lugar, senão já em cerca de 280 D.C. Mas parece indubitável que, nos tempos apostólicos, houve ali uma igreja cristã, devido à sua localização, tão perto de Roma.

A decadência da cidade começou no século III D.C. Os godos saquearam-na, como também o fizeram os hunos e os sarracenos. Aumentaram as enfermidades no lugar, e, finalmente, certas condições tornaram a cidade essencialmente desabitada. As escavações arqueológicas modernas começaram ali em 1909. E grande parte da antiga cidade foi aberta às pesquisas científicas e à contemplação curiosa dos turistas. Essa região serve de testemunha silenciosa acerca dos grandes armazéns, ricos edifícios, casas de comércio, santuários e também das riquezas que circundavam a cidade de Roma, mas que os séculos conseguiram obliterar da face do planeta.

OSTRACA (OSTRACOS)

Ostraca é a transliteração da forma plural do termo grego *óstrakon*, «concha», «fragmento de vaso de barro». Nesta enciclopédia, a forma grega foi usada em quase todas as ocorrências; mas, ocasionalmente, aparece *ostracos* (a forma portuguesa da palavra, no plural). Na antiga Grécia, pedaços de cerâmica eram usados no processo da votação de oficiais públicos e nas assembléias. Da circunstância que dessa votação às vezes havia banimentos, é que temos a moderna palavra «ostracismo». A arqueologia tem descoberto muitos milhares de ostraca, que se revestem de alguma importância, por causa das inscrições em muitas delas. Há nesses fragmentos algum testemunho em favor de textos do Novo Testamento, devido à circunstância que alguns dos antigos cristãos escreveram versículos da Bíblia em pedaços de barro, transformando-os assim, para nós, em documentos confirmatórios. Existem cerca de vinte e cinco dessas ostraca que contêm porções dos seguintes versículos do Novo Testamento: Mat. 27:31,32; Mar. 5:40,41; 9:17,18,22; 16:21; Luc. 12:13-16; 22:40-71; João 1:1-9; 1:14-17; 18:19-25; 19:15-17.

Fragmentos de cerâmica serviam de material

da *polaridade* (vide) doutrinária, bem como aquelas passagens bíblicas que mostram a visão contrária do outro pólo de pensamento. O calvinismo tem alergia dos paradoxos, e preferiu a parte menos esperançosa da doutrina cristã como sua base.

Um Cristianismo Otimista. O *universalismo* (vide) imagina que todos os seres humanos serão igualmente salvos, afinal. Meu ponto de vista é que Deus remirá os eleitos e restaurará aos perdidos, de acordo com o mistério de sua vontade. Ver Efésios 1:9,10. Isso requererá a cooperação da tríplice missão de Cristo: na terra, no hades e nos céus. Essa missão foi, está sendo e continuará a ser efetuada para sempre. Ver sobre *Descida de Cristo ao Hades* e sobre *Restauração*, quanto à minha otimista interpretação da missão de Cristo. Essas doutrinas tornam o cristianismo uma fé otimista, e os labores de Cristo bem-sucedidos, sem limitações. Todavia, esses vários aspectos da missão de Cristo não realizarão a mesma coisa para todos. Deus fará o bem, aplicável a diferentes classes de almas humanas, de diferentes modos. Mas, finalmente, a grandiosa obra do Artista-Mestre poderá ser vista, sem qualquer defeito. Por assim dizer, ele está produzindo um grande e intrincado quadro, e podemos estar certos de que ele não dará nenhuma pincelada fora de lugar. As cores, as vivas e as escuras, serão vistas como igualmente necessárias para a pintura final. O trecho de Efé. 1:9,10 mostra-nos que essa obra deverá estender-se à eternidade futura, atravessando eras antes de completar-se. Assim sendo, a missão de Cristo, na terra, constitui um pequeno fragmento da extensão de seus esforços redentores-restauradores. Enquanto a pintura está em andamento, homens rebeldes sofrerão por muitas e muitas vezes, por causa de seus pecados, visto que o julgamento divino é perfeitamente real. Porém, o próprio julgamento é um dedo da amorosa mão do Senhor Deus, e constitui algumas das pinceladas do Artista-Mestre, necessárias para a beleza da pintura final. De fato, sem essas pinceladas de um Pai disciplinador, não emergiria a beleza final do quadro.

Não obstante, não deveríamos fazer estagnarem-se os nossos pensamentos no ponto do julgamento, mas olhar para além, para aquilo que o mesmo produzirá. O trecho de I Ped. 4:6 ensina-nos claramente a natureza restauradora do próprio julgamento. Essa é uma doutrina otimista em meio a uma cena otimista geral. Para aceitarmos esse tipo de fé otimista é mister que nos apeguemos a certos versículos do Novo Testamento, onde ela se evidencia; e também é mister que desistamos de outros textos de prova tradicionais que exprimem um ponto de vista pessimista do que Deus, finalmente, fará. Para exemplificar, quando aceitamos o Novo Testamento, tivemos de desistir do Antigo Testamento como nosso guia, quanto a muitos pontos. Isso posto, não será grande coisa desistirmos de conceitos neotestamentários mais primitivos, a fim de vermos claramente e aceitarmos as suas doutrinas mais avançadas. Quanto a mim, sinto-me seguro e feliz no poder de Deus, otimista ao longo do caminho. O amor de Deus está por detrás do seu poder, e não atrás de poderes destrutivos. No entanto, até os poderes destrutivos de Deus têm por finalidade curar, e não destruir, em última análise. Conheci pessoalmente um dos principais líderes do movimento Batista fundamentalista. De certa feita, ao falar sobre a horrenda doutrina do inferno eterno, ele afirmou, em particular: «No fundo do coração, creio que Deus cuidará disso, finalmente». Mas eu assevero isso em termos mais definidos: que Deus cuidará desse aspecto já é um ensino do Novo Testamento. conforme procuro demonstrar nos artigos acima referidos. Se isso não é verdade, é difícil ver como o *evangelho* possa ser chamado de boas-novas para a grande maioria dos homens. De fato, em vez de evangelho (boa mensagem) teríamos um *ponerós-angelho* (má mensagem). Para mim, é doloroso ouvir o *ponerós-angelho* ser pregado nas igrejas, onde o poder e o amor de Deus deveriam estar sendo mais plenamente anunciados.

Não nos deveríamos esquecer que as chamas do inferno foram acesas pela primeira vez no livro de *I Enoque* (vide), um dos livros pseudepígrafos. Essa doutrina não emergiu do Antigo Testamento. Os livros do Novo Testamento tomaram por empréstimo várias idéias e expressões dos livros pseudepígrafos, o que demonstro claramente em meu artigo sobre I Enoque. Mas o Novo Testamento também foi além dessa doutrina, em certas de suas porções. Deveríamos considerar essas porções, em vez de nos apegarmos rigidamente a idéias preliminares, inferiores. O julgamento divino é uma temível realidade, mas não constitui o capítulo final da revelação. Outrossim, essa temível realidade faz parte da mensagem de esperança que diz que o próprio julgamento divino redundará em bem, no sentido de melhoria final dos condenados, em algum tempo dos ciclos da eternidade. Destarte, conforme diz certo hino evangélico, o amor de Deus desce até o mais profundo inferno. O amor de Deus é mais vasto do que a língua ou a pena são capazes de descrever. Faz brilhar a luz da esperança através dos corredores do tempo, iluminando a história inteira da humanidade. Isso é o que deveríamos esperar do Deus cujo nome é Amor.

OTIMISMO MORAL

O otimismo moral é uma expressão cujo sentido é paralelo ao *meliorismo* religioso. A forma religiosa do meliorismo ultrapassa à idéia geral que as coisas podem ser melhoradas. Fica pressuposto que as coisas podem ser aprimoradas mediante o Fator Divino. Em outras palavras, Deus pode intervir para melhorar as coisas, transcendendo aos esforços humanos. Os esforços humanos mais heróicos são insuficientes para melhorar o mundo em que vivemos. Isso posto, os homens são forçados a depender da bondade e da graça divinas. Ver sobre o *Otimismo*.

OTNI

Uma forma abreviada de Otniel, que significa «Deus é poderoso». Esse era o nome de um dos filhos de Semaías. Ele foi um porteiro levita coraíta, um servo do templo (I Crô. 26:7). Viveu por volta de 1015 A.C.

OTNIEL

No hebraico «Deus (El) é poderoso», ou, então, «leão de Deus». Esse foi o nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. *O Primeiro Juiz de Israel.* Esse homem é mencionado por ocasião da conquista de Quiriate-Sefer (posteriormente denominado Debir). Ele era filho de Quenaz, irmão mais jovem de Calebe (Juí. 3:9). Parece que Quenaz era o cabeça da tribo de Judá; e parece que Otniel, como filho de Jefoné, era descendente de Quenaz, ou talvez fosse um seu filho direto. Algumas vezes, Calebe é chamado de «quenezeu» (ver Núm. 32:12; Jos. 14:6,14), o que talvez signifique que ele era filho de Quenaz e irmão

o que importa é que entendamos que a prata precisa ser refinada seguidamente, a fim de tornar-se pura.

Os ourives antigos, ou melhor, os «forjadores de prata», recobriam ídolos de madeira com uma fina camada de prata (Juí. 17:4; Jer. 10:9), que batiam a martelo. Conforme se sabe através da história, era na Espanha que se produzia quase toda a prata do mundo europeu antigo, incluindo o Oriente Próximo. De acordo com Salomão (ver Pro. 25:4), os ourives usavam a prata, depois que a escória da mesma era escumada, isto é, retirada. Porém, a julgar pela linguagem por ele usada, não se sabe dizer, por aquele trecho se eles recobriam de prata os ídolos, ou se batiam a martelo sobre esses ídolos. Isaías 40:19 fala das cadeias de prata que os ourives fabricavam a fim de adornar seus ídolos pagãos.

O caso bíblico mais notável que envolveu alguém dessa ocupação foi o de «um ourives, chamado Demétrio». Esse indivíduo fazia nichos de prata representando, provavelmente, templos em miniatura da deusa pagã Diana, a «santa» protetora dos efésios. Essa arte idólatra, no dizer ainda de Lucas, «dava muito lucro aos artífices». Sem tencionar fazê-lo, Paulo e sua equipe de pregadores mexeram com o bolso deles, pois os convertidos ao cristianismo abandonavam a idolatria e deixavam de comprar os tais nichos de prata. Não seria preciso mais nada para Demétrio e seus colegas de profissão se revoltarem contra os evangelizadores. Incidentalmente, isso mostra-nos como a arte religiosa (incluindo-se nessa categoria as chamadas «casas de artigos religiosos», que vendem de tudo) está diretamente ligada ao lucro financeiro. Se não houvesse compradores, os artífices dessas coisas teriam de voltar-se para outras atividades. Mas a credulidade popular, sempre muito mal informada, alimenta esse comércio. A narrativa do tumulto provocado por Demétrio e seus companheiros, contra os pregadores do Senhor Jesus, encontra-se em Atos 19:23-40. Pelos interiores e sertões do Brasil têm aparecido muitos êmulos de Demétrio. Esses atiçam o povo simples contra os pregadores do evangelho, quando os lucros dos exploradores da idolatria, em qualquer de suas manifestações, se vêem ameaçados! Ver também sobre *Prata* e *Artífices*.

OURO

Ver o artigo geral sobre **Mina, Mineração**. Alguns têm observado que o ouro é amarelo devido ao medo que sofre, por causa de tantos homens ambiciosos que o buscam. Todos nós sabemos o que significa buscar o ouro. No entanto, o bem mais humilde aço é o metal mais valioso de nossa moderna civilização. O ouro mostra-nos como os homens procuram criar falsos valores; pois, apesar do ouro ter seus usos, dificilmente encontra-se no alto da lista dos metais verdadeiramente preciosos.

Esboço:

I. Palavras da Bíblia para Ouro
II. O Ouro como Metal, sua História e seus Usos
III. Usos Metafóricos

I. Palavras da Bíblia para Ouro

Há seis palavras hebraicas envolvidas, e uma palavra grega, a saber:

1. *Zahab*, «amarelo», «brilhante». Essa palavra hebraica é usada por mais de trezentas e sessenta vezes, desde Gên. 2:11 até Mal. 3:3. Também é palavra usada para indicar o céu brilhante, o «áureo esplendor» do norte, em Jó 37:22. E também pode estar em foco o «tempo bom», que, poeticamente, poderia ser chamado de «tempo dourado». Ver Jó 37:22, embora a nossa versão portuguesa não tenha um fraseado que dê a entender essa segunda idéia.

2. *Betsar* ou *betser*, «defesa», «riqueza». Outros estudiosos pensam nos sentidos de «escavado» e «retirado», provavelmente em alusão ao minério de ouro. Com o sentido de «ouro», essa palavra só ocorre em Jó 22:24 (*betser*) e em Jó 36:19 (*betsar*). Há traduções que dizem ali «tesouro». No entanto, nossa versão portuguesa, apesar de traduzir a palavra por «ouro», na primeira dessas referências, traduz a segunda de uma maneira que não menciona nem o ouro e nem qualquer outro metal, dizendo: «Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços, para que te vejas livre da tua angústia?» O homem justo, mediante o seu trabalho diligente, pode prosperar materialmente, adquirindo ouro e prata; mas, conforme Jó 22:25, «...o Todo Poderoso será o teu ouro, e a tua prata escolhida».

3. *Paz*, «purificar», «separar». Essa palavra hebraica refere-se ao ouro refinado. É usada por nove vezes: Jó 28:17; Sal. 19:10; 21:3; 119:127; Pro. 8:19; Can. 5:11,15; Isa. 13:12; Lam. 4:2.

4. *Segor*, «fechado», pois refere-se a coisas escondidas, como um «tesouro». Essa palavra ocorre somente em Jó 28:15.

5. *Kethem*, «armazém dourado», no hebraico, embora seja palavra geral para também indicar o ouro, ocorre por sete vezes: Jó 31:24; Pro. 25:12; Lam. 4:1; Dan. 10:5; Jo´ 28:19; Isa. 13:12; Sal. 45:9. Nessas duas últimas referências, a palavra é utilizada para indicar o ouro de Ofir.

6. *Charuts*, «melhor bem» ou «ouro amarelo». Esse vocábulo hebraico ocorre por seis vezes: Pro. 3:14; Zac. 9:3; Sal. 68:13; Pro. 8:10,19 e 16:16.

Também há uma palavra hebraica, *dehab*, que significa «dourado», e que figura no Antigo Testamento por nove vezes: Esd. 6:5; Dan. 3:5,7,10,12,14,18; 5:2,3.

7. *Chrusós*, «ouro». Palavra grega que ocorre por treze vezes, no Novo Testamento: Mat. 2:11; 10:9; 23:16,17; Atos 17:29; I Cor. 3:12; I Tim. 2:9; Tia. 5:3; Apo. 9:7,20; 18:12,16. Também há um adjetivo com base nesse substantivo, *chrúseos*, «dourado», que aparece por quinze vezes: Heb. 9:4; Apo. 1:12,13,20; 2:1; 5:8; 8:3; 9:13; 14:14; 15:6,7; 17:4 e 21:15. Nesse termo grego, tal como no caso de *zahab* e *charuts*, palavras hebraicas, a alusão é à cor amarela desse metal, embora o termo grego seja usado para indicar toda variedade de ouro, de minério de ouro, de moedas de ouro, de pesos de ouro, de jóias ou de ornamentos feitos desse metal.

II. O Ouro como Metal, sua História e seus Usos

O ouro é um metal amarelo, brilhante e mole. É tão procurado por causa de sua beleza, porque não se corrói e nem se mancha, e também porque é fácil de trabalhar com ele. Pode ser obtido do seu minério sem técnicas complexas de separação. É o metal que mais se presta para se trabalhar com ele, podendo ser batido até atingir uns duzentos mil avos de um milímetro de espessura. Vinte e oito gramas desse metal podem ser batidos até espalhar-se por 27 m(2). Visto que o ouro é tão mole, pode fazer liga com outros metais, melhorando assim suas qualidades diante dos desgastes. A pureza do ouro é expressa mediante o sistema de quilates, ou em termos de sua finura. O ouro puro é o ouro de vinte e quatro quilates; o ouro de dezoito quilates tem cerca de setenta e cinco por cento de ouro, enquanto que o resto é prata ou cobre. Quase todas as jóias de ouro são feitas de ouro de dezoito quilates. A finura refere-se a quantas partes de ouro há, em relação a outro metal,

que estão sendo conduzidos à glória»; e assim, nos aproximaremos de Deus sem temor, como filhos. (Ver Efé. 2:18,19, passagem que enfatiza nossa aproximação a Deus sob essas condições). Por semelhante modo, aproximamo-nos de Deus porque fomos feitos em templo do Espírito Santo, o que significa que temos perfeito acesso ao Senhor. (Ver Efé. 2:21,22, que frisa esse ponto). Em Cristo Jesus é que somos aceitos, pois estamos sendo feitos semelhantes a ele, para que sejamos o que ele é, e por essa causa, podemos nos aproximar de Deus com ousadia.

Outrossim, *o amor*, que nos é conferido por Deus através do evangelho e em comunhão com Deus, capacita-nos a ter «ousadia no dia do juízo» (ver I João 4:17). Ora, o amor de Deus mais do que contrabalança o pecado humano, pois não apenas remove o pecado, mas também proporciona ao crente as qualidades morais positivas da natureza divina; e assim, a transformação do crente é tão completa que ele haverá de chegar à presença de Deus, embora sua morte física, por si só, não o equipe para tanto. Pois ninguém jamais chegará diante de Deus se não for perfeito, e a perfeição, no sentido positivo deve ser aqui compreendida, não sendo meramente a condição de estar alguém livre do pecado, porquanto isso também é tarefa para ser efetuada somente na eternidade. Não obstante, em Cristo Jesus, a promessa desse sucesso é certa. E, no caminho até lá, avançaremos com ousadia e confiança.

Ousadia, no original grego, é *parresia*. Essa palavra era freqüentemente vinculada à idéia de «falar», resultando na idéia de «franqueza», de «clareza de linguagem», embora também indique «coragem», «confiança», «destemor». Em comparação com isso, podemos examinar o trecho de Heb. 10:19, onde se lê que temos «ousadia» para entrar no Santo dos Santos, através do sangue de Jesus.

Contudo, em teu Filho, divinamente grande,
Reivindicamos os teus cuidados providenciais,
Ousadamente chegamos até o teu trono;
Nosso Advogado fez-nos chegar até ali!

Resulta em acesso (vide). É «pela fé» que temos «acesso» àquela grande graça na qual nos firmamos. E é «pelo Espírito» que temos acesso a Deus Pai. Porém, sendo nós «templo» do próprio Espírito Santo, o nosso acesso é completo, porquanto essa idéia indica comunhão perfeita, que transcende à idéia de sermos simplesmente capazes de nos aproximarmos de Deus, pelo caminho apropriado de acesso.

OUSÍA

Termo grego que quer dizer «ser», «substância», «essência». Aponta para algo que realmente existe, fazendo contraste com o fluxo fugidio dos fenômenos.

1. Nos escritos de *Aristóteles* essa palavra foi usada para indicar, primariamente, o indivíduo, a «coisa existente». A *ousía prôte* (primeira substância) é o sujeito das proposições ou descrições. A *ousía deútera* (segunda substância) alude a espécies e gêneros. A primeira refere-se à classe geral do ser, e a segunda às suas diversas manifestações.

2. *A Controvérsia Ariana*. No século IV D.C., esse termo grego tornou-se importante, dentro das discussões sobre a *Trindade* (vide). O partido ortodoxo afirmava que o Pai e o Filho são da mesma substância (no grego, *homooûsios*). Mas o partido ariano insistia que eles são de substância similar (*homoioûsios*). Entretanto, alguns arianos extremavam-se ainda mais, preferindo usar o vocábulo grego *heterooûsios*, «de substância diferente».

3. *No Neoplatonismo*. Esses filósofos falavam sobre o Deus transcendental como o *huperoûsios*, «além do ser» (conforme o conhecemos). Deus transcende às possibilidades de nossas definições. Esse tema tem sido retomado pela moderna teologia, onde se indaga se tem algum sentido falar sobre Deus em termos de «ser», segundo essa palavra é entendida pela linguagem humana. Deus não *existiria* no mesmo sentido em que existem outras coisas, pelo que essa palavra não faz, necessariamente, qualquer sentido, nesse contexto. Trata-se apenas de outra maneira de dizer que o intelecto humano e as descrições verbais dificilmente podem falar acerca de Deus com qualquer precisão.

OUVIDO

No hebraico, **ozen**, que figura por mais de cento e setenta vezes, desde Gên. 20:8 até Zac. 7:11. No grego *oûs*, que aparece por trinta e sete vezes no Novo Testamento: Mat. 10:27; 11:15; 13:9; 13:15 (citando Isa. 6:10); 13:16,43; Mar. 4:9,23; 7:16,33; 8:18; Luc. 1:44; 4:21; 8:8; 9:44; 12:3; 14:35; 22:50; Atos 7:51,57; 11:22; 28:27; Rom. 1:8 etc. O termo grego *otíon*, «lobo externo do ouvido», aparece por três vezes: Mat. 26:51; Luc. 22:51 e João 18:26.

Referências Bíblicas Literais. 1. A ponta da orelha direita dos sacerdotes era tocada com sangue, por ocasião da consagração deles ao ministério (Lev. 8:23,24; Êxo. 29:20) e eles ficavam assim identificados com os sacrifícios cruentos que tinham de oferecer. 2. Outro tanto era feito no caso de um leproso curado, como sinal de sua purificação (Lev. 14:14). 3. Se a um escravo fosse oferecida a liberdade, mas ele preferisse continuar como escravo de seu senhor, então sua orelha direita era perfurada com uma sovela, como símbolo de sua contínua e permanente subserviência (Êxo. 21:6). Esse é um belo símbolo de total dedicação. Não são muitos os escravos de Cristo que perfuram espiritualmente a orelha. 4. Na antigüidade, homens e mulheres adornavam suas orelhas com brincos (que vide). 5. Ter decepada uma das orelhas era uma prática muito temida. Um inimigo recebia esse tipo de tratamento como sinal de ódio e humilhação (Eze. 23:25). 6. Um dos mais significativos milagres de Jesus foi a cura da orelha do soldado, a qual fora cortada fora por Pedro, quando ele saltou em defesa de Jesus, no horto do Getsêmani (Mat. 26:51; Mar. 14:47).

Usos Simbólicos. 1. Descobrir o ouvido significa revelar alguma coisa (I Sam. 20:2). 2. É dito que os ídolos tinham ouvidos pesados, pois não podiam atender os pedidos feitos por seus adoradores, em contraste com o verdadeiro Deus (Sal. 135:17 e Isa. 59:1,2). 3. Acerca de Deus é dito que ele tem os ouvidos abertos, o que indica que está sempre pronto a ouvir o seu povo (Sal. 34:25). 4. O povo de Deus é chamado de povo que ouve com mau grado, para indicar a sua insensibilidade para com a mensagem divina (Mat. 13:15). 5. A ação de ouvir indica a presença daquele que ouve (I Crô. 28:8 e Luc. 4:21). 6. Fixar os ouvidos no que se ouve representa uma mensagem que é compreendida e com base na qual o ouvinte passa a agir (Luc. 9:44). 7. Ouvidos incircuncisos representam o indivíduo rebelde que não dá atenção à mensagem de Deus (Jer. 6:10). 8. Inclinar o ouvido significa dar estrita atenção a quem fala (Sal. 88:2). 9. Aquele que tem ouvidos que ouvem é aquele que obedece (Pro. 20:12). 10. Deus abre os ouvidos espirituais dos homens, a fim de que escutem e obedeçam à sua voz (Jó 29:11; Isa. 50:4). 11. O fato de que os ouvidos de Davi foram abertos indica que

como nos já bem desenvolvidos. Tal como o gado vacum e o gado caprino, as ovelhas são ruminantes dotadas de patas bipartidas, pelo que provêm uma carne limpa e saudável, que fazia parte importante da dieta dos hebreus, conforme até hoje se vê em muitos países árabes. A arte de tecer, provavelmente, começou usando fibras vegetais; mas também é possível que os homens tenham começado a usar a lã produzida por diversos animais. Com a criação seletiva, melhorou a quantidade de lã disponível, como também sua qualidade, até que se pôde efetuar um intenso comério dela. Parte do tributo anual pago a Mesa, rei de Moabe, consistia na lã de cem mil carneiros (II Reis 3:4). Em algumas comunidades, as ovelhas eram altamente valorizadas por causa de seu leite, embora haja somente uma clara referência bíblica a isso, isto é, Deuteronômio 32:14. Uma espécie moderna, derivada de raças desde há milênios nativas da Palestina, atualmente, é largamente usada para produzir leite para o fabrico de queijos. O uso das peles de ovelhas já se havia generalizado muito antes de sua domesticação; após essa domesticação, esse uso multiplicou-se muito. «...peles de carneiros tintas de vermelho...», em Êxo. 25:5, é a única menção específica a esse uso, no Antigo Testamento. «O sacerdote, que oferecer o holocausto de alguém, terá o couro do holocausto que oferece» (Lev. 7:8). Esses holocaustos envolviam carneiros ou bodes. Além disso, os refugiados perseguidos, «...andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras...» (Heb. 11:37). Em adição a isso, muitas pessoas reconheciam o valor das ovelhas a fim de estrumar os campos de pastagem. No Egito, as ovelhas eram usadas para pisar o grão dos cereais desde tão cedo quanto cerca de 2500 A.C. A variedade de nomes que os hebreus aplicavam a esse animal indica quão importante as ovelhas eram para os israelitas. Eles eram pastores capazes, e, provavelmente, dispunham de diversas espécies. O trecho de Gênesis 30:32 *ss* é interessante em sua descrição de uma falsa teoria, que até hoje é aceita—que as coisas ingeridas ou vistas pela mãe, antes do nascimento do filhote, podem afetar a cor ou o formato deste. Assim, Jacó pôs as ovelhas pejadas defronte de varas descascadas, a fim de aumentar a proporção de animais nascidos com as cores que ele desejava. Os versículos 41 e 42 daquele mesmo capítulo explicam que ele escolhia os animais mais vigorosos para serem submetidos a esse processo; a inferência é que ele compreendia conscientemente qual a genética do rebanho, fazendo os animais se cruzarem de acordo com um plano preestabelecido, ao mesmo tempo em que, equivocadamente, atribuía o seu sucesso à sua habilidade de lidar com varas de várias cores. Entretanto, foi por providência divina que todo esse processo obteve tão grande êxito (cf. Gê. 31:11,12).

4. *Sentido Figurado.* A ovelha tornou-se um fator proeminente nas ofertas e sacrifícios de Israel, e grandes números eram sacrificados a cada ano. Certos tipos de ofertas consistiam em holocaustos, animais inteiramente consumidos ao fogo (ver sobre *Sacrifício*); mas, de acordo com outros tipos de sacrifícios, quase toda a carne do animal sacrificado era usada pelo ofertante ou pelo sacerdote oficiante. Alguns nomes hebraicos são raramente usados, exceto nessa conexão. Acima de tudo, a ovelha revestia-se de profunda significação metafórica. Ela é o símbolo central em trechos bíblicos como Salmos 23 e Isaías 53:6. Neste último trecho, lemos: «Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas...» No Novo Testamento encontramos uma passagem como a de João 1:29: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!» E, em João 10:14, lemos: «Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim...» Dentre as setenta e quatro menções às ovelhas, nas páginas do Novo Testamento, apenas uma deve ser entendida em sentido literal, a saber, as ovelhas que estavam sendo vendidas no átrio do templo de Jerusalém (João 2:14), juntamente com os bois e as pombas.

Tal como em muitos países, onde cães e cavalos são domesticados e onde os homens lhes aplicam nomes, assim também, em alguns países do Oriente, os pastores dão nomes às suas próprias ovelhas. Aristóteles informa-nos de que já havia esse costume em seus dias e que essa era uma prática muito comum entre os pastores gregos. (*História de Animais*, VI.19). Teócrito forneceu-nos os nomes pelos quais o pastor Lacom chamava a três das ovelhas de seu rebanho:

Ó, Chifre Torto, ó, Pé Ligeiro, deixai a árvore,
E pastai para oeste, onde vedes a Careca.
(Idílio, V. 102,3).

Também não era incomum que os cães dos pastores conhecessem as ovelhas *individualmente*, sendo capazes de separar qual quisesse, do meio de muitas ovelhas.

Ora, tudo isso expressa o interesse, a bondade, o cuidado por cada crente, individualmente, mostrando que Jesus Cristo cuida de cada um de nós, tendo para cada qual uma missão especial, tendo reservado um destino especial para cada um. Dessa forma vemos aqui ensinado um «teísmo» elevado, em contraste com a posição esposada pelo «deísmo». O teísmo ensina que Deus criou e continua interessado na sua criação, entrando em contato permanente com os homens de diversas maneiras. Por outro lado, o deísmo assevera que Deus criou, mas logo em seguida abandonou a sua criação, não tendo interesse por ela, nem para recompensar, nem para punir. Ver o artigo sobre a *Providência de Deus*.

E as conduz para fora. Os pastores orientais seguiam adiante do rebanho, não o enxotando por detrás. Isso serve de excelente ilustração da orientação que nos é dada por Cristo. Assim ele faz primeiramente quando de nossa conversão: guiando-nos para fora deste mundo. Em seguida ele assim age quanto ao pasto: conduz-nos a uma vida espiritual mais abundante (ver João 10:10). Em seguida ele nos leva até à completa vida eterna, o destino apropriado dos remidos (ver João 10:25).

Acerca disso comenta John Gill (*in loc.*): «Vindos dentre os bodes do mundo, entre os quais jaziam, e dentre os apriscos do pecado e dos pastos secos do monte Sinai e de sua própria justiça, nos quais se alimentavam; e de si mesmos e de toda a dependência a qualquer coisa que lhes seja própria; e ele, Cristo, os conduz a si mesmo, e à plenitude de sua graça, e ao seu sangue e justiça, e à presença de seu Pai e comunhão com ele, e no caminho da retidão e da verdade, levando-os aos pastos verdejantes de sua palavra e de seus mandamentos e até às águas tranqüilas de seu amor e de sua graça soberanos.

OVELHAS, METÁFORA DE, João 10:3 ss.

Os crentes são aqui chamados de *ovelhas* pelos seguintes motivos:

1. Porque a ovelha provê um símbolo claro da *dependência* do crente a Deus, tal como as ovelhas dependem do pastor em tudo.

2. Porque por natureza os homens, mesmo quando

é que o ego humano deve sacrificar-se ao Eu-Cristo Honestidade absoluta, pureza, amor e altruísmo são os grandes ideais desse movimento. Entretanto, ao movimento falta uma teologia formal posto que esse fator é considerado uma virtude, por parte dos adeptos.

OXFORD, MOVIMENTO DE

Em Oxford, Inglaterra, em 1833, foi iniciado esse movimento, dentro dos limites da comunidade anglicana. O líder original do movimento foi John Henry Newman, o qual é descrito em um artigo separado. John Keble, o poeta e compositor de hinos sacros, além de Edward B. Pusey, foram outros líderes importantes. A ênfase do movimento recaía sobre a doutrina da Igreja augusta, combatendo tendências latitudinárias e erastianas. Ver os artigos sobre esses assuntos. A Igreja foi por eles apresentada como uma entidade que possui privilégios, sacramentos, um ministério ordenado por Cristo—enfim, uma instituição dotada de autoridade e que exige respeito. Houve uma revisão de usos litúrgicos e cerimoniais seguindo as linhas católicas romanas e da comunidade anglicana. Finalmente, o próprio Newman rompeu com o anglicanismo e tornou-se um ministro católico romano liderante. Ver o artigo chamado *Anglo-Catolicismo*.

OXYRHYNCHUS, DITADOS (LOGIA) DE JESUS DE

Ver o artigo separado sobre *logia*, nome dado a declarações de Jesus que incluem referências a suas alegadas declarações extracanônicas. Ver também o verbete sobre *Jesus*, seção terceira, primeiro ponto, que dá as fontes informativas a respeito dos ensinamentos de Jesus.

No local de uma antiga cidade egípcia helenística, Oxyrhynchus, foram descobertos alguns papiros contendo algumas declarações extracanônicas de Jesus. Essa cidade antiga ficava no local da moderna Behnesa, a cento e noventa e cinco quilômetros ao sul do Cairo e a dezesseis quilômetros a oeste do rio Nilo. Uma grande massa de manuscritos, pois, foi achada ali, principalmente formada por fragmentos de papiros, rolos e fólios (folhas dobradas em duas). E os eruditos ingleses B.P. Grenfell e A.S. Hunt publicaram o material em dezoito volumes. Outros escritores foram autores de vários monogramas, que se seguiram. Entre esse material, algumas poucas declarações extracanônicas de Jesus estavam inclusas, em quatro fragmentos (aparentemente não relacionados entre si). O primeiro desses fragmentos foi chamado de papiro I, sendo uma porção do evangelho gnóstico de Tomé. Além desse papiro, relacionamos outros.

1. *Papiro I*

Esse papiro foi encontrado em 1897. As declarações ali constantes são as seguintes:

a. Diz Jesus: Se não fugirdes do mundo, mediante o jejum, de modo algum descobrireis o reino de Deus. Se não guardardes o sábado a semana inteira, não vereis ao Pai.

b. Diz Jesus: Pus-me no centro do mundo e fui visto por eles na carne, e encontrei todos os homens embriagados, mas não encontrei sedento a nenhum deles.

c. Diz Jesus: Minha alma entristece-se por causa dos filhos dos homens, porque os seus corações estão cegos e eles não vêem sua desgraça e sua pobreza.

d. Diz Jesus: Onde estiverem dois juntos, eles não estarão separados de Deus, e onde estiver um só, digo que ali estou com ele. Levantai a pedra, e ali me encontrareis, rachai a trave, e ali estou.

e. Diz Jesus: Um médico não trata àqueles que o conhecem.

f. Diz Jesus: Ouvis com um ouvido, mas o outro está fechado.

g. Diz Jesus: Nada há oculto (enterrado) que não venha a ser conhecido (desenterrado).

Visto que essas declarações estavam escritas em uma folha de um antigo códice que trazia no reverso a figura «11», é possível que fizesse parte de uma coletânea de declarações, talvez um livro inteiro. Algumas das declarações acima ou dependem diretamente do Novo Testamento (conforme poderão reconhecer aqueles que conhecem o Novo Testamento), ou então de fontes informativas que também foram usadas pelos escritores do Novo Testamento. Algumas declarações são diferentes, e outras são parecidas com as do Novo Testamento, dotadas de natureza tal que parece que eram muito usadas, como se fossem porções dos evangelhos canônicos.

2. *Papiro 654* (encontrado em 1903)

Esse fragmento (parte de um rolo) tem um breve parágrafo introdutório e então cinco declarações atribuídas a Jesus. Somente a metade esquerda permanece, e, no lado reverso há uma lista de pesquisas sobre propriedades. Originalmente, pensou-se que esse material era um fragmento do evangelho apócrifo de Tomé (pois afirma que Jesus apareceu vivo a Tomé e aos dez, após a sua ressurreição). Porém, há um material similar no evangelho aos Hebreus, o que indica que a obra original derivava-se de fontes informativas diferentes, como citações truncadas. Ali há reflexos dos trechos de Mat. 7:7; 10:26 e Luc. 17:20 *ss*; mas uma declaração realmente diferente (embora ainda pareça um reflexo do Novo Testamento) é aquela que diz: «Que aquele que busca não cesse sua busca até achar; e quando ele achar, governará; e depois que tiver governado, descansará».

3. *Papiro 655* (encontrado em 1903)

Esse fragmento também fazia parte de um rolo, embora sem ligação com o papiro 654. Duas colunas são evidentes, embora uma seja de leitura impossível. A outra é uma espécie de cópia livre de Mat. 6:25-28, concernente aos lírios do campo e à providência divina. Clemente de Alexandria citou o que parece ter sido um pedacinho do evangelho aos Egípcios, e uma declaração do final do papiro 655 parece estar relacionada ao mesmo: «Dizem-Lhe os seus discípulos: Quando Tu te revelarás a nós, e quando Te veremos? Ele replica: Quando tirardes vossa túnica externa e não mais vos sentirdes envergonhados».

4. *Papiro 840* (encontrado em 1905)

Trata-se de uma única folha, escrita no verso e no reverso, folha essa que, originalmente, fazia parte de algum códice. Há cerca de quarenta e cinco linhas escritas. Ali Jesus aparece em um diálogo com um fariseu de nome Levi, apresentado como o sumo sacerdote. Segue-se uma série de declarações mágicas, sem sentido para os leitores modernos. Talvez o que temos ali seja uma espécie de exegese mística, semelhante àquela encontrada em parte do material dos manuscritos do mar Morto.

5. *Data e Natureza das Declarações*

Esse material é datado pelos especialistas como pertencente ao século III D.C. Por aquele tempo, várias seitas que se originaram da Igreja cristã já estavam bem desenvolvidas. Esse material, sem

dúvida, fazia parte de livros sagrados. É possível que esse material tenha preservado algumas declarações genuínas, posto que extracanônicas, de Jesus; mas quase todas elas foram copiadas do Novo Testamento (com paráfrases), além de afirmações inventadas, com propósitos propagandísticos.

6. *Nag Hamade, Manuscritos de*

Ver o artigo com esse título. Esses manuscritos representam outra descoberta importante (ocorrida em 1948), perto do local do moderno povoado de Chenoboskion. Novamente, estamos manuseando material gnóstico, similar quanto ao estilo e ao conteúdo, e talvez até historicamente relacionados entre si. Ver o artigo sobre o *Gnosticismo*, décimo terceiro ponto, *O Gnosticismo e a Literatura*, que apresenta um sumário dos escritos e dos livros sagrados do gnosticismo.

7. *Outro Material Descoberto em Oxyrhynchus*

Essa grande massa de material contém bem pouco atinente a Jesus e ao Novo Testamento. Estão inclusos muitos preciosos tesouros da literatura cristã antiga e dos clássicos gregos e romanos. Estão ali representados a história de Lívio (livros 37—39, 49—55); uma versão em papiro da Septuaginta do livro de Gênesis (um século mais antigo que os manuscritos existentes em pergaminho); várias odes e obras poéticas, talvez saídas da pena de Corinna, o rival e professor de Píndaro; epigramas de Leônidas, Antípater e Amintas; um diálogo filosófico grego, no qual Pisístrato, um tirano de Atenas, aparece como participante; um livro que narra milagres de cura de Inhotepe, o Asclépio dos egípcios; porções de Homero, Heródoto, Tucídides, Sófocles e outros autores clássicos; cartas particulares, documentos legais, escritos comerciais que refletem a vida no Egito sob o domínio dos gregos e dos romanos.

Oxyrhynchus era uma colônia grega no Egito, dotada de cultura florescente, conforme essas descobertas ajudam-nos a perceber. Já existia durante o período da dinastia dos Ptolomeus. Com o advento da era cristã, foram estabelecidos conventos ali, e nada menos de vinte mil monges e freiras ali viviam. Foram eles os principais responsáveis pela preservação dos manuscritos de Oxyrhynchus.

Bibliografia. AM GREN WHI Z

OZÉM

No hebraico, «força». Esse era o nome do sexto filho de Jessé, imediatamente mais velho que Davi, que foi o sétimo (I Crô. 2:15). Viveu por volta de 1060 A.C.

OZIAS

Em algumas versões portuguesas, essa é a forma do nome Uzias, rei de Judá, e que aparece na genealogia de Mat. 1:8,9. Nossa versão portuguesa diz Uzias.

OZIEL

Um dos antepassados de Judite (ver Jud. 8:1).

OZNI

No hebraico, «cuidadoso», «atencioso». Nome do quarto filho de Gade e fundador de um clã gadita que se tornou conhecido pelo nome de oznitas (ver Núm. 26:16). Ele deve ter vivido por volta de 1700 A.C.

ISBN 85-88234-33-5



Categoria: Referência